

Beatris Ribeiro Gratti

**Sobre a adivinhação,
de Marco Túlio Cícero**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Lingüística do
Instituto de Estudos da
Linguagem
da Universidade Estadual de
Campinas

(UNICAMP) como um dos requisitos para
a obtenção do título de mestre em
Lingüística, na área de Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

Instituto de Estudos da Linguagem

Unicamp

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Gratti, Beatris Ribeiro.

G773s

Sobre a adivinhação, de Marco Túlio Cícero / Beatris Ribeiro
Gratti. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Paulo Sérgio de Vasconcellos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Cícero. 2. Adivinhação. 3. Roma – Religião. I. Vasconcellos,
Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: Cicero's On divination.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Cicero; Divination; Roman - religion.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

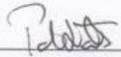
Banca examinadora: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (orientador), Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso e Prof. Dr. Matheus Trevizam. Suplentes: Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Junior e Profa. Dra. Patrícia Prata.

Data da defesa: 05/06/2009.

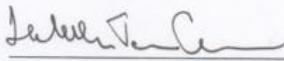
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

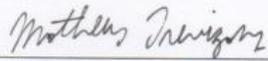
Paulo Sérgio de Vasconcellos



Isabella Tardin Cardoso



Matheus Trevizam



Joaquim Brasil Fontes Júnior

Patrícia Prata

IEL/UNICAMP
2009

Resumo

A obra *De Divinatione*, de Marco Túlio Cícero, é a principal obra da Antigüidade que nos chegou a respeito da adivinhação. A prática divinatória visava o contato entre homens e deuses para se conhecer a vontade divina e era tão importante que era considerada parte da religião oficial de Roma. Cícero compôs a obra num período de crises e transformações na religiosidade romana, provocadas pela influência da filosofia helenística e das idéias cétricas e pela crescente superstição em meio ao seu povo. A obra é formulada em forma de diálogo, dividido em dois livros, em que no primeiro livro é apresentada a defesa da adivinhação e no segundo livro, um discurso contra a adivinhação. A pesquisa que realizamos dividiu-se em quatro etapas: revisão da tradução, realizada na Iniciação Científica, do primeiro livro da obra; tradução do segundo livro; elaboração de notas explicativas; estudo introdutório acerca da prática da adivinhação Antigüidade e da posição de Cícero a respeito do tema.

Abstract

Cicero's *On Divination* is the main work from antiquity on the subject of divination. The practice aimed at the contact between men and gods to know the divine will and it was so important that it was considered part of the official religion of Rome. Cicero composed the work over a period of crisis and change in Roman religion, caused by the influence of Hellenistic philosophy and skeptical ideas and the growing superstition in the midst of his people. The work is formulated in the form of a dialogue, divided in two books: the first book is presented to the defense of divination and the second book, a speech against divination. The research was divided in four phases: review of the translation of the first book of the work, done in the Scientific Initiation; translation of the second book; compilation of notes; introductory study about the ancient practice of divination and Cicero's position on the subject.

Agradecimentos

À minha mãe, Valéria, pelo apoio em todas as minhas decisões e pelo companheirismo.

Ao Dwine, meu único e verdadeiro amor, pelo carinho, companheirismo e paciência.

Aos meus amigos, em especial Maíra e Matheus, pelo apoio e pela ajuda ao longo da minha vida acadêmica. Ao Júnior, pela leitura prévia da tradução.

A todos os colegas da área de letras clássicas do Programa de Pós-graduação do IEL, pelo espírito de cooperação.

À Prof. Dr^a Isabella Tardin Cardoso, minha primeira professora de Latim, a responsável por ter despertado meu interesse pelas letras clássicas.

Ao Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, pela paixão contagiante pelos estudos clássicos, por todo apoio e orientação ao longo dos meus estudos e por ter acreditado em meu trabalho desde a graduação.

Aos demais professores que contribuíram com minha formação acadêmica.

À Fapesp, pelo financiamento que possibilitou a realização da pesquisa.

Sumário

Apresentação.....	11
Estudo Introdutório.....	13
1. A adivinhação na Antiguidade.....	13
1.1 As práticas divinatórias na Grécia.....	14
1.2 As práticas divinatórias em Roma.....	21
2. A religião Romana no período final da República.....	25
3. Sobre a obra <i>De Divinatione</i>, De Cícero.....	27
Livro I.....	44
Livro II.....	107
<i>Liber Primus</i>.....	168
<i>Liber Secundus</i>.....	203
4. Bibliografia.....	233

Apresentação

A tradução da obra *De Divinatione*¹ é fruto de uma pesquisa desenvolvida desde 2004 quando iniciamos a tradução do Livro I, durante a Iniciação Científica; em 2006, já no mestrado, lançamo-nos à tradução do Livro II e à revisão da tradução realizada na graduação, além da elaboração de um estudo introdutório sobre o contexto em que a obra ciceroniana foi produzida. Assim, abordamos no primeiro capítulo do estudo introdutório a prática da adivinhação da Antiguidade e as diferenças de tal prática na Grécia e em Roma. Tal diferenciação é relevante para o segundo capítulo do estudo, pois veremos que, no final de seu período republicano, entre os séculos III a I a.C., Roma sofreu a influência grega no âmbito intelectual e religioso. As idéias céticas e ateístas, juntamente com novas práticas religiosas e supersticiosas, formaram um caldeirão de crenças e práticas que caracterizaram esse período como sendo de crises e profundas transformações na religião romana. No terceiro capítulo nos debruçamos ao estudo das diferentes interpretações dos estudiosos modernos sobre a obra.

Para a tradução do livro I, utilizamos primeiramente, ainda na Iniciação Científica, a edição de Willian Falconer para a Loeb Classical Library.² Posteriormente, no mestrado, realizamos a tradução do livro II e a revisão do livro I seguindo a monumental edição de Arthur Stanley Pease. Consultamos também as edições de Vincenzo Marmorale, Teubner, Livraria Garnier, com tradução em francês, Garzanti, com tradução italiana de Sebastiano Timpanaro, Oxford, com tradução e notas de Wardle, e as traduções espanhola, por Escobar para a editora Gredos, e francesa da Belles Lettres. Não havia até o momento tradução para a língua portuguesa. Nossa tradução procurou respeitar a sintaxe

¹ Por seguirmos a edição de Arthur Stanley Pease, grafamos “v” o “u” consonantal.

² As referencias bibliográficas completas encontram-se no final.

e o ritmo ciceroniano, exceto nos casos que julgamos que haveria um grande comprometimento do entendimento por parte do leitor.

As notas de rodapé procuram auxiliar o leitor primeiramente quanto às referencias dentro da própria obra (por exemplo, quando Cícero se refere no livro II a algum evento narrado no livro I) e também quando outros autores são citados. Algumas notas históricas e lingüísticas também foram elaboradas para auxiliar a leitura.

Estudo Introdutório

1. A adivinhação na Antigüidade

A adivinhação na Antigüidade era vista não apenas como um meio de saber o que aconteceria no futuro, mas, principalmente, como uma forma de contato entre os homens e os deuses, para assim se conhecer a vontade divina³. Acreditava-se que os deuses, por meio de sinais, enviavam mensagens aos homens, tanto de forma espontânea como em resposta a uma pergunta de algum mortal, que poderia ser formulada num âmbito pessoal ou em caráter público. Era uma prática tão importante que era considerada parte da religião oficial de muitos povos antigos, como Grécia, Roma, Etrúria, Mesopotâmia, etc.

Há diversos métodos divinatórios, e os antigos distinguiram dois gêneros de adivinhação, a artificial e a natural⁴. A adivinhação chamada artificial é baseada em técnicas de observação e interpretação de certos fenômenos, como os auspícios (observação dos vôos e cantos das aves). Assim, acredita-se que certa divindade manifesta a sua vontade e anuncia o futuro através de sinais que devem ser interpretados. Já a adivinhação chamada natural ocorre quando uma divindade inspira diretamente certo indivíduo, através de profecias e sonhos, principalmente. Na antiga Grécia se praticou muito esse tipo de adivinhação, prova disso é a fama do oráculo de Delfos, onde a pítia, sacerdotisa de Apolo, após exalar uma fumaça saída da terra, era inspirada pelo deus e punha-se a profetizar. Até mesmo Roma, avessa a esse tipo de adivinhação, fez consultas à pítia.⁵ Encontramos no *De Divinatione I* duas passagens acerca dos dois tipos de adivinhação.

³ Cf. Novak, M. da G. (1991, p.148).

⁴ Cf. Bloch, R. (1985,, p. 8-9). Bouché-Leclercq (2003, p. 95). Este autor apresenta os seguintes termos técnicos para os dois diferentes tipos de adivinhação: *artificielle*, e /) n t e x n o j t e k n i k h / , *artificiosa*, para a artificial; *naturelle* ou *spontanée*, a) / t e x n o j a) d i / d a k t o j *naturalis*, para a natural.

⁵ Cf. Montero, S. (1998, p.60-65). Segundo o autor, Roma consultou oficialmente o oráculo de Delfos sete vezes, desde a fundação da cidade até a época imperial, porém Montero informa que outros

“De fato, há dois tipos de adivinhação, dos quais um é artificial, o outro é natural. Ora, qual é o povo ou qual é a nação que não é movida pela predição ou dos harúspices ou dos que interpretam prodígios e raios, ou dos áugures, dos astrólogos, das sortes (estas são inteiramente artificiais) ou dos sonhos e vaticínios (acredita-se que essas duas são naturais)?” CICERO, *De Divinatione*, I 11-12.

“Portanto, concordo com os que disseram que há dois tipos de adivinhação, um que possui uma arte e outro que carece de arte. Pois há uma arte nos homens que pela conjectura investigam coisas novas e aprenderam as antigas pela observação. Mas carecem de arte os que pressentem os acontecimentos futuros não pela razão ou por conjectura após se observar e anotar os sinais, mas por uma certa excitação forte da alma ou por um movimento livre e desimpedido, o que acontece freqüentemente aos que sonham e às vezes aos que vaticinam pelo furor, como Bácsis da Beócia, Epimênides de Creta e a Sibila da Eritréia. De tal tipo devem ser considerados os oráculos, não estes que são tomados por sortes igualadas, mas aqueles que são proferidos por inspiração e sopro divino (...)” CICERO, *De Divinatione*, I 34.

1.1 As práticas divinatórias na Grécia

Como dissemos, a adivinhação natural teve forte presença na religião grega. O vocabulário grego relativo à adivinhação nos mostra isso: mantikh// texnh/ ou mantij eram os principais vocábulos para designar a adivinhação. Ambos derivam do verbo mai/nomai, que significa “ser presa do delírio” e em particular “estar fora de si por influência da divindade”. Diz Cícero no início da obra *De Divinatione*:

“Há uma antiga crença, originada já desde os tempos heróicos⁶ e confirmada por consenso⁷ não só do povo romano como também de todos os povos, que algum tipo

estudiosos consideram verdadeiras apenas três consultas. De qualquer forma, fica evidente a raridade com que Roma lançava mão de métodos divinatórios naturais.

⁶ Alusão à presença de práticas divinatórias em Homero.

⁷ Argumento muito recorrente em Cícero, um dos exemplos mais relevantes ocorre em *ND* 1, 43-44. Porém, atacado por críticos, como Cota (*ND* 1, 62; 3,11). Cf. Pease, (1963, p. 39).

de adivinhação⁸ existe entre os homens, a qual os gregos chamam *μαντική*⁹ isto é, o pressentimento e conhecimento das coisas futuras.” CICERO, *De Divinatione*, I 1.

Segundo Bloch¹⁰, o modo de contato mais corrente e mais simples entre a divindade e o homem era a oniromancia, a adivinhação através dos sonhos¹¹. Relata-nos Cícero acerca dessa prática:

“Está em Platão que Sócrates, estando sob custódia pública, dizia a Critão, seu amigo, que deveria morrer depois de três dias, pois tinha visto em sonhos uma mulher de exímia beleza que lhe chamava pelo nome, dizendo um certo verso de Homero mais ou menos assim:

“O alegre terceiro dia te colocará em Ftia.”

Está escrito que aconteceu exatamente como foi dito. O socrático Xenofonte (que homem e quão grande!), naquela campanha militar que executou com Ciro, o Jovem, escreve seus próprios sonhos, que se cumpriram de forma espantosa.” CICERO, *De Divinatione*, I 52.

⁸ “A palavra *divinatio* parece não ter sido usada em nenhuma obra anterior à de Cícero, mas a sua ocorrência em nossa obra não é de forma alguma seu primeiro uso, nem há razão para supor que não fosse de uso familiar antes que ele a tivesse empregado.” Pease (1963, p. 39). O *OLD* apresenta as seguintes definições para *divinatio*: 1. O ato ou faculdade de prever o futuro, profecia, prognosticação. 2. Um julgamento independente do processo de raciocínio, intuição, palpite; (com gen.) sentimento instintivo. 3. (leg.) Uma investigação feita para determinar qual dentre vários acusadores deveria conduzir a acusação da pessoa acusada. Para

⁹ *μαντική* era originalmente um adjetivo, provavelmente modificando *επιστήμη* ou *τεχνη*. Cf. Escobar, in *de Div.* (1999, p.33); Pease (1963, p. 40). O *Liddle & Scott* apresenta primeiramente como adjetivo (*mantiko*/j, h/, o/n) significando “profético”, “oracular”, mais adiante é apresentado *te/knh mantikh*/, significando “faculdade de adivinhação”, “profecia” e mais frequentemente *h/ mantikh*/, apenas, cf. Heródoto 2, 49 e 4, 68.

¹⁰ Bloch, R. *Op. cit.*, p. 25.

¹¹ Cf. Bouché-Leclercq. *Op. cit.* p. 213-246.

“Acrescentemos aos filósofos um homem muito douto, um poeta certamente divino, Sófocles, que, tendo sido roubada a pesada taça de ouro do templo de Hércules, viu em sonhos o próprio deus dizendo quem havia feito isso. O que ele negligenciou mais de uma vez. Quando o fato se tornou mais freqüente, subiu ao Areópago, expôs a situação; os areopagitas ordenaram prender aquele que era acusado por Sófocles; o homem, durante o interrogatório, confessou e restituiu a taça. Depois disso, aquele templo foi chamado de templo de Hércules Acusador.” CICERO, *De Divinatione*, I 54.

Havia santuários que recorriam a essa prática, como o oráculo de Anfiarau em Oropos e o de Trofônio em Labadeu, ambos na Beocia.¹² Nesses locais, o consulente devia purificar-se de acordo com ritos bem definidos: em Oropos, o consulente sacrificava um carneiro macho, dormia após envolver-se em sua pele e via em sonhos o que os sacerdotes do templo interpretavam ao acordar. Em Labadeu, após uma série de ritos de sacrifícios e purificação, o consulente devia descer a uma gruta onde o esperavam visões e provas; ao final de um grande rodeio, um turbilhão o arrastava e o fazia perder a consciência; após recobrar a consciência, o consulente relatava a aventura subterrânea e os sacerdotes, por sua vez, interpretavam como se tivesse sido um sonho.

Também no templo de Asclépio, deus da medicina, filho de Apolo, se recorria à oniromancia¹³. A consulta envolvia uma preparação que incluía purificação e orações. Depois, o enfermo era trancado por uma noite em um dormitório em que via em sonhos o deus que lhe daria a conhecer o procedimento que deveria seguir ou simplesmente o curava. Inicialmente, Asclépio era um deus oracular, posteriormente transformou-se em deus curandeiro e médico.

Dentre os oráculos gregos, o que teve maior fama foi o oráculo de Apolo em Delfos¹⁴. Mas Apolo não foi a única divindade oracular de Delfos¹⁵. Antes da chegada

¹² Bloch, R. *op. cit.*, p. 25-26. Bouché-Leclercq. *Op. cit.* p. 765-768; 762-764.

¹³ Bloch, R. *op. cit.*, p. 26. Bouché-Leclercq. *Op. cit.* p 725-748.

¹⁴ Cf. Bouché-Leclercq. *Op. cit.* p 572-683.

de Apolo, divindades ctônicas (algumas versões do mito citam Gaia ou Têmis, ou ambas) viviam em Delfos. Apolo se instala no santuário após ter matado a serpente Píton e toma assim o velho oráculo do subsolo. Isso explica por que Apolo não inspirava a Pítia diretamente, segundo os antigos, pois esta profetizava quando havia sido invadida pelo *pneuma* délfico. As perguntas feitas no oráculo de Delfos poderiam ser feitas por uma comunidade, uma cidade ou um indivíduo. Havia ali um colégio de sacerdotes que supervisionava todo o conjunto do culto. Ao lado dos sacerdotes, dois grupos especialistas presidiam os sacrifícios preliminares, dos quais dependia o desenrolar da consulta: o grupo dos profetas, que embora o nome possa sugerir o contrário, não eram intermediários entre homens e deuses, eram assistentes de culto; o grupo dos *hosioi*, na época de Plutarco, formado por cinco pessoas de especial pureza, ajudavam os profetas antes e depois da consulta à Pítia. Os procedimentos preliminares à consulta incluíam uma oferenda, em espécie e depois em dinheiro, e um sacrifício, para averiguar se o deus contestava a oferenda e averiguar a intenção do consulente. A vítima mais comum era uma cabra.

Zeus também tinha vários oráculos importantes, dentre os quais se destacam o de Dodona, o de Olímpia e de Amón.

O oráculo de Zeus em Dodona, no Epiro, era considerado o mais antigo de toda a Grécia¹⁵. Uma casta sacerdotal o administrava, chamada de *selloi* e depois de *helloi*. Ligado à vida da natureza vegetal e animal, o oráculo dava respostas a seus consulentes (geralmente particulares) através do sussurro produzido pelas folhas e galhos do carvalho sagrado ou através do barulho das pombas que viviam ali. Tal som produzido no oráculo era considerado como mensagem do senhor dos deuses, Zeus Naios, acompanhado da deusa Dione. O consulente escrevia sua pergunta em lâminas de chumbo, das quais várias chegaram até nós. Após o saque engendrado por Roma no Epiro o oráculo não se recuperou.

¹⁵ Bloch, R. *op. cit.*, p. 29-38.

¹⁶ *Ibidem*, p. 30. Bouché-Leclercq. *Op. cit.* p 463-499.

Característica importante da adivinhação grega, devemos destacar a presença de mulheres na prática da adivinhação¹⁷. Já falamos sobre a Pítia e a importância do oráculo de Apolo em Delfos. Vale citar também que o mito reflete essa importância: lembremos a famosa personagem homérica Cassandra, que após se recusar a dormir com Apolo, de quem era sacerdotisa, é condenada pelo deus a prever o destino de Tróia e de todos ao seu redor, porém suas palavras jamais receberiam crédito. A personagem é retomada por Virgílio:

Tunc etiam fatis aperit Cassadra futuris

Ora dei iussu non umquam credita Teucris. (Eneida II 246-7)

“Então Cassandra os fados

Inda anunciou futuros, dos Troianos,

Por preceito de Febo, jamais crida.”¹⁸

As sibilas, profetisas independentes e errantes, também tinham destaque na sociedade grega¹⁹. Uma das sibilas mais famosas é a sibila que ofereceu seus livros ao rei romano Tarquínio. Conta-se que durante o reinado de um dos Tarquínios, uma sibila ofereceu ao rei uma coleção de nove livros de profecias. O rei se recusou a pagar o elevado preço²⁰ e a sibila então queimou três livros e depois mais três, pedindo sempre o mesmo preço pelos restantes. Impressionado com a obstinação da mulher e aconselhado pelos áugures, o rei acabou por comprar os três últimos livros e nunca mais se soube a respeito dessa sibila. Os livros foram guardados em segredo na parte subterrânea do templo de Júpiter Capitolino e foi criada uma comissão inicialmente de

¹⁷ Bloch, R. *op. cit.*, p. 34.

¹⁸ Tradução de Barreto Feio.

¹⁹ Bloch, R. *op. cit.*, p. 97. Bouché-Leclercq. *Op. cit.* p. 368-420.

²⁰ Montero observa que os historiadores gregos e romanos divergem na forma com que narram o episódio da Sibila. Enquanto autores gregos dizem que Tarquínio simplesmente não deu atenção à mulher, autores romanos dizem que o monarca “debochou da loucura da mulher”. O autor vê nessas variantes o preconceito romano quanto à adivinhação inspirada. Cf. Montero, *op. cit.* p.56.

dois sacerdotes (*duumviri sacris faciundis*) encarregados de cuidar dos livros e consultá-los. Ao final da República Romana essa comissão era formada por quinze sacerdotes, os *quindecimviri sacris faciundis*, que consultavam os livros apenas sob ordem do senado em casos de prodígios especialmente ameaçadores. Os livros sibilinos continham medidas expiatórias, os *remedia*, que deveriam ser aplicados com urgência no caso de prodígios horríveis²¹, os *taetra prodigia*, que podiam até ameaçar a existência de Roma.²²

Embora tivesse menor importância, a adivinhação artificial também era praticada na Grécia²³. Não havia um colégio sacerdotal como em Roma, mas ainda assim havia uma ciência com um conjunto de regras definidas que regularizavam a prática. A seguir destacaremos as principais práticas artificiais.

De origem Indo-Européia e extremamente importante em Roma, a adivinhação através das aves também foi praticada na Grécia²⁴. O vôo, os gritos, a atitude e os movimentos das aves eram fontes de presságio. Charles Gulick atenta ao fato de que havia uma diferença importante na ritualística de gregos e romanos²⁵. Os romanos se voltavam ao sul quando observavam as aves, enquanto que os gregos se voltavam para o norte. Assim, para um romano, uma ave observada vinda do leste à esquerda era um sinal favorável, vinda do oeste à direita era desfavorável. Para os gregos, a ave vinda do leste à direita era favorável e vinda do oeste à esquerda era desfavorável. Essa diferença entre direita e esquerda eventualmente causa confusão entre os estudiosos.

²¹ Dependendo da gravidade, o prodígio pode ser chamado de *prodigium*, *ostentum*, *portentum*, *monstrum* ou *miraculum*. Cf. Benveniste, *Vocabulário das Instituições Indo-européias*, vol. II, p. 257-265.

²² Bloch, R. *op. cit.*, p. 99. Cf. *Vida de Augusto*, Suetônio, XXXI.

²³ Bloch, R. *op. cit.*, p. 42-49. Bouché-Leclercq. *Op. cit.* p.97-207.

²⁴ Bloch, R. *op. cit.*, p. 44. Bouché-Leclercq. *Op. cit.*, p. 107-119.

²⁵ Cf. Gulick, C. B. *Omens and augury in Plautus*, p. 241.

Uma curiosa prática divinatória era a chamada entre os gregos de *clèdôn* e entre os romanos de *omen*²⁶. Trata-se de palavras ou atitudes dos homens que podem ser fontes de presságio. É dito ou feito por uma pessoa ao acaso, mas pode conter uma mensagem divina que só o sujeito a quem se destina saberia interpretar. O seguinte exemplo de *omen* é famoso: quando o general Crasso partia para uma batalha, um vendedor de figos gritava “*cauneas*”, que significa figos de Caunos, cidade da Cária, na Ásia Menor. Porém a palavra continha um presságio que o general ignorou: “*Caue ne eas*”, que significa “Cuidado, não vás!”. Como se sabe, Crasso acabou trucidado pelos partas²⁷.

Outra prática importante era a extispicina.²⁸ É a observação das entranhas do animal sacrificado para verificar se está ao agrado dos deuses. Qualquer deformidade ou ausência de algum órgão era considerada mau presságio e a isso deveriam seguir purificações e um novo sacrifício. A extispicina era um precioso instrumento de auxílio aos generais em campanha.

A piromancia também era praticada observando-se o fogo do altar enquanto consumia as oferendas: uma libação ou a carne do animal sacrificado. Eram observados a crepitação, os estalidos, a fumaça e as línguas de fogo.²⁹

Vários oráculos surgiam em torno de uma nascente. Trata-se da hidromancia. A própria Pítia se purificava na fonte de Castália antes das consultas. Os aspectos da hidromancia variavam de região para região, mas os princípios eram os mesmos: atirar um objeto na água e observar se afundava ou boiava por um tempo, se se dissolvia ou não, etc. A água misturada com azeite era fonte de presságios, observavam-se os

²⁶ Bloch, R. *op. cit.*, p. 44-45. Bouché-Leclercq. *Op. cit.*, p. 124-129. Benveniste (*op. cit.*, p. 258) diz que “o radical latino *o-* pode ser diretamente comparado ao tema verbal hitita *ha-* ‘crer, considerar verdadeiro’; por conseguinte, *omen* será interpretado como ‘declaração de verdade’.”

²⁷ Cícero comenta a respeito em *De Divinatione* I 29-30; II 22, 24, 84.

²⁸ Bloch, R. *op. cit.*, p. 46. Bouché-Leclercq. *Op. cit.*, p. 133-139.

²⁹ Bloch, R. *op. cit.*, p. 46.

reflexos, as bolhas ou as imagens que ali se formavam. Procedimento semelhante ocorre com o uso de um espelho metálico³⁰.

Havia divindades marinhas oraculares, como Posêidon, deus do subsolo e posteriormente deus dos mares, e Proteu e Nereu, anciãos do mar, seres benfeitores que podiam se metamorfosear em qualquer animal ou elemento e predizer o futuro³¹. A eles podiam ser ofertadas vítimas, trancadas em um cofre, colocadas em uma embarcação ou lançadas ao mar. Os deuses podiam conservar para si a vítima ou deixá-la à deriva ou renunciar a sua alma.

As sortes, método divinatório que respondia apenas “sim” ou “não”, foi utilizada também em Delfos. Diz Bloch:

“Como tantos outros povos, os gregos pensavam que o movimento provocado pelo homem, mas dirigido pelo azar (*kairos*) era revelador e expressava concretamente a vontade divina.”³²

Tyché e Fortuna eram senhoras da sorte respectivamente, na Grécia em Roma.

Os fenômenos celestes só começaram a chamar a atenção dos gregos após a implantação da astrologia, essa de origem oriental³³. A astrologia teve forte influência, principalmente quando aos horóscopos, a definição da vida e personalidade de uma pessoa de acordo com a posição dos astros no momento de seu nascimento.

1.2 As práticas divinatórias em Roma

Em Roma, a adivinhação natural não era bem vista pela classe social mais abastada e muitas vezes era considerada até mesmo perigosa, pois escapava da autoridade do Estado³⁴. Só se recorria a esse tipo de adivinhação em casos extremos e

³⁰ *Ibidem*, p. 46-47.

³¹ *Ibidem*, p. 38-42.

³² *Ibidem*, p. 47.

³³ *Ibidem*, p. 48. Bouché-Leclercq. *Op. cit.*, 163-197.

³⁴ Bloch, R. *op. cit.*, p. 94.

mesmo assim se ressaltava a origem estrangeira de tais práticas. Exemplo disso são os livros sibilinos³⁵, citados anteriormente, consultados em casos de prodígios graves, como eclipses do sol e da lua, terremotos, anomalias nos vegetais, animais e nos homens, etc. Tais prodígios deviam ser expiados através de certos rituais que restabeleceriam a paz com os deuses.

Nos casos de prodígios graves, também se podia recorrer aos harúspices. De origem etrusca, a haruspicina consiste na observação e interpretação de sinais presentes nas entranhas de um animal sacrificado, sobretudo o fígado.³⁶ Outro método divinatório que os antigos romanos utilizavam eram os *omina*, descrito anteriormente.

Mas o método divinatório mais utilizado e mais importante no mundo romano é o auspício. Os auspícios são presságios que se vêem. São extremamente importantes no mundo romano porque regem tanto a conduta individual como o desenrolar normal da vida do Estado. Este é um aspecto original da religião e da adivinhação romana.³⁷ Nenhuma iniciativa política ou militar era tomada sem antes consultar a vontade divina através dos auspícios.³⁸

³⁵ Bouché-Leclercq. *Op. cit.*, 1013-1033.

³⁶ A haruspicina foi muito utilizada no início da história de Roma, porém, durante quase toda a República os harúspices foram mal vistos e algumas vezes até considerados inimigos. Tal arte voltou a prosperar somente no final da República e no período imperial. Cf. Bouché-Leclercq. *Op. cit.*, 823-897.

³⁷ Blázquez, no prefácio ao livro de Bayet (1984, p.14) diz: “A maior diferença entre a concepção religiosa romana e a atual seria que para o romano, cuja vida estava totalmente imersa na religião, era esta antes de tudo um ato político. O homem moderno estabeleceu uma separação radical entre o feito religioso e o civil”.

³⁸ Auspício significa literalmente o sinal dado pela observação das aves, mas pode ser aplicado a outros sinais visuais, como relâmpagos, raios, etc. O sacerdote responsável em tomar os auspícios era o áugure. Suas insígnias eram a *aquamanila* e o *lituus*, um bastão curvo. O ritual augural era assim: com o *lituus*, o áugure traçava um *templum*, espaço celeste determinado por duas linhas perpendiculares e em cujo interior se observavam os sinais enviados pelos deuses. O próprio ato de fundação da cidade de Roma é marcado por um ritual augural: conta-se que a cidade de Roma foi fundada depois que Rômulo e Remo tomaram os auspícios, o que determinou que o primeiro seria o fundador, pois Remo observou seis aves e Rômulo, doze. Encontramos em *De Divinatione* I-3 a seguinte passagem: “Conta-se que Rômulo, pai desta cidade, não somente fundou a Cidade depois de tomados os auspícios, mas também ele próprio fora um ótimo áugure.” Bloch (1985, p.105) diz que o *lituus* usado por Rômulo era um dos talismãs de Roma, conservado no Palatino, na *Cúria Saliorum*, e que os romanos o consideravam a fonte e a garantia de sua grandeza. Cf. Bouché-Leclercq. *Op. cit.*, p. 929 -1012.

Os conhecimentos da prática augural eram registrados nos *libri augurales*³⁹. Testemunho do espírito jurídico que os romanos sempre empregaram ao direito sagrado, os *libri* continham regras, formulários, decisões anteriormente tomadas e comentários dos sacerdotes mais sábios, o que permitia organizar detalhadamente as cerimônias e auxiliar caso se apresentasse alguma dificuldade. Tomar os auspícios era o mais alto privilégio concedido aos magistrados romanos.

³⁹ Bouché-Leclercq. *Op. cit.*,944-945.

2. A religião romana no período final da República

A religião romana, no final do período republicano, passou por uma fase de crises e profundas transformações. Conforme entrava em contato com a civilização grega, Roma assimilava um pouco da sua cultura. Sobretudo na ocasião da Segunda Guerra Púnica (218 – 201 a.C.), quando as vitórias de Aníbal fizeram com que os romanos tivessem suas crenças nas antigas divindades nacionais abalada, visto que elas pareciam incapazes de proteger Roma, houve uma aceleração da helenização da religião romana.⁴⁰

Roma ficou dividida entre a influência do ceticismo e ateísmo de algumas correntes filosóficas gregas e a novas formas de expressar a religiosidade.⁴¹ Novos cultos estrangeiros eram praticados e novas divindades eram incorporadas ao culto oficial do estado, como, por exemplo, os Dióscuros, Apolo, Esculápio, Cibele, etc.

A angústia causada pela guerra de Aníbal trazia à tona prodígios que, após serem consultados os livros sibílinos ou os harúspices, exigiam expiação com rituais ao modo grego, isto é, com participação de todo o povo romano⁴². Antes os rituais públicos eram realizados pelos sacerdotes oficiais. No final da República vemos se intensificar o papel da mulher e as demonstrações de individualidade, o que trará posteriormente a noção de sobre-humanização de indivíduos excepcionais, atingindo o seu ápice com o culto ao imperador.⁴³

⁴⁰ Bayet (1984, p.161) diz: “A Segunda Guerra Púnica, por causa de sua duração (218-201) e sua vicissitudes, dos novos contatos com o Oriente e do alargamento da visão política que supôs, acelerou a helenização da religião romana. E o fez mediante um processo continuado, porém não regular: isto é, de crise em crise.”

⁴¹ As duas posturas antagônicas, de um lado o ceticismo e ateísmo, de outro as práticas supersticiosas, não eram reservadas a um certo grupo social. Vemos em Suetônio, *Vida de Augusto*, XC, XCI, XCII, que as práticas divinatórias supersticiosas eram utilizadas até mesmo por imperadores.

⁴² Bloch, R. *op. cit.*, p. 127.

⁴³ *Ibidem*, p. 129. Bayet (1984, p.172) diz: “De fato, cada homem se mostrava agora mais preocupado por fundamentar em uma certeza de ciência ou de fé (e não mais em conjunto de ritos) sua felicidade terrena ou sua salvação pessoal na vida futura(...)”.

A transformação na religiosidade romana também se fez sentir no que concerne à adivinhação. O povo romano sentiu necessidade de métodos divinatórios que diminuíssem as suas angústias. Assim, houve uma abertura a práticas de adivinhação natural, como profecias, oráculos e adivinhos. As consultas aos harúspices e aos livros sibilinos não mais se resumiam à busca por expiação, mas também ao conhecimento do que o futuro podia reservar. Porém, o Senado sempre tentou conter essas transformações e manter as regras do passado.⁴⁴

Neste cenário, a crença nos métodos divinatórios serviu de poderoso instrumento em mãos de ambiciosos. Ao mesmo tempo em que surgiam novas crenças em meio ao povo, na elite romana se desenvolvia um crescente ceticismo. Assim, os generais e políticos romanos não hesitaram em utilizar para seus próprios fins as superstições e os temores populares. De fato, oráculos, presságios e prodígios foram utilizados para fins políticos e para justificar a vocação de quem ambicionava o poder.⁴⁵

Para finalizar, a seguinte citação de Bayet resume o que foi essa transformação da religião romana no final da República:

“Assim, em menos de cento e cinquenta anos, havia-se modificado completamente, não a estrutura, mas sim o substrato psicológico da religião romana.”⁴⁶

⁴⁴ Bloch, R. *op. cit.*, p.130-132.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 132.

⁴⁶ Bayet (1984, p.175).

3. A obra *De Divinatione*, de Cícero

Nesse período de crises e transformações políticas e religiosas que Roma passou no final da República, o tema da adivinhação era muito debatido e alvo de reflexões filosóficas, como uma tentativa de preservar a religião tradicional.⁴⁷ Vários autores latinos do séc. I a. C. abordaram temas teológicos, dentre os quais podemos destacar o próprio Cícero que, além de ter composto a considerada trilogia teológica (*De natura deorum*, *De divinatione* e *De fato*), abordou o tema da religião oficial romana e a defendeu no segundo livro do *De legibus*, e Varrão, com sua obra *Antiquitates rerum divinarum*, que chegou até nós fragmentada. Mais do que combater as práticas estrangeiras, os teóricos latinos buscavam compreendê-las e, assim, preservar o que era de fato romano.

“As preocupações dos escritores variam entre elementos nativos, exóticos e filosóficos, ou tentam combiná-los. Há também a tensão entre o desejo de registrar e entender as tradições (usualmente a fim de preservar ou reviver), de encontrar paralelos exóticos ou explicações e estabelecer uma base filosófica para elas.”⁴⁸

Dessa forma, o tema da adivinhação também foi alvo dos teóricos romanos. As três principais correntes filosóficas em Roma, estoicismo, epicurismo, e a escola acadêmica tinham opiniões diferentes sobre o tema:

“Os estóicos, salvo alguma reticência, admitem de qualquer forma a adivinhação e a defendem com espada na mão; os epicuristas a negam, afirmando que o homem não dispõe de nenhum meio para conhecer o porvir; os probabilistas da Nova Academia retomam os argumentos adotados por Epicuro, os reforçam, os tornam mais modernos e combatem as asserções dos estóicos.”⁴⁹

⁴⁷ Cf. Rawson (1985, p. 299). Os cultos estrangeiros eram combatidos em Roma por não serem oficiais, mas eram permitidos nas províncias.

⁴⁸ Rawson (1985, p. 300)

⁴⁹ Marmorale (1933, p. 11)

Rawson estranha o fato de conhecermos tão pouco sobre as numerosas obras do séc. I a. C. acerca da adivinhação. Ap. Claudius Pulcher, L. Caesar, C. Marcellus, M. Messala, todos membros do colégio augural, escreveram obras sobre a adivinhação⁵⁰, que, infelizmente, não chegaram até nós.

Assim, a principal obra sobre a adivinhação que nos chegou é o *De Divinatione*, de Cícero⁵¹.

O *De Divinatione* narra um diálogo entre Cícero e seu irmão Quinto, ambientado em sua vila em Túsculo. É considerado parte de uma trilogia sobre temas religiosos e teológicos, juntamente com o *De Natura Deorum* e o *De Fato*. Há várias referências cruzadas entre as três obras; o pretexto para o diálogo *De Divinatione* é apresentado em V 8-9, onde Quinto, após uma leitura do *De Natura Deorum*, questiona Cícero sobre a adivinhação, assunto tratado muito brevemente em tal obra.⁵² Ao final do primeiro livro, em LVI 127, há uma referência à futura obra sobre o destino, o *De Fato*.

A estrutura do *De Divinatione* é tipicamente neo-acadêmica. É dividido em dois livros; no primeiro há uma defesa da adivinhação através da personagem de Quinto, com argumentos provenientes do estoicismo; no segundo livro esses argumentos são veementemente refutados por Cícero “com uma lógica impiedosa (...) e com notável demonstração de humor e sarcasmo.”⁵³

⁵⁰ Cf. Rawson (1985, p. 302)

⁵¹ Marco Túlio Cícero, o maior orador da Antigüidade, é também um dos principais nomes da filosofia romana. Estudou retórica e filosofia em Roma, Grécia e na Ásia, o que lhe deu a base para sua formação de orador e pensador. Cícero buscou integrar a filosofia helenística e a tradição romana, o que confere um caráter inovador à sua produção filosófica, uma vez que os demais intelectuais romanos permaneciam dentro das características helenísticas da filosofia. Cícero foi o primeiro a utilizar a filosofia grega num contexto romano, isto é, com problemas e exemplos romanos, numa localidade romana. O método de exposição ciceroniano presente nas obras filosóficas é característico da Nova Academia, chamado *in utramque partem*, isto é, descreve as diferentes opiniões acerca de um tema e as compara, a fim de perceber as mais consistentes e prováveis.

⁵² *ND*, II 3-5.

⁵³ Falconer (1992).

É interessante notar que todas as obras filosóficas de Cícero, exceto o *De Officiis*, são apresentadas em forma de diálogo. Segundo Powell⁵⁴, Cícero, ao compor seus diálogos, teria sofrido influência dos diálogos de Platão, dos diálogos de Aristóteles, hoje perdidos, de Heraclides Ponticus e possivelmente de outros autores gregos da época de Aristóteles ou depois. A diferença entre os diálogos ciceronianos e platônicos é que aquele preferia o método expositivo e este o método dialético ou socrático, contudo, Powell afirma que os diálogos de Platão que mais estavam em voga na época de Cícero eram os mais expositivos, como a *República*, *Fédon*, *Timeu*, entre outros. Os diálogos perdidos de Aristóteles teriam ensinado a Cícero a se colocar como personagem principal, como no *De Divinatione* e no *De Finibus*. Heráclides Ponticus teria influenciado Cícero na escolha de personagens históricos.

Cícero apresenta argumentos retirados de uma extensa bibliografia a respeito da adivinhação, que vai desde Xenófanes de Colofão, filósofo do século VI a.C., até autores de seu tempo como Cratipo, passando por ensinamentos pitagóricos, socráticos, peripatéticos, epicuristas e estóicos. O seguinte trecho é um exemplo de como Cícero menciona opiniões de vários autores antigos e mostra o quanto a adivinhação era debatida:

“Foram, por outro lado, reunidos certos argumentos refinados dos filósofos para demonstrar por que a adivinhação seria verdadeira. Destes, para falar sobre os mais antigos, Xenófanes de Colofão foi o único que, embora dizendo que os deuses existem, negou inteiramente a adivinhação; mas todos os demais, com exceção de Epicuro, que balbucia sobre a natureza dos deuses, aprovaram a adivinhação, porém não do mesmo modo. De fato, Sócrates e todos os socráticos, Zenão e aqueles que provieram dele, permaneceram na opinião dos antigos filósofos, com aprovação da velha Academia e dos peripatéticos; Pitágoras já anteriormente atribuíra a ela uma grande autoridade, uma vez que ele próprio queria ser áugure; Demócrito, um autor de peso, comprovou o pressentimento das coisas futuras em várias passagens; Dicearco, um peripatético, suprimiu os demais tipos de adivinhação, deixou a pelos sonhos e

⁵⁴ Powell (2004, p. 5-7)

pelo furor; Cratipo, amigo nosso, a quem eu julgo igual aos maiores dentre os peripatéticos, deu crédito a estas coisas, rejeitou os tipos restantes de adivinhação.

Mas defendendo os estóicos quase tudo isso, o que Zenão espalhou em seus comentários como certo tipo de sementes, e Cleantes o fizera com um pouco mais de abundância, um homem de inteligência agudíssima veio a acrescentar-se, Crisipo, que explicou todo o pensamento acerca da adivinhação em dois livros, um primeiramente sobre oráculos, outro sobre sonhos; seguindo-o, Diógenes da Babilônia, ouvinte dele, publicou um livro, Antípatro dois, e cinco o nosso Possidônio. Mas até mesmo o principal nome desta escola, Panécio, mestre de Possidônio, discípulo de Antípatro, se afastou dos estóicos; contudo, não ousou negar que há a capacidade de adivinhação, mas dizia duvidar.“ (Cícero, *De divinatione*, I 5-6)

Vincenzo Marmorale ressalta que, embora Cícero não tenha construído um sistema filosófico próprio, ele deixou à posteridade um grande legado, pois, não fosse por suas extensas citações e referências a outros autores, muitos pensamentos e sistemas filosóficos da Antigüidade estariam perdidos.⁵⁵

Para Douglas⁵⁶, a filosofia de Cícero seria uma continuação de sua carreira política e pública. Mas não quer dizer que sua filosofia seja um mero reflexo de sua carreira política. A filosofia de Cícero, suas obras filosóficas não tratam de especulações epistemológicas e metafísicas, mas trata o homem como um ser político e social. Dessa forma, o valor das obras de Cícero não está na qualidade especulativa ou originalidade, mas no fato de que elas exploram assuntos particulares e argumentos importantes e propõe uma prescrição de vida social e pessoal. Diz Powell⁵⁷:

⁵⁵ Marmorale (1933, p. 8). Esse ponto de vista que resume a contribuição dos escritos filosóficos de Cícero a uma simples compilação de idéias alheias está sendo revisto a partir do século XX (cf. Powell 1995, *passim*). O assunto foi abordado em Lima (2004, *passim*) dissertação de Mestrado inédita defendida no Departamento de Lingüística da Unicamp.

⁵⁶ In. Dorey (1965, p. 136)

⁵⁷ Powell (1995, p. 2)

“Por que, então, as obras filosóficas de Cícero são ainda de interesse para nós após mais de 2000 anos? Muito porque os assuntos discutidos nelas não são de forma alguma obsoletos. Os objetivos da filosofia, como definida por Cícero – o julgamento do que é verdadeiro ou falso, bom e mau, certo e errado – é de interesse de seres humanos em todos os tempos e lugares. (...) O que Cícero tem a dizer sobre elas [as questões filosóficas] é de interesse, não porque esperamos que ele tenha feito alguma contribuição particularmente original como um pensador, mas porque ele é um representante de seu tempo e um expositor lúcido e humano.”

Alguns estudiosos afirmam que o primeiro livro do *De Divinatione* é baseado na obra do estóico Possidônio⁵⁸. Porém esta é uma afirmação difícil de comprovar, pois só restaram fragmentos de Possidônio. O mesmo pode ser dito em relação às demais obras filosóficas de Cícero. Por muito tempo estudiosos tentaram descobrir as fontes de Cícero, muitas vezes sem resultado. Douglas⁵⁹ diz que

“nós não devemos reclamar a Cícero um grau de originalidade que ele não reclama a si mesmo, ainda que seja verdade que colhendo onde outros semearam, selecionando, adaptando e acima de tudo dando uma expressão eloqüente para as idéias dos outros, ele fez de si mesmo uma ‘fonte’ – não para proposições filosóficas e argumentos, mas para um olhar iluminado e humano, o espírito romano em seu melhor.”

A defesa da adivinhação no livro I é feita principalmente pela apresentação de exemplos, de anedotas sobre as práticas divinatórias e quase não há reflexões filosóficas mais complexas a favor da adivinhação. Schofield diz que essa é uma característica estóica.⁶⁰

⁵⁸ “E porque, entre os estóicos, Possidônio foi o que com maior seriedade e maior rigor, digamos, científico, defendeu a adivinhação, é provável que um tratado seu seja de fato o modelo do qual se serviu Cícero.” Marmorale, (1933, p. 12).

⁵⁹ Douglas in Dorey (1965, p. 139)

⁶⁰ Schofield, (1986, p. 51). “Mas o apelo à experiência é realmente muito estóico, e sua proeminência no livro I provavelmente reflete uma estratégia estóica. Geralmente os estóicos insistiriam que alguém pode saber *algo* (o / ti), sem saber o *porquê* (dio/ti): que todos nós podemos ter uma certeza (uma fantasi/a

Dentro do caráter inovador da filosofia de Cícero, como foi dito mais acima, um número considerável desses exemplos é de origem romana, desde os mitos de fundação da cidade até mesmo sonhos proféticos do próprio Cícero e de seu irmão⁶¹. Para Schofield, a introdução de vários exemplos romanos enfatiza o discurso a favor da adivinhação, pois mostra o quanto essa prática está presente e é fundamental na vida dos antigos romanos.⁶²

Há nas anedotas do livro I uma outra pretensão além de servir de argumento: Cícero as utilizaria como demonstração de seus dons artísticos:

“Deste inteligente trabalho de adaptação [das fontes gregas] e de integração [da tradição romana], surge uma das obras mais interessantes da produção ciceroniana: obra viva, que se faz notar também pelos dons que prescindem da demonstração filosófica: pelos dons eminentemente artísticos.”⁶³

Já o livro II apresenta outra forma de argumentação. A diferença é tamanha que vários autores modernos divergem quanto a interpretação da obra. Se no livro I a personagem de Quinto busca convencer através de exemplos, no livro II a personagem de Cícero se baseia em teorias filosóficas para argumentar contra a adivinhação e,

katalhptikh/) a respeito de algo que apenas exista, ainda que possa ser objeto de entendimento científico (e) pisth/mh) apenas para Deus ou para o Sábio.”

⁶¹ Em I 58-59.

⁶² Schofield (1986, p. 53). “Então, o método por anedotas do livro I não é apenas algo apropriado ao apelo à experiência sobre o qual a causa a favor da adivinhação deve se apoiar. Sua ênfase romana contempla duas outras coisas também: isso dá ao argumento filosófico um peso extra, e faz isso mostrando o quão sólido e inevitável é o papel da adivinhação no mito e na história romana.”

⁶³ Marmorale (1933, p. 12) Tal ponto de vista converge com o de Schofield (1986, p.52): “Este dilúvio de exemplos permite a Cícero entregar-se às suas habilidades de contador de histórias (para não mencionar suas ambições como poeta) numa escala muito maior que o limitado espaço disponível no *ND* inicialmente permitiu. O leitor deve ser perdoado por sentir às vezes que o verdadeiro objetivo do *Div. I* é simplesmente dar a ele a oportunidade de fazer isso.”

principalmente, zomba dos argumentos de Quinto⁶⁴. No capítulo XXXIX do livro I, Quinto defende sua abordagem:

“Perguntas por que acontecem tais coisas. Muito bem, mas isso não é considerado agora; acontecem ou não, isso é questionado. É como se eu dissesse que existe um imã que puxa e atrai para si o ferro e não pudesse dizer a razão por que isso ocorre, e tu, então, negasses de todo que isso ocorre. O mesmo fazes a respeito da adivinhação, que nós mesmos não apenas compreendemos, mas ouvimos, lemos e recebemos de nossos pais.”⁶⁵

E é refutado por Cícero no livro II, com momentos de grande ironia e sarcasmo:

“Contudo, não tendo sido capaz de explicar nada, lutaste com um grandioso número de exemplos sem fundamento.”⁶⁶ (*De divinatione*, II 27)

“Mas tu te lançaste num admirável esconderijo, pois, percebendo que seria9s pressionado, quando eu indagasse de ti as causas de cada adivinhação, muitos discursos tu fizeste e, vendo os fatos, não questionavas a razão e a causa; o que acontecia, não por que acontecia, era pertinente à situação. Como se eu concedesse que acontecia ou fosse próprio de um filósofo não questionar a causa por que cada coisa acontece!” (*De divinatione*, II 46)

“Há alguém assim insensato que acredite que foi escavado... que eu diga um deus ou um homem? Se um deus, por que se escondeu na terra, contra a natureza, para que olhasse a luz desvendado por um arado? O quê? Acaso o mesmo deus não podia transmitir a doutrina aos homens de um lugar mais alto? Mas se aquele Tages foi um homem, de que modo pôde viver coberto de terra? Onde ele próprio outrora pôde ter aprendido o que ensinava aos outros? Mas eu sou mais tolo que aqueles

⁶⁴ Diz Schofield (1986, p.54): “O fato de a causa estóica se apoiar no livre apelo à experiência permite a Cícero, no livro I, multiplicar as anedotas às custas dos argumentos e teorias filosóficas gregas. O mesmo fato oferece a ele, no livro II, a oportunidade de dedicar proporcionalmente pouco espaço à refutação de argumento e teoria, mas muitas oportunidades de ridicularizar os *exempla* de Quinto.”

⁶⁵ Cf. I12, 15-16, 35, 71, 125.

⁶⁶ Cf. I 27, 46, 101-106.

mesmos que acreditam nessas coisas, já que discorro contra eles durante muito tempo.” (*De divinatione*, II 51)

“Portanto, Júpiter dava sinal para tão importante cidade através das galinhas? Acaso aquelas aves não costumam cantar a não ser quando venceram? Mas então cantavam e não venceram. Pois esse é o prodígio, tu dirás. Grande, realmente! Como se peixes, não galos, tivessem cantado! Mas em que momento eles não cantam, noturno ou diurno?” (*De divinatione*, II 56)

“Pois quem há que acredite que foi respondido a Pirro por um oráculo de Apolo:

Digo a ti, Eácida, é possível vencer os romanos.

Primeiro, Apolo nunca falou latim; então essa sorte não foi ouvida pelos gregos(..)” (*De divinatione*, II 116)

“Mas, não sei como, nada tão absurdo pode ser dito que não seja dito por algum dos filósofos.” (*De divinatione*, II 119)

Powell, na introdução à sua edição do *Cato Maior*, defende que o uso de exemplos como método de argumentação de preferência ao uso de uma lógica mais rigorosa nas obras filosóficas de Cícero provem de suas técnicas retóricas:

“O método de argumentação é frequentemente livre, procedendo por ilustrações, exemplos e apelos ao senso comum, de preferência à lógica rigorosa. Argumentos filosóficos são aludidos ou resumidos, em vez de exposto em detalhes (...). Os vários exemplos e anedotas dão ao trabalho um tempero característico: novamente, a técnica deriva da prática retórica.”⁶⁷

A notável diferença entre os dois livros não se atém apenas quanto à metodologia da apresentação dos argumentos contra e a favor. Como aponta Wardle⁶⁸, no livro I, a personagem de Quinto defende a adivinhação enfatizando a adivinhação natural, em especial os sonhos proféticos, prática muito rara na religião oficial em

⁶⁷ Powell (2004, p. 9)

⁶⁸ Wardle (2006, p. 207).

Roma, como vimos anteriormente. Embora Goar⁶⁹ justifique essa atenção aos sonhos como sendo um indício de que essa prática divinatória era muito usada no âmbito privado, Wardle considera essa atenção como manobra retórica de Cícero:

“A ênfase na adivinhação natural de Quinto pode, por outro lado, tornar o caso mais fácil para Marcus (...)”⁷⁰

De fato, a obra apresenta muitos elementos da retórica antiga. Krostenko afirma que Cícero estrutura a obra não como filósofo, mas como orador.

“Ao adaptar estas posições filosóficas, Cícero, como hábil orador, naturalmente as estruturou para efetividade retórica e adicionou figuras retóricas – figuras de discurso, detalhes na apresentação, citações ilustrativas de poesia, entre outros.”⁷¹

Krostenko⁷² afirma que embora o discurso de Quinto seja baseado majoritariamente em exemplos, um recurso retórico, isso não confere uma fragilidade deliberada ao livro I. A estrutura retórica do livro I seria comparável ao *Pro Caelio*. Em ambas as obras Cícero utiliza instrumentos, como os exemplos, para distrair a atenção do seu ouvinte por não poder apresentar uma prova definitiva, e assim é eficaz.⁷³

Sobre o uso de recursos retóricos nos tratados filosóficos de Cícero diz Powell:

“As técnicas de exposição que Cícero desenvolvera em sua prática oratória poderia ser usada em vantagem aqui [na filosofia]. Contudo, a aparência de uma tendência retórica nos métodos de argumentação pode ser uma falha mais séria em um escritor de filosofia, e isso é algo do que Cícero (ao lado de muitos outros escritores de filosofia, tanto antigos quanto modernos) não pode ser totalmente

⁶⁹ Goar (1968, p. 242)

⁷⁰ Wardle (2006, p.207)

⁷¹ Krostenko (2000, p. 354-355). O autor apresenta uma detalhada análise do *de divinatione* apontando a estrutura das obras retóricas antigas.

⁷² *Ibidem*, p. 373.

⁷³ Em *Pro Caelio*, Cícero, ao invés de se ater ao crime de que Célio é acusado, passa grande parte do discurso atacando a reputação de Clódia, que teria feito a acusação por motivos pessoais.

absolvido (...). No entanto, seu uso de argumentos retóricos ou *ad hominem* é sempre educado e civilizado, às vezes irônico, nunca truculento (mesmo quando lida com epicuristas); e pode-se argumentar que isso tem uma importante função protréptica ao fazer disputas filosóficas parecerem reais e interessantes a um vasto conjunto de leitores.”⁷⁴

Os estudiosos divergem quanto à interpretação do livro II. Alguns, como Schofield⁷⁵, vêem no livro a opinião pessoal de Cícero quanto à adivinhação, isto é, Cícero seria cético quanto a essa prática religiosa. Para Schofield, o ceticismo de Cícero presente não só no *De Divinatione*, mas também nas outras obras filosóficas, seria fruto da aproximação de Cícero à Nova Academia. Beard⁷⁶, por sua vez, diz que não há como concluir pelo ceticismo de Cícero a partir do livro II do *De Divinatione* e observa que, ao mesmo tempo em que Cícero se mostra contra a adivinhação no *De Divinatione*, em outros momentos de sua produção (como no *De Legibus*, cartas e discursos), ele defende a religião tradicional. Alguns estudiosos que, por sua vez, defendem o ceticismo de Cícero dizem que as opiniões a favor da religião tradicional são meramente convencionais e não sinceras⁷⁷. Beard enfatiza que o próprio Cícero não expressa suas conclusões no final do livro II, deixando a questão em aberto, atitude que seria própria da Academia⁷⁸. A estudiosa também argumenta que, no *De Divinatione*, a escolha dos personagens Quinto e Cícero, irmãos, ambos da elite, serve para equilibrar as opiniões contrárias, o que auxilia a ausência de conclusão. O que

⁷⁴ Powell (1995, pp. 10-11)

⁷⁵ Schofield (1986, *passim*). As referências a este autor nos parágrafos seguintes remetem ao mesmo artigo.

⁷⁶ Beard (1986, *passim*). As referências a esta autora nos parágrafos seguintes remetem ao mesmo artigo.

⁷⁷ Outros acreditam que no *De Natura Deorum* e no *De Divinatione*, escritos após o *De Legibus*, há uma mudança de opinião por parte de Cícero a respeito da religião. Mas Beard (1986, p.34) ressalta que, de qualquer forma, dificilmente o ceticismo (no sentido moderno do termo) ciceroniano presente no *De Divinatione* é questionado.

⁷⁸ “Esses que deduzem o ceticismo pessoal de Cícero a partir do segundo livro do *De Divinatione* ignoram esta clara negação de uma conclusão direta e se recusam a tratar o diálogo como um todo, como uma comparação de argumentos a favor e contra a adivinhação”. Beard (1986, p.35).

seria diferente nas *Tusculanas*, por exemplo, em que o segundo interlocutor é de um status inferior.

Schofield refuta Beard, apontando “a genialidade e a ferocidade da retórica do livro II”. Para aquele, tal aspecto impediria a anulação do ponto de vista ciceroniano, que seria contrário à adivinhação, ou melhor, nas palavras de Schofield: “uma demolição, por Cícero, da crença na adivinhação”.⁷⁹

Já Krostenko acredita que o *De divinatione* não se limita à questão da adivinhação, ou seja, se ela existe de fato ou não, e sim defende a religião oficial e as práticas divinatórias tradicionais em Roma:

“É uma tentativa indireta e dialética de construir uma definição normativa para símbolos religiosos na cultura romana, entre os quais as práticas divinatórias, na forma de augúrio e extispicina, eram especialmente proeminentes.”⁸⁰

É preciso lembrar que, como apontamos anteriormente, Cícero se dedicou ao tema da adivinhação num período em que crescia a crença em superstições e cultos estrangeiros, ao mesmo tempo em que sofria influência da filosofia helenística e das idéias cétricas. Foi um observador e crítico das crises e transformações de sua época, com o conhecimento dos discursos filosóficos sobre o tema e também com profundo conhecimento da história dessa prática em Roma, uma vez que o próprio Cícero era um áugure. Para Schofield, a faculdade de exercer tal função facultou ao orador ainda o conhecimento mais aprofundado das discussões do tema na filosofia grega. Além disso, o tema seria favorável ao exercício da arte retórica ciceroniana : “E por último,

⁷⁹ “Se Cícero pretendeu isso ou não [isto é, mostrar-se contra a adivinhação] (...), este é o significado que o *Div.* deve ter tido em seu contexto histórico, e o significado que ainda tem para o leitor moderno inteligente. Pois para todos, exceto ao mais sofisticado intelectual romano, o *Div.* deve ter sido tomado fundamentalmente como uma demolição, por Cícero, da crença na adivinhação. O que terá impressionado seus contemporâneos não é as cuidadosas nuances acadêmicas, mas a genialidade e a ferocidade da retórica do livro II.” Schofield (1986, p.61).

⁸⁰ Krostenko (2000, p. 354).

mas não menos importante, era um tópico que o capacitou a deixar seus poderes como escritor e como orador fluir mais livremente que na maioria das áreas da filosofia.”⁸¹

De nossa parte, durante a tradução da obra *De divinatione*, pudemos perceber o cuidado com que os argumentos são apresentados em ambos os livros, porém, não de forma a estabelecer um equilíbrio entre as duas partes. Além disso, chamou-nos a atenção a forma um tanto superficial como são apresentadas as idéias estóicas no Livro I. Para Cícero, a adivinhação só existiria se também existisse um destino pré-determinado:

“Se tudo acontece de acordo com o destino, de que me serve a adivinhação? Pois aquele que adivinha prediz o que certamente irá acontecer, de forma que eu nem sequer compreendo o fato de que uma águia tenha feito Dejótaro, nosso amigo íntimo, suspender a viagem; ele que, se não tivesse retornado, deveria ter dormido no quarto que desmoronou na noite seguinte; portanto, seria esmagado pelo desabamento. Mas não teria escapado disso se fosse seu destino, nem se encontraria nessa circunstância se não fosse. Logo, em que a adivinhação ajuda? Ou o que é que me advertem as sortes ou as vísceras ou alguma predição? Pois se era destino que as tropas do povo romano pudessem perecer, durante a Primeira Guerra Púnica, uma tendo sido abatida por um naufrágio, a outra pelos púnicos, mesmo que os frangos tivessem apresentado um *tripudium solistimum*, ainda assim as tropas teriam perecido sob o consulado de Lúcio Júnio e Públio Cláudio. Mas se, tendo dado crédito aos auspícios, as tropas não estivessem destinadas a perecer, não teriam perecido por causa do destino; mas vós quereis tudo conforme o destino, portanto não existe adivinhação alguma. E se era destino que o exército do povo romano pudessem perecer perto do lago Trasumeno, durante a Segunda Guerra Púnica, acaso isso poderia ter sido evitado, se o cônsul Flamínio tivesse obedecido a esses sinais e auspícios, os quais impediam de lutar? [Certamente poderia] Portanto, ou o exército não pereceu por causa do destino – pois os destinos não podem ser mudados – ou, se foi pelo destino (o que com certeza vós deveis assim dizer), mesmo se tivesse obedecido aos auspícios, isso igualmente aconteceria. Portanto, onde está essa tal adivinhação dos estóicos? A qual, *se tudo acontece de acordo com o destino, nada nos pode advertir para que*

⁸¹ Schofield (1986, p. 51).

sejamos mais cautelosos; pois seja qual for o modo como nós tenhamos agido, acontecerá aquilo que está destinado a ser; mas, se isso pode ser desviado, não há destino algum; assim nem mesmo há adivinhação, uma vez que ela diz respeito às coisas futuras. Mas nada que seja “determinado” acontecerá cujo acontecimento possa ser evitado por meio de alguma expiação.” (Cícero, *De divinatione*, II 20-21; grifo nosso)

Um estudo mais cuidadoso acerca das concepções estóicas no que concerne ao destino e ao determinismo nos revela que eram mais complexas do que nos são apresentadas no *De Divinatione*.

Os antigos estóicos acreditavam no destino. Porém esse destino era não um encadeamento linear de acontecimentos, mas sim um complexo conjunto de causas interconectadas.

“O destino é sempre definido em termo de uma série de causas: há um nexu causal eterno, no qual causa dá origem a causa. Dada a coerência geral de todas as coisas no universo, compreende-se melhor o destino não como seqüência linear, mas como rede de causas interativas.”⁸²

Aristóteles considera quatro tipos de causas: matéria, forma, causa motriz ou eficiente, causa final ou télos. Temos, assim, na teoria aristotélica, um esquema causal, onde há apenas uma analogia entre as causas, mas não há uma natureza comum a todas elas: “todas as causas, incluindo o télos, estão confinadas a seu contexto ‘local’. Não há nenhuma interconexão ou coordenação necessária de tudo o que acontece no universo.”⁸³

Já os estóicos focam a sua filosofia na substância, em suas propriedades e atividades, principalmente na constituição física dos corpos e suas interações. Em vez de apresentar um esquema causal análogo, os estóicos afirmam que há uma ordem mundial e uma coordenação universal, e apresentam dois princípios que a tudo permeiam na natureza: uma força ativa e racional, identificada com Zeus, um misto de

⁸² Frede, D.(2006, p. 210)

⁸³ *Ibidem*, p.204-205.

ar e fogo chamado *pneuma*; uma forma passiva de tal força, identificada com Hera, associada à água e à terra.

“Dada a unidade interna desses dois princípios, explicações teleológicas não se restringem a objetivos ou finalidades de processos específicos. *Tudo é parte de uma rede causal onipresente.*”⁸⁴ (grifo nosso)

Assim sendo, uma razão superior permeia o mundo e o governa. Os estóicos dessa maneira defendem um determinismo teleológico o qual denominam destino. Diz Frede:

“A natureza uniforme do poder ativo e passivo na ordem cósmica explica a inexistência, em contraposição a Platão e Aristóteles, de qualquer separação entre os mundos supra e sublunar. Os movimentos celestes são regidos pelos mesmos princípios que operam na terra: tudo na natureza é administrado pela razão divina suprema e, portanto, há um determinismo teleológico global que os estóicos identificam ao destino. A onipotência do princípio ativo explica a concepção estóica de uma *sympátheia* geral na natureza, uma conexão interna entre acontecimentos aparentemente disparatados. O vaticínio, isto é, o estudo dos signos e portentos divinos, é por essa razão tratado como ciência no estoicismo, em vez de o ser como superstição. Uma observação cuidadosa conduz à descoberta de certos signos dessas interconexões, mesmo se o conhecimento humano não compreende inteiramente a razão por detrás da ordem observável de todas as coisas.”⁸⁵

Assim, os seres humanos, por serem dotados de razão, são capazes de compreender, ainda que parcialmente, a ordem das coisas, tanto no nível cósmico como no individual.

Embora haja um princípio que a tudo permeia, os estóicos distinguem entidades diferentes que desempenham papéis diferentes na rede causal. O *pneûma* divino está presente em tudo, mas não da mesma forma e não confere razão e consciência a todas as coisas.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 203.

⁸⁵ *Ibidem*, p.204.

“Em organismos complexos existe, pois, um conjunto altamente diversificado de forças ‘pneumáticas’ em ação que os mantêm vivos e funcionando tanto fisiológica como mentalmente. Em razão da estabilidade relativa do estado ‘pneumático’ interior, o indivíduo constitui um microcosmos no interior da rede macrocós mica de fatores causais. Portanto, entidades individuais gozam de alguma autonomia.”⁸⁶

O fato de esse microcosmo, isto é, a composição interna de cada indivíduo, determinar como uma pessoa interage com o ambiente permite aos estóicos conciliar sua crença no destino e a noção de responsabilidade individual.

“A justificativa estóica consiste em fazer das causas internas, embora não das externas, as causas principais das ações humanas. Embora o ambiente haja sobre nós de um modo que não está em nosso poder, nossas reações ‘estão em nosso poder’, visto que dependem de nosso estado interior.”⁸⁷

Assim, não há nenhuma causa externa que determina o comportamento humano, mas o arranjo interno cria uma tendência de comportamento através de um pré-condicionamento. Diz Frede: “(...)os seres humanos são internamente condicionados pela consistência particular do pneûma interno, que constitui sua razão, inclusive seu caráter.”⁸⁸

Dessa maneira, a responsabilidade humana recai na capacidade de decidir como agir, embora o *pneûma* interno gere um padrão de comportamento esperado, mas não pré-determinado.

“Assim, a responsabilidade não depende da condição de sermos sempre capazes de agir de outro modo: depende, antes, da condição de que os seres humanos tenham ‘em si’ a capacidade de decidir como agir. A existência de um padrão de comportamento regular não diminui a nossa responsabilidade, apenas faz vir à tona um fato que, de um modo ou de outro, temos de aceitar: somos pré-

⁸⁶ *Ibidem*, p. 206.

⁸⁷ *Ibidem*, p.213.

⁸⁸ *Ibidem*, p.213.

condicionados por nossa personalidade. Isso não exclui a possibilidade de melhoras.”

89

Portanto, a força divina superior que a tudo permeia não cria um destino determinista para os homens, apenas faz parte da composição individual e cria parcialmente pré-disposições no caráter dos homens.

Há, portanto, segundo Frede, uma conciliação entre a idéia estóica de destino e responsabilidade humana.

Assim, quando Cícero condiciona a existência da adivinhação a um destino determinista, não nos parece que o orador considera as sutilezas das concepções estóicas sobre o destino. Mesmo no livro I, quando Quinto apresenta a idéia estóica de destino, o forte tom determinista é mantido:

“Por isso, me parece, como faz Possidônio, que todo poder e método de adivinhar deve ser proveniente primeiro de deus, de quem já se disse o suficiente, depois do destino, depois da natureza. Portanto, a razão obriga a concordar que tudo acontece segundo o destino. Mas eu chamo Destino o que os gregos chamam εἰμαρμένην, isto é, a ordem e a conexão das causas, quando uma causa unida à outra gera, a partir de si, um fato. Essa é a verdade eterna que sempre flui desde toda a eternidade. Sendo assim, nada aconteceu que não haveria de acontecer, e, do mesmo modo, nada acontecerá que não contenha na própria natureza suas causas eficientes. A partir disso entende-se que destino não é isso que se diz supersticiosamente, mas isso que se diz filosoficamente, a causa eterna das coisas, o por que tais coisas que se passaram aconteceram, as que são iminentes acontecem e as que se seguem acontecerão.” (Cícero, *De divinatione*, I 126)

Portanto, o ponto de vista ciceroniano não é apresentado de modo direto ao leitor moderno, para quem a obra apresenta lacunas, não somente quanto à própria forma argumentativa, que remonta a recursos retóricos da Antigüidade greco-romana,

⁸⁹ *Ibidem*, p.217.

com os quais o orador se tornou célebre na arte oratória, mas também quanto ao conteúdo e aos temas envolvidos na argumentação. Powell afirma que

“a prática Acadêmica de discutir ambos os lados de uma questão combinada com as inclinações e talentos como orador do próprio Cícero deu origem também a um tipo característico do diálogo ciceroniano, no qual os argumentos rivais são expostos em discursos opostos (geralmente terminando com a posição recomendada como a mais plausível).”⁹⁰

O presente estudo introdutório buscou fornecer ao leitor da obra *De Divinatione*, de forma breve e não exaustiva, informações a respeito da prática divinatória romana e grega, bem como a respeito da estrutura da obra. Vimos que estão presentes na obra certos recursos retóricos, provenientes da carreira pública de Cícero e que o uso de tais recursos não prejudica, nem desmerece tanto a presente obra como as demais obras filosóficas ciceronianas. A obra, produzida durante o afastamento de Cícero de suas funções públicas, foi produzida também em um período de grandes transformações na religiosidade romana, com introdução de cultos e práticas estrangeiras. Com tais transformações, a religião e as práticas divinatórias foram alvo de discussões por parte de vários autores latinos. Contudo, o *De divinatione* é a única obra a respeito do tema que chegou até nós. Assim sendo, a obra é de grande relevância àqueles que se interessam pela religião romana antiga.

⁹⁰ Powell (1995, p. 21)

Marco Túlio Cícero

Sobre a adivinhação

Livro I

1 Há uma antiga crença, originada já nos tempos heróicos⁹¹ e confirmada por consenso⁹² não só do povo romano como também de todos os povos, que algum tipo de adivinhação⁹³ existe entre os homens, a qual os gregos chamam mantikh/⁹⁴ isto é, o pressentimento e conhecimento das coisas futuras. Uma coisa magnífica e salutar, se de fato existe, pela qual a natureza mortal poderia se aproximar do poder dos deuses. Assim como formamos muitos outros nomes melhor do que os gregos, formamos o nome desta coisa excelente a partir de “deuses”; os gregos, conforme a interpretação de Platão⁹⁵, formaram-no a partir de “furor”⁹⁶.

2 Não vejo nenhum tipo de povo nem tão humano e instruído, nem tão desumano e bárbaro, que pense que as coisas futuras não são anunciadas e podem ser entendidas e preditas por certas pessoas. Desde o princípio os assírios⁹⁷, para

⁹¹ Alusão à presença de práticas divinatórias em Homero. Cf. *ND* III, 54; *Tusc.* 5,7.

⁹² Argumento muito recorrente em Cícero, um dos exemplos mais relevantes ocorre em *ND* 1, 43-44. Porém, atacado por críticos, como Cota (*ND* 1, 62; 3,11). Cf. Pease, (1963, p. 39).

⁹³ “A palavra *diuinatio* parece não ter sido usada em nenhuma obra anterior à de Cícero, mas a sua ocorrência em nossa obra não é de forma alguma seu primeiro uso, nem há razão para supor que não fosse de uso familiar antes que ele a tenha empregado.” Pease (1963, p. 39).

⁹⁴ *μαντική*/ era originalmente um adjetivo, provavelmente modificando *επιστήμη* ou *τεχνη*/; Escobar, in *de Div.* (1999, p.33); Pease (1963, p. 40).

⁹⁵ Em *Fedro* 244 b-d.

⁹⁶ A formação da palavra adivinhação (*diuinatio*) a partir de deuses (*diuis*, ablativo), seria preferível por conter um caráter mais geral, uma vez que *furor* (provavelmente a tradução do grego *μανία* ou *μελαγχολία*, como aparece em *Tusc.* 3, 11) se refere mais adequadamente à adivinhação inspirada. Cf. Varrão, *Ling. Lat.* III, frag. I; Casevitz, M. “Mantis: le vrai sens”, *Revue des Etudes Grecques*, 105, 1992, 1-18.

⁹⁷ O autor confunde assírios e babilônios. Cf. Pease (1963, p. 41).

remontar à autoridade dos povos mais remotos⁹⁸, por causa do caráter plano e da magnitude das regiões que habitavam, contemplando um céu por toda parte aberto e sereno, examinaram cuidadosamente os cursos e movimentos das estrelas e, com suas observações, transmitiram à posteridade o que significavam e para quem. Em tal nação, os caldeus, nomeados não pelo nome da arte mas do povo⁹⁹, produziram, julga-se, uma ciência a partir de uma longa observação dos astros¹⁰⁰, para que fosse possível ser predito o que acontecerá e a quem, e quem nasceu sob qual destino¹⁰¹.

Acredita-se que também os egípcios alcançaram a mesma arte após muito tempo, durante séculos quase incontáveis. Mas o povo dos cilícios, dos pisidas e a vizinha destes, a Panfília, nações que nós mesmos governamos¹⁰², acreditam que os acontecimentos futuros são anunciados por sinais muito seguros, como os vôos e os cantos das aves. **3** Na verdade, qual colônia a Grécia enviou para a Eólia, Jônia, Ásia, Sicília, Itália, sem o oráculo pítio ou dodoneu¹⁰³ ou de Amon¹⁰⁴? Ou qual guerra foi empreendida por ela sem o conselho dos deuses?

II Não existe só um modo de adivinhação praticado publicamente e particularmente. Pois, para não mencionar outros povos, o nosso quantas práticas adotou! Conta-se que no princípio Rômulo, pai desta cidade, não somente fundou a Cidade depois de tomados os auspícios, mas também ele próprio fora um ótimo

⁹⁸ Em latim, *ab ultimis auctoritatem repetam*. *Ultimis* pode se referir ao tempo ou ao espaço.

⁹⁹ Cícero faz essa ressalva porque, em certo momento, em Roma, “caldeu” era usado como sinônimo de “astrólogo”. Cf. Catão, *Agr.* V 4; *Tusc.* I, 95.

¹⁰⁰ Em latim, a posição do genitivo *siderum* causa uma ambigüidade, podendo estar ligado a *observatione* (observação dos astros) ou a *scientiam* (ciência dos astros).

¹⁰¹ Cf. Manílio, *Astr.* 1, 51-57.

¹⁰² Entre os anos 51 e 50 a.C, Cícero foi procônsul na Cilícia.

¹⁰³ Uma das fontes de informações a respeito desse oráculo é Filostrato, *Imag.* 2,33.

¹⁰⁴ Segundo Pease (1963, p. 45), o oráculo de Amon é citado apenas para completar um grupo retórico de três, pois era de difícil acesso e pouco usado no período de colonização. Sobre esse oráculo, cf. Heródoto II, 55.

áugure¹⁰⁵. Depois, também os demais reis se serviram de áugures e, depois da expulsão dos reis, nada se fazia publicamente¹⁰⁶ sem os auspícios, nem na paz nem na guerra. E parecendo existir um grande poder na doutrina dos harúspices para tomar e consultar os augúrios¹⁰⁷, como para interpretar e expiar os prodígios, aplicavam toda essa ciência proveniente da Etrúria, para que não houvesse nenhum tipo de adivinhação que parecesse negligenciado por eles¹⁰⁸.

4 E sendo dois os modos pelos quais as almas são inspiradas, sem um método racional, por seu próprio movimento livre e desimpedido, ou seja, um pelo delírio, outro pelo sonho, e julgando que a adivinhação pelo delírio está presente sobretudo nos versos sibilinos, quiseram que houvesse dez intérpretes deles escolhidos na Cidade¹⁰⁹. E, deste tipo, julgaram que deveriam ser ouvidas freqüentemente as predições inspiradas dos haríolos¹¹⁰ e também dos vates, como as de Cornélio Culéolo durante a

¹⁰⁵ Cícero utiliza o termo áugure em três sentidos: 1) adivinho (I 5; I 74; I 87-88); 2) adivinho através das aves (I 12; I 72; II 13; II 26; II 72; II 82; II 109); 3) membro do colégio dos áugures (I 29; I 36; II 77). Cf. Pease (1963, p. 47); Linderski, "The augural law" ANRW II 16.3 (1986), 2146-2312.

¹⁰⁶ Cf. *Leg.* II, 31; Tito-Lívio 1, 36, 6; 6, 41; Valério Máximo 2, 1, 1. Em *ND* 2, 9, há uma comparação da atenção dada aos auspícios na Antigüidade e nos tempos de Cícero.

¹⁰⁷ Alguns autores, como Sérvio, em *Eneida* I 398, estabelecem diferenças entre auspícios e augúrios. Os auspícios seriam apresentados ao observador sem ação de sua parte (chamados *auspicia oblativa*), já os augúrios seriam tomados por iniciativa do observador (*impetrativa*). Contudo, ambos os termos são usados, na maioria das vezes, indiscriminadamente. Cf. Escobar, in *De Div.* (1999, p.37); Pease (1963, p. 48).

¹⁰⁸ M. Tarquitiu Priscus, provavelmente contemporâneo de Varrão, parece ter traduzido os livros etruscos para o latim. Cf. Plínio, *Hist. Nat. ind. auct. lib.* 2, 11; Macróbio, *Sat.* 3, 7, 2; 3, 20, 3; Amm. Marc. 25, 2, 7.

¹⁰⁹ Os versos sibilinos eram redigidos de forma obscura e em hexâmetros gregos, por isso, exigiam o trabalho dos intérpretes, que traduziam e explicavam seu conteúdo. Cf. Pease (1963 p. 51). Os intérpretes formavam um dos colégios sacerdotais de Roma, originalmente constituído por dois membros (*duumviri sacris faciundis*), depois por dez (*decemviri*) e, nos tempos de Cícero, chegou a contar com quinze membros (*quindecimviri*). Cf. Sérvio, *Eneida*, 6, 73. Uma importante descrição dos métodos de consulta dos livros encontra-se em Vopiscus, *Aureliano*. 19, 1 a 20, 3. Cf. PARKE, H.W. *Sibyls and Sibylline Prophecy in classical antiquity*. London; New York: Routledge, 1992.

¹¹⁰ O termo haríolo possuía uma conotação pejorativa. Cf. Montero, S. "Mantica inspirada y demonologia: los harioli" *L'antiquite classique* 42 (1993), 115-129.

Guerra Otaviana¹¹¹. Nem mesmo os sonhos mais graves, se pareciam dizer respeito à república, foram negligenciados pelo supremo conselho¹¹². Além disso, em nossa época, Lúcio Júlio, que foi cônsul com Públio Rutílio refez, conforme um decreto do senado, o templo de Juno Sóspita por causa de um sonho de Cecília, filha de Baliário.¹¹³”

III5Tais coisas, como eu penso, os antigos aprovaram mais advertidos pelos eventos que instruídos pela razão. Foram, por outro lado, reunidos certos argumentos refinados dos filósofos para demonstrar por que a adivinhação seria verdadeira¹¹⁴. Destes, para falar sobre os mais antigos, Xenófanes de Colofão foi o único que, embora dizendo que os deuses existem, negou inteiramente a adivinhação; mas todos os demais, com exceção de Epicuro, que balbucia sobre a natureza dos deuses¹¹⁵, admitiram a adivinhação, porém não do mesmo modo. De fato, Sócrates e todos os socráticos, Zenão e aqueles que provieram dele, permaneceram na opinião dos antigos filósofos, com aprovação da antiga Academia e dos peripatéticos; Pitágoras já anteriormente atribuíra a ela uma grande autoridade, uma vez que ele próprio queria ser áugure; Demócrito, um autor de peso, admitiu o pressentimento das coisas futuras em várias passagens. Já Dicearco, um peripatético, suprimiu os demais tipos de adivinhação, mas deixou a pelos sonhos e pelo furor; Cratipo, amigo nosso, a quem eu

¹¹¹ Conflito ocorrido em 87 a.C. entre o cônsul Gneu Otávio, extremamente supersticioso, e Lúcio Cornélio Cina. Cf. Plutarco, *Mar.* 42; App. B.C. 1, 71; Val. Max. 1, 6, 10; Escobar, in *De Div.* (1999, p. 39). Cícero, em *ND* 2, 14, narra fenômenos funestos ocorridos nessa ocasião.

¹¹² Isto é, o senado.

¹¹³ Evento ocorrido em 90 a.C. Juno Sóspita possuía um templo mais antigo em Lanúvio, cf. Montero (1998, p. 26-27), porém, de acordo com Pease (1963, p. 53), Cícero aqui se refere ao templo localizado em Roma. Cecília Metela, filha de Quinto Cecílio Metelo Baliário, cônsul em 123 a.C., casou-se com Ápio Cláudio Pulcher, cônsul em 79 a.C., e foi mãe de P. Clódio e do áugure Ápio Cláudio Pulcher, mencionado adiante em I, 105. Obsequente cita esse evento em 55.

¹¹⁴ Semelhante ao que ocorre em *ND* I 25-41, Cícero aqui nos apresenta um catálogo de filósofos que trataram do tema da adivinhação. Sobre a adivinhação tratada pelos filósofos cf. Bouché-Leclercq (2003, p. 45-84).

¹¹⁵ Segundo Pease (1963, p. 55), Cícero aqui demonstra seu descontentamento com a doutrina de Epicuro, embora o autor pense que se trata de um preconceito adquirido através da fonte, Possidônio.

julgo igual aos maiores dentre os peripatéticos, deu crédito a estas coisas, rejeitou os tipos restantes de adivinhação.

6 Mas defendendo os estóicos quase tudo isso, o que Zenão espalhou em seus comentários como uma espécie de semente¹¹⁶, e Cleantes o fizera com um pouco mais de abundância, um homem de inteligência agudíssima veio a acrescentar-se, Crisipo, que explicou todo o pensamento acerca da adivinhação em dois livros, um primeiramente sobre oráculos, outro sobre sonhos; seguindo-o, Diógenes da Babilônia, aluno dele, publicou um livro, Antípatro dois, e cinco o nosso Possidônio. Mas até mesmo um dos nomes principais desta escola, Panécio, mestre de Possidônio, discípulo de Antípatro, se afastou dos estóicos; contudo, não ousou negar que há a capacidade de adivinhação, mas dizia duvidar. Aquilo que em parte foi permitido àquele famoso estóico fazer, contrariando totalmente os estóicos, não será concedido a nós pelos estóicos que façamos nas demais coisas, principalmente quando isso que não está claro para Panécio parece aos demais da mesma escola mais claro que a luz do sol? **7** Mas certamente esse mérito da Academia foi sancionado pelo juízo e testemunho deste excelente filósofo¹¹⁷.

IV Com efeito, uma vez que muito discorreu Carnéades contra os estóicos de forma aguda e eloqüente, parece que nós mesmos, que estamos indagando o que se deve julgar sobre a adivinhação e que tememos aprovar precipitadamente ou alguma coisa falsa ou não suficientemente conhecida, devemos comparar cuidadosamente argumento com argumento muitíssimas vezes, como fizemos nos três livros sobre a natureza dos deuses. Pois, se em todos os casos é torpe a leviandade em dar seu assentimento e o erro, assim o é principalmente neste assunto em que se deve discutir que importância devemos atribuir aos auspícios, às coisas divinas e à religião, porque há o perigo de nos comprometermos com uma fraude ímpia, se ignoramos tudo isso, ou de uma superstição de anciã, se o aceitamos.

¹¹⁶ Cícero aqui pode fazer alusão à obra de Zenão, conforme nos diz Diógenes Laércio VII 4, que pode ter tratado a questão da adivinhação. Cf. Pease (1963, p. 60)

¹¹⁷ Cícero quer dizer aqui que uma atitude típica da Nova Academia, submeter o assunto em questão à dúvida, já havia sido utilizada, e por isso legitimada, por Panécio.

V8 Acerca de tais coisas já se discutiu muitas vezes em outras ocasiões e, recentemente, com um pouco mais de cuidado, quando estive com meu irmão Quinto na minha vila em Túsculo. Pois, quando fomos ao Liceu (este é o nome da parte superior do ginásio¹¹⁸) para caminhar, ele disse: “há pouco tempo, li todo o teu terceiro livro sobre a natureza dos deuses, em que a discussão de Cota, ainda que tenha abalado a minha opinião, não a destruiu inteiramente.”

“Muitíssimo bem,” eu disse, “pois o próprio Cota assim discute mais a fim de refutar os argumentos dos estóicos que destruir a religião dos homens.”

Então Quinto disse: “Certamente Cota diz isso e, de fato, muito freqüentemente, acredito, para que não pareça infringir as leis comuns; mas no empenho de discutir contra os estóicos, parece-me suprimir inteiramente os deuses. **9** Seguramente, não sinto necessidade de responder algo ao raciocínio dele; pois há no segundo livro uma suficiente defesa da religião por parte de Lucílio, cujo discurso a ti próprio, como escreves no final do terceiro livro, pareceu mais próximo da verdade. Mas o que se omitiu naqueles livros (acredito que porque julgaste ser mais conveniente que fosse investigado e debatido separadamente) foi a adivinhação, que é a predição e o pressentimento daquelas coisas que se julgam serem fortuitas¹¹⁹. Se te agrada, vejamos que valor isso tem e qual é a sua natureza. Pois, quanto a mim, penso assim: se realmente existirem as espécies de adivinhação que nos foram transmitidas e que praticamos, os deuses existem, e, por sua vez, se os deuses existem, há aqueles que adivinham.”

VI 10 E eu disse: “Tu, Quinto, realmente defendes a fortaleza dos estóicos, se, de fato, essas coisas são assim recíprocas, de tal forma que, se a adivinhação existe, existem os deuses e, se os deuses existem, existe a adivinhação. Admitir de imediato uma e outra dessas afirmações não é tão fácil como tu pensas. Pois o futuro pode ser

¹¹⁸ A parte de baixo era denominada “Academia”.

¹¹⁹ O tema da adivinhação é tratado brevemente no *De Natura Deorum* II 3-5.

anunciado pela natureza, sem deus, e, caso os deuses existam, pode acontecer que nenhuma adivinhação tenha sido concedida por eles ao gênero humano”.

Então ele disse: “Eu realmente tenho argumentos o suficiente tanto de que os deuses existem como de que eles se ocupam dos assuntos humanos, porque julgo existirem tipos de adivinhação claros e evidentes. Se te agrada, vou expor sobre tais tipos o que, pessoalmente, penso, contanto que estejas com a mente desocupada e que não tenhas outra coisa que julgues preferível a esta conversa”.

11 Respondi: “Eu realmente sempre estou livre para a filosofia, Quinto; mas neste momento, não havendo outra coisa que eu possa fazer com prazer, desejo ainda mais ouvir o que pensas sobre a adivinhação¹²⁰”.

E ele: “Com certeza eu mesmo não penso nada de novo nem algo além dos demais; pois sigo não apenas uma sabedoria que é antiqüíssima, mas principalmente que é comprovada pelo consenso de todos os povos e nações. De fato, há dois tipos de adivinhação, dos quais um é artificial, o outro é natural. **12**Ora, qual é o povo, qual é a nação que não é movida pela predição dos harúspices ou dos que interpretam prodígios ou raios, dos áugures, dos astrólogos, das sortes (estas são inteiramente artificiais) ou dos sonhos e vaticínios (acredita-se que essas duas são naturais)? Na verdade, julgo ser mais necessário investigar os acontecimentos de tais coisas do que suas causas. Há, de fato, uma força natural que prenuncia o futuro, quer tendo-se observado por um longo tempo a interpretação dos sinais, quer por uma espécie de inspiração e sopro divino.

VII Por isso, que Carnéades deixe de insistir, o que também fazia Panécio investigando se Júpiter ordenou que a gralha cantasse da esquerda e o corvo da direita. Tais coisas foram observadas por um imenso tempo e percebidas e registradas como sinais dos eventos. Ora, não há nada que a imensidão do tempo não possa fazer e alcançar através da preservação da memória e da transmissão dos registros. **13**É fácil admirar os tipos de plantas que receberam a atenção dos médicos, os tipos de raízes para mordida de animais, para doença dos olhos, para feridas, cuja eficácia

¹²⁰ Devido à ditadura de César, Cícero é afastado das tarefas públicas e, então, passa a se dedicar à produção de obras filosóficas.

natural a razão nunca explicou; por sua utilidade, tanto essa arte quanto seu descobridor receberam aprovação.

Vamos, vejamos as coisas que, embora sejam de outro gênero, são entretanto muito semelhantes à adivinhação¹²¹:

E até o mar encapelado prenuncia muitas vezes
ventos futuros, quando intumesce de repente desde as profundezas
e os rochedos brancos espumados pelo líquido níveo de sal
empenham-se em fazer retornar a Netuno vozes entristecedoras
ou quando o denso estridor surgido do elevado vértice da montanha,
aumenta ao ser repellido pela sebe dos rochedos.

VIII “E os teus *Prognósticos* estão cheios destes pressentimentos dos fatos. Portanto, quem pode deduzir as causas dos pressentimentos? Ainda que eu veja que o estóico Boeto se esforçou, ele que até agora fez algo para explicar a razão de tais fenômenos que podem acontecer no mar e no céu. **14** Mas quem diria de forma convincente por que acontecem estas coisas?:

Do mesmo modo que a rouca gaivota, fugindo do abismo do mar gritando
anuncia a iminência de horríveis tempestades
proferindo cantos irregulares da garganta trêmula.
E freqüentemente do peito uma canção muito triste canta
a ave¹²² e insiste com vozes matutinas, insiste
com vozes e da boca lança assíduas queixas, assim que a
aurora pela primeira vez despede os gélidos orvalhos. E a escura
gralha que às vezes percorrendo as praias

¹²¹ Estes versos e os dos parágrafos seguintes (14 e 15) são provenientes da tradução de Cícero do poema *Fenômenos*, de Arato.

¹²² Optamos em traduzir por “ave”, simplesmente, o termo latino *acredula* (que é usado somente aqui), mas seu sentido é incerto. A tradução de W. A. Falconer (Loeb) traz “rouxinol”, porém outros traduzem por “coruja”, “pomba”, etc. Já A. Escobar (Gredos), traduz por “rã”.

mergulha a cabeça e recebe a onda no pescoço.

IX15 Vemos estes sinais quase nunca desmentidos e, no entanto, não compreendemos por que acontece assim.

Também vós vedes os sinais, ó crias da água doce,
quando com clamor vos preparais para proferir vozes vãs
e com ruído desagradável agitais fontes e águas estagnadas.

Quem é que poderia suspeitar que as rãs vêm isso? Mas há nas rãs um certo poder natural que prenuncia algo e que por si mesmo é suficientemente seguro, mas ao entendimento humano é bastante obscuro.

E os bois de pés tranqüilos olhando os lumes do céu
Sorveram com as narinas o líquido umífero do ar.

Não pergunto por que, uma vez que entendo o que está acontecendo.

E até o sempre verde e carregado lentisco,
Acostumado a desenvolver frutos tríplexes,
Mostra três épocas de arar produzindo frutos três vezes.

16 Nem mesmo isto eu pergunto: por que esta árvore única floresce três vezes ou por que indica a época certa para arar com o sinal das flores. Estou satisfeito com isto: ainda que ignore por que cada coisa aconteça, percebo o que está acontecendo. Portanto responderei a favor de toda a adivinhação o mesmo que para essas coisas que mencionei.

X “Vejo que a raiz da escamônea serve para purgar, que a aristoloquia (cujo nome se originou de seu descobridor e o descobridor obteve a coisa em si num sonho) serve para mordidas de serpentes, o que é suficiente; por que tem esse poder eu não sei. Assim, não compreendo suficientemente que método há nos sinais de ventos e de chuvas que mencionei; o seu poder e sua manifestação admito, sei e reconheço-lhe a validade. Do mesmo modo, percebo o que uma abertura nas vísceras ou um lóbulo pode significar, qual a causa, não sei¹²³. E a vida está cheia disso, pois quase todos fazem uso das vísceras. O quê? Acaso podemos duvidar do poder dos raios? Enquanto muitas outras coisas são admiráveis, esta não o será em primeiro lugar? Quando Sumano foi atingido por um raio no cume do templo de Júpiter Ótimo Máximo, que então era feito de barro, não tendo sido encontrada a cabeça desta estátua em lugar algum, os harúspices disseram que ela fora lançada ao Tibre; e ela foi encontrada no lugar indicado pelos harúspices.

XI17 Mas qual autor ou testemunha eu citaria de preferência a ti? De quem até decorei os versos, e na verdade de bom grado, que a Musa Urânia pronuncia no segundo livro sobre o consulado¹²⁴:

No princípio, Júpiter, inflamado pelo fogo etéreo,
volta-se e com sua luz ilumina o mundo inteiro,
busca atingir o céu e as terras com a mente divina

¹²³ Referência à haruspicina, exame das entranhas, sobretudo o fígado, com fins divinatórios.

¹²⁴ Trata-se do poema autobiográfico *De consulatu suo*, originalmente composto por três livros. Nele, Cícero elogia seus feitos durante seu consulado, principalmente quanto à luta contra Catilina.

que, cercada e encerrada nas cavidades do éter eterno,
retém profundamente os sentidos e as vidas dos homens.

E, se desejares conhecer os movimentos e as órbitas errantes das estrelas
que se localizam na faixa dos signos¹²⁵

(que, segundo o termo e as palavras errôneas dos gregos, vagam,¹²⁶

na verdade transitam por um curso e espaço determinados),

logo compreenderás que tudo é marcado pela mente divina.

18 Pois tu mesmo, pela primeira vez sob teu consulado,

o movimento inconstante dos astros e a grave conjunção das estrelas
reluzentes pelo brilho,

quando purificaste as colinas nevadas no monte Albano

e ofereceste leite abundante às Férias Latinas¹²⁷,

viste, além de cometas trêmulos de claro brilho;

e julgaste que muitas coisas se perturbavam com massacre noturno,

pois que as Férias Latinas quase caíram numa época sinistra

em que a Lua, obscurecido o seu brilho, escondeu a sua clara forma

e subitamente foi aniquilada pela noite estrelada¹²⁸.

E o que dizer da tocha de Febo, da guerra funesta anunciadora¹²⁹,

¹²⁵ Isto é, o zodíaco.

¹²⁶ Referência ao termo grego *plá/nhtej*.

¹²⁷ As Férias Latinas não possuíam data fixa, eram celebradas entre os meses de janeiro e março por três ou quatro dias, no monte Albano em honra de *Iuppiter Latiaris*.

¹²⁸ Referência a um eclipse lunar.

¹²⁹ Mantivemos, dessa forma, a ambigüidade presente no verso original (*tristis nuntia belli*): *tristis* pode estar no genitivo e modificar *belli* ou no nominativo, modificando *nuntia*.

que subia veloz para o zênite com brilho flamejante
buscando a região do céu poente e a morte?
Ou quando um cidadão, atingido por um terrível raio
com tempo sereno, abandonou os lumes vitais?
Ou quando, por seu corpo pesado, a Terra se estremeceu?
Então variadas, vistas à noite, imagens terríveis advertiam guerra e agitações,
e vates com peito cheio de furor propagavam
pelas terras muitas profecias ameaçadoras de um triste infortúnio,
19e isso, que após longo lapso de tempo finalmente aconteceu,
confirmando com sinais contínuos e claros que ocorreria,
o próprio pai dos deuses anunciava para o céu e as terras.

XII Agora todas essas coisas predeterminadas que o harúspice
lídio do povo tirreno revelara, quando Torquato e Cota eram cônsules,
reunindo-as, teu consulado leva a termo.

Pois o pai altitonante, apoiado no estrelado Olimpo,
outrora atingiu as suas próprias colinas e templos
e lançou fogos em sua sede no Capitólio.

Então a antiga e honrada imagem de bronze de Nata
caiu, desapareceram as leis de antiga sacralidade
e o ardor de um raio destruiu a estátua dos deuses.

20Aqui estava a silvestre nutriz do povo romano,
a marcial, que regava os pequenos nascidos da semente de Mavorte
com o orvalho vital das mamas carregadas;

ela, com as crianças, pelo golpe inflamado do raio, tombou
e, arrancada, deixou os rastros das patas.
Então quem, revolvendo os escritos e registros da arte,
não tirava vozes sombrias dos livros etruscos?
Todos aconselhavam a evitar a imensa desgraça e ruína
vinda de um cidadão de família nobre¹³⁰
ou mostravam a destruição das leis com constante voz,
mandavam, então, livrar das chamas os templos dos deuses e a cidade
e temer uma horrível matança e carnificina¹³¹;
e isso se manteria fixado e determinado por um grave fado
a não ser que antes uma sagrada imagem de Júpiter, modelada com beleza,
junto à elevada coluna, olhasse para o claro nascer dos astros;
então poderia acontecer que o povo e o respeitável senado
percebessem os empreendimentos ocultos,
se ela, voltada para o nascer do Sol,
dali visse as sedes dos pais e do povo.
21Esta imagem durante muito tempo tardou e muito demorou,
no teu consulado finalmente foi colocada na elevada sede
e no exato momento de um tempo preestabelecido e marcado,
Júpiter da elevada coluna iluminava os cetros
e a ruína da pátria, com espada e chama preparada,

¹³⁰ Referência a Catilina, que era de família patrícia.

¹³¹ Segundo testemunham Cícero e Salústio, Catilina e os demais conspiradores pretendiam incendiar Roma e matar os magistrados e senadores.

estava exposta aos pais e ao povo pelas vozes dos Alóbroges.

XIII Religiosamente, portanto, os antigos, cujas lembranças conservais,
que governavam os povos e as cidades com moderação e virtude,
religiosamente também os vossos, cuja piedade e boa-fé
se destacaram e cuja sabedoria de longe venceu a todos,
sobretudo honraram os divos de vigoroso nome.

Isto tão profundamente viram com cuidado sagaz
os que empregaram alegres o ócio com seus nobres estudos

22e na umbrífera Academia e no luminoso Liceu
difundiram ilustres artes de seu peito fecundo.

Dos quais saído já na primeira flor da juventude,
a pátria te colocou em meio ao peso das virtudes.

Entretanto, com um repouso tu te livras de preocupações atormentadoras:
o tempo que a pátria te permite, tu tens consagrado ao estudo e a nós.

Portanto, poderás tu querer falar contra tais coisas que eu sustento sobre a adivinhação, tu que não só fizeste o que fizeste, como também isto que recitei e com o maior cuidado escreveste?

23O quê? Questionas, Carnéades, por que isto acontece assim ou por qual arte pode ser compreendido? Confesso que não sei, porém digo que tu mesmo vês acontecer. “Obra do acaso”, dizes. Será que é mesmo isso? Pode ser obra do acaso algo que tenha em si todos os indícios da verdade? Quatro dados lançados ao acaso formam um lance de Vênus¹³²; também cem lances de Vênus, se tiveres lançado quatrocentos dados, achas que há de ser acaso? Cores aspergidas ao acaso num

¹³² O lance de Vênus ocorria quando os quatro dados lançados ao mesmo tempo mostravam números diferentes e era o mais favorável.

quadro podem produzir as feições do rosto; porventura achas que a beleza da Vênus de Cós pode ser produzida por uma aspensão fortuita¹³³? Se uma porca traçar a letra A no chão com o focinho, acaso poderás imaginar por causa disso que a Andrômaca de Ênio possa ser escrita por ela? Carnéades supunha que nas pedreiras de Quios, ao se talhar uma pedra, surgiu a cabeça de um pequeno Pã, imagino alguma figura parecida, mas certamente não igual a que dirias que foi feita por Escopas.¹³⁴ Pois certamente as coisas são de tal maneira que jamais o acaso imita a verdade com perfeição.

XIV24 “Mas, às vezes, essas coisas que foram preditas não acontecem”. Afinal, qual arte não é assim? Falo dessas artes que se baseiam em conjecturas e em opiniões. Porventura a medicina não deve ser considerada uma arte? Entretanto muitas coisas a induzem a erro. O quê? Porventura os timoneiros não são induzidos a erro? Porventura os exércitos dos aqueus e os pilotos de tão numerosos navios não partiram assim de Tróia, “felizes com a partida, observavam a brincadeira dos peixes”, “e a saciedade de ver não podia contê-los”, como disse Pacúvio?

Enquanto isso, já perto do sol poente, o mar se encrespa,
As trevas se multiplicam e a escuridão da noite e das nuvens cega.

Acaso, então, o naufrágio de tantos ilustríssimos reis e comandantes pôs por terra a arte de navegar? Ou porventura o conhecimento dos generais não é nada, porque recentemente um dos maiores generais fugiu depois de perder o exército¹³⁵? Ou a razão e a prudência na administração da República nada significam porque Gneu Pompeu errou em muitas coisas, Marco Catão em certas coisas e até tu mesmo em algumas? É semelhante a resposta dos harúspices e toda a adivinhação fundamentada em opinião, pois se apóia em conjecturas, além das quais não pode avançar. **25** Ela talvez falhe algumas vezes, mas se dirige à verdade muitíssimas vezes, pois foi consultada desde sempre; acontecendo algo quase infinitamente do mesmo modo

¹³³ Obra de Apeles (s. IV), encontrava-se no templo de Asclépio em Cós.

¹³⁴ Célebre escultor da escola ática no séc. IV a. C.

¹³⁵ Gneu Pompeu foi derrotado por César em Farsália, em 48 a.C.

precedido pelos mesmos sinais, tal arte se constituiu observando e anotando freqüentemente os mesmos fenômenos.

XV Vossos auspícios, realmente, são tão certos¹³⁶! De fato agora são ignorados pelos áugures romanos (se me permites dizer isso), mas são conservados pelos cilicianos, panfilienses, pissidas e lícios. **26** Pois para que devo mencionar nosso hóspede, um ilustríssimo e excelente homem, o rei Dejótaro, que nunca faz nada sem antes ter tomado os auspícios? Tendo ele voltado de uma certa viagem programada e decidida, advertido pelo vôo de uma águia, o quarto onde ele deveria permanecer, se tivesse continuado, desmoronou na noite seguinte. **27** E assim, como eu ouvia dele mesmo, muitíssimas vezes voltou para trás, tendo já avançado muitos dias de viagem. Sobre ele, certamente é muito conhecido isto: mesmo depois que foi despojado por César da tetrarquia, do reino e também do seu dinheiro, diz que não se arrepende dos auspícios favoráveis que ocorreram a ele quando partia até Pompeu; pois diz que a autoridade do senado, a liberdade do povo romano e também a dignidade do seu poder foram defendidas pelas suas armas e que as aves lhe deram bons auspícios e, sob seu influxo, tinha cumprido seu dever e seu compromisso, pois para ele a glória vinha antes de seus bens. Portanto, ele me parece ser um verdadeiro águre.

28 De fato nossos magistrados utilizam os auspícios forçados; pois é necessário que, ao se oferecer uma comida, um pedaço caia do bico do frango enquanto come. Mas o que tendes escrito, isto é, que ocorre um *tripudium* se um pouco dela cair no chão, também a este que mencionei ser forçado vós chamais de *tripudium solistimum*¹³⁷. E assim, muitos augúrios, muitos auspícios, como o famoso e sábio Catão lamentava, foram totalmente perdidos e esquecidos pela negligência do colégio.

XVI Outrora, quase nenhum empreendimento importante se fazia, nem mesmo em particular, sem se ter tomado os auspícios, o que ainda agora os áuspices dos casamentos demonstram, eles que, deixada de lado a prática em si, conservam

¹³⁶ Cícero era membro oficial do colégio dos áugures.

¹³⁷ *Sollistimum* é o termo técnico do tipo mais favorável de *tripudium*, que ocorre quando a ave se alimenta de tal forma que pedaços de comida caíam de seu bico. Era um método divinatório fácil de ser manipulado, pois bastava interromper a alimentação das aves antes de observá-las! Cf. Pease, *op. cit.* p. 131-132; Wardle, *op. cit.* P. 176. Cícero oferece uma etimologia do termo *tripudium* em II 72.

somente o nome¹³⁸. Pois, como agora em ocasiões importantes se costuma consultar os augúrios através das entranhas (ainda que esse mesmo tipo seja hoje bem menos utilizado que antigamente), naquela época isso era feito através das aves. E assim, enquanto não buscamos auspícios favoráveis, incorremos em mau agouro e em irregularidade. **29** Como no caso de Públio Cláudio, filho de Ápio Cego, e seu colega Lúcio Júnio, que perderam tropas enormes, tendo navegado com mau agouro. O que aconteceu do mesmo modo a Agamênon; tendo os aqueus começado¹³⁹

Entre si a murmurar e abertamente a menosprezar a arte dos harúspices ordena deixar o porto com rumor favorável e com a ave contrariada.

Mas para que coisas antigas? O que aconteceu a Marco Crasso, estamos vendo, tendo ele negligenciado o anúncio dos maus presságios. Quanto a isso, Ápio, teu colega, bom áugure, como costume ouvir de ti, quando era censor condenou de forma não muito sábia Gneu Ateio, um homem de bem e um cidadão distinto, porque o acusava de ter forjado auspícios. Que seja; isto teria sido próprio do censor, se julgava que ele forjou; mas não foi nem um pouco próprio de um áugure o que escreveu: teria sido por isso que o povo romano sofrera o maior dos desastres. Pois se essa foi a causa do desastre, a culpa não é de quem a previu, mas de quem não obedeceu. Que a previsão era verdadeira, como disse o próprio áugure e censor, os acontecimentos o comprovaram; se fosse falsa, não poderia atribuir nenhuma causa à desgraça. Pois os maus presságios, assim como os demais auspícios, como os *omina*¹⁴⁰ e os sinais, não trazem as causas para que algo aconteça, mas anunciam as coisas que vão acontecer, se não se tomarem as providências necessárias. **30**Portanto, a previsão de Ateio não

¹³⁸ Em uma determinada época, em Roma, um áugure era solicitado para tomar os auspícios na manhã do dia do casamento. A figura desse áugure, *auspex nuptiarum*, foi substituída por amigos do casal, que não realizavam a observação das aves, embora tivessem mantido a sua nomenclatura. Cf. Wardle, *op. cit.* P. 177.

¹³⁹ Os versos seguintes são de Pacúvio.

¹⁴⁰ *Omen* é o presságio que se escuta e cuja interpretação interessa ao indivíduo e à vida diária. É dito por uma pessoa ao acaso, mas pode conter uma mensagem divina que só o sujeito a quem se destina saberia interpretar.

produziu a causa da desgraça, mas com o sinal apresentado advertiu Crasso a respeito do que haveria de acontecer se não tomasse cuidado. Assim, ou aquela previsão não tinha valor algum, ou, se tinha, como Ápio pensa, teve valor como sendo um erro não de quem advertiu, mas daquele que não deu crédito.

XVII O quê? Esse vosso *lituus*, que é uma insígnia muito ilustre dos áugures, de onde chegou até vós? É certo que foi com ele que Rômulo traçou os limites com linhas retas quando fundou a cidade. De fato, o *lituus* de Rômulo (isto é, um bastão curvo e ligeiramente arqueado na extremidade, cujo nome surgiu da semelhança com a trombeta que se toca), estando situado na cúria dos Sálios, no Palatino, que pegou fogo, foi encontrado intacto. **31**O quê? Quem, dentre os antigos escritores, não fala da demarcação das regiões feita através de um *lituus* por Ato Návio muitos anos depois de Rômulo, quando Tarquínio Prisco reinava? Dizem que quando ele perdeu uma das porcas que alimentava quando era menino, porque era pobre, fez uma promessa de que, se a recuperasse, daria ao deus uma uva, a maior que houvesse no vinhedo; e assim, encontrada a porca, dizem que parou no meio do vinhedo, dirigindo o olhar para o sul, e dividiu-o em quatro partes¹⁴¹ e, tendo as aves recusado três delas, na quarta parte que tinha sobrado, sendo distribuída em regiões, encontrou uma uva de tamanho extraordinário, como vemos escrito.

Quando a notícia do feito se espalhou e todos os vizinhos levavam seus assuntos até ele, obteve uma grande reputação e glória. **32**A partir disso, o rei Prisco o chamou para junto de si. Testando seu conhecimento augural, disse-lhe que pensava uma certa coisa e perguntou se isso poderia ser feito. Ele, depois de tomar os auspícios, respondeu que sim. Porém Tarquínio disse que tinha pensado se uma rocha poderia ser cortada por uma navalha. Então mandou Ato tentar. Assim, segundo dizem, a rocha trazida até a assembléia, sob os olhares do rei e também do povo, foi cortada por uma navalha. Depois disso, Tarquínio se serviu do áugure Ato Návio e o povo levava seus problemas até ele. **33** Mas sabemos que aquela rocha e a navalha foram enterradas na assembléia e em cima foi colocado um poço.

¹⁴¹ O ritual augural consistia na divisão do espaço celeste em, geralmente, quatro partes. Dependendo da região em que uma observação era feita, a interpretação era diferente. Cf. Pease, *op. cit.*, p. 145 e Bouché-Leclercq, *op. cit.* p. 948-956.

Neguemos tudo, queimemos os anais, digamos que essas coisas foram inventadas, admitamos, por fim, qualquer coisa de preferência a que os deuses se interessam pelas coisas humanas. O quê? O que está escrito na tua obra sobre Tibério Graco acaso não comprova a ciência dos áugures e também dos harúspices? Ele que, imprudente, tendo marcado o lugar para colocar a tenda com mau agouro, pois havia atravessado o *pomoerium*¹⁴² sem tomar os auspícios, presidiu aos comícios para a eleição dos cônsules. O fato é conhecido e por ti mesmo foi registrado nos teus escritos. Mas Tibério Graco, ele próprio áugure, confirmou a autoridade dos auspícios com a confissão de sua falta, e grande autoridade foi dada à ciência dos harúspices, que logo depois das eleições entraram no senado e disseram que o presidente não havia sido justo.

XVIII34 Portanto, concordo com os que disseram que há dois tipos de adivinhação, um que compartilha a natureza de uma arte e outro que carece de arte. Pois há uma arte nos homens que pela conjectura investigam coisas novas e aprenderam as antigas pela observação. Mas carecem de arte os que pressentem os acontecimentos futuros não pela razão ou por conjectura após se observarem e anotarem os sinais, mas por uma certa excitação forte da alma ou por um movimento livre e desimpedido, o que acontece freqüentemente aos que sonham e às vezes aos que vaticinam pelo furor, como Bácsis da Beócia, Epimênides de Creta e a Sibila da Eritrêia. De tal tipo devem ser considerados os oráculos, não estes que são tomados por sortes igualadas, mas aqueles que são proferidos por inspiração e sopro divino; contudo, a própria sorte não deve ser desprezada, se possui a autoridade dos antigos, como são essas sortes que nos dizem que saem da terra¹⁴³; entretanto as sortes tiradas que se adaptam perfeitamente aos fatos, acredito que possam resultar de inspiração divina. Os intérpretes de todas essas coisas, como os gramáticos e os poetas, parecem se aproximar muito da adivinhação daqueles que eles interpretam.

35Portanto, que artimanha é essa que, caluniando, quer acabar com crenças corroboradas pelos séculos? “Não descubro a causa”. Talvez se esconda na

¹⁴² O *pomoerium* era o perímetro sagrado da cidade.

¹⁴³ Provável referência ao templo oracular da deusa Fortuna, em Preneste.

obscuridade emaranhada da natureza, pois deus não quis que eu soubesse dessas coisas, mas quis tão somente que as utilizasse. Portanto, que eu utilize e não seja convencido de que toda a Etrúria delira a respeito das entranhas ou de que esse mesmo povo erra em relação aos raios ou que interpreta os prodígios enganosamente, quando muitíssimas vezes um estrondo na terra, um ruído, um tremor predisseram muitas coisas graves e verdadeiras para nossa república e para as demais nações. **36** Esse parto de uma mula, que é objeto de zombaria, acaso não deu origem à predição pelos harúspices de um incrível parto de males, porque um feto surgiu em uma natureza estéril?¹⁴⁴

O quê? Acaso Tibério Graco, filho de Públio, que foi cônsul duas vezes e censor, e igualmente foi não só um áugure muito ilustre como também um homem sábio e um cidadão notável, quando capturou duas serpentes em sua casa, não chamou os harúspices, como deixou escrito Caio Graco, seu filho? Tendo eles respondido que, se soltasse o macho, sua esposa morreria em pouco tempo, se soltasse a fêmea, ele próprio morreria, julgou que seria mais justo ele mesmo morrer já em idade avançada do que a filha adolescente de Públio Africano; ele soltou a fêmea e poucos dias depois morreu.

XIX Zombemos dos harúspices, digamos que são vãos e fúteis, desprezemos a ciência deles, que não só um homem de grande sabedoria como também o desfecho e os fatos comprovaram, desprezemos até mesmo os babilônios e esses que, observando os sinais do céu desde o Cáucaso, descrevem o movimento das estrelas com números. Acusemos, sim, de estupidez, de futilidade ou de atrevimento, estes que, como eles mesmos dizem, conservam registros que abarcam quatrocentos e setenta mil anos, e julguemos que mentem e que não temem o julgamento dos séculos por virem que se fará sobre eles próprios. **37** Vamos, bárbaros vãos e enganadores: acaso até mesmo a história dos gregos mentiu?

Falando da adivinhação natural, quem ignora o que o Apolo Pítio respondeu a Creso, aos atenienses, aos lacedemônios, aos tageatas, aos argivos e aos coríntios? Crisipo reuniu inúmeros oráculos, nenhum sem uma autoridade de peso ou

¹⁴⁴ Cf. Obsequente, 65.

testemunha; o que deixo de lado, pois já te são conhecidos; defendo só isto: nunca aquele oráculo de Delfos teria sido tão célebre e tão ilustre nem cheio de tantas oferendas de todos os povos e reis, se todas as épocas não tivessem experimentado a verdade daqueles oráculos. O que já não faz há muito tempo. **38**Portanto, como agora possui uma glória menor, pois a verdade dos oráculos se evidencia menos, então assim não seria se não tivesse havido extrema verdade durante tamanha glória. Porém, aquele poder da terra que excitava a mente da Pítia por um sopro divino pode ter perdido a força com o tempo, como vemos certos rios que perderam a força e se exauriram ou foram virados e desviados para outro curso. Mas seja como quiseses, pois a questão é polêmica, contanto que permaneça o que não pode ser negado, a não ser que pervertamos toda a história: que por muitos séculos este oráculo foi veraz.

XX39 Mas deixemos os oráculos, vamos aos sonhos. Discorrendo acerca deles, Crisipo, reunindo muitos sonhos insignificantes, faz igual a Antípatro investigando os sonhos explicados pela interpretação de Antifonte, que mostra, na verdade, a sutileza do intérprete, mas teria sido adequado utilizar exemplos mais grandiosos. A mãe de Dioniso, o que foi tirano de Siracusa, (como está escrito na obra de Filisto, um homem douto, dedicado e também contemporâneo), quando estava grávida carregando esse mesmo Dioniso no ventre, sonhou que tinha dado à luz um pequeno sátiro. Os intérpretes de prodígios, que então eram chamados de *galeotes* na Sicília, responderam, de acordo com Filisto, que quem ela desse à luz seria um homem ilustríssimo para a Grécia e com uma sorte duradoura. **40**Acaso te reconduzo às fábulas de nossos poetas ou dos gregos? Pois em Ênio narra aquela Vestal¹⁴⁵:

Despertada, quando a velha, de membros trêmulos, trouxe o lume,

relembra tais coisas chorando, atemorizada por um sonho:

“Filha de Eurídice, que nosso pai amou,

as forças e a vida agora abandonam todo o meu corpo.

¹⁴⁵ Cf. *Annales*, 1, 34-51.

Pois um homem belo parecia me arrastar
por salgueirais agradáveis, ribanceiras e lugares desconhecidos;
assim, depois, sozinha, irmã, parecia que eu vagava
e, lenta, seguia teus rastros e te buscava e não podia
te alcançar com o coração; nenhum caminho sustentava meu pé.
41 Em seguida, parecia dirigir-se a mim o nosso pai
com estas palavras: “Ó filha, antes as aflições devem te alcançar,
depois, a sorte se levantará do rio”.
tendo o pai dito essas coisas, irmã, foi embora de repente,
e nem se mostrou, embora desejasse com o coração,
ainda que eu estendesse as mãos aos templos
cerúleos do céu chorando e chamasse com voz suave.
Com dificuldade, o sono me deixou com meu coração aflito”.

XXI 42 Essas coisas, ainda que tenham sido inventadas pelo poeta, não faltam na linguagem habitual dos sonhos. Que seja fictício também aquele sonho que perturbou Príamo, porque¹⁴⁶

A mãe grávida, Hécuba, se viu em sonho
parindo uma tocha acesa;
depois do sonho, o pai, o próprio rei Príamo,
perturbado pelo medo na alma, tomado por preocupações angustiantes,
sacrificava vítimas que balem.

¹⁴⁶ Os versos que seguem costumam ser atribuídos ao *Alexander*, de Ênio. Cf. Pease, *op.cit.*, p. 167.

Então pede a interpretação do sonho, buscando a paz,
suplicando a Apolo que o instruisse
sobre como desviar tamanhas sortes dos sonhos.
Ali do oráculo, com uma voz divina revelou
Apolo que se abstinésse de erguer o menino¹⁴⁷
que primeiro nascesse de Príamo depois disso,
pois ele seria a ruína de Tróia, a desgraça para Pérgamo.

43Sejam essas coisas, como disse, sonhos de fábulas, e junte-se a isso até o sonho de Enéias que nos anais gregos do nosso Fábio Pictor se encontra de tal forma que tudo o que foi feito por Enéias e que lhe aconteceu foram as coisas vistas por ele durante o repouso.

XXII Mas vejamos exemplos mais próximos. De que modo é o sonho de Tarquínio Soberbo, sobre o qual ele próprio fala no *Bruto* de Ácio?

44 uma vez que entreguei o corpo ao repouso, ao cair da noite,
aplacando os membros cansados com um sono profundo,
apareceu em sonhos um pastor se aproximando de mim
com um rebanho lanígero de exímia beleza;
dois carneiros consangüíneos dali foram escolhidos
e o mais belo foi imolado por mim;
então seu irmão forcejava com os chifres
para me ferir e com o golpe fui atirado ao chão;
depois, prostrado na terra, gravemente ferido,

¹⁴⁷ O gesto de erguer a criança (*tollere filium*) significa que o pai a reconhece e tem a intenção de criá-la. Aqui, trata-se de Páris.

olhando para o céu a observar um acontecimento grandioso
e extraordinário: à direita o orbe brilhante e
radiante do sol clareava por um curso novo.

45 Vejamos, então, que interpretação foi feita deste sonho pelos adivinhos:

Ó rei, aquilo que em vida os homens praticam, pensam, cuidam, vêem,
e aquilo que dizem e fazem vigilantes, se acontecem a alguém em sonho,
é menos admirável; mas em tão grave circunstância as visões não se oferecem
ao acaso.

por isso, cuida que aquele a quem tu consideras fraco como o rebanho
não traga um peito especialmente munido de sabedoria
e te destitua da realeza. Pois isso que te foi apresentado sobre o sol,
revela ao povo que acontecerá uma mudança
muito próxima. Que isto seja bom para o povo, pois quanto ao fato de ter
seguido um curso

da esquerda para a direita, é um sinal muito poderoso, perfeitamente
foi previsto que a República romana seria suprema.

XXIII46 Mas voltemos agora para os casos estrangeiros. Heraclides Pôntico, um
homem douto, ouvinte e discípulo de Platão, escreve que a mãe de Faláride pareceu
ver em sonhos estátuas de deuses que ela mesma havia consagrado em casa; dentre
elas Mercúrio parecia verter sangue da taça que segurava na mão direita; quando

havia atingido a terra, parecia referver assim como toda a casa parecia se inundar de sangue. A crueldade do filho desumano confirmou o sonho da mãe.¹⁴⁸

O que eu posso dizer do que os magos interpretaram para aquele primeiro¹⁴⁹ Ciro, de acordo com a obra de Dino sobre os persas? Pois, tendo o sol aparecido junto aos pés dele enquanto dormia, está escrito que tentou agarrá-lo com as mãos três vezes e o sol girando furtava-se e ia embora; e que a ele os magos disseram (pois havia essa casta de sábios e mestres na Pérsia) que através de uma tríplice tentativa de agarrar o sol se profetizava que Ciro reinaria por trinta anos. Assim aconteceu, pois chegou aos setenta anos, tendo começado a reinar aos quarenta.

47 Há certamente algo que pressente e adivinha até nos povos bárbaros, já que Calano da Índia, ao caminhar para a morte subindo numa pira ardente, disse: “Ó magnífico retirar-se da vida quando, como a Hércules aconteceu, queimado o corpo mortal, o espírito tiver partido para a luz!” Tendo Alexandre perguntado a ele se desejava alguma coisa, respondeu: “Não, obrigado, em poucos dias te verei”. Assim aconteceu, pois na Babilônia, poucos dias depois, Alexandre morreu. Afasto-me um pouco dos sonhos, aos quais logo voltarei. Na mesma noite em que o templo de Diana em Éfeso se incendiou, consta que nasceu Alexandre de Olímpia e, quando começou a brilhar o dia, os magos gritaram repetidamente que na noite anterior havia nascido o flagelo e a ruína da Ásia. Basta de indianos e magos.

XXIV48 Voltemos aos sonhos. Célio escreve que Aníbal, querendo levar embora a coluna de ouro que ficava no templo de Juno Lacínia e duvidando se era maciça ou dourada por fora, furou-a de um lado ao outro; descobrindo que era maciça, decidiu levá-la; durante o repouso, Juno apareceu a ele dizendo que não fizesse isso e ameaçando que, se fizesse, ela cuidaria para que ele perdesse também o olho com o qual enxergava bem. Isso não foi negligenciado pelo homem perspicaz; e assim daquele ouro que havia retirado com um furo, cuidou para que fosse feita uma novilha e a colocou no alto da coluna. **49** Igualmente isso está na história da Grécia de Sileno, a quem Célio segue (mas ele expôs os fatos de Aníbal com o maior cuidado): Aníbal,

¹⁴⁸ Faláride foi um cruel tirano de Agrigento, no séc. VI a. C. Cícero o menciona também em *Rep.* 1, 44.

¹⁴⁹ Em latim, *principi*, referindo-se ao primeiro de uma dinastia.

tendo tomado Sagunto, se viu em sonhos ser chamado por Júpiter para uma reunião dos deuses; tendo chegado lá, Júpiter ordenou que fizesse guerra à Itália e lhe deu como guia um dos participantes da reunião; servindo-se dele começou a avançar com o exército. Então aquele guia o instruiu a não olhar para trás, mas ele não pôde fazer isso por muito tempo e, levado pela curiosidade, olhou para trás; então apareceu um animal imenso e horrível enroscado em serpentes, que, por onde quer que passasse, destruía bosques, matagais, casas e ele, admirado, indagou ao deus que monstro era aquele, e o deus respondeu que era a devastação da Itália e o instruiu a caminhar sem parar e a não se importar com o que acontecesse atrás e nas suas costas.

50 Na história de Agátocles está escrito que Hamílcar, o cartaginês, atacando Siracusa, pareceu ouvir uma voz que dizia que no dia seguinte jantaria em Siracusa; mas tendo despontado esse dia, surgiu uma grande revolta em seu acampamento entre soldados sicilianos e cartagineses. Os siracusanos, tendo percebido isso, tomaram de assalto o acampamento de repente, e Hamílcar foi capturado vivo por eles. Assim os fatos comprovaram o sonho.

A história é plena de exemplos, como também está repleta deles a vida pública. **51** De fato aquele célebre Públio Décio, filho de Quinto, que foi o primeiro cônsul dos Décios, sendo tribuno militar, sob o consulado de Marcos Valério e Aulo Cornélio, com nosso exército sofrendo pressão dos samnitas, lançando-se aos perigos das batalhas com mais audácia e sendo aconselhado a ser mais cauteloso, disse, o que ainda subsiste nos anais, que se viu em sonhos andando no meio dos inimigos e morrendo com a máxima glória. E então, de fato, são e salvo liberou o exército do cerco; mas três anos depois, sendo cônsul, sacrificou-se e lançou-se armado contra o exército dos latinos. Com seu feito os latinos foram vencidos e derrotados; sua morte foi tão gloriosa que o filho ambicionava uma igual. **52** Mas vamos agora, se te agrada, aos sonhos dos filósofos.

XXV Está em Platão que Sócrates, estando sob custódia pública, dizia a Critão, seu amigo, que deveria morrer depois de três dias, pois tinha visto em sonhos uma mulher de exímia beleza que lhe chamava pelo nome, dizendo um certo verso de Homero mais ou menos assim:

“O alegre terceiro dia te colocará em Ftia.”¹⁵⁰

Está escrito que aconteceu exatamente como foi dito. O socrático Xenofonte (que homem e quão grande!), naquela campanha militar que executou com Ciro, o Jovem, descreve seus próprios sonhos, que se cumpriram de forma espantosa. Devemos dizer que Xenofonte mente ou delira?

53O quê? Aristóteles, um homem de inteligência singular e quase divina, ele mesmo erra ou quer que outros errem, quando escreve isto?: Eudemo de Chipre, amigo seu, viajando pela Macedônia chegou a Feras, que então era uma cidade na Tessália muito conhecida e sujeita pelo tirano Alexandre a uma cruel dominação; ora, nesta cidade Eudemo ficou tão gravemente enfermo que todos os médicos perderam as esperanças. Apareceu, então, a ele durante o sono um jovem formoso dizendo que muito brevemente ele se restabeleceria e em poucos dias o tirano Alexandre morreria, mas o próprio Eudemo voltaria para casa cinco anos depois. E assim Aristóteles escreve que, de fato, a primeira parte se seguiu imediatamente e que Eudemo se restabeleceu e também o tirano foi assassinado pelos irmãos da esposa; porém, terminado o quinto ano, tendo esperanças naquele sonho de que retornaria da Sicília para Chipre, morreu lutando em Siracusa; a partir disso aquele sonho foi interpretado assim: quando o espírito de Eudemo saiu do corpo, parecia ter voltado, então, para casa.

54Acrescentemos aos filósofos um homem muito douto, um poeta certamente divino, Sófocles, que, tendo sido roubada a pesada taça de ouro do templo de Hércules, viu em sonhos o próprio deus dizendo quem havia feito isso. O que ele negligenciou mais de uma vez. Quando o fato se tornou mais freqüente, subiu ao Areópago, expôs a situação; os areopagitas ordenaram prender aquele que fora acusado por Sófocles; o homem, durante o interrogatório, confessou e restituiu a taça. Depois disso, aquele templo foi chamado de templo de Hércules Acusador.

XXVI 55 Mas por que eu cito os gregos? De alguma maneira as nossas coisas me encantam mais. Isto está em todos os historiadores, os Fábios, os Gélios, mas o

¹⁵⁰ Cf. *Ilíada*, 9, 362-363.

mais próximo é Célio: sendo realizados pela primeira vez os *jogos votivos máximos* durante a guerra latina, de repente a cidade foi incitada às armas, e assim, suspensos os jogos, foram organizados *jogos restaurados*. Antes que se realizassem, quando o povo já estava sentado, um escravo foi conduzido pelo circo açoitado por varas e trazendo uma forca¹⁵¹. Em seguida, a um camponês romano adormecido, pareceu ir um certo homem que lhe disse que o primeiro dançarino dos jogos não lhe tinha agradado, e foi ordenado pelo mesmo declarar isso ao senado; ele não ousou. Numa segunda vez foi igualmente ordenado e advertido a não querer experimentar a sua força; e nem assim ousou. Então seu filho morreu e a mesma advertência foi dada em sonhos pela terceira vez. Então ele, chegando a cair enfermo, contou o fato aos amigos e, seguindo a opinião deles, foi levado até a cúria numa liteirinha; tendo narrado todo o sonho ao senado, voltou são e salvo para casa com seus próprios pés. E assim, com o sonho reconhecido pelo senado, diz a tradição que aqueles jogos foram novamente recomeçados. **56** De fato, como está escrito no mesmo Célio, Caio Graco disse a muitos que o irmão Tibério apareceu em sonho a ele, que hesitava em disputar a questura, dizendo que, por mais que adiasse, no entanto haveria de perecer da mesma morte que ele próprio tinha morrido. Isso, antes que Caio Graco tivesse se tornado tribuno da plebe, Célio escreve que ouviu e o disse a muitos. O que pode parecer mais certo que tal sonho?

XXVII O quê? Aqueles dois sonhos que são mencionados tão freqüentemente pelos estóicos, quem afinal pode desprezar? Um de Simônides: tendo visto um certo cadáver desconhecido abandonado e tendo-o sepultado, pretendendo subir ao navio pareceu ser advertido, pelo homem a quem havia dado sepultura, a não fazer isso; se navegasse, ele morreria em um naufrágio; e assim Simônides retornou, os demais que então navegaram, morreram. **57** Igualmente, um outro sonho muito famoso que se conta: fazendo uma viagem juntamente dois amigos árcades, tendo chegado a Mégara, um se dirigiu ao taberneiro, o outro à casa de alguém que o hospedaria. Descansando após terem jantado, de madrugada apareceu em sonhos ao que estava como hóspede aquele outro pedindo que viesse em socorro, pois estava prestes a ser morto pelo

¹⁵¹ A forca era uma peça de madeira onde era colocada a cabeça do condenado.

taberneiro; primeiramente ele se levantou, aterrorizado pelo sonho; depois, tendo voltado a si e julgado que não deveria levar em consideração o que viu, tornou a deitar; então aquele pareceu pedir ao que dormia, já que não o socorreu enquanto vivo, que não admitisse que a sua morte ficasse sem vingança; assassinado pelo taberneiro, fora jogado numa carroça e se colocara esterco em cima; pediu que de manhã estivesse no portão da cidade antes que a carroça saísse. Realmente abalado por esse sonho, de manhã, diante do portão, na presença do boieiro, perguntou-lhe o que havia na carroça; ele, atemorizado, fugiu, o morto foi retirado e o taberneiro, com a descoberta do crime, foi punido.

XXVIII 58 O que pode ser mais divino que esse sonho? Mas por que buscamos mais exemplos antigos? Muitas vezes narrei a ti meu sonho, muitas vezes ouvi de ti o teu: eu, sendo procônsul na Ásia, durante o sono te vi com um cavalo chegar até uma certa margem de um grande rio, ser arrastado subitamente, cair no rio e não aparecer em parte alguma, eu, atemorizado, tremi de medo; então, de repente, tu saíste alegre, com o mesmo cavalo subiste a margem oposta e nós nos abraçamos. É fácil a explicação deste sonho e me foi predito por peritos na Ásia os eventos futuros, que aconteceram¹⁵².

59 Vamos agora ao teu. Certamente ouvi de ti mesmo, mas o nosso Salústio¹⁵³ me narrou mais vezes: naquele exílio, para nós glorioso, para a pátria, calamitoso, permanecendo numa certa vila do território de Atina e tendo ficado acordado a maior parte da noite, antes de amanhecer finalmente tu começaste a dormir pesada e profundamente. E assim, ainda que urgisse partir, Salústio ordenou fazer silêncio e não permitiu que fosses despertado; porém, tendo acordado por volta da segunda hora¹⁵⁴, tu narraste teu sonho a ele: viste, caminhando triste em lugares isolados, Caio Mário com feixes laureados perguntar a ti por que estavas triste. Tendo tu respondido que foras expulso da pátria com violência, ele pegou tua mão direita, te incitou a ter

¹⁵² Trata-se do exílio de Cícero (a imersão na água) e seu posterior regresso (a saída da água).

¹⁵³ Liberto de Cícero que o seguiu no exílio.

¹⁵⁴ Isto é, por volta das oito horas da manhã. A *hora prima* começava mais cedo ou mais tarde, dependendo da época do ano.

coragem e entregou-te ao litor mais próximo, para que te conduzisse ao seu templo e disse que ali estaria a salvação para ti¹⁵⁵. Então Salústio conta que gritou que para ti estava preparado um retorno rápido e glorioso e tu mesmo pareceste te animar com o sonho. Ora, foi-me foi reportado rapidamente que, quando tu ouviste dizer que no monumento de Mário se fizera a respeito do teu retorno aquele magnífico decreto do senado, sob proposição de um ótimo cônsul e ilustríssimo homem¹⁵⁶, e que ele recebera a aprovação de um teatro lotado com um incrível clamor e aplauso, tu disseste que nada poderia ser mais divino que aquele sonho de Atina.

XXIX60 Mas muitos são falsos. Ou melhor, talvez sejam obscuros a nós. Mas se houver alguns falsos, por que falar contra os verdadeiros? De fato a maioria poderia acontecer, se fôssemos ao repouso em bom estado. Agora, repletos de comida e vinho, nos agitamos com sonhos perturbadores e confusos. Vê o que Sócrates fala na *República* de Platão. Pois diz:

“Quando, naqueles que dormem, aquela parte da alma que partilha da mente e da razão, se enfraquece adormecida, aquela parte, porém, na qual há uma certa ferocidade e uma selvageria rústica, sendo intumescida pela bebida e pelo alimento imoderado, durante o sono se excita e se agita em excesso. E assim, todo tipo de visão desprovido de discernimento e razão se apresenta a ela, como, por exemplo, quando o corpo parece se unir ao da mãe ou então ao de um outro ser humano ou ao de um deus, muitas vezes ao de um animal feroz, ou até mesmo assassinar alguém, ensangüentar-se impiamente e fazer muitas coisas de modo impuro e sombrio com despropósito e atrevimento. **61**Ora, aquele que possui um hábito e uma alimentação sadia e moderada, tendo se entregado ao repouso com a parte da alma que é da mente e do bom senso agitada, estimulada e saciada pelo banquete de bons

¹⁵⁵ Templo construído por Mário em honra a Júpiter. Foi neste local que os senadores decidiram pelo retorno de Cícero do exílio.

¹⁵⁶ Públio Cornélio Léntulo foi quem propôs o retorno de Cícero.

pensamentos, a parte da alma que é alimentada pelo prazer nem privada do necessário nem saciada em abundância (ambos costumam ferir a atividade da mente, se falta alguma coisa da natureza ou se abunda e sobra) e até aquela terceira parte da alma, na qual existe o ardor das iras, acalmada e aplacada, assim, com as duas partes imprudentes da alma contidas, acontecerá que aquela terceira parte da razão e da mente brilhará e se exporá ao sonho vigorosa e ativa, e então as visões do sono ocorrerão tranqüilas e verdadeiras.” Reproduzi as próprias palavras de Platão.

XXX62 Portanto, ouviremos de preferência Epicuro? Pois Carnéades, com seu interesse pela discussão, ora diz isso, ora diz aquilo. Mas aquele fala o que pensa, porém, não pensa nada de criterioso, nada de decoroso. Então tu preferirás este a Platão e Sócrates, que, ainda que não apresentando uma explicação racional, entretanto superariam esses pequenos filósofos pela autoridade? Portanto Platão assim incita a ir dormir com os corpos bem dispostos, de modo que nada ocasione desvio ou perturbação às almas. É por isso, julga-se, que estava proibido aos pitagóricos alimentar-se de fava, pois essa comida causa um grande inchaço do estômago, prejudicial à tranqüilidade da mente que busca a verdade. **63** É que quando a alma, durante o sono, está afastada da sociedade e da união com o corpo, lembra-se das coisas passadas, compreende as atuais e prevê as futuras; pois o corpo do que dorme jaz como o de um morto, mas a alma vive e é vigorosa. O que fará muito mais após a morte, retirando-se inteiramente do corpo. E assim é muito mais divino à medida que se aproxima a morte. De fato, aqueles que estão tomados por uma doença grave e mortal vêem o próprio fato de ser iminente a morte, e assim a quase todos eles se apresentam imagens dos mortos, então buscam a maior glória possível, e os que viveram de forma diferente ao que era adequado arrependem-se de seus erros.

64 Mas Possidônio confirma que os moribundos adivinham até com aquele exemplo que conta: um certo moribundo de Rodes chamou seis companheiros e disse quem seria o primeiro deles, o segundo, e assim sucessivamente, a morrer. Mas julga que os homens sonham de três modos através da influência dos deuses: um, em que a

própria alma pode prever por si mesma, visto que tem relação com os deuses; outro, em que o ar se torna pleno de almas imortais, nas quais estão presentes sinais notáveis da verdade; o terceiro, em que os próprios deuses conversam com os que dormem. E, como disse há pouco, acontece mais facilmente à medida que a morte se aproxima que a alma pressagie coisas futuras. **65** E é desse tipo o que ocorreu a Calano, de quem falei anteriormente, e ao Heitor de Homero, que ao morrer anuncia a morte próxima de Aquiles.

XXXI Pois o hábito não teria aprovado este termo desatinadamente, se essa coisa não significasse absolutamente nada...

Saindo de casa, pressagiava a minha alma que eu iria em vão¹⁵⁷.

Pois *sagire* significa sentir agudamente, daí se dizer que as velhas são sagas¹⁵⁸, pois querem saber muito, e os cães foram ditos sagazes. Portanto, o que sente antes que algo se tenha apresentado se diz pressagiar, isto é, sentir antes as coisas futuras.

66 Portanto, há nas almas um pressentimento concedido e encerrado nelas pelos deuses. Se ele se inflamou mais fortemente, é chamado de furor, quando a alma separada do corpo é excitada por inspiração divina.¹⁵⁹

H. mas por que de repente pareceu estar furiosa, com olhos ardentes?

Onde está aquela sábia moderação virginal de um pouco antes?

C. Mãe, tu, excelente mulher, muito melhor dentre as mulheres,

¹⁵⁷ Citação de *Aulularia*, de Plauto. O termo em questão é *praesagire*.

¹⁵⁸ Isto é, bruxas, feiticeiras. Cf. Montero, S., *Deusas e adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*, p.43-48.

¹⁵⁹ Segundo Falconer, os versos seguintes pertencem à *Hécuba*, de Ácio, ou ao *Alexandre*, de Ênio. Os primeiros versos são proferidos por Hécuba, os demais, por Cassandra.

sou levada por oráculos proféticos;

pois Apolo, com fados fados¹⁶⁰, me torna insana contra a minha vontade.

Oh! virgens companheiras, meu feito envergonha meu pai, um excelente homem.

Minha mãe, tenho pena de ti, vergonha de mim.

Excelente linhagem de Príamo deste à luz, exceto a mim; isto dói:

sou nociva, são úteis; sou um obstáculo, eles obedecem.

67 Ó poema terno, verdadeiro e sensível! Mas isso não vem ao caso; o que queremos foi expresso: que o furor profético costuma vaticinar coisas verdadeiras:

está chegando, está chegando a tocha envolta em sangue e chama!

por muitos anos se escondeu; cidadãos, trazei ajuda e apagai o fogo.¹⁶¹

O deus agora fala, não Cassandra, encerrado no corpo humano:

agora no grande mar uma frota veloz

é disposta; um enxame de destruição se apressa;

chegará, uma tropa feroz encherá

as margens de navios velívolos.¹⁶²

¹⁶⁰ Isto é, que podem ser ditos, revelados.

¹⁶¹ Referência a Páris. Cf. I 42.

¹⁶² Referência à frota grega que parte contra Tróia, após o rapto de Helena.

XXXII 68 Pareço falar de tragédias e fábulas. Mas de ti mesmo ouvi uma coisa deste tipo, não inventada, mas que aconteceu: Gaio Copônio, em primeiro lugar um homem prudente e douto, foi até ti em Dirráquio, comandando a frota ródia com poder pretoriano¹⁶³, e disse que um certo remador de um navio qüinquerreme dos ródios vaticinara que em menos de trinta dias a Grécia haveria de se banhar em sangue, que ocorreriam rapinas em Dirráquio, um embarque em retirada, e, aos que fugiam, uma triste visão dos incêndios; mas à frota dos ródios seria concedido um retorno próximo e uma volta para casa; e então tu mesmo não deixaste de ficar abalado e Marco Varrão e Marco Catão, homens doutos, que lá estavam, ficaram muito atemorizados; de fato, poucos dias depois da fuga de Farsália chegou Labieno¹⁶⁴; tendo ele anunciado a perda do exército, os demais vaticínios se cumpriram em pouco tempo. **69** Pois os cereais roubados do depósito e espalhados haviam coberto todas as ruas e vielas, subitamente embarcastes cheios de temor e, à noite, olhando para trás em direção à cidade, víeis em chamas os navios de carga que os soldados haviam incendiado, porque não quiseram seguir; enfim, abandonados pela frota ródia, percebestes que o vate havia sido verdadeiro.

70 Expus o mais breve que pude as predições do sonho e do furor, que havia dito carecerem de arte. O argumento de ambos os tipos é um só, que o nosso Cratipo costuma usar: as almas dos homens são provenientes de certa parte externa e retiradas (compreende-se, com isso que no exterior há uma alma divina, de onde a alma humana é proveniente), porém, a parte da alma humana que possui sentido, movimento e desejo não é separada da ação do corpo; mas a parte da alma que participa da razão e da inteligência tem, então, força máxima quando mais se afasta do

¹⁶³ Em 49 a.C. Dirráquio, atual Durazzo, na Albânia.

¹⁶⁴ Lugar-tenente de César que depois passou para o lado de Pompeu.

corpo.¹⁶⁵ **71** E assim, expostos os exemplos de vaticínios e sonhos verídicos, Cratipo costuma concluir o argumento deste modo: “Se sem os olhos não pode existir o ofício e a função dos olhos, é possível, porém, que às vezes os olhos não cumpram a sua função ou que quem, ainda que uma única vez, usou os olhos para discernir as coisas verdadeiras, possui o sentido dos olhos capaz de perceber as coisas verdadeiras. Do mesmo modo, portanto, se sem a adivinhação não pode existir o ofício e a função da adivinhação, é possível, porém, que alguém, embora possua adivinhação, erre às vezes e não distinga as coisas verdadeiras; é suficiente para confirmar a adivinhação que algo uma só vez tenha sido adivinhado de forma que nada pareça ter acontecido por acaso; ora, há coisas inumeráveis deste tipo; portanto, deve-se reconhecer que a adivinhação existe.”

XXXIII 72 Ora, os tipos de adivinhação que são explicados por conjecturas ou que são observados e anotados a partir dos acontecimentos, como disse acima¹⁶⁶, são chamados não de naturais, mas de artificiais, entre os quais se contam os harúspices, os áugures e os intérpretes de sonhos. Estes tipos são rejeitados pelos peripatéticos e defendidos pelos estóicos. Alguns destes se assentam em registros escritos e ensinamentos, o que os livros dos etruscos a respeito da haruspicina, dos raios e dos trovões mostram, e também os vossos livros augurais¹⁶⁷; mas outros são explicados por conjectura conforme a ocasião, como no caso de Calcas em Homero, que do número de pássaros predisse os anos da guerra troiana; e como vemos escrito na história de Sila¹⁶⁸, o que aconteceu à tua vista¹⁶⁹: fazendo ele um sacrifício diante da

¹⁶⁵ Cf. I 63.

¹⁶⁶ Cf. I 11-12.

¹⁶⁷ Cícero era membro do Colégio dos áugures.

¹⁶⁸ Lúcio Cornélio Sila escreveu essa obra em 22 livros, entre os anos 79 e 78 a.C.

¹⁶⁹ Cícero lutou ao lado de Sila durante um breve período de tempo (cf. Plutarco, Cic. 3, 2).

tenda do general no território de Nola¹⁷⁰, da parte inferior do altar ergueu-se repentinamente uma serpente, então o harúspice Gaio Postúmio pedia a ele que colocasse um exército em campo. Tendo Sula feito isso, então, diante da cidade de Nola, tomou um acampamento muito poderoso dos samnitas.

73 Uma interpretação também foi feita para Dionísio pouco antes de começar a reinar: viajando pelo território leontino, ele atirou o próprio cavalo no rio; o cavalo, submerso, não se elevou do turbilhão das águas; não tendo conseguido retirá-lo apesar de todos os esforços, foi embora, como disse Filisto¹⁷¹, pesaroso. Porém, tendo avançado um pouco, de repente ouviu de longe um relinchar, olhou para trás e, feliz, viu o cavalo bem disposto, em cuja crina um enxame de abelhas havia pousado. Tal prodígio teve tamanho poder que poucos dias depois Dionísio começaria a reinar.

XXXIV 74 E que sinal foi dado aos lacedemônios pouco antes da derrota em Leuctra¹⁷², quando no templo de Hércules as armas fizeram ruídos e a estátua de Hércules se cobriu com muito suor! E na mesma época em Tebas, como diz Calístenes¹⁷³, no templo de Hércules as portas fechadas com trancas de repente se abriram sozinhas e as armas que tinham sido fixadas nas paredes foram encontradas no chão. E na mesma época em Lebadia, fazendo oferendas a Trofônio¹⁷⁴, os galos neste local começaram a cantar incessantemente sem interrupção; então os áugures beócios disseram que a vitória seria dos tebanos, porque aquela ave costumava se calar, se vencida, e cantar, se vencesse.

75 E, no mesmo espaço de tempo, a derrota na batalha de Leuctra era anunciada aos lacedemônios por muitos sinais. Pois na cabeça da estátua de Lisandro

¹⁷⁰ Nola, na Campânia, ainda conserva esse nome. Essa campanha militar ocorreu em 91-88 a.C.

¹⁷¹ O historiador Filisto de Siracusa.

¹⁷² Cidade da Boécia.

¹⁷³ Discípulo de Aristóteles.

¹⁷⁴ Segundo Falconer, Trofônio é epíteto de Zeus. Já Escobar e Marmorale dizem que Trofônio é um personagem lendário, a quem se atribui a construção do templo de Delfos e de um antro oracular em Lebadia.

(que fora o mais ilustre dos lacedemônios), que estava em Delfos, apareceu de repente uma coroa de flores espinhosas e campestres, e as estrelas de ouro que tinham sido colocadas em Delfos pelos lacedemônios depois daquela vitória naval de Lisandro, na qual os atenienses tinham sucumbido (pois que, segundo se dizia, Castor e Pólux foram vistos na tal batalha com a frota dos lacedemônios, a insígnia destes deuses, as estrelas de ouro que mencionei, tinham sido colocadas em Delfos), pouco antes da batalha de Leuctra, caíram e não foram encontradas. **76** Mas o maior prodígio que aconteceu aos espartanos foi este: tendo solicitado um oráculo a Júpiter Dodoneu sobre a vitória e tendo os embaixadores consulentes disposto aquele vaso no qual estavam as *sortes*, uma macaca, a quem o rei dos molossos¹⁷⁵ tinha muita afeição, derrubou as mesmas *sortes* e as demais, que estavam ordenadas ao acaso, e misturou umas com as outras. Então, dizem que a sacerdotisa que presidia ao oráculo disse aos lacedemônios que deveriam pensar na sua salvação e não na vitória.

XXXV 77 O quê? Na Segunda Guerra Púnica, acaso Gaio Flamínio, cônsul pela segunda vez¹⁷⁶, não negligenciou grandes sinais de eventos futuros com dano para a República? Ele que, tendo movido o acampamento em direção a Arécio depois da purificação do exército¹⁷⁷, conduzindo as legiões contra Aníbal, ele próprio e seu cavalo caíram de repente e sem causa diante da estátua de Júpiter Estator¹⁷⁸, e nem fez caso desse aviso dos deuses, apresentado o sinal, como parecia aos peritos, de não travar uma batalha. Ele mesmo tomando os auspícios através de *tripudium*¹⁷⁹, o pulário¹⁸⁰ postergava o dia de travar a batalha. Então Flamínio perguntou a ele o que julgava que deveria ser feito, se de fato os frangos não comessem nem mesmo depois. Tendo ele respondido que não deveria agir, Flamínio disse: “Brilhantes auspícios de fato, se, estando os frangos famintos, a ação poderá ser feita; saciados, nada se fará!”

¹⁷⁵ Os molossos habitavam o Epiro, onde ficava o oráculo dodoneu.

¹⁷⁶ Cônsul em 223 e em 217, ano em que foi derrotado por Aníbal.

¹⁷⁷ Cerimônia chamada *lustratio*.

¹⁷⁸ *Stator*, o que faz parar os que fogem. Júpiter Estator impedia a fuga do exército.

¹⁷⁹ O *tripudium* é o método divinatório pela observação do comportamento das aves enquanto comem.

¹⁸⁰ Pulário é o que tira agouros dos frangos sagrados.

E, assim, ordenou que os estandartes fossem arrancados e que o seguissem. Em tal momento, não podendo o porta-estandarte da primeira fileira deslocar o estandarte, nada sendo útil, mesmo com os demais ajudando, Flamínio, ao ser anunciado o fato, negligenciou-o, como era seu costume. Então em três horas o exército sucumbiu e ele próprio foi morto. **78** Grandioso também o que Célio acrescenta: nessa mesma época, ocorrendo essa batalha desastrosa, tamanhos terremotos ocorreram na Ligúria, na Gália, em muitas ilhas e em toda a Itália, que muitas cidades ficaram em ruínas, em muitos lugares houve estragos, as terras afundaram, rios correram em sentido inverso e o mar entrou nos rios.

XXXVI Interpretações corretas de adivinhações são feitas por peritos. As formigas encheram de grãos de trigo a boca de Midas¹⁸¹, o famoso frígio, enquanto dormia quando era criança. Foi predito que seria muito rico, o que aconteceu. Tendo umas abelhas pousado nos lábios de Platão¹⁸², bebê, dormindo no berço, foi afirmado que ele seria de singular suavidade quanto ao discurso. Assim, a futura eloquência foi prevista na criança. **79** O quê? Teu muito querido amigo, Róscio¹⁸³, acaso ele próprio ou toda a Lanúvio mentia a favor dele? Que, estando na infância, sendo criado em Solônio, que é um distrito do território de Lanúvio, a ama, despertada, notou à noite à luz da lâmpada o menino dormindo envolvido pelo abraço de uma serpente. Ao ver isso, apavorada, deu um grito. Mas o pai de Róscio dirigiu-se aos harúspices, que responderam que nada seria mais ilustre, nada seria mais conhecido que aquele menino. E Pasíteles¹⁸⁴ gravou esse caso particular em prata e o nosso Árcias¹⁸⁵ expressou em versos.

Portanto, o que esperamos? Acaso que os deuses imortais andem conosco enquanto estamos no fórum, nas ruas, em casa? Certamente eles não se oferecem à

¹⁸¹ Rei mítico da Frígia, obteve o poder de transformar em ouro tudo o que tocava.

¹⁸² Vimos em I 73, um outro presságio com abelhas.

¹⁸³ Quinto Róscio Galo, defendido por Cícero no *Pro Roscio comoedo*.

¹⁸⁴ Escultor grego da primeira metade do séc. I.

¹⁸⁵ Poeta da Antioquia defendido por Cícero no *Pro Archia poeta*.

nossa vista, mas estendem seu poder por muito longe, ora o encerram nas cavidades da terra, ora introduzem nos sentimentos dos homens. Pois o poder da terra inspirava a Pítia em Delfos; o da natureza, a sibila. E então? Não vemos como são vários os tipos de terras? Das quais uma certa parte é mortífera, como a de Ansancto¹⁸⁶ no país dos Hirpinos e também na Asia Plutônia que vimos, e outras partes dos campos são pestilentas, outras salubres; umas produzem uma inteligência aguda e outras, obtusa; todas elas são feitas da variedade do céu e da exalação heterogênea das terras. **80** Acontece também de os espíritos se abalarem mais intensamente muitas vezes por uma certa imagem, muitas vezes pela gravidade das vozes e por cantos; muitas vezes, também pela inquietação e temor, como é esta:¹⁸⁷

perturbada como se estivesse fora de si ou
arrebatada pelos cultos de Baco, recordando
seu querido Teucro diante dos túmulos.

XXXVII E também essa comoção atesta que há nas almas um poder divino. De fato, Demócrito nega que possa existir algum grande poeta sem furor, o que também diz Platão. Se agrada, que ele nomeie isso furor, contanto que tal furor seja assim elogiado como no *Fedro* de Platão foi elogiado¹⁸⁸. O quê? Vosso discurso nos processos, como essa própria ação poderia ser enérgica, grave e copiosa, a não ser que a própria alma estivesse mais agitada? Sem dúvida, até mesmo em ti muitas vezes vi e, para irmos a coisas mais suaves, em Esopo¹⁸⁹, amigo teu, tamanho ardor dos

¹⁸⁶ Acreditava-se que era um dos acessos às regiões infernais.

¹⁸⁷ Os versos que seguem são de Pacúvio, em *Teucro*.

¹⁸⁸ Em 244a.

¹⁸⁹ Clódio Esopo, ator romano.

rostos e movimentos, como se uma certa força parecesse tê-lo arrancado da razão da mente.

81 Apresentam-se também freqüentemente formas que na realidade não são reais, mas que oferecem uma imagem; o que dizem que aconteceu a Breno¹⁹⁰ e suas tropas gaulesas, ao fazerem uma guerra ímpia ao templo de Apolo Delfico. Então, contam também que do oráculo a Pítia anunciou:

Eu cuidarei disso e também as brancas virgens.¹⁹¹

Depois disso aconteceu que as virgens pareciam empunhar armas contra ele e o exército dos gauleses foi coberto pela neve.

XXXVIII De fato, Aristóteles acreditava que também os que deliravam por causa de mau estado de saúde e que se chamavam melancólicos possuíam nas suas almas algo divino e que pressagia. Eu, porém, não sei se isso não deva ser atribuído aos doentes do estômago ou aos frenéticos, pois a adivinhação é própria da alma íntegra e não do corpo doente. **82** Decerto, conclui-se que a adivinhação é uma coisa verdadeira com este argumento dos estóicos:

“Se os deuses existem e não declaram antecipadamente aos homens o que vai acontecer ou não amam os homens ou não sabem o que acontecerá; ou julgam que nada importa aos homens saber o que será, ou não acreditam que seja próprio de sua majestade dar a conhecer aos homens as coisas que acontecerão; ou nem os deuses, em verdade, podem revelá-las. Mas eles nem deixam de nos amar (pois são benéficos e amigos do gênero humano), nem ignoram aquilo que por eles mesmos foi estabelecido e designado, e nem deixa de ser de nosso interesse saber as coisas que acontecerão (pois seremos mais cautelosos se soubermos); nem o julgam alheio a sua majestade (pois nada é superior à beneficência), e nem podem não saber com antecedência; **83** portanto os deuses não existem e não revelam o futuro. Ora os deuses existem, logo revelam, e, se revelam, nos dão alguns meios para o

¹⁹⁰ Breno invadiu a Macedônia e ali morreu em 278 a.C.

¹⁹¹ O autor desse verso é desconhecido. Segundo Falconer, (1992) “brancas virgens” é uma referência a Atena e Ártemis.

conhecimento dos sinais (pois revelariam em vão); e, se dão meios, a adivinhação não pode deixar de existir; portanto, a adivinhação existe.”

XXXIX 84 Crisipo, Diógenes e também Antípatro utilizam esse argumento. Portanto, por que há de se pôr em dúvida que as coisas sobre as quais discorri não sejam de todo verdadeiras? Se do meu lado está a razão, os acontecimentos, os povos, as nações, os Gregos, os bárbaros e até os nossos antepassados, se, por fim, sempre se pensou assim, se os grandes filósofos, os poetas, os homens mais sábios, os que constituíram as repúblicas, os que fundaram as cidades. Acaso esperamos até que as bestas falem¹⁹²? não estamos contentes com o testemunho unânime dos homens? **85** Na verdade, nem algo diferente é aduzido para que nenhum dos tipos de adivinhação de que falo não existam, a não ser que parece difícil de dizer qual a razão de tal adivinhação, qual é a causa. Pois o que o harúspice tem a responder sobre por que o pulmão fendido, ainda que em boas entranhas, faz adiar e estender os dias? E o que tem o áugure, sobre por que o corvo confirma à direita e a gralha à esquerda¹⁹³? E o astrólogo sobre por que a estrela de Júpiter ou de Vênus em conjunção com a lua é favorável ao nascimento de crianças e a estrela de Saturno ou Marte é um mau agouro? Mas por que deus nos advertiria enquanto dormimos e nos negligenciaria quando estamos acordados? Então qual é a causa de Cassandra enfurecida prever o futuro e o sábio Príamo não poder fazer o mesmo?

86 Perguntas por que acontecem cada uma dessas coisas. Muito bem, mas não se trata disso agora; acontecem ou não, isso é examinado. É como se eu dissesse que existe um imã que puxa e atrai para si o ferro e não pudesse dizer a razão por que isso ocorre, e tu, então, negasses de todo que isso ocorre. O mesmo fazes a respeito da adivinhação, que nós mesmos não apenas compreendemos, mas ouvimos, lemos e recebemos de nossos pais. Nem antes de a filosofia ser revelada, ela que foi inventada há pouco tempo, a vida comum duvidou de tal coisa, e, depois que a filosofia se desenvolveu, nenhum filósofo que tivesse alguma autoridade pensou de outro modo.

¹⁹² Um sinal profético, um prodígio.

¹⁹³ Cf. I 12.

87 Falei¹⁹⁴ de Pitágoras, de Demócrito, de Sócrates, não excluí nenhum dos antigos, exceto Xenófanes¹⁹⁵; acrescentei a antiga Academia, os peripatéticos e os estóicos; o único que discorda é Epicuro. O que é mais torpe do que esse mesmo homem julgar que nenhuma virtude é gratuita?

XL Mas quem é que não se comove com a antigüidade certificada e incontestável de ilustres documentos? Homero escreve que Calcas era de longe o melhor áugure e que foi o guia das frotas até Tróia, creio que por conhecimento dos auspícios, não dos locais. **88** Anfíloco e Mopso foram reis dos argivos, mas também foram áugures e fundaram as cidades gregas às margens da Cilícia; e mesmo antes deles, Anfiarau e Tirésias não foram menos importantes e conhecidos, nem semelhantes a estes, como está em Ênio:

Que suscitam falsas sentenças para seu próprio proveito

mas foram homens ilustres e notáveis que se diziam ser advertidos sobre o futuro através das aves e dos sinais; quanto ao outro¹⁹⁶, Homero diz que até nos infernos “era o único que sabia, as demais sombras apenas vagavam”; mas a fama da Grécia honrou Anfiarau a ponto de ele ser considerado um deus e de oráculos serem pedidos à terra onde fora enterrado.

89 O quê? Acaso Príamo, o rei da Ásia, não tinha o filho Heleno e a filha Cassandra como adivinhos, um pelos augúrios, a outra pela inspiração e agitação

¹⁹⁴ Na verdade quem fez isso foi Cícero, na introdução, antes de Quinto começar seu discurso. Cf. I 5-6. Escobar acredita que esse lapso seja por falta de revisão final por parte do autor.

¹⁹⁵ Cf. I 5.

¹⁹⁶ Tirésias.

divina da mente¹⁹⁷? Deste tipo vemos o que foi escrito em nossos antepassados sobre certos irmãos Márcios¹⁹⁸, de origem nobre. O quê? Acaso Homero não recorda que Poliido de Corinto predisse muitas coisas aos outros e também a morte ao filho que partia para Tróia? Geralmente, entre os antigos, os que tinham poder, também tinham os presságios; pois assim como o saber, consideravam o adivinhar digno de um rei. Como é testemunha nossa cidade, na qual tanto os reis eram áugures como, depois deles, particulares providos do mesmo sacerdócio, governaram a República com a autoridade da religião¹⁹⁹.

XLI 90 Tal conhecimento da adivinhação não foi negligenciado nem mesmo pelos povos bárbaros, pois que na Gália há os druidas, um dos quais eu mesmo conheci, Diviciaco, o éduo²⁰⁰, teu hóspede e admirador, que afirmava conhecer a ciência da natureza, que os gregos chamam φυσιολογία, e dizia o futuro em parte por augúrios, parte por adivinhação. E na Pérsia os magos pressagiam e adivinham²⁰¹, e se reúnem no templo para meditar e conversar entre si, o que também vós costumáveis fazer antigamente nas nonas²⁰². **91** E não pode ser rei dos persas alguém que não tenha antes aprendido a ciência e a doutrina dos magos. Mas é possível ver certas famílias e também nações dedicadas a essa ciência. Há, na Cária, Telmesso; em tal cidade a doutrina dos harúspices é notável; e além disso, a Élida, no Peloponeso, possui duas famílias certas, uma dos Lâmidas, outra dos Clítidas, notáveis pela excelência da haruspicina. Na Síria²⁰³, os Caldeus são superiores pelo conhecimento dos astros e pela habilidade de seus talentos.

¹⁹⁷ Heleno e Cassandra são, respectivamente, representantes da adivinhação artificial e natural.

¹⁹⁸ Os oráculos dos irmãos Márcios foram guardados junto com os oráculos sibilinos.

¹⁹⁹ Referência ao colégio dos áugures. Durante a República, o *rex sacrorum* conservou as funções dos antigos reis.

²⁰⁰ Chefe dos éduos, povo da Gália.

²⁰¹ Cf. I 46.

²⁰² Isto é, no dia 7 dos meses de março, maio, julho e outubro; nos demais meses, dia 5.

²⁰³ Na Assíria e na Babilônia.

92 Mas a Etrúria observa com muita destreza a queda dos raios e interpreta o que é anunciado, e a quem, por meio de monstros e portentos. É por isso que o senado, quando era grande a sua autoridade, no tempo de nossos antepassados, convenientemente decretou que, dos filhos dos principais cidadãos, seis fossem entregues a cada uma das tribos da Etrúria a fim de aprenderem a doutrina, para que tamanha arte não fosse desviada da autoridade da religião para fins lucrativos, por causa da pobreza dos homens²⁰⁴. Mas os frígios, os pisidas, os cilicianos e os árabes dão mais crédito aos sinais das aves, o que soubemos que era feito freqüentemente na Úmbria.

XLII 93 De fato, a mim parece que as oportunidades para se adivinhar surgem também dos próprios lugares habitados por cada um. Pois os egípcios e os babilônios, habitantes de planícies de campos abertos, não se elevando nada acima da terra que pudesse impedir a contemplação do céu, colocaram toda a atenção no conhecimento dos astros²⁰⁵. Mas os etruscos, porque imolavam vítimas com mais zelo e freqüência, imbuídos de sentimento religioso, se dedicaram ao máximo ao conhecimento das entranhas e, porque muitos fenômenos celestes aconteciam entre eles por causa da densidade do ar e também porque, pelo mesmo motivo, muitas coisas inusitadas surgiam, umas do céu, outras da terra, algumas até na concepção e no nascimento de homens e de animais domésticos, mostraram-se intérpretes de prodígios muito experientes. Certamente, como tu costumava dizer, as próprias palavras estabelecidas sabiamente pelos antigos afirmam o poder de tais coisas. Assim, porque mostram, prognosticam, advertem, predizem, são chamadas de manifestações, prognósticos, monstros e prodígios.²⁰⁶ **94** Mas os árabes, os frígios e também os cilicianos, utilizavam muito os campos e montes como pastagem para os animais domésticos, percorrendo-os no inverno e no verão, por causa disso observaram com mais facilidade os cantos e

²⁰⁴ Essa passagem expressa um sentimento de nostalgia: Cícero foi testemunha da decadência do regime republicano e das transformações religiosas de seu tempo, como o crescente ceticismo das elites, influenciadas pelas idéias helenísticas, e a disseminação de práticas supersticiosas entre o povo.

²⁰⁵ Cf. I 2.

²⁰⁶ No texto latino, há uma correlação entre os termos *ostendunt-ostenta*, *portendunt-portenta*, *monstrat-monstra*, *praedicunt-prodigia*.

os vôos das aves; e foi o mesmo motivo da Pisídia e, aqui, da nossa Úmbria. Então toda a Cária e principalmente Telmesso, que mencionei antes²⁰⁷, porque habitam campos muito abundantes e muito férteis, nos quais muito pode ser produzido e gerado por causa da fecundidade, foram cuidadosos na observação dos prodígios.

XLIII 95 Quem, de fato, não vê que os auspícios e os demais tipos de adivinhação tiveram mais força nos melhores estados? Que rei houve alguma vez, que povo, que não utilizasse a predição divina? Não somente na paz, mas até muito mais na guerra, quanto maior era a luta e o risco da salvação. Não menciono os nossos, que nada fazem na guerra sem as entranhas²⁰⁸, nada sem os auspícios durante a paz. Vejamos os estrangeiros: os atenienses sempre tiveram em todas as assembléias públicas certos sacerdotes adivinhos, os quais chamavam *μάντις*, e também os lacedemônios sempre ofereceram aos seus reis um áugure como assessor²⁰⁹ e, igualmente, quiseram que um áugure estivesse presente na assembléia de anciãos²¹⁰ (pois assim chamavam a assembléia pública), e eles mesmos sempre recorriam ao oráculo de Delfos, ou ao de Júpiter ou ao de Dodona em casos mais graves²¹¹. Certamente Licurgo, que governou a república dos lacedemônios, confirmou suas leis com a autoridade de Apolo Déléfio; querendo mudá-las totalmente Lisandro, foi proibido pela mesma religião. E até mesmo os que governavam os lacedemônios, não contentes com os cuidados em vigília, no templo de Pasífaa²¹², que está num campo perto da cidade, dormiam para sonhar, porque consideravam verdadeiros os oráculos dos que dormem.

²⁰⁷ Cf. 191.

²⁰⁸ Isto é, sem consultar as entranhas do animal sacrificado.

²⁰⁹ Atuavam como mediadores entre os reis de Esparta e o oráculo de Delfos.

²¹⁰ *A gerousía*.

²¹¹ Cf. I 3.

²¹² Marmorale (1933-34, p.) diz se tratar da mãe do minotauro, a quem os espartanos cultuavam; havia um templo de Pasífaa em Messênia, onde se praticava a adivinhação através de sonhos. Escobar, por sua vez, diz que não é seguro que se trate da mãe do minotauro.

97 Agora retorno às nossas. Quantas vezes o senado ordenou que os decênviros consultassem os livros²¹³! Em quão grandes assuntos e quão freqüentemente obedeceu às respostas dos harúspices! Pois quando dois sóis foram vistos, quando três luas, luzes e o sol foram vistos à noite, quando um estrondo foi ouvido do céu, quando o céu pareceu ter se partido e nele foram observadas esferas, quando foi declarada a destruição do campo Privernato, tendo a terra afundado a uma infinita profundidade e tendo a Apúlia sido sacudida por enormes tremores de terra – através desses prodígios grandes guerras e perigosas revoltas eram anunciadas ao povo romano. Em todos esses casos as respostas dos harúspices coincidiam com os versos sibilinos.

98 E quando o Apolo de Cumas e a Vitória de Cápua se cobriram de suor? Acaso o nascimento de um andrógino não foi uma espécie de prodígio monstruoso e fatal? E quando o rio Atrato verteu sangue? E quando caíram chuvas, com freqüência, de pedras, às vezes de sangue, de tempos em tempos de terra, outrora até de leite? E quando no Capitólio o Centauro²¹⁴ foi atingido por um raio, no Aventino, portas e homens, em Túsculo, templos de Castor e Pólux e, em Roma, da *Pietas*? Acaso os harúspices não previram as coisas que aconteceram e também nos livros da Sibila as mesmas predições não foram encontradas?

XLIV 99 Há pouco tempo, durante a guerra dos Marsos, o templo de Juno Sópita foi restaurado por causa do sonho de Cecília, filha de Quinto²¹⁵. De fato, tendo Sisena²¹⁶ discorrido que tal sonho concordava maravilhosamente, palavra por palavra, com os fatos, então, insolentemente, creio que induzido por algum epicurista, argumentou que não se devia acreditar nos sonhos. Ele mesmo nada discorre contra os prodígios e expõe que, no início da guerra dos Marsos, não só as estátuas dos

²¹³ Os livros sibilinos. Cf. I 4.

²¹⁴ Segundo Wardle (2006, p. 342) não há outra referência sobre esta estátua.

²¹⁵ Cf. I 4.

²¹⁶ Pretor em 78, escreveu *Histórias*, em pelo menos 23 livros.

deuses emanaram suor, como também havia corrido sangue²¹⁷, o céu havia se fendido, vozes foram ouvidas de um lugar desconhecido, que anunciavam os perigos da guerra, e os escudos de Lanúvio, o que aos harúspices pareceu muito funesto, foram roídos por ratos.

100 E que dizer sobre que temos nos anais sobre a guerra de Veios²¹⁸, tendo as águas do lago Albano se elevado demais, um certo homem nobre de Veios se refugiou entre nós, e ele disse, de acordo com as profecias escritas que os veientes tinham, que Veios não poderia ser tomada enquanto o mesmo lago transbordasse; e, se o lago, saindo de sua correnteza e seu curso normal, corresse abundantemente para o mar, seria funesto para o povo romano; do contrário, se fosse desviado de forma que não pudesse alcançar o mar, então seria salutar aos nossos? A partir disso, aquele admirável desvio da água albana foi feito pelos antigos. Porém, os veientes, cansados da guerra, tendo enviado embaixadores ao senado, então dizem que um deles falou que aquele desertor não ousara falar tudo ao senado; pois nas mesmas profecias os veientes tinham escrito que Roma em breve seria capturada pelos gauleses, o que, de fato, seis anos depois da captura de Veios, vemos que aconteceu²¹⁹.

XLV 101 Muitas vezes também se diz que nas batalhas faunos são ouvidos e nas situações conturbadas, vozes que dizem a verdade são enviadas de um lugar desconhecido; desse tipo eis dois exemplos, dentre muitos, mas grandiosos: pois não muito antes de a cidade ser tomada²²⁰, uma voz foi ouvida ao longe, do bosque sagrado de Vesta, que se estende desde a base do Palatino até a Via Nova, ordenando que os muros e as portas fossem refeitas; aconteceria que, a não ser que se tomasse aquela providência, Roma seria capturada. O que foi negligenciado enquanto era possível precaver-se, depois de sofrida aquela enorme desgraça, foi expiado; pois o altar, que vemos cercado, foi consagrado a *Aio Locutus* em frente a esse lugar. E

²¹⁷ Por um rio.

²¹⁸ Cidade da Etrúria, atual Isola Farnese, guerreou desde 482 até 396 a.C.

²¹⁹ Em 390 a.C., portanto.

²²⁰ Isto é, da tomada de Roma por parte dos gauleses, em 390 a.C.

também foi registrado por muitos que, tendo ocorrido um tremor de terra, que se fizesse uma cerimônia de expiação com uma porca prenhe, uma voz saiu do templo de Juno da cidadela; por causa disso, aquela Juno foi chamada de Moneta²²¹. Vamos, então, condenar tais coisas anunciadas pelos deuses e julgadas pelos nossos antepassados?

102 Não só as vozes dos deuses os pitagóricos observaram com cuidado, mas também dos homens, que chamam de *omina*. Os quais os nossos antepassados julgavam cumprir-se, e por esta razão, em toda ação a ser feita, diziam previamente: “que seja bom, próspero, feliz e afortunado”; nos assuntos divinos que eram feitos publicamente, era ordenado que “se guardasse silêncio religioso”; e na fixação dos dias de festa que “se abstivessem dos processos e das disputas”. Igualmente, na purificação da colônia por quem a fundava, purificando o general o seu exército, o censor o seu povo²²², os que conduziram as vítimas eram escolhidos pelos nomes de bom agouro²²³. O mesmo os cônsules observam no recrutamento das tropas, para que o primeiro soldado da lista tenha um nome de bom agouro. **103** Certamente sei por ti mesmo, seja como cônsul ou general²²⁴, tais coisas foram conservadas com extremo respeito. Até os antepassados quiseram que o primeiro voto fosse o presságio de assembleias legítimas²²⁵.

XLVI E eu vou expor exemplos conhecidos de *omina*: Lúcio Paulo, cônsul pela segunda vez²²⁶, tendo cabido a ele guerrear contra o rei Perses²²⁷, retornando a casa naquele mesmo dia ao cair da tarde, voltou a sua atenção à sua tristonha filhinha Tértia, que então era muito pequena, beijando-a. “O que há”, ele pergunta, “minha

²²¹ Do verbo *moneo*, advertir. Juno Moneta é a que adverte.

²²² Cerimônia chamada *lustratio*.

²²³ Nomes como *Valerius*, *Salvius*, *Statorius*, etc.

²²⁴ Durante o proconsulado na Cilícia.

²²⁵ Isto é, o primeiro voto influenciaria os demais.

²²⁶ Foi cônsul em 182 e 168 a.C.

²²⁷ Perses foi o último rei da Macedônia.

Tértia? Por que estás triste?” Ela responde, “Meu pai, Persa morreu.” Então ele abraçou a menina bem forte e disse, “Aceito, minha filha, esse presságio.” Porém, estava morto o cachorro com esse nome. **104** Eu ouvi Lúcio Flaco²²⁸, flâmine²²⁹ de Marte, dizendo que Cecília, esposa de Metelo, querendo arrumar casamento à filha de sua irmã, se retirou a um certo pequeno santuário para receber um presságio, o que costumava ser feito de acordo com o hábito dos antigos. Estando a virgem de pé e Cecília sentada numa cadeira e não tendo emitido uma palavra por muito tempo, a menina, cansada, pediu à tia que lhe cedesse o lugar, para que pudesse descansar um pouco em sua cadeira; mas ela disse: “Sim, minha menina, lhe cedo meu lugar.” Esse presságio se realizou: pois ela própria em pouco tempo morreu, mas a virgem desposou aquele com quem Cecília fora casada. Reconheço perfeitamente que essas coisas podem ser desprezadas ou até motivo de riso, mas desprezar o que é anunciado pelos deuses é o mesmo que pensar que eles não existem.

XLVII 105 O que posso falar dos áugures? Esse papel é teu, é teu papel, repito, a defesa dos auspícios²³⁰. A ti, quando cônsul, o áugure Ápio Claudio, anunciou, tendo havido dúvida sobre o augúrio da Salvação²³¹, que haveria uma guerra civil funesta e turbulenta; que começou poucos meses depois e em menos dias foi sufocada por ti. Certamente muito aprovo esse áugure, pois foi o único em muitos anos que conservou o conhecimento não de repetir um augúrio, mas de exercer a adivinhação. Ele que teus colegas ridicularizavam e diziam ora ser um áugure pisida²³², ora sorano; para os quais não parecia haver nos augúrios nenhuma previsão ou conhecimento de uma verdade futura; diziam que habilmente as religiões tinham sido

²²⁸ Provavelmente Lúcio Valério Flaco, cônsul em 100 a.C.

²²⁹ Sacerdote.

²³⁰ Porque Cícero era um áugure.

²³¹ Realizado uma vez por ano nos períodos de paz. O caso em questão ocorreu em 63 a.C., antes da conspiração de Catilina.

²³² Nota-se, a partir dessa passagem, que os adivinhos dessas cidades não tinham boa reputação. Roma não utilizava os métodos divinatórios como forma de saber o futuro, mas apenas para conhecer a vontade dos deuses e manter a *pax deorum*.

criadas de acordo com a credence dos ignorantes. É, de longe, o contrário, pois nem naqueles pastores que Rômulo governou, nem no próprio Rômulo pôde existir uma tal esperteza a ponto de produzir simulacros de culto religioso para enganar a multidão. Mas a dificuldade e o esforço em aprender tornaram eloqüente o desprezo. Pois preferem discorrer que nada há nos auspícios a aprender o que há.

O que é mais divino que aquele auspício que está no teu *Mário*²³³? Para que eu utilize, sobretudo, a tua autoridade:

Esta companheira alada de Júpiter altissonante, subitamente
ferida pela mordida de uma serpente fora do tronco da árvore,
subjuga, ela própria, trespassando suas garras ferozes, a cobra,
semiviva e agitando violentamente a cabeça inconstante;
dilacerando a que se retorçe e ensangüentando com o bico.
Já de ânimo saciado, já vingada das fortes dores,
atira a que se esvai e arremessa-a, dilacerada, na onda,
e do pôr do sol se volta para o nascente luminoso.
Quando a esta ave de vôo e asas velozes²³⁴,
viu Mário, áugure de divino nume,
observou sinais felizes de sua glória e de seu retorno;
o próprio pai do céu trovejou do lado esquerdo.
Assim, Júpiter confirmou o evidente *omen* da águia.

²³³ Poema épico escrito por Cícero em sua juventude, elogiando os feitos de Mário.

²³⁴ Em latim, *praepes* pode significar veloz ou favorável.

XLVIII 107 E aquele ofício de áugure de Rômulo foi pastoril, não urbano, nem feito para satisfazer a credence dos ignorantes, mas foi aceito por homens confiáveis e transmitido aos pósteros. E assim o áugure Rômulo, como está em Ênio²³⁵, com o irmão também áugure:

Dependendo um grande cuidado, os então ambiciosos
por reinar prestam atenção ao mesmo tempo no auspício e no augúrio.
No monte, Remo ao auspício se dedica e uma favorável
ave observa sozinho. Mas o belo Rômulo, no alto
Aventino, busca e observa um bando altívolo.
Disputavam se chamariam a cidade Roma ou Rêmora²³⁶;
a angústia de todos os homens: qual dos dois seria o comandante?
Esperam; como, quando o cônsul quer dar
o sinal, todos olham para as extremidades da barreira ávidos,
para que saia logo dos corredores pintados o carro,
assim esperava o povo e no rosto temia,
a qual dos dois teria sido dada a vitória de um grande reino?
Nesse momento, o claro sol se retirou nas profundezas da noite.
Em seguida, uma cândida luz tocada por raios surgiu para fora,

²³⁵ Nos *Anais*. A passagem que segue descreve a tomada dos auspícios de Rômulo e Remo, para decidir quem fundaria a cidade.

²³⁶ Roma em honra a Rômulo ou Rêmora em honra a Remo.

e ao mesmo tempo, do alto ao longe, uma belíssima e veloz
ave voou à esquerda; ao mesmo tempo o dourado sol nasceu,
caem do céu doze corpos sagrados
de aves, e se apresentam velozes e belos aos locais.
Rômulo observa dali que lhe fora dada a primazia
por um auspício, de um trono seguro e do solo.

XLIX 109 Mas que o discurso retorne ao mesmo ponto de onde se afastou. Se não posso discutir nada utilmente além de por que razão cada coisa acontece e somente ensinar que acontecem as coisas que lembrei, é pouco o que respondo a Epicuro ou Carnéades²³⁷? E se até mesmo o método de previsão artificial se mostra fácil, mas a divina um pouco mais obscura? Pois as coisas que são previstas pelas entranhas, pelos raios, pelos portentos, pelos astros, foram verificadas por uma longa observação. Mas em tudo a antigüidade, através de uma longa observação, produz um incrível conhecimento; que pode existir mesmo sem um movimento e impulso dos deuses, quando, através de observação contínua, é percebido o que acontece a partir de cada coisa e o que anuncia cada acontecimento.

110 Outra adivinhação é natural, como disse antes; que, com a sutileza de argumentação dos físicos, deve ser referida à natureza dos deuses, da qual, como agradou aos mais doutos e sábios, temos as almas emanadas e libadas; e uma vez que todas as coisas estão completamente cheias e repletas da inteligência eterna e pela mente divina, segue-se necessariamente que as almas humanas se agitem pelo contato das almas divinas. Mas as almas no estado de vigília servem às necessidades da vida e se afastam da relação divina, impedidas pela prisão do corpo.

²³⁷ Cf. I 5-7.

111 É raro um certo tipo delas que se apartam do corpo e são atraídas, com todo o cuidado e dedicação, para o conhecimento das coisas divinas. Os augúrios dessas almas não provêm de um ímpeto divino, mas da razão humana, pois pressentem os acontecimentos futuros da natureza, como as inundações das águas e a futura combustão, algum dia, do céu e da terra; outras porém, são versadas na política, como ouvimos acerca do ateniense Sólon, e prevêm muito antes uma tirania oriental²³⁸; podemos chamá-las prudentes, isto é providentes, mas de modo algum podemos chamá-las de adivinhas; não mais do que é dito de Tales de Mileto, que, para convencer seus detratores e mostrar que até um filósofo, se fosse conveniente a ele, poderia fazer dinheiro, comprou toda a oliveira do território de Mileto antes que começasse a florescer. **112** Observara, talvez, com um certo conhecimento, que haveria uma abundância de azeitonas. E, certamente, conta-se que ele próprio foi o primeiro a predizer um eclipse do sol, que aconteceu quando Astíage reinava²³⁹.

L Os médicos, os pilotos, até os agricultores pressentem muitas coisas, mas nenhuma delas chamo de adivinhação, nem mesmo aquela com a qual os lacedemônios foram advertidos pelo físico Anaximandro a abandonarem a cidade e as casas e vigiarem armados no campo, porque um terremoto era iminente; então, quando toda a cidade desabou, até o pico do monte Taigeto foi arrancado como a popa de um navio. Nem mesmo Ferecides, aquele ilustre mestre de Pitágoras, será considerado mais adivinho do que físico, porque, tendo visto a água vertida de um poço perene, disse que um terremoto era iminente.

113 Na verdade, a alma humana nunca adivinha naturalmente, a não ser quando está tão livre e tranqüila que absolutamente nada tenha em comum com o corpo, o que acontece aos vates e aos que dormem. E assim, esses dois tipos foram aprovados por Dicearco e, como disse, pelo nosso Cratipo; se por provirem da natureza são seguramente superiores, consinto, desde que não os únicos; mas se

²³⁸ Sólon previu a tirania de Pisístrato.

²³⁹ O eclipse ocorreu em 28 de maio de 585 a.C, segundo Escobar. Marmorale diz que foi em 597 a.C.

acham que nada há na observação, eliminam muitas coisas que nosso modo de vida abarca.

Mas porque eles concedem algo, e que não é de pouca importância - os vaticínios com sonhos -, não há motivo para os combatermos tanto, sobretudo quando há quem não aprove absolutamente nenhum tipo de adivinhação.

114 Portanto, também estes, cujas almas se apartam dos corpos desprezados e correm para fora, inflamados e incitados por algum ardor, entendem verdadeiramente aquilo que pronunciam os que vaticinam; tais almas são inflamadas por muitas coisas, elas que não estão apegadas aos corpos, como os que são incitados por algum som de vozes e pelos cantos frígios²⁴⁰. Bosques e florestas, rios ou mares abalam muitos. Sua mente enfurecida vê muito antes o que acontecerá. Desse tipo são estas²⁴¹:

Ai, vede! Declarará a célebre sentença
entre três deusas, alguém; por tal sentença
a mulher lacedemônia, uma das fúrias, chegará.

Pois do mesmo modo muitas coisas são preditas freqüentemente pelos que vaticinam, e não só por palavras, mas também

Por versos, os quais outrora faunos e vates cantavam.

²⁴⁰ Referência aos sacerdotes de Cibele.

²⁴¹ Os seguintes versos são de Ênio. Quem fala é Cassandra, a respeito de Páris e Helena.

115 Dizem que os vates Marcelo e Públio²⁴² cantaram de forma semelhante²⁴³; deste modo os oráculos de Apolo eram apresentados. Acredito até que existam certos vapores das terras, impregnadas dos quais as mentes proferem oráculos.

LI E a explicação sobre os vates se aplica, de forma não muito diversa, aos sonhos. Pois o que ocorre aos vates em vigília, ocorre a nós dormindo. De fato, a alma é vigorosa nos sonhos, livre de tudo quanto aos sentidos e do obstáculo das preocupações, enquanto o corpo jaz como morto. Ela, porque viveu toda a eternidade e esteve com incontáveis almas, vê tudo o que está na natureza das coisas, se está afetada de tal forma por alimentos moderados e por poucas bebidas que vela, quando o próprio corpo está adormecido. Esta é a adivinhação daquele que sonha.

116 Aqui aparece uma grande interpretação de Antifonte sobre os sonhos, não natural, mas artificial; e do mesmo modo, também sobre os oráculos e vaticínios, pois existem comentadores de todos estes, como os gramáticos dos poetas. Pois, assim como a natureza divina teria produzido o ouro e a prata, o bronze, o ferro em vão, a não ser que a mesma tivesse ensinado alguém a chegar deste modo às suas minas; nem teria dado ao gênero humano os grãos da terra ou os frutos das árvores com alguma utilidade, a não ser que transmitisse seus cultivos e condições; então, a madeira seria útil a quem, se não tivéssemos o trabalho de seu corte? Assim, a todo recurso que os deuses deram aos homens se associou alguma arte através da qual se pudesse obter aquele recurso. Portanto, ocorre o mesmo em relação aos sonhos, aos vaticínios e aos oráculos: porque muitos eram obscuros, muitos ambíguos, utilizaram-se explicações dos intérpretes.

117 Mas de que modo os vates ou os que sonham vêem tais coisas que, na verdade, não existem em parte alguma, é uma grande questão. Mas se tivessem sido examinadas as coisas que devem ser questionadas antes, o que questionamos seria mais fácil. Pois contém toda essa questão o raciocínio acerca da natureza dos deuses

²⁴² Adivinhos lendários.

²⁴³ Isto é, em versos.

que foi explicado por ti naquele segundo livro²⁴⁴ brilhantemente. Se o sustentarmos, aquele não será abalado, porque abrange esse tópico sobre o qual tratamos, “os deuses existem e o mundo é governado por sua providência, e os mesmos se ocupam dos assuntos humanos, não só dos gerais, mas certamente também dos individuais.” Se nos atemos a isso, que certamente não me parece que possa ser abalado, sem dúvida é forçoso que o futuro seja anunciado aos homens pelos deuses.

LII 118 Mas deve-se distinguir de que modo. Pois não agrada aos estóicos a idéia de que os deuses se interessam por cada fenda dos fígados ou cada canto das aves, pois nem é conveniente nem digno dos deuses, nem pode ser feito de modo algum, mas desde o princípio o mundo foi criado de tal forma que certos sinais antecedessem certos fatos, uns nas entranhas, outros nas aves, uns nos raios, outros nos prodígios, uns nas estrelas, outros nas vozes dos enfurecidos. Essas coisas são bem percebidas por eles, e eles não são enganados freqüentemente; coisas falsas foram mal presumidas e mal interpretadas, não por falha das coisas, mas por ignorância dos intérpretes.

Mas, posto e concedido isto, que a vida dos homens contém uma certa força divina, não é difícil supor por qual razão acontecem as coisas que vemos, sem dúvida, acontecer. Pois para a escolha da vítima, pode ser o guia uma certa força sensível, que está difusa pelo mundo todo, e então, exatamente quando queres fazer o sacrifício, pode ocorrer uma mutação nas vísceras, de forma que ou algo falte ou sobre, pois em poucos momentos a natureza forma, muda ou tira muitas coisas. **119** Para que não possamos duvidar disso, o que aconteceu pouco antes do assassinato de César é a maior prova. Sacrificando naquele dia em que pela primeira vez sentou na cadeira dourada e apareceu com a veste púrpura²⁴⁵, nas entranhas de um boi vigoroso não havia o coração. Por acaso, então, pensas que algum animal que tenha sangue possa existir sem o coração? Ele se abalou²⁴⁶ pelo caráter inusitado do fato quando

²⁴⁴ Do *De Natura Deorum*.

²⁴⁵ A veste púrpura era privilégio do monarca.

²⁴⁶ Algumas edições, como de Falconer (1992), incluem *non* ao início da frase, baseados no comportamento esperado por parte de César em relação aos presságios.

Espurina²⁴⁷ disse que se deveria temer ser privado não só de discernimento como também da vida, pois ambas as coisas provinham do coração. No dia seguinte, não havia a ponta do fígado. Certamente, tais fatos eram revelados a ele pelos deuses imortais para que visse o assassinato, não para que tomasse cuidado. Portanto, quando não são encontradas nas entranhas as partes sem as quais aquela vítima não poderia viver, deve-se entender que no exato momento da imolação essas partes que faltam extinguem-se.

LIII 120 A mente divina produz o mesmo nas aves, de forma que ora para aqui, ora para ali voem *alites*²⁴⁸, ora nesta, ora naquela parte se ocultem, ora à direita, ora à esquerda cantem *oscines*²⁴⁹. Pois se todo animal utiliza como queira o movimento do seu corpo, inclinado para baixo, sinuoso, voltado para cima, e move, vira, estende e contrai seus membros para qualquer lugar que queira e faz tais coisas quase que antes de pensar, quão mais fácil isso é para um deus, a cuja vontade todas as coisas obedecem! **121** E a mesma nos envia também os sinais desse tipo, de que a história transmite muitíssimos exemplos, como este que vemos escrito: se a Lua, um pouco antes do nascimento do Sol, se eclipsasse no signo de Leão, aconteceria que, com armas, Dario e os Persas seriam vencidos por Alexandre e os macedônios e Dario morreria²⁵⁰; e se nascesse uma menina de duas cabeças, aconteceria uma revolta no povo, corrupção e adultério em casa; se uma mulher se visse dando à luz um leão, aconteceria que a república na qual isso aconteceu seria vencida por povos estrangeiros.

Deste tipo, há também este que Heródoto escreveu: o filho de Cresos falou, sendo mudo; por esse prodígio o reino do pai e a casa foram destruídos inteiramente. Que história não contou que a cabeça de Sêrvio Túlio ardeu em chamas enquanto

²⁴⁷ Espurina é o harúspice que advertiu César sobre os acontecimentos dos idos de março.

²⁴⁸ *Alites* são aves que dão presságios pelo vôo, como a águia e o falcão.

²⁴⁹ *Oscines* são aves que dão presságios pelo canto, como a coruja. *Oscen* é relacionado etimologicamente com o verbo *cano*, cantar. Cf. Varrão, L.L. 6, 76.

²⁵⁰ Dario III, último rei persa, derrotado por Alexandre em 331 a.C.

dormia²⁵¹? Portanto, assim como quem se entrega ao sono com a alma preparada com bons pensamentos, principalmente com os meios próprios para a tranqüilidade, discerne as coisas certas e verdadeiras nos sonhos, a alma íntegra e pura de quem está acordado é mais suscetível à verdade dos astros, das aves, dos demais sinais e das entranhas.

LIV 122 Certamente isso é o que ouvimos sobre Sócrates, e que freqüentemente é dito por ele mesmo nos livros socráticos: há algo divino, que ele chama δαιμόνιον, a quem ele próprio sempre obedeceu, e que nunca o incitava, muitas vezes fazia recuar. E Sócrates ainda disse o que lhe parecia (que autor melhor que esse buscamos?), depois que explicou a Xenofonte, que o consultava sobre se deveria ou não seguir Ciro: “De fato é nosso o plano humano; mas acerca de coisas obscuras e incertas, julgo que deva ser submetido a Apolo,” a quem até os atenienses, para o bem público, sempre se dirigiram sobre os assuntos mais importantes.

123 Igualmente está escrito que, tendo visto o olho de Críton, seu familiar, atado, perguntou o que havia; mas tendo ele respondido que, ao caminhar no campo, quando puxou um raminho, este, ao ser solto, bateu em seu olho, então Sócrates disse: “É porque não obedeceste a mim, que te chamava de volta, utilizando, como costume, um pressentimento divino.” Também o mesmo Sócrates, sendo derrotado em Delium, quando Laquete era pretor, e fugindo com o próprio Laquete, quando chegou num cruzamento de três ruas, não quis fugir pela mesma rua que os demais. Questionando eles por que não ia pelo mesmo caminho, disse que era impedido pelo deus; então, de fato, os que fugiram pelo outro caminho caíram nas mãos da cavalaria dos inimigos. Muitíssimos fatos que foram adivinhados por Sócrates admiravelmente foram reunidos por Antípatro, os quais não mencionarei, pois te são conhecidos e não é preciso que eu recorde. **124** Entretanto, mencionarei este fato magnífico e quase divino desse filósofo, que, tendo sido condenado por sentenças ímpias, disse que morria com a alma muito tranqüila; pois nem saindo de casa, nem subindo naquele

²⁵¹ Quando era criança, segundo a lenda.

estrado onde defendera sua causa, não lhe fora dado nenhum dos sinais que costumava receber do deus de que algum mal era iminente.

LV Certamente assim eu penso: ainda que muitas coisas induzam a erro os que parecem adivinhar ou pela arte ou pela interpretação, existe, contudo, a adivinhação; mas os homens, como nas demais artes, nesta podem ser induzidos a erro. Pode acontecer que algum sinal dado de maneira duvidosa seja aceito como certo, pode algo ter-se ocultado ou o próprio sinal, ou o contrário a ele. Mas é suficiente para mim encontrar não apenas muitos, mas também poucos pressentimentos e predições por adivinhação, para ser provado isso que sustento. **125** Além do mais, se um único acontecimento tiver sido de tal forma predito e pressentido que, quando tiver acontecido, cumprir-se assim como foi predito e que nele nada pareça ter ocorrido por acaso e fortuitamente, eu diria sem hesitação que há certamente a adivinhação e que isso deve ser reconhecido por todos.

Por isso, me parece, como faz Possidônio, que todo poder e método de adivinhar deve ser proveniente primeiro de deus, de quem já se disse o suficiente, depois do destino, depois da natureza. Portanto, a razão obriga a concordar que tudo acontece segundo o destino. Mas eu chamo Destino o que os gregos chamam εἰς μαρμηνή, isto é, a ordem e a conexão das causas, quando uma causa unida à outra gera, a partir de si, um fato. Essa é a verdade eterna que sempre flui desde toda a eternidade. Sendo assim, nada aconteceu que não haveria de acontecer, e, do mesmo modo, nada acontecerá que não contenha na própria natureza suas causas eficientes. **126** A partir disso entende-se que destino não é isso que se diz supersticiosamente, mas isso que se diz filosoficamente, a causa eterna das coisas, o por que tais coisas que se passaram aconteceram, as que são iminentes acontecem e as que se seguem acontecerão. Assim acontece que possa ser anotado pela observação o fato que segue alguma causa ordinariamente, ainda que nem sempre (pois isso certamente é difícil de se afirmar), é verossímil que essas mesmas coisas sejam percebidas por quem as vê ou pelo furor ou em repouso.

LVI 127 Além disso, uma vez que tudo acontece de acordo com o destino, o que será mostrado em outro lugar²⁵², se pode existir algum mortal que compreenda pela alma a relação de todas as causas, sem dúvida nada o induz a erro. Pois o que compreende as causas das coisas futuras é necessário que tenha todas as coisas que acontecerão. Uma vez que ninguém pode fazer isso a não ser deus, deve ser deixado ao homem que pressinta por certos sinais que declaram o futuro que se segue. Pois essas coisas que acontecerão não se apresentam repentinamente, mas, como o desenrolar de uma amarra, assim é o curso do tempo, nada produzindo de novo e repetindo o que acontecera. O que vêem aqueles a quem a adivinhação natural foi dada, e aqueles por quem o curso dos fatos foi anotado pela observação. Ainda que eles não distingam as próprias causas, conhecem os sinais e os indícios das causas; aplicando-se-lhes a memória, o discernimento e o registro dos antepassados, far-se-a a adivinhação que é dita artificial, a das entranhas, dos raios, dos prodígios e signos celestes.

128 Portanto, não é de admirar-se que sejam pressentidas pelos adivinhos essas coisas que não estão em nenhuma parte, pois todas elas existem, mas estão distantes no tempo. E, assim como nas sementes há a essência das coisas que são produzidas por elas, nas causas estão escondidos os acontecimentos futuros, os quais a mente arrebatada ou relaxada pelo sono discerne, ou a razão ou a interpretação presente. Assim como os que conhecem o nascer, o pôr e o movimento do sol, da lua e dos demais astros predizem muito antes qual desses fatos acontecerá e em que momento, os que notaram o andamento das coisas e a sucessão dos acontecimentos através de um longo exame, sempre, ou, se isso for difícil, quase sempre, e se nem mesmo isso não for concedido, ao menos algumas vezes sabem o que acontecerá. E certamente esses e também outros argumentos desse tipo, sobre o porque de a adivinhação existir são provenientes do destino.

LVII 129 Da natureza, porém, há um outro raciocínio que mostra quão grande é o poder da alma, separado dos sentidos do corpo, o que atinge o máximo nos que

²⁵² No *De Fato*.

dormem ou que têm a mente agitada. Assim como as almas dos deuses, sem olhos, sem ouvidos, sem a língua²⁵³, compreendem entre si o que cada qual sente (a partir disso ocorre que os homens, mesmo quando desejam algo ou façam um voto calados, não duvidem de que os deuses o escutem), as almas dos homens, quando estão livres, separadas do corpo durante o sono ou quando se movem com a mente agitada, impelidas por si mesmas livremente, discernem as coisas que as almas, confundidas ao corpo, não conseguem ver. **130** De fato, talvez seja difícil transferir esse raciocínio da natureza para o tipo de adivinhação que dizemos ser proveniente de uma arte, contudo Possidônio buscou também isso cuidadosamente o quanto pôde. Julga que há na natureza certos sinais de fatos futuros. Pois ouvimos dizer que os habitantes de Geos costumam todos os anos observar cuidadosamente o surgimento da constelação de Canícula²⁵⁴ e fazer uma interpretação, como escreve Heráclides Pôntico, se será um ano bom para a saúde ou de muitas epidemias. Pois se a estrela aparecesse menos brilhante e como que escura, o ar seria espesso e carregado, que sua aspiração seria penosa e nociva; se, ao contrário, a estrela se mostrasse brilhante e clara, significaria que o ar seria tênue e puro e, por causa disso, saudável.

131 Mas Demócrito julga que os antigos instruíram sabiamente que se examinassem as entranhas das vítimas imoladas, a partir do estado e da cor delas são tomados os sinais, quer de saúde, quer de doença, às vezes também se haverá esterilidade ou fertilidade dos campos. Se a observação e a experiência proveniente da natureza reconheceu esses fatos, o tempo pôde trazer muitas coisas que foram notadas através da observação, como aquela passagem de Pacúvio, no *Crises*, em que se introduz um físico que parece não conhecer a natureza das coisas:

...pois esses, que compreendem a língua das aves
e sabem mais do fígado alheio²⁵⁵ que do próprio,

²⁵³ Os estóicos não acreditavam no caráter antropomórfico dos deuses.

²⁵⁴ Em latim *Canicula*, a constelação do Cão Maior, a cuja estrela Sirio, a mais brilhante do céu, se fará referência.

²⁵⁵ Isto é, do animal sacrificado. O fígado aparece aqui como a morada da inteligência.

julgo que deve-se mais ouvi-los que dar-lhes crédito.

Por quê?, pergunto, uma vez que tu mesmo dizes uns poucos versos depois , com suficiente brilho:

o que quer que seja isso, a tudo anima, forma, alimenta, engrandece, cria, sepulta e acolhe em si todas as coisas e também é pai de todas elas, e do mesmo lugar elas nascem novamente e ali mesmo morrem.

Portanto, uma vez que a morada de todas as coisas é una e comum²⁵⁶ e uma vez que as almas dos homens sempre existiram e existirão, por que não poderiam compreender o que acontece a partir de cada coisa e o que anuncia cada acontecimento?

“Era o que tinha”, disse ele, “a expor sobre a adivinhação.”

LVIII 132 Agora vou declarar que não admito os videntes e nem os que predizem o futuro para lucrar, nem certamente as evocações dos espíritos, de que teu amigo Ápio costumava fazer uso. Enfim, não dou a mínima importância para um áugure marso, nem aos harúspices de aldeias, nem aos astrólogos de circo, nem aos adivinhos isíacos, nem aos intérpretes de sonhos, pois eles não são adivinhos nem por ciência nem por arte,

Mas vates supersticiosos e haríolos desavergonhados

Ou vagabundos ou insanos ou aos quais a pobreza comanda,

Que não conhecem sua própria senda e mostram o caminho aos outros,

Aos quais prometem riquezas e aos quais eles próprios pedem uma dracma.

Que retirem dessas riquezas sua dracma e entreguem o restante!

²⁵⁶ A deuses e homens.

E isso é do mesmo Ênio que poucos versos antes julga que os deuses existem, mas acha que eles não se preocupam com o que o gênero humano faz. Eu, porém, que julgo que se preocupam e até advertem e predizem muitas coisas, excluindo a que se faz por futilidade, vaidade e malícia, aprovo a adivinhação.”

Tendo Quinto dito isso, respondi: “De fato, Quinto, tu vieste perfeitamente preparado...”

Sobre a Adivinhação

Livro II

1 Indagando e pensando por muito tempo sobre como eu poderia ser útil a um maior número de pessoas possível, para não deixar de me preocupar, jamais, com a República, nada melhor me ocorria do que transmitir aos meus concidadãos os caminhos das nobres artes, o que penso que já consegui em numerosos livros²⁵⁷. Pois exortamos o máximo que pudemos ao estudo da filosofia neste livro que é intitulado *Hortênsio* e mostramos nos quatro livros *Acadêmicos* a maneira de tratar de filosofia que julgávamos ser a menos arrogante e a mais coerente e elegante. **2** E estando os fundamentos da filosofia assentados nos fins do bem e do mal²⁵⁸, esse ponto foi tratado profundamente por nós em cinco livros, para que se pudesse compreender o que era dito por cada um e o que era dito contra cada um dos filósofos. Em mesmo número, os livros seguintes, das *Tusculanas*, mostraram os requisitos mais necessários à vida feliz. Pois o primeiro é sobre o desprezo à morte; o segundo sobre a tolerância à dor; sobre o alívio da angústia, o terceiro; o quarto sobre as demais perturbações da alma; o quinto compreendeu este tópico que ilustra muito bem toda a filosofia, pois ensina que a virtude é suficiente por si mesma para a vida feliz.

3 Depois de publicar esses trabalhos, finalizaram-se os três livros sobre a natureza dos deuses, nos quais toda a discussão desse tema está contida. E para que ficasse totalmente completa e clara, começamos a escrever sobre a adivinhação nestes livros²⁵⁹, aos quais se acrescentarmos, como tenho a intenção, um sobre o destino, teremos esclarecido completamente toda essa questão. E a esses devem ser acrescentados seis sobre a República, que escrevemos quando tínhamos a

²⁵⁷ Cícero, afastado dos assuntos políticos devido à ditadura de César, passa a se dedicar à filosofia. A seguir, há uma espécie de catálogo de sua obra filosófica até o momento. A lista não está, como aponta Pease (p.345-346), em ordem cronológica.

²⁵⁸ Referência à obra *De finibus bonorum et malorum*.

²⁵⁹ Cf. I 8.

administração da República. Um grande tema próprio da filosofia, tratado muito extensamente por Platão, Aristóteles, Teofrasto e por toda a escola dos peripatéticos. Pois o que eu poderia dizer a respeito da *Consolação*²⁶⁰ ? Ele, que certamente cura a mim mesmo um pouco, será igualmente útil, creio, às demais pessoas. Há pouco veio-se acrescentar também o livro que enviamos ao nosso amigo Ático sobre a velhice. Visto que o homem se torna bom e forte através da filosofia, o nosso *Catão* deve ser arrolado entre esses livros e entre os mais importantes. **4** Uma vez que Aristóteles e igualmente Teofrasto, homens excelentes, uniram não só com sutileza, mas também com eloquência, os preceitos da retórica à filosofia, também nossos livros de oratória parece que devem ser postos no mesmo número. Assim serão os três livros *Sobre o Orador*; o quarto, *Bruto*; o quinto, *O Orador*.

II Até o momento havia essas obras, às restantes nos dirigíamos mentalmente dispostos e preparados de forma que, a não ser que um motivo mais grave impedisse²⁶¹, não permitiríamos que houvesse algum tema da filosofia que não aparecesse elucidado nas letras latinas²⁶². Pois que benefício maior ou melhor podemos dar à República do que ensinarmos e instruímos a juventude? Sobretudo nestes tempos e costumes, em que está corrompida a tal ponto que deve ser contida e corrigida com a ajuda de todos. **5** Na verdade, não espero que possa ser feito o que nem mesmo se deve exigir: que todos os jovens se convertam a esses estudos. Permitam os deuses que uns poucos! Contudo, o empenho desses poderá manifestar-se largamente na República. Certamente, também colho o fruto do meu trabalho nestes que, já de idade avançada, encontram repouso em nossos livros; o meu empenho em escrever é incitado a cada dia mais ardentemente pelo empenho deles em ler; na verdade, reconheço que são mais numerosos do que eu pensava. É magnífico e também glorioso aos homens romanos que não necessitem das letras gregas no que

²⁶⁰ Obra que Cícero escreveu na ocasião da morte de sua filha Túlia. Apenas fragmentos chegaram até nós.

²⁶¹ A morte de César ou o fim de sua ditadura, fato que possibilitaria a Cícero seu retorno à vida política.

²⁶² Em latim, *latinis litteris*, se refere tanto à língua quanto à literatura latina.

diz respeito à filosofia.²⁶³ **6** O que conseguirei sem dúvida, se tiver realizado meus planos.

De fato, a grave situação do Estado me deu o ensejo para explicar a filosofia quando, em guerra civil, eu não podia nem cuidar da República, como costumava, nem deixar de agir, e não encontrava nada preferível a fazer que de fato fosse digno de mim. Portanto, meus concidadãos não de me escusar, ou antes, ficarão agradecidos, pois, estando a República em poder de um só, não me apartei, não desertei, não me abati nem agi como se estivesse enraivecido com um homem²⁶⁴ ou com os tempos, e não adulei ou admirei a sorte alheia de forma que tivesse pena da minha.

Pois eu havia aprendido isto mesmo através de Platão e da filosofia: são naturais certas transformações nos governos, de modo que estão ora sob a autoridade dos nobres, ora do povo, às vezes de um só²⁶⁵. **7** Ocorrendo isso à nossa República, então, privados das funções de outrora, começamos a renovar esses estudos, não apenas para que a alma se aliviasse das inquietações principalmente dessa maneira, mas também para que fôssemos úteis aos nossos cidadãos, da forma que podíamos. Pois nos livros expressávamos o parecer que diríamos publicamente, pensávamos que a filosofia era para nós uma substituta para a administração da República. Agora, já que começamos a ser consultados sobre a República²⁶⁶, deve-se prestar serviço a ela, ou antes, todo pensamento e cuidado deve ser posto nela, deve-se dedicar a este estudo o tempo que as funções públicas e os encargos deixarem vago. Mas estas coisas, mais extensamente, em outra ocasião²⁶⁷. Agora voltemos à discussão proposta.

²⁶³ Cícero não escondia sua pretensão em superar a língua e a filosofia grega, como vimos em I1.

²⁶⁴ Segundo Pease (p. 356), Cícero não se refere aqui a César, pois *homini* não seria um termo apropriado. Cícero estaria se referindo a qualquer pessoa.

²⁶⁵ Cf. Platão, República, 545b-c. alusão às três formas tradicionais de governo: aristocracia, democracia e monarquia ou tirania.

²⁶⁶ Essa passagem nos indica que o *De divinatione* foi escrito ou terminado após a morte de César.

²⁶⁷ Possível referência ao *De Officiis*.

III 8 Pois, tendo meu irmão Quinto exposto essas coisas sobre a adivinhação que estão descritas no livro precedente, e parecendo ter andado o suficiente, então, na biblioteca que fica no Liceu sentamos. E eu disse²⁶⁸:

— Certo é, Quinto, que tu defendeste a posição dos estóicos cuidadosamente e como um estoico e, o que me agradou muitíssimo, utilizaste grande quantidade de exemplos nossos²⁶⁹, e também estes, certamente famosos e ilustres. Portanto, devo responder a essas coisas que foram ditas por ti, mas de forma que eu não afirme nada, questione todas, não só duvidando na maior parte do tempo, mas até desconfiando de mim mesmo²⁷⁰. Pois se eu julgasse ter algo de certo para dizer eu mesmo, que nego que a adivinhação exista, praticaria a adivinhação.

9 Pois me provoca o que Carnéades costumava questionar no início: existiria a adivinhação de que coisas? Acaso as que são percebidas pelos sentidos? Mas, de fato, a essas nós discernimos, ouvimos, sentimos o gosto, o cheiro, tocamos. Assim, acaso há algo nessas coisas que sintamos mais pela previsão ou pela agitação da mente do que pela própria natureza²⁷¹? Acaso conheço algum famoso adivinho que, se for cego, como foi Tirésias²⁷², possa dizer o que é branco ou o que é negro ou, se for surdo, reconhecer as variedades ou os tons das vozes? Portanto, a adivinhação não se aplica a nenhuma dessas coisas que são recebidas pelos sentidos.

Ora, nem ainda naquilo que é tratado com arte é necessária a adivinhação. Pois aos doentes costumam levar não vates ou haríolos, mas sim médicos, e nem, na verdade, os que querem tocar liras ou flautas aprendem o seu manejo de harúspices, mas sim de músicos. **10** O mesmo raciocínio se aplica às letras e aos demais assuntos

²⁶⁸ A introdução do livro II interrompe o fluxo do diálogo, portanto, Cícero retoma o final do livro I (Cf. I 132) antes de dar continuidade ao tema.

²⁶⁹ Isto é, exemplos romanos. Cf. I 55.

²⁷⁰ O método acadêmico. Cf. I 7.

²⁷¹ Isto é, pelos sentidos.

²⁷² Cf. I 88.

para os quais há um aprendizado. Acaso pensas que os que dizem adivinhar possam responder se o Sol é maior que a Terra ou se é do tamanho que o vemos? E se a Lua utiliza a própria luz ou a do Sol? Que movimento tem o Sol, a Lua? E as cinco estrelas que, dizem, erram? Nem esses que são considerados adivinhos declaram que dirão, e nem, disso que é descrito em geometria, o que é verdadeiro e o que é falso, pois isso é com os matemáticos, não com os haríolos.

IV A respeito dos assuntos que são tratados na filosofia, o que é que algum dos adivinhos costuma responder ou ser consultado sobre o que é o bem, o que é o mal, o que não é nem uma coisa nem outra? Essas coisas são, não há dúvida, próprias dos filósofos²⁷³. **11** Quem por acaso consulta um harúspice sobre um dever, sobre de que modo deve se portar com os pais, com os irmãos, com os amigos? De que modo deve usar o dinheiro, de que modo o cargo público, de que modo o poder? Essas questões costumam ser levadas aos sábios, não aos adivinhos.

E então? Que assuntos tratados pelos dialéticos ou pelos físicos podem ser adivinhados? Se o mundo é um só ou vários, quais são as origens das coisas, de que tudo nasce? Esse saber é dos físicos. De que modo resolverias um argumento mentiroso, que chamam de *pseudo/menoj*²⁷⁴, ou de que modo refutarias um *sorites* (que, se for necessário, pode ser chamado com uma palavra latina, “acumulado”, mas não há necessidade, pois assim como se usa a própria “filosofia” e muitas palavras dos gregos, “*sorites*” é suficientemente habitual na língua latina) – portanto, essas coisas também dirão os dialéticos, não os adivinhos²⁷⁵.

Quando se pergunta qual é a melhor constituição da República, quais leis, quais costumes são úteis ou inúteis, serão chamados os harúspices da Etrúria ou o decidirão

²⁷³ A ética seria, segundo Cícero, o fundamento da filosofia. Cf. II 2.

²⁷⁴ *Pseudomenos* é o tipo de sofisma no qual a seguinte questão é colocada: “se um homem diz ser mentiroso, ele mente ou diz a verdade?”

²⁷⁵ *Sorites* é um raciocínio composto de uma série de proposições encadeadas umas às outras.

os principais homens e os seletos peritos nos assuntos civis? **12** E se não há adivinhação alguma das coisas que estão sujeitas aos sentidos nem das que dependem das artes, nem das que são discutidas dentro da filosofia, nem das que versam sobre a República, a respeito de quê há adivinhação, realmente não entendo; pois ou deve existir para tudo ou outro objeto deve ser dado a ela sobre o qual possa versar. Mas nem a adivinhação existe para tudo, como a razão ensinou, nem se encontra ocasião ou assunto que possamos submeter à adivinhação

V Vê, portanto, que talvez não exista adivinhação alguma. Há, de fato, um verso grego bem conhecido sobre esse assunto²⁷⁶:

Aquele que previr bem, considerarei o melhor vate.

Portanto, acaso um vate, por conjectura, prevê melhor que o timoneiro que uma tempestade se aproxima? Ou entende a natureza de uma doença com mais precisão que um médico? Ou a administração da guerra com mais prudência que um general?

13 Mas eu notei, Quinto, que tu, cautelosamente, separas a adivinhação das conjecturas que têm uma arte e um saber e das que são apreendidas pelos sentidos ou por um conjunto de habilidades, e assim a defines: a adivinhação é a predição e o pressentimento das coisas que são fortuitas. Primeiramente, estás num círculo vicioso. Pois a intuição tanto do médico como do timoneiro e do general é de coisas fortuitas. Portanto, acaso o harúspice ou o áugure ou algum vate ou alguém que sonha adivinharia melhor que o médico, que o timoneiro, que o general, que um doente vai se curar de uma doença ou que um navio vai escapar do perigo ou que um exército das emboscadas? **14** Além disso, tu dizias que nem mesmo é do adivinho pressentir que ventos ou chuvas se aproximam por meio de certos sinais (quando certos versos de nossa *Aratea* foram pronunciados por ti de memória), ainda que essas mesmas coisas

²⁷⁶ Fragmento de Eurípides (973N2). Cf. Escobar p. 167 n.39; Pease p. 369.

sejam fortuitas, pois geralmente ocorrem, mas não sempre. Portanto, qual é ou sobre que versa o pressentimento das coisas fortuitas que tu chamas de adivinhação? Pois o que pode ser pressentido ou por arte ou por razão ou por experiência ou por conjectura tu consideras que devem ser atribuídas não aos adivinhos, mas aos peritos. Resta, então, que podem ser adivinhadas as coisas fortuitas que não podem ser previstas por nenhuma arte nem conhecimento, como por exemplo, se alguém tivesse dito muitos anos antes que o famoso Marcos Marcelo²⁷⁷, que foi cônsul três vezes, morreria em um naufrágio, adivinharia verdadeiramente, pois nenhuma outra arte nem conhecimento poderia saber isso. Logo, adivinhação é o pressentimento de tais coisas que recaem sob o domínio do acaso.

VI 15 Portanto, pode haver algum pressentimento para essas coisas que não têm nenhum motivo racional para virem a ocorrer²⁷⁸? Pois que outra coisa é o azar, a sorte, o acaso, o acontecimento se não quando algo acontece, sucede de tal forma que poderia acontecer e suceder de outra forma?²⁷⁹ Logo, de que modo isso que acontece sem motivo, por acaso incerto e inconstância da sorte²⁸⁰, pode ser pressentido e predito? **16** O médico percebe pela razão a doença se agravando, o general as emboscadas, o timoneiro as tempestades; porém, eles próprios, que nada julgam sem razão firme²⁸¹, se enganam muitas vezes; como o agricultor, quando vê a flor da

²⁷⁷ Marco Cláudio Marcelo foi cônsul nos anos 166, 155 e 152. Morreu em 148, numa viagem à África. Cf. *De Fat.* 33.

²⁷⁸ Cf. Pease, p. 372; Cícero tenta mostrar que algo sujeito ao acaso não pode ao mesmo tempo ser sujeito a um determinismo.

²⁷⁹ Timpanaro (p.336, n. 26) nos informa que há um códice do século XII e alguns da época humanística que trazem as palavras *non cadere atque evenire* antes de *vel aliter*, de forma que o argumento seria completado com a noção de que um acontecimento fortuito, além de acontecer de forma diferente, poderia também não acontecer. Há duas hipóteses quanto a isso: ou essas palavras estavam presentes em um manuscrito mais antigo, que se perdeu, ou algum copista medieval as teria acrescentado. Os editores modernos tendem a confiar na segunda hipótese. É o caso de Pease, que seguimos.

²⁸⁰ Um dos símbolos da Fortuna é a roda, pois retrata a instabilidade dos acontecimentos: quem um dia está em posição elevada, no outro dia está embaixo, isso é, enquanto ela favorece uns, desfavorece outros.

²⁸¹ Cf. I 24.

oliveira, pensa que também verá a azeitona, certamente não sem razão; entretanto, algumas vezes se engana. E, se esses que nada dizem sem alguma conjectura provável e razão se enganam, o que devemos pensar a respeito da conjectura dos que pressentem o futuro pelas entranhas, pelas aves, pelos prodígios, pelos oráculos ou pelos sonhos? Ainda não estou dizendo que não existam nenhum desses sinais, como a fissura do fígado, o canto do corvo, o vôo da águia, a trajetória da estrela, as vozes dos furibundos, as sortes, os sonhos; falarei de cada um deles em seu devido lugar, agora, de todos em geral. **17** Como se pode prever que acontecerá algo que nem tem alguma causa nem indício de por que aconteceria? Eclipses do sol e também da lua são preditos por muitos anos por estes que acompanham o movimento dos astros através de cálculos²⁸²; predizem tais coisas que, certamente, a lei da natureza executará. Vêm através do constantíssimo movimento da Lua, quando ela, tendo percorrido a região do Sol²⁸³, adentrará a sombra da Terra, que é o cone da noite, de forma que seja necessário que ela sofra um eclipse; quando a mesma Lua, posicionada em frente ao Sol, oculta o seu brilho aos nossos olhos; em qual signo estará cada uma das estrelas errantes e em qual momento, qual signo irá surgir ou pôr-se a cada dia. Tu vêes que raciocínio seguem aqueles que dizem tais coisas com antecedência.

VII 18 O que seguem os que dizem que um tesouro será descoberto ou que chegará uma herança? Ou em que condição natural das coisas está implícito que isso ocorrerá? E se essas coisas e outras que são desse gênero têm algum tipo de necessidade, o que, afinal, podemos pensar que aconteça por acaso ou por sorte? Pois nada é tão contrário à razão e à constância do que a sorte, de modo que não me parece acontecer nem mesmo a um deus saber o que virá a ser por acaso e fortuitamente. Pois se sabe, certamente aquilo acontecerá; mas se acontecer certamente, não há sorte alguma; mas existe a sorte, portanto, nenhum pressentimento de coisas fortuitas existe. **19** Mas, se negas que a sorte existe e dizes que tudo que acontece e que acontecerá em toda a eternidade está determinado de acordo com o destino, muda a definição de adivinhação, que dizias ser o pressentimento de coisas

²⁸² Cícero distingue o estudo dos astros de forma científica (astronomia) e a astrologia.

²⁸³ Cf. Timpanaro p. 337 n. 28.

fortuitas. Pois se não pode acontecer, suceder ou se dar nada a não ser o que, em toda a eternidade, haveria de acontecer certamente em um momento determinado, o que pode ser a sorte? Com ela suprimida, que lugar há para a adivinhação, que dizias ser o pressentimento das coisas fortuitas²⁸⁴? No entanto, dizias que tudo que sucedesse ou acontecesse estaria associado ao destino. A própria palavra destino é, sem dúvida, uma coisa de velha e cheio de superstição²⁸⁵; contudo, entre os estóicos muito se diz sobre o destino; mas sobre isso, numa outra ocasião²⁸⁶; agora, o que é necessário.

VIII 20 Se tudo acontece de acordo com o destino, de que me serve a adivinhação? Pois aquele que adivinha prediz o que certamente irá acontecer, de forma que eu nem sequer compreendo o fato de que uma águia tenha feito Dejótaro, nosso amigo íntimo, suspender a viagem; ele que, se não tivesse retornado, deveria ter dormido no quarto que desmoronou na noite seguinte; portanto, seria esmagado pelo desabamento. Mas não teria escapado disso se fosse seu destino, nem se encontraria nessa circunstância se não fosse. Logo, em que a adivinhação ajuda? Ou o que é que me advertem as sortes ou as vísceras ou alguma predição? Pois se era destino que as tropas do povo romano pudessem perecer, durante a Primeira Guerra Púnica, uma tendo sido abatida por um naufrágio, a outra pelos púnicos, mesmo que os frangos tivessem apresentado um *tripudium solistimum*, ainda assim as tropas teriam perecido sob o consulado de Lúcio Júnio e Públio Cláudio. **21** Mas se, tendo dado crédito aos auspícios, as tropas não estivessem destinadas a perecer, não teriam perecido por causa do destino; mas vós quereis tudo conforme o destino, portanto não existe adivinhação alguma. E se era destino que o exército do povo romano pudessem perecer às margens do lago Trasumeno, durante a Segunda Guerra Púnica, acaso isso poderia ter sido evitado, se o cônsul Flamínio tivesse obedecido a esses sinais e auspícios, os quais impediam de lutar? [Certamente poderia] Portanto, ou o exército não pereceu por causa do destino – pois os destinos não podem ser mudados – ou, se foi pelo destino

²⁸⁴ Cf. Pease, p. 23 e p. 378. De acordo com o autor, Cícero aqui comete uma injustiça à definição estóica, pois teria citado erroneamente a definição de adivinhação de Possidônio apresentada em I 9.

²⁸⁵ Cícero aqui provavelmente se refere às Moiras ou às Parcas, personificações do destino.

²⁸⁶ No previsto *De Fato*.

(o que com certeza vós deveis assim dizer), mesmo se tivesse obedecido aos auspícios, isso igualmente aconteceria. Portanto, onde está essa tal adivinhação dos estóicos? A qual, se tudo acontece de acordo com o destino, nada nos pode advertir para que sejamos mais cautelosos; pois seja qual for o modo como nós tenhamos agido, acontecerá aquilo que está destinado a ser; mas, se isso pode ser desviado, não há destino algum; assim nem mesmo há adivinhação, uma vez que ela diz respeito às coisas futuras. Mas nada que seja determinado acontecerá que possa ser evitado por meio de alguma expiação.

IX 22 E eu nem mesmo julgo que o conhecimento dos acontecimentos futuros seja útil para nós.²⁸⁷ Pois que vida teria Príamo se desde a juventude soubesse a quais eventos da velhice seria exposto? Afastemo-nos das fábulas, vejamos casos mais mais próximos de nós. Reunimos no *Consolação* o fim tão terrível dos mais ilustres homens de nossa cidade. E então? Para que omitamos os mais antigos, tu achas que teria sido útil a Marco Crasso saber, quando estava no auge do poder e da riqueza, que deveria morrer com ignomínia e desonrosamente para lá do Eufrates, após o filho Públio ter sido assassinado e o exército destruído?²⁸⁸ Ou pensas que Gneu Pompeu ficaria feliz com a glória dos maiores feitos, com seus três consulados, três triunfos, se soubesse que seria trucidado na solidão do Egito após perder o exército e que depois de sua morte se seguiriam fatos tais que não conseguimos dizer sem lágrimas?²⁸⁹ **23** O que na verdade, pensaríamos de César, com que aflição na alma teria vivido, se tivesse adivinhado que no senado a que ele próprio, em sua maioria, escolheu, depois de ser trucidado pelos cidadãos mais nobres, na cúria pompéia, diante da estátua do próprio Pompeu, com tamanho número de centuriões seus observando, grande parte até mesmo favorecida em muitas coisas por ele mesmo, jazeria de forma que ninguém se aproximasse dele, não apenas dentre os amigos mas nem mesmo dentre seus escravos? Portanto, certamente a ignorância dos males futuros é mais útil que o conhecimento. **24** Pois isto certamente não pode ser dito de modo algum,

²⁸⁷ A idéia era comum entre os antigos. Cf. *De Natura Deorum* III 14, Horácio *Carmina* III 29, 29-32.

²⁸⁸ Cf. I 29.

²⁸⁹ Cf. I 68-69.

principalmente pelos estóicos: que Pompeu não teria ido à batalha, que Crasso não teria atravessado o Eufrates, que César não teria empreendido uma guerra civil. Portanto, não teriam tido um fim determinado pelo destino; contudo, vós quereis que tudo aconteça de acordo com destino; logo, de nada teria servido a eles adivinhar; e até mesmo teriam estragado todo o fruto da vida anterior; pois que alegria haveria para eles ao pensarem em seu fim? Assim, para qualquer lado que se voltem os estóicos, é forçoso que toda a sagacidade deles caia por terra. Pois se isso que vai ocorrer pode ocorrer desse ou daquele modo, a sorte tem a maior influência; mas se os fatos são fortuitos, não podem ser certos. Porém se é certo o quê, a respeito de cada coisa, e em que momento acontecerá, em que é que os harúspices podem me ajudar? Eles que, tendo dito as coisas mais funestas de prognosticar, **X 25** acrescentam ao final que tudo acontecerá de forma mais fácil se forem feitas as cerimônias divinas de expiação. Se nada acontece além do destino, nada pode ser afastado com uma cerimônia divina. Homero compreende isso quando introduz Júpiter queixando-se por não poder arrancar à morte o filho Sarpedão contra o destino. A mesma coisa revela o famoso grego neste verso:

O que foi preparado para acontecer, eleva-se acima do sumo Júpiter.

Todo o destino me parece ter sido completamente zombado com justiça até por um verso atelano, mas em assuntos tão sérios não há lugar para brincadeiras. Conclua-se, portanto, o raciocínio, pois se nada que acontecerá pode ser previsto, dentre as coisas que acontecem por acaso, porque não podem ser certas, não há adivinhação alguma; mas se podem ser previstas porque são certas e determinadas pelo destino, de novo a adivinhação não existe, pois tu dizias que ela própria dizia respeito às coisas fortuitas. **26** Mas que esse primeiro ataque do discurso tenha sido para nós tão leve quanto o de uma tropa ligeira; agora combatamos frente a frente e verifiquemos se podemos abalar o flanco do teu discurso.

XI Pois tu dizias que há dois tipos de adivinhação, um artificial, outro natural²⁹⁰; que a artificial consiste parte em conjectura, parte em observação contínua; natural o tipo em que a alma se apossaria ou receberia de uma divindade externamente, de onde todos teríamos as almas emanadas ou recebidas ou extraídas.²⁹¹ Estes tipos de adivinhação tu consideravas de todo artificiais: a dos harúspices e a dos que predizem a partir de raios e prodígios, depois a dos áugures e dos que utilizam sinais ou presságio e todo tipo conjectural tu atribuías a esse tipo. **27** Já aquele natural parecia ser revelado e como que produzido por uma excitação da mente ou ser previsto pela alma através do sono, pelo espírito desprovido de sensações e preocupações. Mas conduziste toda a adivinhação a partir de três coisas: de deus, do destino, da natureza. Contudo, não tendo sido capaz de explicar nada, lutaste com um grandioso número de exemplos sem fundamento. Sobre isso é bom dizer primeiro o seguinte: não julgo que seja próprio de um filósofo fazer uso de testemunhos que podem ser verdadeiros por acaso ou falsos ou inventados por malícia; é preciso provar com argumentos e raciocínios por que *cada coisa* é assim, não com eventos, principalmente com esses em que me é permitido não confiar.

XII 28 Que eu comece pela haruspicina, a qual eu julgo que deva ser respeitada por causa da república e da religião oficial – mas estamos a sós, é permitido indagar a verdade sem sermos mal-vistos, principalmente por mim, que duvido de quase tudo – examinemos²⁹², se agrada, primeiro as entranhas. Portanto, pode alguém ser persuadido de que essas coisas que, dizem, são anunciadas através de entranhas são conhecidas pelos harúspices por meio de uma longa observação? Quão longa ela foi? Ou por quão longínquo tempo pôde ser observada? De que modo foi discutido entre eles mesmos qual parte era desfavorável e qual parte era favorável, que fissura mostra perigo e que outra mostra alguma vantagem? Acaso discutiram entre si os harúspices etruscos, eleos²⁹³, egípcios²⁹⁴ e fenícios? Mas isso, além de não ter sido possível

²⁹⁰ Cf. I 11, 34.

²⁹¹ Cf. I 70, 110.

²⁹² Em latim *inspiciamus*, termo técnico da haruspicina, aqui usado com duplo sentido.

²⁹³ Cf. I 91.

realizar-se, nem mesmo pode ser concebido, pois vemos que cada um interpreta as entranhas de um modo e que não há uma doutrina única de todos eles. **29** E, certamente, se há nas entranhas alguma força que declare o futuro, é necessário que ela ou seja unida à natureza das coisas ou formada de algum modo pelo poder dos deuses e pela força divina. O que pode ter em comum com a natureza das coisas, tão grande e tão maravilhosa, espalhada por todas as partes e movimentos, não direi o fel da galinha (pois há quem diga que essas entranhas sejam as mais significativas), mas o fígado ou o coração ou o pulmão de um boi bem nutrido? O que tem de natural que possa declarar o que acontecerá?

XIII 30 Contudo, Demócrito graceja de forma não inepta, como um físico (nada é mais arrogante que tal tipo):

Ninguém vê o que está diante dos pés, exploram as regiões do céu.²⁹⁵

Mas ele pensa que através do estado e da cor das entranhas são declaradas somente estas coisas: a qualidade do pasto e das coisas que a terra pode produzir, se são férteis ou pobres; e também acha que a salubridade ou a epidemia são anunciadas pelas entranhas. Ó feliz mortal! Sei com certeza que nunca faltou a ele uma brincadeira. Este homem ficou encantado com tamanhas tolices que não via então que esse futuro seria verossímil se as entranhas de todos os animais se convertessem para o mesmo estado e mesma cor ao mesmo tempo! Mas se na mesma hora o fígado de um animal estiver saudável e forte e de outro estiver asqueroso e pequeno, o que pode ser declarado a partir do estado e da cor das entranhas? **31** Ou isso é do mesmo feito

²⁹⁴ Não há consenso se os egípcios praticavam a extispicina com fins divinatórios ou apenas como parte do ritual de sacrifício, para saber se a vítima estava em perfeitas condições para servir de oferenda.

²⁹⁵ Esse tipo de pensamento era comum entre os antigos (cf. Cícero, *República* I 30, Platão, *Teeteto* 174^a), sendo um dos registros mais antigos a anedota que diz que certa vez o filósofo Tales de Mileto estava a observar o céu quando tropeçou e caiu em um buraco.

que aquilo que foi dito por ti de Ferecides?²⁹⁶ Que, tendo visto a água vertida para fora do poço, predisse um futuro terremoto. Um pouco atrevidamente, acredito, que ousem dizer, quando um tremor ocorreu, que força o produziu; até mesmo da cor da água corrente pressentem o que acontecerá? Muitas coisas desse tipo se dizem nas escolas, mas vê se é necessário acreditar em tudo.

32 Suponhamos que sejam verdadeiras essas coisas de Demócrito; quando indagamos tais coisas às entranhas? Ou quando ouvimos algo desse tipo dos harúspices após observar as entranhas? Eles advertem sobre os perigos advindos da água ou do fogo; ora anunciam uma herança, ora danos; tratam de fissura favorável e vital; meditam sobre a ponta do fígado de toda parte do modo mais cuidadoso possível, se de fato ela não foi encontrada acreditam que nada mais funesto pôde acontecer.

XIV 33 Certamente essas coisas não puderam ser observadas, como mostrei acima. Portanto, são descobertas provenientes da instrução, não do tempo, se há alguma instrução de coisas desconhecidas; mas qual relação tem com a natureza das coisas? Que ela seja unida e contígua, vejo que agradou aos físicos, sobretudo aos que disseram precisamente que tudo que existe é único; que conexão o mundo pode ter com a descoberta de um tesouro? Pois se o aumento do meu dinheiro é mostrado nas entranhas e a natureza realiza isso, primeiro as entranhas estão conectadas ao mundo, depois, o meu lucro está contido na natureza das coisas. Não se envergonham os físicos de dizer essas coisas? Pois que agora haja alguma relação na natureza das coisas, a qual admito que exista (os estóicos reuniram muitos exemplos; pois dizem que os pequeninos fígados dos ratinhos aumentam no solstício de inverno, que o mirrado poejo floresce no mesmo dia do inverno, que os frutos inchados são rompidos e que as sementes das maçãs, que estão encerradas no meio delas, se voltam para lados opostos, que, além disso, as cordas tocadas numas liras ressoam em outras, que a todas as ostras e conchas ocorre que igualmente cresçam ou igualmente mingüem com a lua e que seja considerado oportuno cortar as árvores na época do inverno, ao mesmo tempo que a lua começa a minguar, porque então estão secas. **34** Para que

²⁹⁶ Cf. I 112.

dizer mais sobre os mares ou sobre seus fluxos, dos quais o ir e vir da maré são governados pelo movimento da lua? É possível dizer seiscentos exemplos assim²⁹⁷, de forma que apareça uma relação natural entre coisas distantes) – que admitamos isso, pois em nada contradiz essa argumentação; mas acaso também, se houver uma fissura de um certo modo no fígado, mostra-se o lucro? A partir de qual conexão da natureza, como uma espécie de harmonia e um acordo, que os gregos chamam *simpaqh/ia*, pode ter relação a fissura do fígado com meu lucro insignificante ou meu ganho ínfimo com o céu, a terra e a natureza das coisas?

XV Concederei isso mesmo, se desejas, ainda que eu venha a ter provocado uma grande derrota da causa, se eu tiver concedido que há alguma relação da natureza com as entranhas. **35** Contudo, com isso concedido, o que acontece para que a pessoa que deseja impetrar imole uma vítima conveniente aos seus assuntos? Isso era o que eu julgava que não era possível resolver. E como é resolvido admiravelmente! Decerto não me envergonho de ti, cuja memória até mesmo admiro, mas de Crisipo, Antípatro, Possidônio, os quais dizem de fato isto mesmo que foi dito por ti: há como guia na escolha da vítima uma certa força sensível e divina, difusa por todo o mundo. Na verdade é muito melhor isto que foi utilizado por ti e dito por eles: quando alguém quer imolar, então acontece uma mutação nas entranhas, de forma que ou falte alguma coisa ou sobre, pois tudo obedece à vontade dos deuses. **36** Nisso, confia em mim, já nem mesmo as velhinhas acreditam. Ou julgas que, se uma pessoa tiver escolhido o mesmo novilho, encontrará o fígado sem a ponta; se for outra pessoa, com a ponta? Essa falta ou adição da ponta pode acontecer de repente, para que as entranhas se adaptem à sorte do imolador? Não percebeis que há um certo acaso na escolha das vítimas, principalmente quando a própria experiência ensina? Pois quando as mais funestas entranhas apareceram sem a ponta, [às quais nada parece ser mais funesto], a próxima vítima quase sempre é perfeitamente do agrado dos deuses. Portanto, onde estão aquelas ameaças das entranhas anteriores? Ou que tamanho apaziguamento dos deuses foi feito tão repentinamente?

²⁹⁷ *Sexcenti* em latim indica uma quantia indefinida, como em português “mil”. Cf. Pease, p. 410.

XVI Mas tu alegas que não havia o coração nas entranhas do touro robusto que César imolava²⁹⁸; como não poderia acontecer que aquela vítima vivesse sem o coração, dever-se-ia, então, julgar que o coração tinha se perdido enquanto era imolado. **37** Como acontece de saberes, por um lado, que um boi não poderia ter vivido sem o coração e não veres, por outro lado, que o coração não poderia ter voado de repente não sei para onde? Pois eu posso não saber qual a importância do coração para viver, ou suspeitar que por alguma doença do boi o coração estivesse contraído, pequeno, exíguo e débil, não parecendo um coração de verdade; mas o que tu tens para achares que, se pouco antes havia um coração no touro robusto, de repente ele tenha desaparecido na própria imolação? Ou porque viu César sem coração com a veste púrpura privou-se do próprio coração? Confia em mim, vós abandonais a cidade da filosofia enquanto defendeis os acampamentos; pois, enquanto desejais que a haruspicina seja verdadeira, vós perverteis toda a fisiologia. Há uma ponta no fígado, um coração nas entranhas; logo desaparecerá, ao mesmo tempo em que será espalhada a farinha sagrada e o vinho; um deus o arrancará, alguma força o irá destruir ou devorar. Logo, a natureza não causará a destruição e a morte de todas as coisas e haverá algo que nasça do nada ou que de repente acabe em nada. Que físico disse isso alguma vez? Os harúspices dizem; portanto, pensas que deve-se acreditar antes neles que nos físicos?

XVII 38 E então? Quando se faz um sacrifício a vários deuses, como enfim ocorre que agrade a alguns e a outros não agrade? Mas que inconstância dos deuses há para que ameacem com as primeiras entranhas e dêem boas esperanças com as segundas? Ou o desentendimento entre eles é tamanho, muitas vezes até entre os mais próximos, que as entranhas da vítima de Apolo sejam boas e as de Diana não? O que é tão evidente, sendo as vítimas levadas ao acaso, quanto as entranhas serem, para cada um, tal qual a vítima lhe foi apresentada? Mas vós dizeis que isto mesmo tem algo de divino: a vítima cabe a cada um, assim como as sortes que são tiradas para alguém. Em breve, sobre as sortes; embora tu não fortaleças a idéia de acaso das vítimas assimilando-as às sortes, mas enfraqueças as sortes com a comparação com

²⁹⁸ Cf. I 119.

as vítimas. **39** Ou, quando enviamos uma pessoa ao Equimálio²⁹⁹ para que traga um cordeiro para imolarmos, é trazido para mim esse cordeiro que tem as entranhas apropriadas aos meus assuntos e o escravo é conduzido a esse cordeiro não pelo acaso, mas por deus como guia? Pois se tu dizes que há acaso nisso também como um tipo de sorte ligada à vontade dos deuses, lamento que nossos estóicos tenham dado aos epicuristas tamanha oportunidade de ridicularizá-los; pois tu não ignoras o quanto eles podem zombar dessas coisas. **40** E certamente eles podem fazer muito facilmente; pois Epicuro coloca os próprios deuses, para gracejar, diáfanos e aéreos, habitantes entre dois mundos, como entre dois bosques, por causa do medo das ruínas, e pensa que eles têm os mesmos membros que nós e não têm nenhum uso dos membros. Logo, esse, com um certo rodeio, abolindo os deuses, não hesita em abolir a adivinhação; mas ele é coerente consigo próprio, mas não os estóicos. Pois o deus dele, não se ocupando de nenhum negócio seu ou de outro, não pode compartilhar a adivinhação com os homens; mas vosso deus pode não compartilhar, todavia rege o mundo e cuida de todos. **41** Portanto, por que vós entrais nessas armadilhas que nunca podeis explicar? Pois assim, quando mais eles se precipitam, costumam concluir: “Se os deuses existem, existe a adivinhação; ora, os deuses existem, logo a adivinhação existe.”³⁰⁰ É muito mais provável: “ora, não existe a adivinhação, logo os deuses não existem.” Vê quão desatinadamente incorrem em que, se não há adivinhação alguma, não há deuses alguns. Pois a adivinhação é suprimida com toda clareza; deve-se manter que os deuses existem.

XVIII 42 E com essa adivinhação dos observadores de entranhas suprimida, toda a haruspicina foi suprimida. Seguem, pois, os prodígios e os raios. Porém, no que diz respeito aos raios, tem crédito uma longa observação; nos prodígios, aplica-se na maioria das vezes, a razão e a conjectura. Portanto, o que é que foi observado no raio? Os etruscos dividiram o céu em dezesseis partes. Foi fácil duplicar as quatro que temos, depois fazer o mesmo de novo, para que se dissesse de qual parte veio o raio. Primeiramente, o que isso importa? Depois, o que significa? Não é evidente que, a

²⁹⁹ Equimálio seria um mercado de vítimas sacrificais. Cf. Pease, p. 418-419.

³⁰⁰ Cf. I 10, 82-83.

partir da primeira admiração dos homens, ao se espantarem com os trovões e com os lançamentos dos raios, acreditaram que Júpiter, senhor de todas as coisas, fazia isso? E assim temos escrito em nossos comentários: “Quando Júpiter tonante lança relâmpagos, é sacrilégio reunir a assembléia do povo.” **43** Talvez isso tenha sido estabelecido por causa da república; pois se queria ter motivos para não realizar as assembléias. E assim, o raio é um mau agouro só para as assembléias, porque o consideramos o melhor auspício para todas as coisas, se veio da esquerda. Mas dos auspícios em outro lugar, agora dos raios.

XIX Portanto, o que menos deve ser dito pelos físicos do que algo certo ser anunciado por coisas incertas? Pois não penso que tu sejas o tipo de pessoa que pensas que foram os Ciclopes que fabricaram o raio para Júpiter no Etna. **44** Pois seria admirável o modo como Júpiter o atiraria tantas vezes tendo um único; nem, na verdade, advertiria os homens com raios sobre o que deveria ser feito ou evitado. Pois agrada aos estóicos que os sopros da terra, que são frios, quando começam a circular, sejam ventos; mas quando entram nas nuvens e começam a dividir e romper alguma parte mais tênue e fazer isso mais freqüente e intensamente, então surgem os relâmpagos e também os trovões; mas se, por um choque das nuvens, uma luz comprimida é emitida, isso é o raio. Portanto, o que vemos ser produzido pela força da natureza, sem nenhuma constância e nenhuma regularidade quanto ao tempo, a partir disso buscamos o significado dos fatos conseqüentes? Sem dúvida, se Júpiter anunciasse tais coisas, ele emitiria tantos raios em vão! **45** Pois de que adianta lançar um raio no meio do mar? E quando é nos montes mais elevados, o que na maioria das vezes acontece? E nas solidões desertas? E nas regiões dos povos onde essas coisas nem mesmo são observadas?

XX Mas encontrou-se uma cabeça no Tibre.³⁰¹ Como se eu negasse que há alguma arte dessas coisas! É a adivinhação que eu nego. Pois a divisão do céu, que disse anteriormente, e a anotação de certas coisas ensina de onde o raio veio, para

³⁰¹ Cf. I 16.

onde foi; o que significa, porém, nenhum raciocínio ensina. Mas tu me atacas com meus versos:

Pois o pai altitonante, apoiado no estrelado Olimpo,
Outrora atingiu as suas próprias colinas e templos
E lançou fogos em sua sede no Capitólio.

Ora a estátua de Nata, ora as imagens dos deuses e também Rômulo e Remo com o animal que os alimenta caíram com a violência do raio, e sobre esses fatos as interpretações dos harúspices mostraram-se veríssimas.³⁰² **46** Mas é admirável isto: no mesmo momento em que ocorria a denúncia da conspiração no senado a imagem de Júpiter era colocada no Capitólio dois anos depois que fora encomendada. “Portanto, tu quererás defender esta causa - (pois assim me dizias) – contra os teus feitos e também contra teus escritos?” És meu irmão, por isso eu respeito. Na verdade, agora, o que afinal te prejudica? A situação, que é tal, ou eu, que quero que a verdade seja explicada? Desse modo, nada digo contra, peço de ti a razão de toda a haruspicina. Mas tu te lançaste num admirável esconderijo, pois, percebendo que serias pressionado, quando eu indagasse de ti as causas de cada adivinhação, muitos discursos tu fizeste e, vendo os fatos, não questionavas a razão e a causa; o que acontecia, não por que acontecia, era o que de fato importava. Como se eu concedesse que acontecia ou fosse próprio de um filósofo não questionar a causa por que cada coisa acontece! **47** E, de fato, nesse ponto tu mencionavas os nossos *Prognósticos* e os tipos de plantas, a escamônea e a raiz de aristoloquia: poderias ignorar a causa delas, vias o poder e o efeito.³⁰³

³⁰² Cf. I 20.

³⁰³ Cf. I 13-16.

XXI Totalmente diferente, pois não só procuraram as causas dos prognósticos o estóico Boeto, que foi nomeado por ti, e até o nosso Posidônio, como também se as causas dessas coisas não podiam ser descobertas, ao menos os próprios fatos puderam ser observados e considerados. Na verdade, o que a estátua de Nata ou os bronzes das leis tocados pelo céu têm de observado e antigo? Os Pinário Nata eram nobres; da nobreza, portanto, um perigo. Júpiter cuidou disso tão habilmente! Rômulo lactente foi atingido por um raio; portanto, é mostrado um perigo à cidade que ele fundou. Com quanta habilidade Júpiter nos faz mais certos através de sinais! Mas a imagem de Júpiter era colocada no mesmo momento em que se denunciava a conspiração. E tu, todavia, preferes que isso tenha ocorrido pela vontade dos deuses do que a julgar que seja por acaso, e o construtor que se tinha encarregado da famosa coluna por ordem de Cota e de Torquato, não foi mais lento por preguiça ou falta de recursos, mas pelo deuses imortais ele foi reservado até essa hora. **48** Certamente não perco totalmente a esperança de que essas coisas sejam verdadeiras, mas eu não sei e desejo aprender de ti. Pois parecendo, para mim, que certas coisas aconteciam por acaso assim como haviam sido preditas pelos que adivinham, tu disseste muita coisa sobre o acaso, como, por exemplo, que o lance de Vênus pode sair por acaso com os quatro dados lançados, mas de quatrocentos, cem lances de Vênus não podem apresentar-se por acaso³⁰⁴. Primeiro, não sei por que não podem, mas não luto; pois abundas em casos semelhantes. Tens o borrião das tintas e o focinho da porca e também muitíssimos outros. Dizes que Carnéades supunha o mesmo quanto à cabeça do pequeno Pã; como se isso não pudesse ter acontecido por acaso e não fosse necessário haver em todo mármore cabeças de Praxíteles, por exemplo! Pois elas próprias são feitas pelo ato de esculpir, nenhuma ali é produzida por Praxíteles; mas quando muito foi esculpido e chegou-se às feições do rosto, então tu podes entender que aquilo que já foi polido estava lá dentro. **49** Portanto, algo de tal tipo pode surgir por vontade própria nas pedreiras de Quios. Mas suponha-se que isso foi inventado; e daí? Nunca observaste nas nuvens a forma de um leão ou de um centauro? Portanto o acaso pode, o que há pouco negavas, imitar a verdade.

³⁰⁴ Cf. I 23.

XXII Mas visto que se discorreu o suficiente sobre as entranhas e os raios, restam os prodígios, para que toda a haruspicina tenha sido examinada. O parto de uma mula foi relatado por ti.³⁰⁵ Fato admirável, porque não ocorre com freqüência; mas, se não pudesse ocorrer, não teria ocorrido. E isso pode valer contra todos os prodígios, nunca ocorreu algo que não poderia ocorrer; se poderia, não deve causar espanto. Pois a ignorância das causas num fato novo causa espanto; se há a mesma ignorância em fatos ordinários, não nos espantamos. Pois quem se espanta por uma mula ter parido ignora completamente de que modo uma égua pare ou que natureza produz o parto dos animais. Mas com o que vê repetidas vezes não se espanta, ainda que não saiba por que ocorre; o que não viu antes, se isso acontece, julga ser um prodígio. Portanto, qual dos dois é o prodígio: quando a mula concebeu ou quando a mula pariu? **50** Talvez a concepção seja contra a natureza, mas o parto é quase necessário.

XXIII Mas por que dizer mais? Vejamos o surgimento da haruspicina; assim julgaremos mais facilmente o que tenha de autoridade. De fato, diz-se que Tages surgiu de repente no campo de Tarquínio, quando a terra era lavrada e um sulco mais profundo fora escavado e que quem arava dirigiu-lhe a palavra. Mas esse Tages, como está nos livros dos etruscos, dizem, parecia de aspecto pueril, já sua sabedoria era a de um velho. Tendo o vaqueiro ficado estupefato com a visão dele e dado o maior grito com admiração, uma multidão acorreu e em pouco tempo toda a Etrúria encontrou-se nesse lugar; então ele falou longamente aos muitos ouvintes, os quais escutaram todas as suas palavras e as colocaram por escrito;³⁰⁶ ora, todo o discurso foi o que constituía a doutrina da haruspicina; depois disso, acrescentou coisas novas que deveriam ser conhecidas e relacionadas com aqueles mesmos princípios. Recebemos isso deles próprios, esses escritos se conservam, têm-se isso como a fonte da doutrina. **51** Logo, acaso é necessário um Carnéades para refutar essas coisas? Um Epicuro? Há alguém assim insensato que acredite que foi escavado... que eu diga um deus ou um homem? Se um deus, por que se escondeu na terra, contra a natureza, para que olhasse a luz desvendado por um arado? O quê? Acaso o mesmo deus não podia transmitir a

³⁰⁵ Cf. I 36.

³⁰⁶ Seriam os *Libri Tagetici*, que constituíam a *etrusca disciplina*.

doutrina aos homens de um lugar mais alto? Mas se aquele Tages foi um homem, de que modo pôde viver coberto de terra? Onde ele próprio outrora pôde ter aprendido o que ensinava aos outros? Mas eu sou mais tolo que aqueles mesmos que acreditam nessas coisas, já que discorro contra eles durante tanto tempo.

XXIV Mas é muito conhecida aquela antiga frase de Catão, que dizia admirar-se que um harúspice não risse ao ver um outro harúspice.³⁰⁷ **52** Pois quantas e quais coisas aconteceram preditas por esses? Ou, se aconteceu alguma coisa, o que pode ser alegado para negar que isso tenha acontecido por acaso? O rei Prúsias, sendo agradável a Haníbal, exilado junto a ele, combater-se, dizia que não ousava, porque as entranhas proibiam. “Dize tu”, ele falou, “preferes acreditar num pedaço de vitela a num antigo general?”³⁰⁸ O quê? O próprio César, sendo advertido pelo sumo harúspice que não passasse à África antes do inverno, acaso não passou? Se não o tivesse feito, todas as tropas dos adversários se juntariam em um único lugar. E por que eu devo recordar as respostas dos harúspices (certamente eu posso inumeráveis), que ou não tiveram nenhum resultado ou tiveram resultado contrário? **53** Durante esta guerra civil, ó deuses imortais! quanto se enganaram! Que respostas dos harúspices nos foram enviadas de Roma para a Grécia! Quais foram ditas a Pompeu! Pois ele era inteiramente movido pelas entranhas e pelos prodígios. Não é agradável lembrar, nem, na verdade, é necessário, principalmente a ti, que estiveste presente; tu vês que quase tudo aconteceu ao contrário do que foi dito. Mas apenas isso, agora vamos aos prodígios.³⁰⁹

XXV 54 Recitaste muitos versos escritos por mim mesmo quando era cônsul, contaste muitos fatos recolhidos por Sisena antes da guerra mársica, disseste muitos fatos recordados por Calístenes antes da derrota dos lacedemônios em Leuctra³¹⁰; certamente devo falar sobre cada um deles, na medida em que parecer oportuno; mas

³⁰⁷ Tal dito de Catão tornar-se-ia proverbial. Cf. ND 1, 71, Pease, p. 439.

³⁰⁸ Cf. Valério Máximo III 7; Plutarco *De exil.* 16.

³⁰⁹ Em latim, *ostenta*, usado como sinônimo de *portenta*.

³¹⁰ Cf. I17-22, 99 e 74, respectivamente.

é necessário dizer também do todo. Pois que indicação é essa proveniente dos deuses e como uma advertência de calamidades? Mas o que querem os deuses imortais indicando primeiro essas coisas que não somos capazes de entender sem intérpretes e então essas de que não podemos nos precaver? Mas isso nem mesmo os homens dignos fazem, predizer aos amigos calamidades iminentes das quais eles não podem de nenhum modo escapar, como os médicos, ainda que muitas vezes percebam, contudo jamais dizem aos enfermos que eles morrerão daquela doença; pois toda predição de coisa má é digna de aprovação quando se acrescenta à predição um modo de prevenir. **55** Portanto, em que os prodígios ou os seus intérpretes ajudaram outrora os lacedemônios ou aos nossos recentemente? Pois, se, para que entendêssemos o que aconteceria, devia ser declarado abertamente ou nem mesmo de forma oculta, se não queriam que essas coisas fossem conhecidas.

XXVI E até mesmo de toda conjectura, na qual a adivinhação se apóia, através do engenho humano freqüentemente tiram-se conclusões ou diversas ou até mesmo contrárias. Pois assim como nas causas judiciais uma conjectura é a do acusador, outra a do defensor e contudo a de um e a de outro são críveis, em todos esses casos que parecem ser investigados por conjectura o discurso se encontra ambíguo.

Mas de tais coisas, que ora a natureza ora o acaso produz (algumas vezes até mesmo a semelhança gera erro), é uma grande tolice fazer os deuses autores e não questionar as causas dos fatos. **56** Tu crês que vates beócios na Lebadia viram a partir do canto dos galos que a vitória seria dos tebanos, porque os galos costumavam ficar em silêncio se vencidos, cantar se vencedores³¹¹. Portanto, Júpiter dava sinal para tão importante cidade através das galinhas? Acaso aquelas aves não costumam cantar a não ser quando venceram? Mas então cantavam e não venceram. Pois esse é o prodígio, tu dirás. Grande, realmente! Como se peixes, não galos, tivessem cantado! Mas em que momento eles não cantam, noturno ou diurno? E se os vencedores são estimulados a cantar com energia e por uma espécie de alegria, pode ter acontecido que por outra alegria foram levados a cantar. **57** De fato, Demócrito explica com ótimas palavras o motivo de os galos cantarem antes do nascer do dia; pois tendo a comida

³¹¹ Cf. I 74.

sido expelida do estômago, dividida por todo o corpo e digerida, produzem o canto saciados pelo descanso; certamente pelo “silêncio da noite”, como diz Ênio:

“... dão vivas com o canto das gargantas vermelhas

E com golpes batem as asas.”

Portanto, sendo esse animal tão inclinado a cantar por conta própria, como é que vem à mente de Calístenes dizer que os deuses deram um sinal para os galos cantarem, quando isso pôde ter ocorrido ou pela natureza ou por acaso?

XXVII 58 Foi anunciado ao senado que choveu sangue, também que o rio Atrato verteu sangue, que as estátuas dos deuses suaram.³¹² Acaso julgas que Tales ou Anaxágoras ou algum físico acreditaria nessas mensagens? Pois nem sangue nem suor há a não ser do corpo. Mas também uma certa alteração da cor por algum contágio da terra pode sim ser semelhante ao sangue e uma umidade vinda do exterior, como vemos nos rebocos com o vento sul, pode imitar o suor. E essas coisas, durante a guerra, parecem aos que temem mais numerosas e maiores, as mesmas não são tão observadas durante a paz; ocorre também isto: como são mais facilmente críveis no medo e no perigo, são, então, forjadas mais impunemente. **59** Mas nós somos assim levianos e irrefletidos que, se os ratos tiverem corroído algo (esta é a única ação deles) pensaremos que é um prodígio? De fato, antes da guerra mársica, porque os ratos tinham roído os escudos de Lanúvio, como foi dito por ti³¹³, os harúspices disseram ser isso o maior prodígio; como se houvesse alguma diferença entre ratos roerem escudos ou peneiras! Pois se seguimos essas coisas, porque na minha casa os ratos roeram recentemente a *República* de Platão, eu deveria ter temido

³¹² Cf. I 97-98.

³¹³ Cf. I 99.

muito quanto à república, ou, se o livro de Epicuro sobre o prazer tivesse sido roído, eu pensaria que as provisões seriam mais caras no mercado.

XXVIII 60 Acaso aquelas coisas realmente nos atemorizam, quando dizem que seres portentosos nasceram ou do gado ou do homem? Para todos eles, para não me estender demais, há uma razão. Pois tudo aquilo que nasce, seja lá o que for, é necessário que tenha uma causa natural, ainda que surja fora do comum, fora da natureza, contudo, não pode existir. Portanto, investiga a causa em cada fato novo e admirável, se puderes; se não encontrares nenhuma, considera assegurado que nada pode ter acontecido sem uma causa, e o mesmo temor, que a novidade do fato causou em ti, expulsa com a razão da natureza. Assim, nem o estrondo da terra nem o raio no céu nem a chuva de pedra ou de sangue nem o trajeto da estrela nem os fogos vistos te aterrorizarão. **61** Se eu perguntar a Crisipo as causas de todos esses fenômenos, ele próprio, famosa autoridade sobre a adivinhação, diria que nunca aquelas coisas aconteceriam fortuitamente e dará a razão natural de todas; pois nada pode acontecer sem uma causa; nem acontece algo que não pode acontecer; nem, se aconteceu o que poderia acontecer, deve ser visto como um prodígio; portanto, não existe prodígio algum. Pois se, porque acontece raramente deve ser considerado um prodígio, ser sábio é um prodígio; pois julgo que é mais freqüente uma mula parir do que ser sábio. Portanto, aquele raciocínio se conclui: nunca aconteceu o que não poderia acontecer, nem o que poderia é um prodígio; assim, não há absolutamente prodígio algum. **62** Dizem que até mesmo um certo adivinho e intérprete de prodígios respondeu isso não sem desenvoltura àquele que outrora lhe havia relatado como um prodígio que uma cobra se enrolara na tranca da porta de sua casa: “seria um prodígio”, disse ele, “se a tranca tivesse se enrolado na cobra”. Com essa resposta ele declarou clara e suficientemente que nada que poderia acontecer deveria ser considerado prodígio.

XXIX Gaio Graco escreveu a Marcos Pompônio que, quando duas cobras foram pegas em sua casa os harúspices foram convocados por seu pai.³¹⁴ Por que mais importância às cobras do que aos lagartos, do que aos ratos? Porque tais coisas são

³¹⁴ Cf. I 36.

cotidianas, cobras não; como se fosse relevante o quão freqüentemente acontece o que pode acontecer. Contudo, eu mesmo me pergunto, admirado: se a liberação da cobra fêmea traria a morte a Tibério Graco, mas a liberação da cobra macho era mortífera a Cornélia, por que deixou ir uma das duas? Pois nada escreve sobre o que teriam respondido os harúspices a respeito do que aconteceria se nenhuma das duas cobras fosse libertada. Mas a morte acometeu Graco. Certamente por outra causa, acredito, uma doença mais grave, não pela liberação da cobra; pois a infelicidade dos harúspices não é assim tão grande que nem mesmo uma vez aconteça por acaso o que eles disseram que aconteceria.

XXX 63 Pois eu admiraria, se acreditasse no que Calcas havia dito em Homero, conforme mencionaste,³¹⁵ que a partir do número dos pássaros predisse os anos da guerra de Tróia; sobre sua conjectura assim em Homero fala Agamênon, como nós, no ócio, traduzimos;

Suportai, homens, e tolerai os labores árduos com o coração,
para que possamos saber se as predições de nosso áugure Calcas
são fontes de profecias válidas ou sem fundamentos.

Pois todos que não dissiparam as luzes por destinos funestos
retêm na memória o portentoso.

Primeiro Áulis foi coberta por frotas de Argos
que traziam ruína e desgraça a Príamo e a Tróia,
nós, ao redor de gélidas nascentes aplacando os numes divinos
com touros de chifres dourados fumegando nos altares,

³¹⁵ Cf. I 72.

Sob um umbrífero plátano, de onde emana uma fonte d'água,
vimos como uma terrível serpente de aspecto feroz e forma espiral
saída do altar impelida por Júpiter
agarrou passarinhos protegidos com cobertura de folhas,
no ramo do plátano; comendo oito,
nona, a mãe voava acima com trêmulo ruído;
A serpente feroz dilacerou suas vísceras com cruel mordida.

64. Quando aniquilou tão tenras aves e a mãe,
o mesmo pai de Saturno que a fizera sair à luz
a afastou e formou dura cobertura de pedra.

Mas nós, paralisados e receosos, vimos o admirável monstro
passar-se entre os altares dos deuses.

Então Calcas falou estas coisas com voz confiante:

“Com que subitamente ficastes estupefatos, entorpecidos, habitantes da Acaia?

O próprio criador dos deuses nos deu estes portentos
atrasados e tardios mas com fama e glória perene.

Pois quantas aves vós vedes sacrificadas com sinistro dente,
tantos anos nós suportaremos em Tróia pela guerra;
que cairá no décimo e saciará os acaios de vingança.”

Proferiu isso Calcas; o que vedes já em tempo de cumprir-se.

65. Enfim, que predição é essa, a partir de pássaros, de anos, e não meses ou dias? Mas por que faz uma conjectura sobre passarinhos, nos quais nada monstruoso havia, e se cala sobre a serpente que, coisa que não pode ter acontecido, diz-se que se tornou pedra? Por último, que semelhança tem o pássaro com os anos? Pois, sobre aquela cobra que apareceu a Sula quando imolava³¹⁶, lembro-me de uma e outra coisa: Sula, estando prestes a colocar o exército em campo, havia imolado e uma cobra surgiu do altar, e nesse dia a ação foi praticada claramente de acordo com o conselho dos generais, não dos harúspices.

XXXI 66 E esses tipos de prodígios nada têm de admirável; quando aconteceram, foram atribuídos, então, a uma conjectura por alguma interpretação, de forma que aqueles grãos de trigo amontoados na boca do menino Midas ou as abelhas que disseste que pousaram nos lábios de Platão, quando menino³¹⁷, não são coisas tão admiráveis quanto belas opiniões; tais coisas que foram preditas poderiam ser elas mesmas falsas ou terem acontecido por acaso. Certamente aquilo sobre o próprio Róscio pode ser falso, isto é, que ele fora envolvido por uma cobra³¹⁸; mas que uma cobra estivesse no berço não é tão admirável, principalmente em Solônio, onde é comum que as cobras se aglomerem perto do fogo. Quanto ao fato de que os harúspices responderam que nada seria mais ilustre, mais famoso que ele, eu admiro-me de que deuses imortais tenham mostrado ao futuro histrião sua fama, mas que não mostraram nenhuma ao Africano³¹⁹. **67.** Mas até mesmo por ti os prodígios de Flamínio foram reunidos³²⁰: que ele próprio e seu cavalo caíram de repente; de fato, seguramente isso não é admirável! Que ele não pôde arrancar o estandarte da primeira fileira; talvez o porta-estandarte arrancasse com pouca força o que havia fixado com audácia. Pois que motivo de espanto trouxe o cavalo de Dionísio, emergindo do rio e

³¹⁶ Cf. I 72.

³¹⁷ Cf. I 78.

³¹⁸ Cf. I 79.

³¹⁹ Públio Cornélio Cipião Africano.

³²⁰ Cf. I 74.

tendo abelhas na crina? Mas porque em pouco tempo começou a reinar, o que acontecera por acaso teve força de um prodígio. Mas as armas fizeram ruído na Lacedemônia, no templo de Hércules, e do mesmo deus, em Tebas, as portas trancadas se abriram subitamente, e os escudos que haviam sido fixados no alto foram encontrados no chão. Como nada dessas coisas poderia acontecer sem um outro movimento, que motivo há para que digamos antes que tais coisas aconteceram por efeito dos deuses do que por acaso?

XXXII 68 Mas na cabeça da estátua de Lisandro em Delfos surgiu uma coroa de ervas espinhosas e, certamente, de repente³²¹. Foi assim mesmo? Julgas que a coroa de ervas surgiu antes que a semente fosse gerada? Mas creio que a erva espinhosa fora amontoada por ação das aves, não por plantio humano; já qualquer coisa que esteja na cabeça pode parecer semelhante a uma coroa. Quanto ao fato de que, segundo disseste, ao mesmo tempo as estrelas douradas de Castor e Pólux colocadas em Delfos tinham caído e que nunca foram encontradas, isso parece um feito mais de ladrões do que dos deuses. **69.** Espanto-me com o fato de que a improbidade da macaca de Dodona tenha sido eternizada na história grega. O que menos admirável é que aquele animal monstruosíssimo ter derrubado uma urna e espalhado as sortes? E os historiadores negam ter ocorrido aos lacedemônios um prodígio mais funesto que esse! Pois aquelas predições dos habitantes de Veios - se o lago Albano transbordasse e corresse para o mar, Roma pereceria; se fosse represado, Veios³²² - assim a água albana foi desviada em benefício do campo ao redor, não para preservar a fortaleza e a cidade. Mas pouco depois uma voz foi ouvida de alguém que advertia para que tomassem providências para Roma não ser tomada pelos gauleses; com isso um altar foi consagrado na Via Nova para Aio Loqüente. E então? Esse tal Aio Loqüente, quando ninguém o conhecia, dizia e também falava [a partir disso se inventou o nome]; depois que encontrou sua morada, seu altar e também seu nome, ele emudeceu? O mesmo se pode dizer de Moneta; de que fomos advertidos alguma vez por ela exceto sobre a porca prenhe?

³²¹ Cf. I 75-76.

³²² Cf. I 100.

XXXIII 70 É o suficiente sobre os prodígios; restam os auspícios e as sortes que são tiradas, não aquelas que são produzidas por vaticínio, que dizemos oráculos com mais retidão; sobre estes falaremos quando chegarmos à adivinhação natural. Restam ainda os caldeus. Mas primeiro vejamos os auspícios. É difícil para um augure refutar o tema. Talvez para um marso, para um romano é fácilimo. Pois nós não somos esses áugures que dizem o futuro pela observação das aves e dos demais sinais. Contudo, acredito que Rômulo, que fundou a cidade depois de tomar os auspícios, tinha a idéia de que há uma ciência de tomar agouros nos assuntos a ser previstos (pois a antiguidade errava em muitos assuntos), que ou por costume ou por doutrina ou por antigüidade vemos mudada, mas o costume, a religião, a doutrina, a lei augural e a autoridade do colégio são mantidas em consideração do que pensa o vulgo e para grande utilidade da república. **71** Nem, na verdade, são indignos de todo suplício os cônsules Públio Cláudio e Lúcio Júnio, que viajaram por mar contra os auspícios; pois se devia obedecer à religião e o costume da pátria não deveria ser rejeitado com tanto desdém. Portanto, merecidamente um foi condenado pelo julgamento do povo, o outro se matou. Flamínio não obedeceu aos auspícios, e assim pereceu com o exército. Mas um ano depois Paulo obedeceu; acaso tombou menos na batalha de Canas com seu exército? Com efeito, para que haja auspícios, que não existem de jeito nenhum, certamente estes que empregamos, quer o *tripudium* quer os que dizem respeito ao céu, são simulacros de auspícios, mas não são auspícios de modo algum.

XXXIV QUINTO FÁBIO³²³, QUERO QUE ESTEJAS NOS AUSPÍCIOS COMIGO; e responde: OUVI. Aqui se lançava mão de uma pessoa experiente entre nossos antepassados, agora, de um qualquer. Mas é necessário que seja uma pessoa experiente que entenda o que é o silêncio; pois chamamos de silêncio nos auspícios o que carece de todo vício. **72** Entender isso é próprio de um perfeito áugure, mas, quando assim ordena o que toma o auspício àquele que executa: DIZE SE PARECER QUE HÁ SILÊNCIO, não olha nem para cima nem para os lados; imediatamente

³²³ Era comum em latim utilizar o nome Fábio para designar um indivíduo genérico.

responde que parece haver silêncio. Então ele: DIZE SE SE ALIMENTAREM – ALIMENTAM-SE. – Quais aves? Ou onde? Esse que é chamado por conta disso mesmo, de pulário, diz ele, trouxe os frangos na gaiola. Portanto, essas aves são mensageiras de Júpiter! O que importa quais se alimentam ou não? Nada a ver com os auspícios; mas, porque quando comem é necessário cair alguma coisa da boca e bicar a terra (primeiro foi chamado de *terripavium*, depois *terripudium*; de fato agora se chama *tripudium*) – portanto, quando um pedaço de comida cai da boca do frango, então é anunciado ao que está tomando o auspício um *tripudium solistimum*.³²⁴

XXXV 73 Logo, o que de divino pode ter esse auspício que foi concluído e extraído tão a força? Há uma prova de que os mais antigos áugures não o utilizavam: temos um velho decreto do colégio dizendo que toda ave pode fazer um *tripudium*. Portanto, havia então um auspício se houvesse à ave um modo de mostrar-se espontaneamente; então aquela ave podia parecer intérprete e auxiliar de Júpiter; agora, na verdade, se, trancada na gaiola e morta de fome, se atira ao pedaço da papa e se algo cai de sua boca, tu pensas que isso é um auspício ou que deste modo Rômulo costumava tomar os auspícios? **74** Não julgas que os que tomavam os auspícios já costumavam observar o céu? Agora ordenam ao pulário, ele anuncia. Consideramos um raio do lado esquerdo um ótimo auspício para todos os assuntos exceto para as assembléias; certamente isso foi instituído por causa da república, para que os líderes da cidade fossem intérpretes dos comícios ou nos julgamentos do povo ou no direito das leis ou na eleição dos magistrados. Mas por causa de uma carta de Tibério Graco os cônsules Figulo e Cipião, julgando os áugures que eles tinham sido nomeados irregularmente, abdicaram da magistratura. Quem nega que há uma doutrina augural? A adivinhação eu nego. Mas os harúspices são divinos; tendo Tibério Graco os introduzido no senado por causa da morte repentina do homem que morrera no anúncio do primeiro voto, disseram que o proponente não havia sido justo. **75** Primeiro, vê se não o disseram contra aquele que tinha sido o proponente da centúria; pois ele estava morto. Mas puderam dizer isso sem adivinhação por conjectura. Então

³²⁴ Cf. I 28. Segundo Pease, *op. cit.*, p. 131, a etimologia sugerida por Cícero é incorreta, mas representa o significado do termo técnico de acordo com o povo.

talvez por acaso, que não deve ser suprimido deste gênero de modo algum, pois o que os harúspices etruscos puderam saber ou sobre o local marcado corretamente ou sobre a lei do *pomerium*? Com certeza eu apóio antes Gaio Marcelo que Ápio Cláudio, que foram ambos meus colegas, e aprecio a lei dos áugures, embora tenha sido formada no princípio pela crença na adivinhação, depois, por causa da república foi conservada e mantida.

XXXVI 76 No entanto, sobre esse ponto, mais em outros momentos, agora basta. Vejamos, pois, os augúrios estrangeiros que não são propriamente artificiosos, mas supersticiosos. Utilizam ordinariamente todas as aves, não apenas algumas poucas, como nós; uns são favoráveis para eles, outros para nós. Dejótaro costumava indagar-me sobre a doutrina de nossos áugures, eu perguntava a ele sobre os dele. Deuses imortais! Como era diferente! Sendo algumas coisas até mesmo contrárias. Mas ele sempre os utilizava, nós, exceto quando tomamos auspícios de que o povo nos incumbiu, o quanto os utilizamos? Nossos antepassados não quiseram guerrear antes de tomar os auspícios; quantos anos há que guerras são travadas por procônsules e propretos, os quais não têm direito aos auspícios! **77** E assim nem atravessam rios após tomar os auspícios nem tomam os auspícios através de *tripudium*. Logo, onde fica a adivinhação das aves? Que parece ser mantida pelos cidadãos da cidade, suprimida pelos cidadãos em guerra, porque as guerras são travadas pelos que não têm direito a auspício algum. Pois já Marco Marcelo, aquele famoso cônsul por cinco anos, ele mesmo general e ótimo áugure, abandonou os agouros das pontas das lanças, que é inteiramente um auspício militar. E de fato ele dizia que, quando queria fazer algo, para não ser impedido pelos auspícios, costumava viajar em liteira fechada. Semelhante a isso é o que nós áugures recomendamos: que ordenem separar os animais de carga, para que não se apresente um agouro dado por animais de uma junta. **78** Que outra coisa é senão não querer ser advertido por Júpiter, fazer com que um auspício não possa acontecer ou, caso aconteça, não possa ser visto?

XXXVII Pois isto é inteiramente ridículo: tu negas que Dejótaro se arrependa dos auspícios que se apresentaram a ele partindo para junto de Pompeu, pois que, tendo seguido a fé e a amizade ao povo romano, cumpriu seu dever; pois a honra e a glória eram preferíveis a ele ao reino e suas possessões³²⁵. Certamente eu acredito, mas isso não tem nada a ver com os auspícios; pois nem a gralha pôde cantar a ele que agia corretamente, porque se preparava para defender a liberdade do povo romano; ele próprio sentia isso, da forma que sentiu. **79** As aves mostram os eventos adversos ou favoráveis; vejo que Dejótaro usou os auspícios da virtude, que impede de esperar a sorte, enquanto se conserve a lealdade. Na verdade, se as aves mostraram eventos prósperos, certamente falharam. Fugiu da batalha com Pompeu, grave momento! Separou-se dele; triste circunstância! Ao mesmo tempo vê César como inimigo e hóspede; o que é mais triste que isso? Tendo ele lhe tirado sua tretarquia de Trocmos e tendo dado a não sei para qual partidário seu de Pérgamo, tendo também tomado dele mesmo a Armênia dada pelo senado e tendo sido recebido por ele com magnificentíssima hospitalidade, deixa desprovido tanto o hospedeiro como o rei. Mas deixamo-nos ir demasiado longe; que eu volte ao nosso propósito. Se questionarmos os eventos que foram informados pelas aves, de nenhum modo foram prósperos para Dejótaro. Mas se questionarmos os deveres, foram instados pela sua própria virtude, não pelos auspícios.

XXXVIII 80 Portanto, deixa de lado o bastão de Rômulo, que tu negas que fora capaz de queimar no maior incêndio³²⁶; despreza a pedra de Ato Návio³²⁷. Não deve haver na filosofia lugar para fábulas inventadas; isto era, de preferência, próprio de um filósofo: primeiro ver a natureza mesma de um augúrio, depois sua descoberta, depois sua constância. Portanto, qual é a natureza que faz com que as aves que vagam aqui e ali indistintamente signifiquem algo e ora impeçam de agir, ora o ordenam pelo canto e pelo vôo? Ora, por que se deu a algumas aves a possibilidade de fornecer um augúrio seguro à esquerda e a outras, à direita? Mas diremos de que modo ou quando ou por

³²⁵ Cf. I 26.

³²⁶ Cf. I 30.

³²⁷ Cf. I 31-33.

quem foram descobertas essas coisas? Pois os etruscos têm um menino desenterrado como autor de sua doutrina; e nós a quem? Ato Návio? Mas quantos anos Rômulo e Remo são mais antigos, ambos áugures, segundo nos contam? Acaso diremos que isso foi uma descoberta dos Pisidas ou dos cilícios ou dos frígios? Portanto, parece bom considerar os carentes de instrução os autores de um poder divino?

XXXIX 81 Mas todos os reis, povos e nações utilizam os auspícios. Como se houvesse algo tão comum como nada saber ou como se a multidão agradasse a ti próprio em seu julgamento! Quão poucos há que neguem que o prazer seja um bem? A maioria até mesmo diz que é o bem supremo. Portanto, acaso os estóicos mudam de opinião por causa do grande número deles? Ou acaso a multidão segue a autoridade deles na maioria dos assuntos? Portanto, o que há de admirável se nos auspícios e em toda a adivinhação as mentes fracas se enchem dessas superstições e não conseguem distinguir a verdade? **82** Mas que acordo conveniente e constante há entre os áugures? Disse Ênio, conforme o costume do nosso augúrio:

Então bem trovejou à esquerda com tempo sereno.

Mas o Ájax homérico, queixando-se a Aquiles sobre a ferocidade dos troianos, anuncia isso deste modo:

Declara Júpiter prosperidades com seus raios destros.

Assim, para nós parecem melhores os à esquerda, para os gregos e bárbaros os à direita. Ainda que eu não ignore que nós dizemos “sinistros” os que são favoráveis, mesmo se são à direita; mas certamente os nossos designaram o lado esquerdo, os estrangeiros o direito, porque na maioria das vezes esse parecia o melhor. **83** Mas que

tamanha discórdia é essa! E por que utilizam outras aves, outros sinais, observam de outro modo, respondem outras coisas, não é forçoso reconhecer que parte disso é tido em consideração por um erro, parte por superstição e muitas dessas coisas por engano?

XL Mas não hesitaste em juntar a essas superstições até mesmo presságios³²⁸. Emília disse a Paulo que Persa havia morrido, presságio que o pai aceitou; Cecília disse que daria seu lugar à filha da irmã. Quanto a “guardai silêncio religioso” e “primeiro voto, presságio dos comícios” – isso é ser copioso e hábil contra si mesmo. Pois quando poderás estar, ao observar essas coisas, com alma livre e em repouso de forma que tenhas como guia não a superstição, mas a razão? Assim? Se alguém disser algo sobre sua ação e seu discurso e alguma palavra sua corresponder apropriadamente ao que fazias ou pensavas, isso trará para ti temor ou alegria? **84** Embarcando Marco Crasso seu exército em Brundísio³²⁹, alguém no porto vendendo figos de Caunos gritava “figos de Caunos”. Digamos, se agrada, que Crasso foi advertido por isso a evitar de partir; não teria morrido se tivesse obedecido ao presságio. Se dermos valor a coisas assim, um tropeção e uma quebra de correia e até espirros deverão ser observados.

XLI 85 Restam as sortes e os Caldeus, para que venhamos aos vates e aos sonhos. Portanto, achas que deve-se falar sobre as sortes? Pois o que é a sorte? É quase como brincar de adivinhar os dedos da mão, lançar os dados ou tésseras, em tais coisas vale a falta de reflexão e o acaso, não a razão nem a ponderação. Toda a prática foi inventada por enganos ou visando lucro, ou uma superstição, ou um erro. E assim como fizemos com a haruspicina, vejamos qual é a origem das sortes mais famosas. Os registros dos prenestinos declaram que Numério Sufústio, homem honesto e nobre, tendo sido ordenado por sonhos repetidos, por fim até mesmo ameaçadores, a cortar uma rocha em certo lugar, atemorizado pelas visões começou a fazer isso, em meio às zombarias de seus concidadãos; e assim, com a pedra

³²⁸ Em latim *omina*. Cf. I 102-104.

³²⁹ Cf. I 29-30.

despedaçada, as sortes apareceram esculpidas em carvalho com sinais das antigas letras. Hoje esse é um lugar cercado religiosamente perto do templo de Júpiter menino, que, mamando com Juno sentado no colo de Fortuna, desejando a mama, é cuidado da forma mais casta pelas mães. **86** Ao mesmo tempo, nesse lugar onde agora é o templo de Fortuna, dizem que mel escorreu de uma oliveira e os harúspices disseram que aquelas sortes seriam do maior renome, e por ordem deles foi feita uma arca com aquela oliveira e assim foram criadas as sortes que hoje se tiram por advertência da Fortuna. Portanto, o que de certo pode haver nessas sortes, que são misturadas e tiradas pela mão de um menino, por advertência da Fortuna? Mas de que modo elas foram colocadas naquele lugar? Quem cortou aquele carvalho, o moldou e o gravou? Nada há, dizem, que um deus não possa fazer. Quisessem os deuses que os estóicos se tornassem sábios, para que não acreditassem em tudo com uma solicitude supersticiosa e lamentável. Mas certamente esse tipo de adivinhação a vida comum já desaprovou; a beleza do templo e a antigüidade mantêm até agora o renome das sortes prenestinas, e isso no vulgo, apenas. **87** Pois que magistrado ou que homem mais ilustre utiliza as sortes? Na verdade, nos demais lugares, as sortes caíram totalmente em descrédito. Clitômaco escreve que Carnéades costumava dizer que em nenhuma parte viu a Fortuna mais afortunada que em Preneste. Logo, omitamos esse tipo de adivinhação.

XLII Vamos aos prodígios dos caldeus³³⁰; sobre o que Eudoxo, ouvinte de Platão, facilmente o principal nome na astrologia, segundo o juízo dos homens mais doutos, assim pensa (o que deixou escrito³³¹): não se deve acreditar nos caldeus quanto à predição e ao horóscopo de cada um a partir do dia de nascimento. **88** Até mesmo Panécio, que é o único dos estóicos que rejeita as predições dos astrólogos, cita Anquíalo e Cassandro, os maiores astrólogos daquela época em que ele próprio

³³⁰ A passagem seguinte (II 87-99) apresenta uma refutação da astrologia, método divinatório caldeu que não fora explorado com profundidade no livro I. Sua fonte principal é Panécio.

³³¹ A única obra de Eudoxo de Cnido que chegou até nós, ainda que fragmentariamente, é a intitulada *Fenômenos*.

vivera, sendo notáveis nas demais partes da astrologia, não utilizavam esse tipo de predição. Cílix de Halicarnasso, amigo íntimo de Panécio, notável na astrologia e ele mesmo o principal no governo de sua cidade, repudiou todo esse modo caldaico de predizer. **89** Mas para que utilizemos a razão, deixando de lado os depoimentos, assim discorrem aqueles que defendem essas predições natalícias dos caldeus. Dizem que há uma certa força na faixa que carrega as constelações, que é chamado *zwdiako/j* em grego, tal que cada parte dessa faixa se move de modo diferente de outra e modifique o céu, do mesmo modo que cada uma das estrelas esteja nessas partes próximas em cada momento, e a mesma força é movida de modos diferentes por esses astros que são chamados errantes; mas vindo nessa mesma parte da faixa na qual está o começo daquele que nasce, ou na que tem alguma conexão ou correspondência, chamam a isso de trígonos ou quadrantes. Pois, uma vez que, com os períodos dos anos e das estações, tantas conversões e revoluções do céu ocorrem pela aproximação e afastamento das estrelas, e com a força do sol se produz o que vemos, julgam não apenas verossímil, mas até mesmo verdadeiro que as crianças adquiram certa disposição e constituição de acordo com a conformação do céu e a partir disso são dispostos os caracteres, os costumes, a alma, o corpo, a ação na vida, os acontecimentos e eventos de cada um.

XLIII 90 Oh! delírio inacreditável! Pois nem todo erro deve ser chamado de estupidez. Até mesmo o estóico Diógenes concede algo a eles, para que possam predizer pelo menos de que natureza e mais apto a que coisa cada um será; as demais que eles declaram ele nega que possam ser conhecidas de algum modo; pois as formas dos gêmeos são semelhantes, a vida e a sorte quase sempre díspares. Procles e Eurístenes, reis dos lacedemônios, eram irmãos gêmeos. Mas eles nem viveram a mesma quantidade de anos, pois a vida de Procles foi um ano mais curta e ele muito excedeu o irmão na glória de seus feitos. **91** Mas eu nego que se possa compreender isso mesmo que Diógenes, um ótimo homem, concede aos caldeus quase que com uma espécie de prevaricação. Pois, como eles mesmo dizem, governando a lua a origem dos que nascem e os caldeus observando e anotando os astros que presidem o nascimento e todos aqueles que parecem juntos à lua, julgam com o mais enganador

dos sentidos, os olhos, aquilo que deviam ver com a razão e com a mente. Pois o cálculo dos matemáticos, o qual era preciso que eles conhecessem, ensina a quão pequena distância a lua se eleva da terra, quase tocando-a, o quanto está longe da próxima estrela, a de Mercúrio, mas muito mais longe de Vênus, depois com outro intervalo dista do sol, com cujo brilho se julga que é iluminada; na verdade, outros três intervalos ilimitados e imensos, do sol até Marte, dali até Júpiter, dele até a estrela de Saturno, dali até o próprio céu, que está na extremidade do mundo e mais afastado. **92** Portanto, que influência pode haver, a partir de um intervalo quase infinito, na lua ou, antes, na terra?

XLIV E então? Quando dizem, o que é necessário a eles dizer, que todos os nascimentos de todas as pessoas que são geradas em toda a terra habitada são os mesmos e as mesmas coisas acontecem a todos que nascem com o céu e as estrelas no mesmo estado, acaso não são eles de tal forma que fica evidente que esses intérpretes do céu não conhecem nem sequer a natureza do céu? Pois, como aqueles orbes que dividem o céu como que ao meio e delimitam nossa visão, que são chamados *o(ri/zontej* pelos gregos, por nós podem ser muito corretamente chamados de limites, têm uma variedade máxima e são diferentes em locais diversos, é necessário que o nascimento e o ocaso dos astros não aconteça ao mesmo tempo em todos os lugares. **93** E se com a força deles o céu ora de um modo, ora de outro está combinado, que força igual dos nascimentos pode haver quando a diferença do céu é tamanha? Nos locais que nós habitamos a Canícula surge depois do solstício e certamente por alguns dias, mas entre os trogloditas, como está escrito, antes do solstício, de modo que, se concedermos agora que alguma força celeste afeta os que são gerados na terra, deveria ser admitido por eles que os que nascem ao mesmo tempo podem se encontrar em naturezas distintas por causa da diferença do céu; o que não agrada em nada a eles, pois querem que todos aqueles que nasceram ao mesmo tempo, onde quer que tenham nascido, nasçam com a mesma condição.

XLV 94 Mas que tamanha demência é que, nos grandes movimentos e revoluções do céu, em nada seja relevante qual vento, que chuva, que tempo haja e onde? Muitas vezes há tamanha diferença nesses fenômenos em locais próximos que freqüentemente há um tempo em Túsculo e outro em Roma; os que navegam observam muito isso, quando sentem muitas vezes grandes mudanças dos ventos ao contornarem os promontórios. Portanto, quando ora há serenidade ora perturbação do céu, acaso é de homens sãos não dizer que isso afeta o nascimento (o que certamente não afeta), e dizer que afeta o nascimento das crianças aquilo sutil, não sei o quê, que não pode ser sentido de modo algum, porém mal pode ser compreendido, que a configuração do céu produz através da lua e das demais estrelas? Porque não entendem a força das sementes, que mais contribui para a geração e a procriação, é um erro medíocre suprimi-la completamente? Pois quem não vê que os filhos reproduzem não só as formas, mas os costumes, as demais posturas e movimentos dos pais? O que não ocorreria se a força e a natureza daquilo que está gerando não produzisse isso, mas a configuração da lua e a autoridade do céu. **95** E porque os nascidos num único e mesmo instante de tempo têm natureza, vida e também eventos diferentes, evidencia pouco que o momento do nascimento em nada afeta a vida que se terá? A não ser que pensemos que ninguém tenha sido concebido e tenha nascido no mesmo momento que o Africano. Acaso, então, alguém foi como ele?

XLVI 96 E então? Existe dúvida de que muitos, tendo nascido com alguma deformidade contra a natureza, seriam reparados e corrigidos pela natureza, ela mesma se corrigindo ou por arte ou por medicina? Como as línguas de algumas pessoas, que são presas de modo que não possam falar, são soltas ao serem liberadas com um bisturi. Muitos também superaram um vício da natureza pela prática e exercício, como escreve Falero sobre Demóstenes: não podendo dizer “rô”, conseguiu, através de exercícios, pronunciá-lo perfeitamente. E se essas coisas fossem geradas e transmitidas por um astro, nada poderia mudá-las. O quê? Acaso a diferença dos locais não resulta em procriações diferentes dos homens? Certamente é fácil expor o que é diferente entre indianos e persas, etíopes e sírios, quanto aos

corpos e às almas, de modo que haja uma variedade e uma diferença incríveis. **97** Disso entende-se que vale mais para o nascimento a localização geográfica que a influência da lua. Pois, quanto ao fato de dizerem que os babilônios empregaram quatrocentos e setenta mil anos a testar e a fazer experiência com todos as crianças que tinham nascido, se enganam; pois se fizessem sempre assim não teriam deixado de fazer; mas não temos nenhum autor que diga ou que isso aconteça ou que saiba que aconteceu.

XLVII Tu vêes que eu não digo as coisas que Carnéades disse, mas as que disse Panécio, o principal estóico? Mas quanto a mim, também me pergunto: todos os que morreram na batalha de Canas estavam sob um único astro? Certamente o fim de todos foi único e o mesmo. E então? Os que são singulares quanto à inteligência e à alma, acaso também estão sob um único astro? Pois em que momento não nascem inumeráveis pessoas? Mas certamente ninguém é semelhante a Homero. **98** E se é relevante o modo como todo ser vivo nasce quanto ao aspecto do céu e a composição dos astros, é necessário que isso valha não apenas para os homens, na verdade para as feras também; o que mais absurdo que isso se pode dizer? Certamente Lúcio Tarúcio Firmano, amigo nosso, o maior conhecedor dos cálculos dos caldeus, remontava até mesmo o dia de nascimento de nossa cidade às Parílias, nas quais ouvimos que a cidade foi fundada por Rômulo, e dizia que Roma havia nascido estando a lua em Libra e nem hesitava em cantar seus destinos. **99** Oh! máxima força de um erro! Também o dia de nascimento da cidade tinha relação com a força das estrelas e da lua? Faze se referir a um menino: a partir de qual estado do céu respirou seu primeiro ar? Acaso neste tijolo ou nesta pedra com os quais a cidade foi feita pode ter influência? Mas para que dizer mais? São refutados todos os dias. Quantas coisas a Pompeu, quantas a Crasso, quantas a esse próprio César, eu mesmo me lembro que foram ditas pelos caldeus, que nenhum deles morreria se não por velhice, em casa, com fama! De modo que parece a mim muito admirável que exista alguém que ainda hoje acredite em pessoas cujas predições veja dia a dia serem refutadas pelos fatos e pelos acontecimentos.

XLVIII 100 Restam dois tipos de adivinhação que consideramos a partir da natureza, não da arte, a do vaticínio e do sonho. “Sobre elas, Quinto”, eu disse. “discorramos, se agrada”. “A mim agrada, de verdade,” disse ele, “pois estas coisas que até agora discutiste eu aprovo inteiramente, e, para dizer a verdade, ainda que teu discurso tenha reforçado minha convicção, eu julgava por mim mesmo demasiadamente supersticioso o pensamento dos estóicos sobre a adivinhação; mais me convencia o raciocínio dos peripatéticos, quer o do antigo Dicearco, quer o de seu discípulo Cratipo, que agora está no auge, que pensam que há nas mentes dos homens uma espécie de oráculo a partir do qual pressentem o futuro, se a alma é incitada pelo furor divino ou, relaxada durante o sonho, se move separada e livremente.³³² O que tu pensas sobre esses gêneros e com quais raciocínios tu os lanças por terra, certamente eu gostaria de ouvir.”

XLIX 101 Dizendo ele isso, então eu comecei de novo a falar como que partindo de um outro início. Não ignoro, eu disse, Quinto, que tu sempre pensaste assim, tu duvidavas dos demais tipos de adivinhação, mas estes dois, o do furor e do sonho, que parecem dar-se pela mente livre, tu aprovavas. Portanto, eu falarei sobre esses dois próprios tipos o que me parece, se antes tiver visto o que vale a conclusão do raciocínio dos estóicos e do nosso Cratipo. Pois disseste³³³ que tanto Cratipo como Diógenes e Antípatro concluem deste modo: “se os deuses existem e não declaram antes aos homens o que acontecerá, ou não gostam dos homens ou ignoram o que se passará, ou estimam que de nada interessa aos homens saber o que será, ou não julgam que seja digno de sua majestade anunciar aos homens por sinais o que acontecerá, ou nem os próprios deuses podem revelá-los. **102** Mas eles nem deixam de nos amar (pois são benéficos e amigos do gênero humano), nem ignoram aquilo que por eles menos foi estabelecido e designado, e nem deixa de ser de nosso interesse que saibamos as coisas que acontecerão (pois seremos mais cautelosos se

³³² Cf. I 129.

³³³ Cf. I 82-83.

soubermos), nem o julgam alheio a sua majestade (pois nada é superior à beneficência) e nem podem não saber com antecedência. Portanto, os deuses não existem e não nos revelam o futuro; ora, os deuses existem, logo revelam, e, se revelam o futuro, nos dão alguns meios para o conhecimento dos sinais (pois os revelariam em vão) e, se dão meios, a adivinhação não pode deixar de existir; portanto a adivinhação existe.” Oh! homens de engenho agudo! Com quão poucas palavras pensam que o negócio se conclui! Para concluir, assumem coisas das quais nenhuma é concedida a eles. Ora, deve-se aprovar a conclusão do raciocínio na qual se conclui a partir de coisas não duvidosas aquilo a respeito do quê se duvidava.

L Vês Epicuro, de quem os estóicos costumam dizer que é obtuso e ignorante, como concluiu que é infinito esse todo que dizemos existir na natureza das coisas? “O que é finito”, diz ele, “tem extremidade”. Quem não concederia isso? “Mas o que tem extremidade é distinguido de outro pelo exterior.” Isso também deve ser concedido. “Mas o que é todo, isso não é distinguido de outro pelo exterior.” Nem mesmo isso pode ser negado. “Portanto, o que não tem extremidade é necessário que seja infinito.”

104 Vês como chegou a algo duvidoso através de certas concessões? Vós dialéticos não fazeis isso, não somente não assumis as coisas que são por todos concedidas para se chegar à conclusão, mas assumis essas, que, concedidas, nem por isso resulta mais o que quereis. Pois primeiro assumis isto: “se os deuses existem, são benéficos aos homens.” Quem vos dará isso? Epicuro, que nega que os deuses tenham alguma preocupação ou com o alheio ou com o que é seu? Ou o nosso Ênio, que fala com grande aplauso do povo que concorda:

Eu sempre disse e direi que há a estirpe dos deuses celestes,

Mas julgo que não se preocupam com o que faz a estirpe dos homens.

E certamente acrescenta a razão pela qual assim ele julga; mas não há nenhuma necessidade de dizer o que segue; é suficiente apenas que se entenda que esses

seus filósofos reconhecem como certo o que é duvidoso e controverso. **LI 105** E segue adiante, “os deuses nada ignoram, porque tudo foi constituído por eles”. Aqui, na verdade, quanta batalha há por parte dos homens mais doutos que negam que essas coisas foram constituídas pelos deuses imortais! “Mas interessa a nós saber as coisas que ocorrerão.” Há um grande livro de Dicearco segundo o qual não saber essas coisas é melhor que saber. Negam que isso seja alheio à majestade dos deuses. Sem dúvida eles espiam os casebres de todos, para que vejam o que convém a cada um. “Nem podem deixar de saber antes o futuro.” **106** Negam-no aqueles a quem não agrada que esteja determinado o que acontecerá. Portanto, tu vês que essas coisas que são duvidosas são assumidas como certas e concedidas? Então fazem um rodeio e assim concluem: “portanto os deuses não existem sem que revelem o futuro”; e julgam isso já terminado. Então acrescentam: “mas os deuses existem”, o que, em si mesmo, não é concedido por todos. “Logo revelam.” Nem mesmo isso se segue, pois os deuses podem não revelar e ainda assim existirem. “E se revelam, não deixam de dar alguns meios para o conhecimento da revelação.” Mas quanto a isso também pode ser que não dêem ao homem, mas eles próprios os tenham, pois por que dariam aos etruscos de preferência aos romanos? “E se dão meios, a adivinhação não pode deixar de existir.” Faze que os deuses dêem (o que é absurdo); o que importa, se não podemos receber? O fim é: “portanto, a adivinhação existe”. Que seja o final, contudo, não está provado; como aprendemos deles mesmos, a partir de coisas falsas a verdade não pode ser provada. Portanto, cai por terra toda a conclusão.

LII 107 Vamos agora a um ótimo homem, amigo nosso, Cratipo. “Se sem os olhos”, diz ele, “não pode existir o ofício e a função dos olhos, é possível, porém, que às vezes os olhos não cumpram sua função; quem, ainda que uma única vez, usou os olhos para discernir as coisas, possui o sentido dos olhos capaz de perceber as coisas verdadeiras. Do mesmo modo, portanto, se sem a adivinhação não pode existir o ofício e a função da adivinhação, é possível, porém, que alguém, embora possua a adivinhação, erre às vezes e não distinga as coisas verdadeiras; é suficiente para confirmar a adivinhação que algo uma só vez tenha sido adivinhado de forma que nada pareça ter acontecido por acaso; ora, há coisas inumeráveis desse tipo; portanto, deve-

se reconhecer que a adivinhação existe.”³³⁴ Engenhosa e brevemente, mas duas vezes deu por certo o que quis, ainda que nos considerasse propensos a conceder, isso que ele assume de modo nenhum pode ser concedido. **108** “Se”, diz ele, “algumas vezes os olhos erram, contudo, porque algumas vezes viram corretamente, há neles o poder de ver; do mesmo modo, se alguém uma só vez disse algo tocante à adivinhação, ainda que ele erre, contudo deve-se julgar que ele tem o poder de adivinhar.”

LIII Vê, eu peço, ó Cratipo nosso, o quão semelhante são essas coisas, porque para mim não parecem. Pois os olhos que discernem coisas verdadeiras utilizam um sentido natural, se as almas alguma vez viram coisas verdadeiras, ou vaticinando ou sonhando, usaram a sorte e o acaso; a não ser que julgues que os que consideram os sonhos apenas como sonhos concederão a ti que, se alguma vez um sonho se realizou, isso não ocorreu fortuitamente. Mas que nós concedamos a ti essas duas proposições (as que os dialéticos chamam lh/mmata, mas nós preferimos falar em latim), contudo, a suposição (que os mesmos chamam de pro/slyij não será dada. **109** Mas Cratipo assim supõe: “mas existem inumeráveis pressentimentos não fortuitos.” Mas eu digo que não há nenhum (vê quanta controvérsia há); não se concedendo a suposição, não há nenhuma conclusão. Mas descarados somos nós que não concedemos, sendo tão evidente. O que é evidente? “Que muitos se se mostraram verdadeiros, diz ele. E o que dizer de muitos outros falsos? Acaso a própria inconstância, que é própria da sorte, não ensina que a causa é a sorte e não a natureza? Então, se essa tua conclusão, Cratipo (pois minha questão é contigo), é verdadeira, não compreendes que a mesma podem utilizar os harúspices, os intérpretes de raios, os intérpretes dos prodígios, os áugures, os adivinhos e os caldeus? Dentre esses tipos não há nenhum no qual não se tenha realizado algo assim como foi predito. Logo, ou esses tipos de adivinhação também existem, o que tu desaprovas, com muitíssima razão, ou, se não existem, não compreendo por que

³³⁴ Cf. I 71.

existem esses dois que tu deixas. Logo, pela mesma razão que tu determinas isso, aquilo que suprimes pode existir.

LIV 110 Na verdade, que autoridade tem esse furor que chamas de divino, de modo que um sábio não veja essas coisas, mas um insano as veja, e quem perdeu os sentidos humanos tenha obtido sentidos divinos? Observamos os versos da sibila, os quais dizem que ela proferiu durante o furor. Recentemente pensava-se, por certos falsos boatos entre os homens, que um intérprete deles falaria no senado que aquele que tínhamos como rei deveria de fato ser também chamado de rei, se quiséssemos ser salvos. Se isso está nos livros, sobre que homem e em que momento é? Pois agiu habilmente quem compôs isso, de modo que, suprimida a determinação das pessoas e dos momentos, o que quer que acontecesse pareceria predito. **111** Acrescentou até mesmo o refúgio da obscuridade, para que os mesmos versos parecessem poder ser apropriados a outro fato, em outra ocasião. Mas, por um lado, que aquele verso não é de uma pessoa em furor o próprio poema declara (pois é algo mais da arte e do empenho que da excitação e do movimento), por outro, há os ditos a)krostixi/j quando com as primeiras letras de um verso algo sucessivamente é formado, como em certos versos enianos: Q. ÊNIO FEZ. Certamente isso é mais de uma alma atenta do que em furor. **112** Mas nos sibilinos, desde o primeiro verso de cada sentença, das primeiras letras daquelas sentenças forma-se todo um verso.³³⁵ Isso é próprio de um escritor, não de alguém em furor; é próprio de alguém que está atento, não de um insano. Sendo assim, mantenhamos, de fato, a sibila isolada e oculta, para que o que foi transmitido pelos antepassados, de fato, os livros não sejam lidos sem ordem do senado e sirvam mais para depor as superstições religiosas que para sustentá-las; façamos com os sacerdotes que profiram a partir daqueles livros qualquer coisa exceto um rei, que depois disso em Roma nem os deuses nem os homens suportarão que exista.

³³⁵ De forma que o primeiro verso esteja escrito horizontalmente e verticalmente. Isso garantiria a autenticidade do poema. Cf. Pease, p. 530-531.

LV Mas muitos vaticinaram coisas verdadeiras às vezes, como Cassandra³³⁶:

E já no grande mar...

E a mesma um pouco depois:

Ai, ai! Vede...

113 Então tu me impeles a acreditar até mesmo em fábulas? Que causem tanto prazer quanto queiras, que recebam a ajuda das proposições, das palavras, dos cantos, dos ritmos; certamente não devemos atribuir autoridade nenhuma nem crédito a coisas imaginadas. E do mesmo modo eu julgo que não se deve dar crédito a Publício, que eu desconheço, nem aos vates márcios, nem aos oráculos de Apolo, parte dessas coisas foi abertamente inventada, parte falada sem razão, e nunca tiveram a aprovação, nem mesmo por um medíocre qualquer, nem mesmo por alguém prudente. **114** “O quê?”, tu dirás: “aquele remador da frota de Copônio acaso não predisse o que ocorreu?”³³⁷ Na verdade, ele e todos nós temíamos que acontecessem aquelas coisas naquele momento. Pois ouvíamos dizer que os acampamentos na Tessália estavam em luta com outros acampamentos, o exército de César nos parecia ter mais audácia, visto que levava guerra à pátria, e força, por causa da experiência; mas não havia nenhum de nós que não temesse o resultado da batalha, mas não abertamente, como convinha a homens ponderados. Mas quanto àquele famoso grego, o que de admirável há se ele próprio, por causa da magnitude do medo, como muitas vezes ocorre, se apartou da constância, da mente e dele mesmo? Por tal perturbação da alma, quando estava são

³³⁶ Cf. I 67.

³³⁷ Cf. I 68-69.

temia as coisas que, demente, dizia que aconteceriam. Enfim, pelos deuses e pelos homens!, é mais verossímil que um remeiro delirante ou algum de nós que ali estávamos, eu, Catão, Varrão, o próprio Copônio, pudesse perceber os planos dos deuses imortais?

LVI 115 Mas já venho a ti,

Ó santo Apolo, que ocupas o exato umbigo da terra,

De onde primeiro escapou a voz supersticiosa, selvagem, feroz.

Pois com teus oráculos Crisipo encheu todo um volume, em parte falsos, como eu penso, em parte verdadeiros por acaso, como se faz muito freqüentemente em todo discurso, em parte enigmáticos e obscuros de modo que um intérprete precise de intérprete e a própria sorte deva se referir às sortes, em parte ambíguos e precisando ser levados a um dialético. Pois quando aquela sorte foi proferida ao mais opulento rei da Ásia:

Penetrando Creso o Hális, derrubará um grande poder.

ele pensou que derrubaria o poder dos inimigos, mas derrubou o seu. **116** Portanto, acontecendo qualquer uma dessas coisas, o oráculo teria sido verdadeiro, mas por que eu devo acreditar que isso algum dia foi proferido a Creso? Ou por que devo considerar Heródoto mais verdadeiro que Ênio? Acaso ele pode inventar menos sobre Creso que Ênio sobre Pirro? Pois quem há que acredite que foi respondido a Pirro por um oráculo de Apolo:

Digo a ti, Eácida, é possível vencer os romanos.

Primeiro, Apolo nunca falou latim; então essa sorte não foi ouvida pelos gregos; além disso, já nos tempos de Pirro Apolo havia deixado de fazer versos³³⁸; por último, ainda que sempre tenha sido, como está em Ênio,

Tola raça dos eácidas,

São mais potentes na guerra que no saber,

Contudo, teria podido entender a ambigüidade do verso, que “vencer os romanos” poderia valer não mais contra si que contra os romanos; pois aquela ambigüidade que enganou Crespo poderia levar até Crisipo ao engano, mas nem mesmo Epicuro, na verdade.

LVII 117 Mas, o que é essencial, por que os oráculos de Delfos já não são proferidos desse modo, não só em nossa época, mas já há muito tempo, de forma que nada pode ser mais desprezado? Quando são pressionados sobre este ponto, dizem que com o tempo se esvaiu a força desse lugar onde o famoso sopro da terra ocorria, com a mente incitada pelo qual a Pítia proferia os oráculos.³³⁹ Julgarias que se fala de vinho ou de salmoura, que se esvaem com o tempo; sobre a força do lugar se trata, não só natural como também divina; como se esvaiu, enfim? Com o tempo, tu dirás. Que tempo é esse que é capaz de consumir uma força divina? Mas o que é tão divino quanto uma exalação da terra que tanto move a mente como a faz capaz de prever os

³³⁸ Isto é, o oráculo ainda funcionava, mas fornecia suas respostas em forma de prosa, não mais em versos.

³³⁹ Cf. I 38.

fatos futuros, de modo que ela não apenas possa discernir muito antes, mas também pronuncie com ritmo e em verso? Mas quando essa força se esvaiu? Acaso foi depois que os homens começaram a ser menos crédulos? **118** De fato, Demóstenes, que viveu há quase trezentos anos, já então dizia que a pítia filippi/zein isso é, agia de acordo com Filipe. Visava com isso dizer que ela fora corrompida por Filipe, o que permite considerar que também em outros oráculos délficos houve algo não sincero. Mas não sei de que modo esses filósofos supersticiosos e quase fanáticos parecem preferir qualquer coisa a não serem uns tolos. Preferis que tenha se esvaído e se extinto aquilo que, se tivesse existido em algum momento, certamente seria eterno, a não acreditar em coisas em que não se deve acreditar.

LVIII 119 É semelhante o erro no que diz respeito aos sonhos; de fato, por quanto tempo se reivindicou a defesa deles! Julgam que nossas almas são divinas e que são provenientes de fora, que o mundo é repleto de uma multidão de almas com o mesmo sentimento; portanto, através da divindade da própria mente e da união com as mentes externas, são avistados os fatos que ocorrerão³⁴⁰. Mas Zenão acha que a alma se contrai e quase se desliza e cai, e que isso mesmo é o dormir. Já Pitágoras e Platão, autores de muito peso, para que vejamos nos sonhos as coisas mais certas, ordenam que vamos dormir preparados com um certo cuidado e alimentação; certamente os pitagóricos ordenam se abster completamente de fava, como se com essa comida a mente, e não o ventre, inchasse. Mas, não sei como, nada tão absurdo pode ser dito que não seja dito por algum dos filósofos. **120** Portanto, pensamos que as almas dos que dormem se movem por si mesmas enquanto dormem, ou, como pensa Demócrito, são agitadas por uma visão externa e adventícia? Pois seja desse ou daquele modo, muitíssimas coisas falsas podem ser vistas como verdadeiras pelos que sonham. Pois também para os que navegam parecem se mover as coisas que estão fixas, e, com um olhar fixo, aparecem duas luzes de uma mesma lâmpada no lugar de uma. O que dizer dos loucos, dos ébrios, quantas coisas falsas são vistas por eles? E se não se deve confiar em visões desse tipo, não sei por que se acredita em sonhos. Afinal é possível discorrer tanto sobre esses erros quanto sobre sonhos, se quiseres,

³⁴⁰ Cf. I 64, 70, 110.

de forma que, se coisas que estão paradas parecerem se mover, tu virias a dizer que anunciam um terremoto ou uma fuga repentina, de uma luz duplicada de uma lâmpada, que declara uma discórdia e revolta.

LIX 121 Já das visões dos loucos e dos ébrios inumeráveis conjecturas podem-se extrair que pareçam coisas futuras... Pois quem é que, lançando dados um dia inteiro, não acertaria o alvo uma hora? Sonhamos as noites todas (praticamente nenhuma há em que não durmamos) e admiramos que alguma vez aquilo que sonhamos se realize? O que é tão incerto quanto os lances dos dados? Contudo, não há uma pessoa que, lançando-os com freqüência, não obtenha um lance de Vênus alguma vez, às vezes até de novo e uma terceira vez³⁴¹. Portanto, acaso preferimos dizer, como os tolos, que isso seja feito por um movimento de Vênus mais do que por acaso? E se em outros momentos não se deve acreditar em falsas visões, não vejo o que o sonho tem de especial para que as coisas falsas valham como verdadeiras. **122** E se assim fora disposto pela natureza que os que dormem façam aquilo que sonharem, deveriam ser presos todos os que fossem para a cama, pois os que sonham provariam perturbações mais graves que os de alguém louco. E se não se deve ter fé nas visões dos loucos porque são falsas, não entendo por que se deva acreditar nas visões dos que sonham, que são muito mais perturbadoras; ou não será porque os loucos não contam suas visões a um intérprete, contam os que sonharam?

Pergunto também: se eu quiser escrever algo ou ler ou cantar, ou com a voz ou com a lira, ou explicar alguma coisa de geometria ou de física ou de dialética, deve-se esperar um sonho ou aplicar uma arte, sem a qual nada dessas coisas nem pode acontecer nem se pode dar? Ora, nem mesmo se eu quiser navegar, guiarei um navio assim como tiver sonhado, pois o castigo será inevitável. **123** Portanto, quem concorda que os doentes peçam um remédio a um intérprete de sonho de preferência a um médico? Acaso Esculápio, ou Sérapis, pode nos prescrever através de um sonho tratamento de saúde, e Netuno não pode aos timoneiros? E se sem médico Minerva dará um remédio, as Musas não darão o conhecimento da arte de escrever, de ler, e de

³⁴¹ Cf. I 23.

outras artes aos que sonham? Mas se a cura da doença fosse dada, também essas coisas que eu disse seriam dadas; já que elas não são dadas, o remédio não é dado; suprimido isso, toda a autoridade dos sonhos cai por terra.

LX 124 Mas também essas coisas são evidentes; vejamos agora questões mais profundas. Pois ou uma certa força divina que vela por nós faz as revelações dos sonhos ou os intérpretes entendem por meio dos sonhos, através de uma harmonia e conjunção da natureza, que chamam de *simpa/queia*, o que corresponde a cada evento e o que resulta cada fato; ou não é nada disso, mas trata-se de uma certa observação longa e constante sobre o que costuma acontecer a seguir, após se ter uma visão durante o sono. Portanto, primeiro deve-se entender que não há nenhuma força divina causadora dos sonhos. Mas certamente isto é claro: nenhuma visão dos sonhos parte do poder dos deuses; pois por nossa causa os deuses fariam que pudéssemos prever o futuro. **125** Portanto, quantos são os que obedecem aos sonhos, que entendem, que se lembram? Quantos, na verdade, que os desprezam e que julgam ser uma superstição de uma alma fraca e de anciã! Portanto, por que deus, velando por esses homens, adverte-os por meio de sonhos que eles não julgam dignos nem de levar em conta nem mesmo de lembrar? Pois nem deus pode ignorar qual é a mentalidade que cada um tem, e nem é digno de um deus fazer algo em vão e sem causa, o que é contrário até mesmo à constância humana. Assim, se a maior parte dos sonhos ou são ignorados ou negligenciados, ou deus desconhece isso ou utiliza a revelação dos sonhos em vão; e nada disso convém a um deus; portanto, deve-se concordar que nada é revelado por deus através de sonhos.

LXI 126 Indago também isto: se deus nos dá essas visões para nos precavermos, por que não dá quando estamos acordados de preferência a quando estamos dormindo? Pois se é um impulso externo e estranho que comove as almas dos que dormem, ou é por si mesmas que as almas se movem, ou é por uma outra causa que durante o repouso pareçamos ver, ouvir, fazer alguma coisa, a mesma causa poderia existir para os que estão acordados; e se os deuses fizessem isso por nossa causa durante o repouso, fariam o mesmo enquanto estamos acordados, principalmente quando Crisipo, refutando os acadêmicos, diz que são muito mais claras

e certas as coisas que aparecem aos que estão acordados do que aos que sonham. Portanto, teria sido mais digno da divina beneficência, ao ocupar-se de nós, dar visões mais claras aos que estão acordados do que do que ao dar as mais obscuras através dos sonhos. Porque isso não ocorre, os sonhos não devem ser considerados divinos. **127** Na verdade, que necessidade há de um rodeio e circunlóquio, a tal ponto que se deva lançar mão de intérpretes de sonhos, em vez de deus dizer diretamente, se de fato se preocupava conosco, “faze isso”, “não faças aquilo” e dar essa visão ao que está acordado de preferência ao que está dormindo?

LXII Na verdade, quem ousaria dizer que todos os sonhos são verdadeiros? “Alguns sonhos são verdadeiros”, diz Ênio, “mas não é necessário que todos sejam.” Qual é, afinal, essa distinção? Quais ele considera verdadeiros, quais falsos? E se os verdadeiros são enviados por deus, de onde nascem os falsos? Pois se eles também são divinos, o que é mais inconstante que deus? O que é mais estúpido do que atormentar as mentes dos mortais com visões falsas e enganosas? Mas se as visões verdadeiras são divinas, mas as falsas e inúteis são humanas, qual é essa capacidade de designar que este deus fez, aquele a natureza, de preferência a que deus, o que vós negais, ou a natureza tenha feito todos? Visto que negais aquilo, isto deve ser reconhecido necessariamente. **128** Mas eu chamo de natureza essa pela qual a alma nunca pode ficar parada, estando vazia de agitação e movimento. Ela, com o langor do corpo, não pode se utilizar nem dos membros nem dos sentidos, se sujeita a visões variáveis e incertas a partir, como diz Aristóteles, das reminiscências inerentes às coisas que, acordada, havia feito ou pensado; pela perturbação delas às vezes surgem admiráveis tipos de sonhos; se uns são falsos, outros verdadeiros, eu gostaria muito de saber a partir de qual indício se distinguem. Se não há nenhuma, por que ouviríamos esses intérpretes? Mas se há alguma, desejo muito saber qual é; mas hesitarão.

LXIII 129 Pois passamos a discutir o que seria mais provável: que os deuses imortais, notáveis pela superioridade de todas as coisas, percorram não apenas as camas, mas de fato também os colchonetes de todos os mortais, onde quer que estejam, e quando vêem alguém dormindo profundamente, inspiram neles certas visões tortuosas e obscuras, que eles, aterrorizados pelo sono, de manhã contam ao

adivinho, ou que aconteça pela natureza que a alma, rapidamente agitada, pareça ver dormindo o que havia visto acordada. O que é mais digno da filosofia, interpretar essas coisas com a superstição de feiticeiras ou com a explicação da natureza? De modo que, se pudesse acontecer uma interpretação verdadeira dos sonhos, contudo, esses que o professam não poderiam fazê-la. Pois constituem uma espécie de gente extremamente fútil e sem instrução. Mas teus estóicos negam que alguém além do sábio possa ser adivinho. **130** Certamente Crisipo define a adivinhação com estas palavras: uma força que sabe, vê e explica os sinais que são revelados aos homens pelos deuses; mas é tarefa dela adivinhar qual é a disposição da mente dos deuses a respeito dos homens e o que anunciam, e de que modo essas coisas podem ser remediadas e expiadas. E ele mesmo define a interpretação dos sonhos deste modo: há uma força que discerne e elucida o que é apresentado aos homens pelos deuses nos sonhos. Pois então! É necessário para isso um conhecimento medíocre ou uma exímia inteligência e também uma perfeita erudição? Mas não conhecemos ninguém assim.

LXIV 131 Vê, portanto, ainda que eu tiver concedido a ti que a adivinhação existe, o que nunca farei, que não podemos, contudo, encontrar nenhum adivinho. Mas de que tipo é essa mente dos deuses, se nem nos revelam nos sonhos coisas que possamos entender por nós mesmos, nem possamos ter intérpretes delas? Pois os deuses, se nos apresentam essas coisas, das quais não temos nem conhecimento nem intérprete, agem como cartagineses ou hispanos que falassem em nosso senado sem intérprete. **132** Aliás para que servem as obscuridades e enigmas dos sonhos? Pois os deuses deviam querer que nós entendêssemos isso de que nos advertiam por nossa causa. O quê? Nenhum poeta, nenhum físico é obscuro?**133**. O famoso Euforião, de fato, é também demasiado obscuro, mas não Homero. Portanto, qual é melhor? Heráclito é muito obscuro, Demócrito não é de jeito nenhum; portanto, acaso são dignos de comparação? Por minha causa tu me aconselhas algo que não posso entender? Portanto, por que me aconselhas? Como se um médico ordenasse a um doente que tomasse

um filho da Terra, que anda sobre ervas,
que traz a casa consigo, sem sangue,

de preferência a dizer um caracol, como é de costume dos homens. Pois, dizendo o Anfião de Pacúvio de modo muito obscuro:

quadrúpede que anda devagar, do campo, do solo, áspero,
de cabeça curta, de pescoço de cobra, de aspecto feroz,
sem entranhas, sem vida, com som de animal

então, os Áticos respondem:

Não entendemos, se não fales abertamente.

Mas ele, com uma palavra: tartaruga. Portanto, não poderias dizer isso desde o principio, citarista?

LXV 134 Alguém relata ao adivinho que sonhou que um ovo pendia por uma faixa em sua cama do quarto (este sonho está no livro de Crisipo); o adivinho respondeu que um tesouro havia sido enterrado sob a cama. Cavou, encontrou uma certa quantia de ouro e essa circundada de prata, enviou para o adivinho a pouca quantidade de prata que lhe pareceu bem. Então ele diz: “Nada sobre a gema?” Pois isso lhe parecia que, no ovo, representava o ouro, e o resto, a prata. Portanto, ninguém mais jamais sonhou com um ovo? Logo, por que só esse fulano encontrou o tesouro? Quantas pessoas pobres, dignas da assistência dos deuses, não são advertidas por

nenhum sonho para encontrar um tesouro! Mas por que motivo a advertência é tão obscura de modo que a partir de um ovo surja a semelhança com o tesouro, ao invés de abertamente ordenar procurar o tesouro, assim como Simônides foi abertamente impedido de navegar?³⁴² **135** Logo, sonhos obscuros não se coadunam com a majestade dos deuses.

LXVI Vamos às coisas abertas e claras, tal como sobre aquele assassinato pelo taverneiro em Mégara, como sobre Simônides, que por aquele que enterrara fora impedido de navegar, como também sobre Alexandre, que admiro que tenha sido preterido por ti.

Quando Ptolomeu, seu amigo, fora ferido na batalha por um dardo envenenado e por causa da ferida morria com extrema dor, Alexandre, sentado ao lado, mergulhou no sono. Então, durante o descanso, dizem que apareceu a ele uma serpente de que sua mãe Olímpia tratava carregando na boca uma pequena raiz e ao mesmo tempo dizendo em que lugar ela nascia (e não ficava longe dali), mas o poder dela era tamanho que Ptolomeu se curaria facilmente. Narrando Alexandre, acordado, o sonho para os amigos, foram enviadas pessoas para que buscassem aquela raiz; após ser encontrada, dizem que não só Ptolomeu foi curado mas também muitos soldados que estavam feridos pelo mesmo tipo de dardo. **136** Muitos sonhos da história também foram apresentados por ti, da mãe de Faláride, de Ciro, o antigo³⁴³, da mãe de Dionísio,³⁴⁴ do púnico Amilcar³⁴⁵, de Aníbal,³⁴⁶ de Públio Décio³⁴⁷; já muito divulgado aquele sobre o primeiro dançarino³⁴⁸, também o de Gaio Graco³⁴⁹, e o recente sonho

³⁴² Cf. I 56.

³⁴³ Cf. I 46.

³⁴⁴ Cf. I 39.

³⁴⁵ Cf. I 50.

³⁴⁶ Cf. I 48-49.

³⁴⁷ Cf. I 51.

³⁴⁸ Cf. I 55.

³⁴⁹ Cf. I 56.

de Cecília, filha de Baliárico³⁵⁰. Mas esses não são nossos e por essa causa são desconhecidos por nós, alguns são até mesmo fictícios, talvez. Pois quem é o autor desses? O que temos a dizer sobre os nossos sonhos? Tu sobre mim e meu cavalo emerso até a margem, eu sobre Mário com fasces laureados ordenando que eu fosse conduzindo até seu monumento.³⁵¹

LXVII De todos os sonhos, Quinto, há uma única razão; a qual, pelos deuses imortais, cuidemos que não seja superada pela nossa superstição e corrupção. **137** Pois que Mário tu pensas que foi visto por mim? Uma forma, creio eu, e imagem dele, como parece a Demócrito. De onde veio a imagem? Pois ele quer que as imagens fluam de corpos sólidos e de certas figuras; portanto, que corpo de Mário era aquele? Provindo daquele, diz, que ele tivera. Portanto essa imagem de Mário me perseguia no campo Atinate? - Todas as coisas são cheias de imagens – pois nenhuma forma pode ser pensada a não ser a partir de impressão de imagens. – **138** Então o quê? São essas imagens tão obedientes ao nosso chamado que assim que queremos elas ocorrem? Também daquelas coisas que não existem? Pois qual forma é tão pouco vista, tão nula, que a alma não possa representar para si mesma? De modo que temos formadas no espírito coisas que, contudo, nunca vimos: locais das cidades, figuras humanas. **139** Portanto, quando penso nos muros da Babilônia ou no rosto de Homero, acaso outra imagem dessas coisas me impressiona? Portanto, tudo que queremos pode ser visto por nós; pois não há nada sobre o qual não podemos pensar; logo, nenhuma imagem se insinua nas almas dos que dormem a partir do exterior nem absolutamente há alguma que flui, nem conheço alguém de grande autoridade que nada tenha dito. Há tal força natural das almas que, quando acordadas, são vigorosas por nenhum impulso adventício, mas por seu próprio movimento com uma certa velocidade inacreditável. Quando elas se apóiam nos membros e nos corpos e nos sentidos, todas as coisas elas discernem, pensam e sentem mais certas. Mas quando essas coisas desaparecem e a alma é abandonada pelo langor do corpo, então ela própria se agita por si mesma. E assim, tanto as formas como as ações se apresentam

³⁵⁰ Cf. I 4, 99.

³⁵¹ Cf. I 58-59.

a ele, e muitas coisas parecem ser ouvidas, muitas ditas. **140** Pois muitas dessas coisas, na alma enfraquecida e relaxada, se apresentam confusas e variadas e são movidos e agitados ao máximo nas almas os resquícios das coisas sobre as quais, acordados, ou tínhamos pensado ou feito, como aconteceu comigo: naqueles momentos Mário muito se apresentava em minha mente, que recordava com que grandeza de alma e com que constância ele suportou seu grave destino. Creio que essa foi a causa de sonhar com ele.

LXVIII Mas por ti, pensando a meu respeito com solicitude, de repente fui visto emergindo do rio. Pois havia em ambas as nossas almas vestígios de pensamentos da vigília. Mas certas coisas se acrescentaram, como o monumento de Mário para mim, para ti, que o cavalo que eu montava, submergido de uma vez comigo, apareceu de novo. **141** Ou tu pensas que haveria alguma velha tão delirante a ponto de acreditar nos sonhos, se essas coisas não ocorressem alguma vez por acaso, sem motivo? Uma serpente pareceu falar a Alexandre: isso pode ser totalmente falso, pode ser verdadeiro, mas que seja um ou outro, não é de se espantar; pois ele não ouviu a serpente falando mas pareceu ouvir, e de fato, para que seja mais grandioso, falou tendo uma raiz na boca. Mas nada é grandioso para o que sonha. Mas pergunto por que Alexandre teve tão ilustre sonho e tão certo, e não ele mesmo em outras ocasiões nem os demais muitos outros; certamente para mim, além desse sobre Mário, absolutamente nada, que eu me lembre. Portanto, tantas noites foram consumidas em vão numa longa vida. **142** Certamente agora, na interrupção do trabalho forense diminuí as vigílias e também adicionei as sextas, das quais não costumava antes fazer uso, nem, dormindo tanto, fui advertido por algum sonho, principalmente sobre assuntos tão importantes, e nunca pareço sonhar mais do que quando vejo os magistrados no fórum ou o senado na cúria.

LXIX Pois (isso está em segundo lugar conforme a divisão³⁵²), qual é a continuidade e a conjunção da natureza, que, como disse, chamam à sua maneira de sumpá/queia de modo que por ovo se entenda um tesouro? Pois os médicos entendem a

³⁵² Cf. II 124.

partir de certas coisas que doenças virão e se agravarão, e dizem que até mesmo podem entender alguns sinais de saúde, como se nós estamos satisfeitos ou mortos de fome, a partir de certo tipo de sonhos. Na verdade, um tesouro, uma herança, um cargo público, uma vitória e muitas coisas desse mesmo tipo são ligadas aos sonhos por qual relação natural? **143** Diz-se que alguém expeliu uns cálculos unindo-se em sonho com um abraço de Vênus. Vejo a simpatia; pois tal visão se apresentou ao que dormia de modo que o que ocorreu a força da natureza o fez, não uma opinião errônea. Portanto, qual natureza apresentou a Simônides aquela imagem pela qual era impedido de navegar? Ou qual ligação com a natureza teve o sonho de Alcebíades, que está registrado: pouco antes da morte sonhou que era coberto pelo vestido de sua amante. Estando ele prostrado sem enterro e jazendo abandonado por todos, a amante cobriu o corpo dele com seu pálio. Logo, isso estava relacionado aos fatos futuros e tinha causas naturais ou o acaso fez com que ocorresse como fora previsto?

LXX 144 O quê? Acaso as conjecturas dos próprios adivinhos não revelam mais os talentos deles do que a força e o consenso da natureza? Um corredor que pensava em partir para Olímpia sonhou que era transportado pelo carro de uma quadriga. Pela manhã foi até o adivinho. Mas ele diz: “vencerás, pois a velocidade e a força dos cavalos revelam isso.” Depois o mesmo foi até Antifonte. Porém ele diz: “serás vencido, necessariamente; ou não entendes que quatro correram na frente de ti?” Eis outro corredor (e está cheio de sonhos desse tipo o livro de Crisipo, cheio o de Antípatro) – mas volto ao corredor: relatou a um intérprete que sonhou que se transformou em águia. Mas ele: “venceste, pois nenhuma ave voa com mais força que esta.” Antifonte diz a ele mesmo: “Asno, não vês que foste vencido? Pois essa ave, que persegue outras aves e se agita, ela própria sempre está por último.” **145** Uma certa matrona, desejando ter um filho, na dúvida de que estava grávida, viu durante o repouso que tinha os órgãos reprodutivos selados. Contou. Disseram que ela não pudera conceber, visto que estava selada. Mas outro disse que ela estava grávida, pois não se costuma selar nada vazio. Qual é essa arte dos adivinhos que brincam com seu engenho? Acaso essas coisas que disse e as inumeráveis que os estóicos têm reunido revelam algo a não ser a sutileza dos homens, que conduzem sua interpretação ora desse, ora daquele modo, a partir de alguma analogia? Os médicos têm alguns sinais a partir das

veias, da respiração do doente e de muitos outros pressentem o que acontecerá; os timoneiros, quando vêem as lulas pulando ou os golfinhos se lançando ao porto, acham que se anuncia uma tempestade. Essas coisas são explicadas pela razão e podem facilmente ser relacionadas com a natureza, mas as que disse pouco antes, de modo algum.

LXXI 146 Mas a longa observação (pois resta essa única parte) fez a arte ao anotarem-se os fatos. Dizes isso, por fim? Os sonhos podem ser observados? Como? Pois há uma inumerável variedade; nada tão às avessas, tão a torto e a direito, tão monstruoso pode ser pensado que não possamos sonhar; portanto, de que modo podemos anotar esses sonhos infinitos e sempre novos ou retendo na memória ou observando? Os astrólogos anotaram os movimentos das estrelas errantes; pois se descobriu uma ordem nessas estrelas que não era considerada. Mostra, enfim, que ordem há ou qual é o concurso dos sonhos; mas como os sonhos verdadeiros podem ser distinguidos dos falsos? Quando os mesmos sonhos se realizam de modo diferente para diferentes pessoas e, sendo a mesma pessoa, nem sempre do mesmo modo; de forma que me parece admirável, sendo que não costumamos acreditar em um homem mentiroso nem mesmo quando diz a verdade, o modo como esses, se algum sonho se realizou, não tiram o crédito de um único entre muitos de preferência a confirmar inumeráveis a partir de um.

147 Portanto, se nem deus é um autor dos sonhos nem há alguma relação da natureza com os sonhos e nem uma ciência pode ser descoberta pela observação, conclui-se que absolutamente nada deve ser atribuído aos sonhos, principalmente quando aqueles mesmos que vêem essas coisas nada adivinham, os que interpretam apresentam uma conjectura, não a natureza, mas que o acaso, por séculos quase incontáveis, produziu mais admiração em todas as coisas do que nas visões dos sonhos, e que nada é mais incerto que uma conjectura, que pode ser levada a várias direções, algumas vezes até mesmo contrárias.

LXXII 148 Portanto, rejeite-se também essa adivinhação dos sonhos, junto com as demais. Pois, para que se diga a verdade, a superstição difundida entre os povos subjugou totalmente as mentes de quase todos e se apoderou da debilidade dos homens. O que também se disse nesses livros que tratam da natureza dos deuses e fizemos ao máximo nesta discussão. Pois parecia que seria muito útil a nós mesmos e aos nossos se a suprimíssemos de todo. De nenhum modo (pois quero que fique bem claro) a religião é suprimida, ao se suprimir a superstição. Pois é próprio de um sábio conservar as instituições dos antepassados, mantendo as coisas sagradas e as cerimônias, e a beleza do mundo e a ordem das coisas celestes impele a admitir que há uma natureza excelente e eterna e que ela deve ser contemplada e admirada pelo gênero humano. **149** Por isso, assim como a religião, que está unida ao conhecimento da natureza, até mesmo deve ser propagada, todas as raízes da superstição devem ser arrancadas. Pois ela ameaça e pressiona, e para onde quer que tu te voltes, ela te persegue, seja se tu tiveres dado ouvido a um vate ou a um presságio, seja se tiveres imolado ou observado uma ave, se tiveres visto um Caldeu, um harúspice, se tiver relampejado, se tiver trovejado, se algo tiver sido tocado pelo raio, se algo semelhante a um prodígio tiver nascido ou acontecido; é necessário que alguma dessas coisas aconteça ordinariamente, para que nunca se possa estar com a mente tranqüila. **150** O sono parece ser o refúgio de todos as fadigas e inquietações. Mas dele mesmo nascem muitíssimas preocupações e medos; certamente, por eles mesmos valeriam menos e seriam mais desprezados se os filósofos não sustentassem a defesa dos sonhos, e não os mais desprezíveis mas os que estão entre os primeiros, os que parecem mais agudos, os que vêem os conseqüentes e as contradições, os que são considerados quase absolutos e perfeitos. Se Carnéades não tivesse corrigido o abuso deles, não sei se não seriam julgados como os únicos filósofos. Quase toda nossa discussão e nosso esforço se dirigem contra eles, não porque os desprezemos ao máximo, mas porque parecem defender suas idéias de modo mais agudo e mais sensato. Porém, por ser próprio da Academia não propor nenhum juízo próprio, aprovar o que parecer mais verossímil, comparar as causas e mostrar o que pode ser dito contra cada idéia, e sem usar de nenhuma autoridade sua, deixar o juízo dos ouvintes íntegro e livre, manteremos esse costume transmitido por Sócrates e o utilizaremos o mais

freqüentemente entre nós, se agradar a ti, Quinto, meu irmão. E ele disse: “Para mim, de verdade, nada pode ser mais agradável.” Tendo dito essas coisas, nos levantamos.

De Divinatione

Liber Primus

I 1 Vetus opinio est iam usque ab heroicis ducta temporibus, eaque et populi Romani et omnium gentium firmata consensu, versari quandam inter homines divinationem, quam Graeci mantikh/n appellant, id est praesensionem et scientiam rerum futurarum. Magnifica quaedam res et salutaris, si modo est ulla, quaque proxime ad deorum vim natura mortalis possit accedere. Itaque ut alia nos melius multa quam Graeci, sic huic praestantissimae rei nomen nostri a divis, Graeci, ut Plato interpretatur, a furore duxerunt. 2 Gentem quidem nullam video neque tam humanam atque doctam neque tam inmanem tamque barbaram, quae non significari futura et a quibusdam intellegi praedicique posse censeat. Principio Assyrii, ut ab ultimis auctoritatem repetam, propter planitiam magnitudinemque regionum quas incolebant, cum caelum ex omni parte patens atque apertum intuerentur, traiectiones motusque stellarum observitaverunt, quibus notatis, quid cuique significaretur memoriae prodiderunt. Qua in natione Chaldaei, non ex artis sed ex gentis vocabulo nominati, diuturna observatione siderum scientiam putantur effecisse, ut praedici posset, quid cuique eventurum et quo quisque fato natus esset. Eandem artem etiam Aegyptii longinquitate temporum innumerabilibus paene saeculis consecuti putantur. Cilicum autem et Pisidarum gens et his finitima Pamphylia, quibus nationibus praefuimus ipsi, volatibus avium cantibusque, ut certissimis signis, declarari res futuras putant. 3 Quam vero Graecia coloniam misit in Aeoliam, Ioniam, Asiam, Siciliam, Italiam sine Pythio aut Dodonaeo aut Hammonis oraculo? aut quod bellum susceptum ab ea sine consilio deorum est? II Nec unum genus est divinationis publice privatimque celebratum. Nam, ut omittam ceteros populos, noster quam multa genera complexus est! Principio huius urbis parens Romulus non solum auspicato urbem condidisse, sed ipse etiam optumus augur fuisse traditur. Deinde auguribus et reliqui reges usi, et exactis regibus nihil publice sine auspiciis nec domi nec militiae gerebatur. Cumque magna vis videretur esse et impetriendis consulendisque rebus et monstribus interpretandis ac procurandis in haruspicum disciplina, omnem hanc ex Etruria scientiam adhibebant, ne genus esset ullum divinationis quod neglectum ab iis videretur. 4 Et cum duobus modis animi sine ratione et scientia motu ipsi suo soluto et libero incitarentur, uno furente, altero somniante, furoris divinationem Sibyllinis maxime versibus contineri arbitrati, eorum decem interpretes delectos e civitate esse voluerunt. Ex quo genere saepe hariolorum etiam et vatum furibundas praedictiones, ut Octaviano bello Corneli Culleoli, audiendas putaverunt. Nec vero somnia graviora, si quae ad rem publicam pertinere visa sunt, a summo consilio neglecta sunt. Quin etiam memoria nostra templum Iunonis Sospitae L. Iulius, qui cum P. Rutilio consul fuit, de senatus sententia refecit ex Caeciliae, Balarici filiae, somnio.

III 5 Atque haec, ut ego arbitror, veteres rerum magis eventis moniti quam ratione docti, probaverunt. Philosophorum vero exquisita quaedam argumenta cur esset vera divinatio, collecta sunt; e quibus, ut de antiquissimis loquar, Colophonius Xenophanes unus, qui deos esse diceret, divinationem funditus sustulit; reliqui vero omnes praeter Epicurum balbutientem de natura deorum divinationem probaverunt, sed non uno modo. Nam cum Socrates omnesque Socratici Zenoque et ii qui ab eo essent profecti manerent in antiquorum philosophorum sententia vetere Academia et Peripateticis consentientibus, cumque huic rei magnam auctoritatem Pythagoras iam ante tribuisset, qui etiam ipse augur vellet esse, plurimisque locis gravis auctor Democritus praesensionem rerum futurarum comprobaret, Dicaearchus Peripateticus cetera divinationis genera sustulit, somniorum et furoris reliquit, Cratippusque, familiaris noster, quem ego parem summis Peripateticis iudico, isdem rebus fidem tribuit, reliqua divinationis genera reiecit. 6 Sed cum Stoici omnia fere illa defenderent, quod et Zeno in suis commentariis quasi semina quaedam sparsisset et ea Cleanthes paulo uberiora fecisset, accessit acerrimo vir ingenio, Chrysippus, qui totam de divinatione duobus libris explicavit sententiam, uno praeterea de oraculis, uno de somniis; quem subsequens unum librum Babylonius Diogenes edidit, eius auditor, duo Antipater, quinque noster Posidonius. Sed a Stoicis vel princeps eius disciplinae, Posidoni doctor, discipulus Antipatri, degeneravit, Panaetius, nec tamen ausus est negare vim esse divinandi, sed dubitare se dixit. Quod illi in aliqua re invitissimis Stoicis Stoico facere licuit, id nos ut in reliquis rebus faciamus a Stoicis non concedetur? praesertim cum id, de quo Panaetio non liquet, reliquis eiusdem disciplinae solis luce videatur clarius. 7 Sed haec quidem laus Academiae praestantissimi philosophi iudicio et testimonio comprobata est. IV Etenim nobismet ipsis quaerentibus quid sit de divinatione iudicandum, quod a Carneade multa acute et copiose contra Stoicos disputata sint, verentibusque ne temere vel falsae rei vel non satis cognitae adsentiamur, faciendum videtur ut diligenter etiam atque etiam argumenta cum argumentis comparemus, ut fecimus in iis tribus libris quos de natura deorum scripsimus. Nam cum omnibus in rebus temeritas in adsentiendo errorque turpis est, tum in eo loco maxime in quo iudicandum est quantum auspiciis rebusque divinis religionique tribuamus; est enim periculum ne aut neglectis iis impia fraude aut susceptis anili superstitione obligemur.

V 8 Quibus de rebus et alias saepe et paulo accuratius nuper, cum essem cum Q. fratre in Tusculano, disputatum est. Nam cum ambulandi causa in Lyceum venissemus (id enim superiori gymnasio nomen est), Perlegi, [ille] inquit, tuum paulo ante tertium de natura deorum, in quo disputatio Cottae, quamquam labefactavit sententiam meam, non funditus tamen sustulit. Optime vero, inquam; etenim ipse Cotta sic disputata ut Stoicorum magis argumenta confutet quam hominum delet religionem. Tum Quintus: Dicitur quidem istuc, inquit, a Cotta, et vero saepius, credo, ne communia iura migrare videatur; sed studio contra Stoicos disserendi deos mihi videtur funditus tollere. 9 Eius orationi non sane desidero quid respondeam; satis enim defensa religio

est in secundo libro a Lucilio, cuius disputatio tibi ipsi, ut in extremo tertio scribis, ad veritatem est visa propensior. Sed, quod praetermissum est in illis libris (credo quia commodius arbitratus es separatim id quaeri deque eo disseri), id est de divinatione, quae est earum rerum quae fortuitae putantur praedictio atque praesensio, id, si placet, videamus quam habeat vim et quale sit. Ego enim sic existimo, si sint ea genera divinandi vera, de quibus accepimus quaeque colimus, esse deos, vicissimque, si di sint, esse qui divinent. **VI 10** Arcem tu quidem Stoicorum, inquam, Quinte, defendis, siquidem ista sic recipiuntur, ut et, si divinatio sit, di sint, et, si di sint, sit divinatio. Quorum neutrum tam facile quam tu arbitraria conceditur. Nam et natura significari futura sine deo possunt, et, ut sint di, potest fieri ut nulla ab iis divinatio generi humano tributa sit. Atque ille: Mihi vero, inquit, satis est argumenti et esse deos et eos consulere rebus humanis quod esse clara et perspicua divinationis genera iudico. De quibus quid ipse sentiam, si placet, exponam, ita tamen, si vacas animo neque habes aliquid quod huic sermoni praevertendum putes. **11** Ego vero, inquam, philosophiae, Quinte, semper vaco; hoc autem tempore, cum sit nihil aliud quod lubenter agere possim, multo magis avelo audire de divinatione quid sentias.

Nihil, inquit, equidem novi, nec quod praeter ceteros ipse sentiam; nam cum antiquissimam sententiam, tum omnium populorum et gentium consensu comprobata sequor. Duo sunt enim divinandi genera, quorum alterum artis est, alterum naturae. **12** Quae est autem gens aut quae civitas quae non aut extispicum aut monstra aut fulgora interpretantium aut augurum aut astrologorum aut sortium (ea enim fere artis sunt) aut somniorum aut vaticinationum (haec enim duo naturalia putantur) praedictione moveatur? Quarum quidem rerum eventa magis arbitror quam causas quaeri oportere. Est enim vis et natura quaedam, quae tum observatis longo tempore significationibus, tum aliquo instinctu inflatuque divino futura praenuntiat. **VII** Quare omittat urguere Carneades, quod faciebat etiam Panaetius, requirens Iuppiterne cornicem a laeva, corvum ab dextera canere iussisset. Observata sunt haec tempore inmenso et in significatione eventus animadversa et notata. Nihil est autem quod non longinquitas temporum excipiente memoria prodendis monumentis efficere atque adsequi possit. **13** Mirari licet quae sint animadversa a medicis herbarum genera, quae radicum ad morsus bestiarum, ad oculorum morbos, ad vulnera, quorum vim atque naturam ratio numquam explicavit, utilitate et ars est et inventor probatus. Age ea quae, quamquam ex alio genere sunt, tamen divinationi sunt similiora, videamus:

Atque etiam ventos praemonstrat saepe futuros

Inflatum mare, cum subito penitusque tumescit,

Saxaque cana salis niveo spumata liquore

Tristificas certant Neptuno reddere voces,

Aut densus stridor cum celso e vertice montis

Ortus adaugescit scopulorum saepe repulsus.

VIII Atque his rerum praesensionibus Prognostica tua referta sunt. Quis igitur elicere causas praesensionum potest? Etsi video Boëthum Stoicum esse conatum, qui hactenus aliquid egit ut earum rationem rerum explicaret quae in mari caelove fierent.

14 Illa vero cur eveniant quis probabiliter dixerit?

Cana fulix itidem fugiens e gurgite ponti

Nuntiat horribilis clamans instare procellas

Haud modicos tremulo fundens e guttere cantus.

Saepe etiam pertriste canit de pectore Carmen

Et matutinis acredula vocibus instat,

Vocibus instat et adsiduas iacit ore querellas,

Cum primum gelidos rores aurora remittit.

Fuscaque non numquam cursans per litora cornix

Demersit caput et fluctum cervice recepit.

IX 15 Videmus haec signa numquam fere mentientia nec tamen cur ita fiat videmus.

Vos quoque signa videtis, aquai dulcis alumnae,

Cum clamore paratis inanis fundere voces

absurdoque sono fontis et stagna cietis.

Quis est, qui ranunculos hoc videre suspicari possit? Sed inest in ranunculis vis et natura quaedam significans aliquid per se ipsa satis certa, cognitioni autem hominum obscurior.

Mollipedesque boves, spectantes lumina caeli,

Naribus umiferum duxere ex aëre sucum.

Non quaero cur, quoniam quid eveniat intellego.

Iam vero semper viridis semperque gravata

Lentiscus triplici solita grandescere fetu

Ter fruges fundens tria tempora monstrat arandi.

16 Ne hoc quidem quaero, cur haec arbor una ter fioreat aut cur arandi maturitatem ad signum floris accommodet; hoc sum contentus, quod, etiamsi cur quidque fiat ignorem, quid fiat intellego. Pro omni igitur divinatione idem quod pro rebus iis quas commemoravi respondebo. **X** Quid scammonae radix ad purgandum, quid aristolochia ad morsus serpentium possit – quae nomen ex inventore repperit, rem ipsam inventor ex somnio – video, quod satis est; cur possit, nescio. Sic ventorum et imbrium signa quae dixi rationem quam habeant non satis perspicio; vim et eventum agnosco, scio, adprobo. Similiter, quid fissum in extis, quid fibra valeat, accipio; quae causa sit nescio. Atque horum quidem plena vita est; extis enim omnes fere utuntur. Quid? de fulgurum vi dubitare num possumus? Nonne cum multa alia mirabilia, tum illud in primis: cum Summanus in fastigio Iovis Optimi Maximi, qui tum erat fictilis, e caelo ictus esset nec usquam eius simulacri caput inveniretur, haruspices in Tiberim id depulsum esse dixerunt, idque inventum est eo loco qui est ab haruspicibus demonstratus. **XI 17** Sed quo potius utar aut auctore aut teste quam te? cuius edidici etiam versus, et lubenter quidem, quos in secundo de consulatu Urania Musa pronuntiat:

Principio aethereo flammatus Iuppiter igni

Vertitur et totum conlustrat lumine mundum

Menteque divina caelum terrasque petessit,

Quae penitus sensus hominum vitasque retentat,

Aetheris aeterni saepta atque inclusa cavernis.

Et, si stellarum motus cursusque vagantis

Nosse velis, quae sint signorum in sede locatae,

Quae verbo et falsis Graiorum vocibus errant,

Re vera certo lapsu spatiumque feruntur,

Omnia iam cernes divina mente notata.

18 Nam primum astrorum volucris te consule motus

Concursusque gravis stellarum ardore micantis

Tu quoque, cum tumulos Albano in monte nivalis

Lustrasti et laeto mactasti lacte Latinas,
Vidisti et claro tremulos ardore cometas,
Multaque misceri nocturna strage putasti,
Quod ferme dirum in tempus cecidere Latinae,
Cum claram speciem concreto lumine luna
Abdidit et subito stellanti nocte perempta est.
Quid vero Phoebi fax, tristis nuntia belli
Quae magnum ad columnen flammato ardore volabat,
Praecipitis caeli partis obitusque petessens?
Aut cum terribili percussus fulmine civis
Luce serenanti vitalia lumina liquit?
Aut cum se gravido tremefecit corpore tellus?
Iam vero variae nocturno tempore visae
Terribiles formae bellum motusque monebant,
Multaque per terras vates oracla furenti
Pectore fundebant tristis minitancia casus,
19 Atque ea quae lapsu tandem cecidere vetusto
Haec fore perpetuis signis clarisque frequentans
Ipse deum genitor caelo terrisque canebat.
XII Nunc ea, Torquato quae quondam et consule Cotta
Lydius ediderat Tyrrhenae gentis haruspex,
Omnia fixa tuus glomerans determinat annus.
Nam pater altitonans stellanti nixus Olympo

Ipse suos quondam tumulos ac templa petivit
Et Capitolinis iniecit sedibus ignis.
Tum species ex aere vetus venerataque Nattae
Concidit, elapsaeque vetusto numine leges,
Et divom simulacra peremit fulminis ardor.
20 Hic silvestris erat Romani nominis altrix
Martia, quae parvos Mavortis semine natos
Uberibus gravidis vitali rore rigabat;
Quae tum cum pueris flammato fulminis ictu
Concidit atque avolsa pedum vestigia liquit.
Tum quis non artis scripta ac monumenta volutans
Voces tristificas chartis promebat Etruscis?
Omnes civilem generosa stirpe profectam
Vitare ingentem cladem pestemque monebant,
Vel legum exitium constanti voce ferebant,
Templa deumque adeo flammis urbemque iubebant
Eripere et stragem horribilem caedemque vereri;
Atque haec fixa gravi fato ac fundata teneri,
Ni prius excelsum ad columnen formata decore
Sancta Iovis species claros spectaret in ortus.
Tum fore ut occultos populus sanctusque senatus
Cernere conatus posset, si solis ad ortum
Conversa inde patrum sedes populi videret.

21 Haec tardata diu species multumque morata

Consule te tandem celsa est in sede locata

Atque una fixi ac signati temporis hora

Iuppiter excelsa clarabat sceptrum columna,

Et clades patriae flamma ferroque parata

Vocibus Allobrogum patribus populoque patebat.

XIII Rite igitur veteres, quorum monumenta tenetis

Qui populos urbisque modo ac virtute regebant,

Rite etiam vestri, quorum pietasque fidesque

Praestitit et longe vicit sapientia cunctos,

Praecipue coluere vigenti numine divos.

Haec adeo penitus cura videre sagaci,

Otia qui studiis laeti tenuere decoris,

22 inque Academia umbrifera nitidoque Lyceo

Fuderunt claras fecundi pectoris artis.

E quibus ereptum primo iam a flore iuventae

Te patria in media virtutum mole locavit.

Tu tamen anxiferas curas requiete relaxans

Quod patriae vacat id studiis nobisque sacra.

Tu igitur animum poteris inducere contra ea quae a me disputantur de divinatione dicere, qui et gesseris ea, quae gessisti, et ea quae pronuntiavi, accuratissime scripseris? **23** Quid? quaeris, Carneades, cur haec ita fiant aut qua arte perspicere possint? Nescire me fateor, evenire autem ipsum dico videre. Casu, inquis. Itane vero? quicquam potest casu esse factum quod omnes habet in se numeros veritatis? Quattuor tali iacti casu Venerium efficiunt; num etiam centum Venerios, si quadringentos talos ieceris, casu futuros putas? Aspersione pigmenta in tabula oris liniamenta efficere possunt; num etiam Veneris Coae pulchritudinem effici posse aspersione fortuita putas? Sus rostro si humi A litteram impresserit, num propterea suspicari poteris

Andromacham Enni ab ea posse describi? Fingebat Carneades in Chiorum lapicidinis saxo diffisso caput exstitisse Panisci; credo aliquam non dissimilem figuram, sed certe non talem ut eam factam a Scopa diceres. Sic enim se profecto res habet ut numquam perfecte veritatem casus imitetur.

XIV 24 At non numquam ea quae praedicta sunt minus eveniunt. Quae tandem id ars non habet? earum dico artium quae coniectura continentur et sunt opinabiles. An medicina ars non putanda est? quam tamen multa fallunt. Quid? gubernatores nonne falluntur? An Achivorum exercitus et tot navium rectores non ita profecti sunt ab Ilio ut "profectione laeti piscium lasciviam intuerentur," ut ait Pacuvius, "nec tuendi satietas capere posset"?

Interea prope iam occidente sole inhorrescit mare,

tenebrae conduplicantur noctisque et nimbium occaecat nigror.

Num igitur tot clarissimorum ducum regumque naufragium sustulit artem gubernandi? aut num imperatorum scientia nihil est quia summus imperator nuper fugit amisso exercitu? aut num propterea nulla est rei publicae gerendae ratio atque prudentia quia multa Cn. Pompeium, quaedam M. Catonem, non nulla etiam te ipsum fefellerunt? Similis est haruspicum responsio omnisque opinabilis divinatio; coniectura enim nititur, ultra quam progredi non potest. **25** Ea fallit fortasse non numquam, sed tamen ad veritatem saepissime dirigit; est enim ab omni aeternitate repetita, in qua cum paene innumerabiliter res eodem modo evenirent isdem signis antegressis, ars est effecta eadem saepe animadvertendo ac notando.

XV Auspicia vero vestra quam constant! quae quidem nunc a Romanis auguribus ignorantur (bona hoc tua venia dixerim), a Cilicibus, Pamphyliis, Pisidis, Lyciis tenentur. **26** Nam quid ego hospitem nostrum, clarissimum atque optimum virum, Deiotarum regem, commemorem? qui nihil umquam nisi auspiciato gerit. Qui cum ex itinere quodam proposito et constituto revertisset aquilae admonitus volatu, conclave illud, ubi erat mansurus, si ire perrexisset, proxima nocte corruit. **27** Itaque, ut ex ipso audiebam, persaepe revertit ex itinere, cum iam progressus esset multorum dierum viam. Cuius quidem hoc praeclarissimum est, quod, posteaquam a Caesare tetrarchia et regno pecuniaque multatus est, negat se tamen eorum auspiciorum quae sibi ad Pompeium proficiscenti secunda evenerint paenitere; senatus enim auctoritatem et populi Romani libertatem atque imperi dignitatem suis armis esse defensam, sibi quae eas aves quibus auctoribus officium et fidem secutus esset bene consuluisse; antiquiorem enim sibi fuisse possessionibus suis gloriam. Ille mihi videtur igitur vere augurari. Nam nostri quidem magistratus auspiciis utuntur coactis; necesse est enim offa obiecta cadere frustum ex pulli ore cum pascitur. **28** Quod autem scriptum habetis † aut tripudium fieri, si ex ea quid in solidum ceciderit, hoc quoque, quod dixi, coactum tripudium solistimum

dicitis. Itaque multa auguria, multa auspicia, quod Cato ille sapiens queritur, negligentia collegii amissa plane et deserta sunt.

XVI Nihil fere quondam maioris rei nisi auspicato ne privatim quidem gerebatur, quod etiam nunc nuptiarum auspices declarant, qui re omissa nomen tantum tenent. Nam ut nunc extis (quamquam id ipsum aliquanto minus quam olim), sic tum avibus magnae res impetrari solebant. Itaque sinistra dum non exquirimus in dira et in vitiosa incurrimus. **29** Ut P. Claudius, Appi Caeci filius, eiusque collega L. Iunius classis maximas perdidit, cum vitio navigassent. Quod eodem modo evenit Agamemnoni; qui, cum Achivi coepissent

inter sese strepere aperteque artem obterere extispicum,

Solvere imperat secundo rumore adversaque avi.

Sed quid vetera? M. Crasso quid acciderit videmus, dirarum obnuntiatione neglecta. In quo Appius, collega tuus, bonus augur, ut ex te audire soleo, non satis scienter virum bonum e civem egregium censor C. Ateium notavit quod ementitu auspicia subscriberet. Esto; fuerit hoc censoris, si iudicabat ementitum; at illud minime auguris quod adscriptis ob eam causam populum Romanum calamitatem maximam cepisse. Si enim ea causa calamitatis fuit, non in eo est culpa qui obnuntiavit, sed in eo qui non paruit. Veram enim fuisse obnuntiationem, ut ait idem augur et censor, exitus adprobavit; quae si falsa fuisset nullam adferre potuisset causam calamitatis. Etenim dirae, sicut cetera auspicia, ut omina, ut signa, non causas adferunt, cur quid eveniat, sed nuntiant eventura nisi provideris. **30** Non igitur obnuntiatio Atei causam finxit calamitatis, sed signo obiecto monuit Crassum quid eventurum esset nisi cavisset. Ita aut illa obnuntiatio nihil valuit, aut si, ut Appius iudicat, valuit, id valuit, ut peccatum haereat, non in eo qui monuerit, sed in eo qui non obtemperavit.

XVII Quid? lituus iste vester, quod clarissimum est insigne auguratus, unde vobis est traditus? Nempe eo Romulus regiones direxit tum cum urbem condidit. Qui quidem Romuli lituus [id est incurvum et leviter a summo inflexu bacillum, quod ab eius litui quo canitur similitudine nomen invenit], cum situs esset in curia Saliorum quae est in Palatio eaque deflagrasset, inventus est integer. **31** Quid? multis annis post Romulum Prisco regnante Tarquinio quis veterum scriptorum non loquitur quae sit ab Atto Navio per lituum regionum facta descriptio? Qui cum propter paupertatem suae puer pasceret, una ex iis amissa vovisse dicitur si recuperasset uvam se deo daturam quae maxima esset in vinea; itaque suae inventa ad meridiem spectans in vinea media dicitur constitisse, cumque in quattuor partis vineam divisisset trisque partis aves abduxissent, quarta parte, quae erat reliqua in regiones distributa, mirabili magnitudine uvam, ut scriptum videmus, invenit. Qua re celebrata cum vicini omnes ad eum de rebus suis referrent, erat in magno nomine et gloria. **32** Ex quo factum est ut eum ad se rex

Priscus arcesseret. Cuius cum temptaret scientiam auguratus, dixit ei cogitare se quiddam; id possetne fieri consuluit. Ille augurio acto posse respondit. Tarquinius autem dixit se cogitasse cotem novacula posse praecidi; tum Attum iussisse experiri. Ita cotem in comitium allatam inspectante et rege et populo novacula esse discissam. Ex eo evenit ut et Tarquinius augure Atto Navio uteretur et populus de suis rebus ad eum referret. **33** Cotem autem illam et novaculam defossam in comitio supraque impositum puteal accepimus. Negemus omnia, comburamus annales, ficta haec esse dicamus, quidvis denique potius quam deos res humanas curare fateamur; quid? quod scriptum apud te est de Ti. Graccho, nonne et augurum et haruspicum comprobatur disciplinam? qui cum tabernaculum vitio cepisset imprudens, quod inauspicato pomerium transgressus esset, comitia consulibus rogandis habuit. Nota res est et a te ipso mandata monumentis. Sed et ipse augur Ti. Gracchus auspicio auctoritatem confessione errati sui comprobavit, et haruspicum disciplinae magna accessit auctoritas, qui recentibus comitiis in senatum introducti negaverunt iustum comitorum rogatorem fuisse.

XVIII 34 Iis igitur adsentior qui duo genera divinationum esse dixerunt, unum quod particeps esset artis, alterum quod arte careret. Est enim ars in iis qui novas res coniectura persequuntur, veteres observatione didicerunt. Carent autem arte ii qui non ratione aut coniectura observatis ac notatis signis sed concitatione quadam animi aut soluto liberoque motu futura praesentiunt, quod et somniantibus saepe contingit et non numquam vaticinantibus per furorem, ut Bacis Boeotius, ut Epimenides Cres, ut Sibylla Erythraea. Cuius generis oracla etiam habenda sunt, non ea quae aequatis sortibus ducuntur, sed illa quae instinctu divino adflatuque funduntur; etsi ipsa sors contemnenda non est, si [et] auctoritatem habet vetustatis, ut eae sunt sortes quas e terra editas accepimus; quae tamen ductae ut in rem apte cadant fieri credo posse divinitus. Quorum omnium interpretes, ut grammatici poetarum, proxime ad eorum quos interpretantur divinationem videntur accedere. **35** Quae est igitur ista calliditas res vetustate robustas calumniando velle pervertere? Non reperio causam. Latet fortasse obscuritate involuta naturae; non enim me deus ista scire sed his tantum modo uti voluit. Utar igitur nec adducar aut in extis totam Etruriam delirare aut eandem gentem in fulgoribus errare aut fallaciter portenta interpretari, cum terrae saepe fremitus, saepe mugitus, saepe motus multa nostrae rei publicae, multa ceteris civitatibus gravia et vera praedixerint. **36** Quid? qui inridetur partus hic mulae nonne, quia fetus exstitit in sterilitate naturae, praedictus est ab haruspicibus incredibilis partus malorum? Quid? Ti. Gracchus P. f., qui bis consul et censor fuit, idemque et summus augur et vir sapiens civisque praestans, nonne, ut C. Gracchus, filius eius, scriptum reliquit, duobus anguibus domi comprehensis haruspices convocavit? qui cum respondissent, si marem emisisset, uxori brevi tempore esse moriendum, si feminam, ipsi, aequius esse censuit se maturam oppetere mortem quam P. Africani filiam adolescentem; feminam emisit, ipse paucis post diebus est mortuus. **XIX** Inrideamus haruspices, vanos, futiles esse

dicamus, quorumque disciplinam et sapientissimus vir et eventus ac res comprobavit contemnamus; condemnemus etiam Babylonem et eos qui e Caucaso caeli signa servantes numeris [et motibus] stellarum cursus persequuntur, condemnemus, inquam, hos aut stultitiae aut vanitatis aut impudentiae, qui quadringenta septuaginta milia annorum, ut ipsi dicunt, monumentis comprehensa continenti, et mentiri iudicemus ne saeculorum reliquorum iudicium quod de ipsis futurum sit pertimescere. **37** Age, barbari vani atque fallaces; num etiam Graiorum historia mentita est? Quae Croeso Pythius Apollo, ut de naturali divinatione dicam, quae Atheniensibus, quae Lacedaemoniis, quae Tegeatis, quae Argivis, quae Corinthiis responderit, quis ignorat? Collegit innumerabilia oracula Chrysippus nec ullum sine locuplete auctore atque teste; quae, quia nota tibi sunt, relinquo; defendo unum hoc: numquam illud oraculum Delphis tam celebre et tam clarum fuisset neque tantis donis refertum omnium populorum atque regum, nisi omnis aetas oraculorum illorum veritatem esse experta. **38** Idem iam diu non facit. Ut igitur nunc minore gloria est, quia minus oraculorum veritas excellit, sic tum nisi summa veritate in tanta gloria non fuisset. Potest autem vis illa terrae, quae mentem Pythiae divino adflatu concitabat, evanuisse vetustate, ut quosdam evanuisse et exaruisse amnes aut in alium cursum contortos et deflexos videmus. Sed ut vis acciderit; magna enim quaestio est; modo maneat id, quod negari non potest, nisi omnem historiam perverterimus, multis saeculis verax fuisse id oraculum.

XX 39 Sed omittamus oracula; veniamus ad somnia. De quibus disputans Chrysippus multis et minutis somniis colligendis facit idem quod Antipater ea conquiens quae Antiphontis interpretatione explicata declarant illa quidem acumen interpretis, sed exemplis grandioribus decuit uti. Dionysi mater, eius qui Syracosiorum tyrannus fuit, ut scriptum apud Philistum est, et doctum hominem et diligentem et aequalem temporum illorum, cum praegnans hunc ipsum Dionysium alvo contineret, somniavit se peperisse Satyriscum. Huic interpretes portentorum, qui Galeotae tum in Sicilia nominabantur, responderunt, ut ait Philistus, eum, quem illa peperisset clarissimum Graeciae diuturna cum fortuna fore. **40** Num te ad fabulas revoco vel nostrorum vel Graecorum poetarum? Narrat enim et apud Ennium Vestalis illa:

Et cita cum tremulis anus attulit artubus lumen,

Talia tum memorat lacrimans, exterrita somno:

“Eurydica prognata, pater quam noster amavit,

Vires vitaque corpus meum nunc deserit omne.

Nam me visus homo pulcher per amoena salicta

Et ripas raptare locosque novos; ita sola

Postilla, germana soror, errare videbar
Tarda que vestigare et quaerere te neque posse
Corde capessere; semita nulla pedem stabilibat.

41 Exim compellare pater me voce videtur

His verbis: "O gnata, tibi sunt ante gerendae
Aerumnae, post ex fluvio fortuna resistet."

Haec ecfatus pater, germana, repente recessit,
Nec sese dedit in conspectum corde cupitus,
Quamquam multa manus ad caeli caerula templa
Tendebam lacrumans et blanda voce vocabam.
Vix aegro cum corde meo me somnus reliquit.

XXI 42 Haec, etiamsi ficta sunt a poeta, non absunt tamen a consuetudine somniorum.
Sit sane etiam illud commenticium, quo Priamus est conturbatus, quia

mater gravida parere ex se ardentem facem

Visa est in somnis Hecuba; quo facto pater

Rex ipse Priamus somnio mentis metu

Percussus curis sumptus suspirantibus

Exsacrificabat hostiis balantibus.

Tum coniecturam postulat pacem petens,

Ut se edoceret obsecrans Apollinem

Quo sese vertant tantae sortes somnium.

Ibi ex oraculo voce divina edidit

Apollo, puerum, primus Priamo qui foret

Postilla natus, temperaret tollere;

Eum esse exitium Troiae, pestem Pergamo.

43 Sint haec, ut dixi, somnia fabularum, hisque adiungatur etiam Aeneae somnium, quod nimirum in Fabi Pictoris Graecis annalibus eius modi est ut omnia quae ab Aenea gesta sunt quaeque illi acciderunt ea fuerint quae ei secundum quietem visa sunt.

XXII Sed propiora videamus. Cuiusnam modi est Superbi Tarquini somnium de quo in Bruto Acci loquitur ipse?

44 Quoniam quieti corpus nocturno inpetu

Dedi sopore placans artus languidos,

Visust in somnis pastor ad me appellere

Pecus lanigerum eximia pulchritudine;

Duos consanguineos arietes inde eligi

Praeclarioremque alterum immolare me;

Deinde eius germanum cornibus conitier,

In me arietare, eoque ictu me ad casum dari;

Exim prostratum terra, graviter saucium,

Resupinum in caelo contueri maximum ac

Mirificum facinus: dextrorsum orbem flammeum

Radiatum solis liquier cursu novo.

45 Eius igitur somni a coniectore quae sit interpretatio facta videamus:

Rex, quae in vita usurpant homines, cogitant, curant, vident,

Quaeque agunt vigilantes agitantque, ea si cui in somno accidunt,

Minus mirandum est; di rem tantam haud temere inproviso offerunt.

Proin vide ne quem tu esse hebetem deputes aequae ac pecus

Is sapientia munitum pectus egregie gerat

Teque regno expellat; nam id quod de sole ostentumst tibi,

Populo commutationem rerum portendit fore

Perpropinquam. Haec bene verruncent populo. Nam quod ad dexteram

Cepit cursum ab laeva signum praepotens, pulcherrume

Auguratum est rem Romanam publicam summam fore.

XXIV 46 Age nunc ad externa redeamus. Matrem Phalaridis scribit Ponticus Heraclides, doctus vir, auditor et discipulus Platonis, visam esse videre in somnis simulacra deorum quae ipsa domi consecrasset; ex iis Mercurium e patera quam dextera manu teneret sanguinem visum esse fundere; qui cum terram attigisset refervescere videretur, sic ut tota domus sanguine redundaret. Quod matris somnium inmanis filii crudelitas conprobavit. Quid ego quae magi Cyro illi principi interpretati sint ex Dinonis Persicis fibris proferam? Nam cum dormienti ei sol ad pedes visus esset, ter eum scribit frustra adpetivisse manibus, cum se convolvens sol elaberetur et abiret; ei magos dixisse, quod genus sapientium et doctorum habebatur in Persis, ex triplici adpetitione solis triginta annos Cyrum regnaturum esse portendi. Quod ita contigit; nam ad septuagesimum pervenit, cum quadraginta natus annos regnare coepisset. **47** Est profecto quiddam etiam in barbaris gentibus praesentiens atque divinans, siquidem ad mortem proficiscens Callanus Indus, cum inscenderet in rogam ardentem, "O praeclarum discessum," inquit, "e vita, cum, ut Herculi contigit, mortali corpore cremato in lucem animus excesserit!" Cumque Alexander eum rogaret si quid vellet ut diceret, "Optime," inquit; "propediem te videbo." Quod ita contigit; nam Babylone paucis post diebus Alexander est mortuus. Discedo parumper a somniis, ad quae mox revertar. Qua nocte templum Ephesiae Dianae deflagavit, eadem constat ex Olympiade natum esse Alexandrum, atque, ubi lucere coepisset, clamitasse magos pestem ac perniciem Asiae proxima nocte natam. Haec de Indis et magis. **XXIV 48** Redeamus ad somnia. Hannibalem Coelius scribit cum columnam auream, quae esset in fano lunonis Laciniae, auferre vellet dubitaretque utrum ea solida esset an extrinsecus inaurata, perterebravisse, cumque solidam invenisset, statuisset tollere; ei secundum quietem visam esse lunonem praedicere ne id faceret, minarique si fecisset se curaturam ut eum quoque oculum quo bene videret amitteret, idque ab homine acuto non esso neglectum; itaque ex eo auro quod exterebratum esset buculam curasse faciendam et eam in summa columna conlocavisse. **49** Hoc item in Sileni, quem Coelius sequitur, Graeca historia est (is autem diligentissime res Hannibalis persecutus est): Hannibalem, cum cepisset Saguntum, visum esse in somnis a Iove in deorum concilium vocari; quo cum venisset Iovem imperavisse ut Italiae bellum inferret, ducemque ei unum e concilio datum, quo illum utentem cum exercitu progredi coepisse; tum ei ducem illum praecepisse ne respiceret; illum autem id diutius facere non potuisse elatumque cupiditate respexisse; tum visam beluam vastam et immanem circumplicatam serpentibus, quacumque incederet omnia arbusta, virgulta, tecta pervertere, et eum admiratum quaesisse de deo quodnam illud esset tale monstrum; et deum respondisse vastitatem esse Italiae, praecepisseque ut pergeret protinus, quid retro atque a tergo fieret ne laboraret. **50** Apud Agathoclem scriptum in historia est

Hamilcarem Karthaginiensem, cum oppugnaret Syracusas, visum esse audire vocem se postridie cenaturum Syracusis; cum autem is dies inluxisset, magnam seditionem in castris eius inter Poenos et Siculos milites esse factam; quod cum sensissent Syracusani inprovise eos in castra inrupisse, Hamilcaremque ab iis vivum esse sublatum. Ita res somnium conprobavit. Plena exemplorum est historia, tum referta vita communis. **51** At vero P. Decius ille Q. f., qui primus e Deciis consul fuit, cum esset tribunus militum M. Valerio A. Cornelio consulibus a Samnitibusque premeretur noster exercitus, cum pericula proeliorum iniret audacius monereturque, ut cautior esset, dixit, quod exstat in annalibus, sibi in somnis visum esse, cum in mediis hostibus versaretur, occidere cum maxuma gloria. Et tum quidem incolumis exercitum obsidione liberavit; post triennium autem, cum consul esset, devovit se et in aciem Latinorum inrupit armatus. Quo eius facto superati sunt et deleti Latini. Cuius mors ita gloriosa fuit, ut eandem concupisceret filius. **52** Sed veniamus nunc, si placet, ad somnia philosophorum.

Est apud Platonem Socrates, cum esset in custodia publica, dicens Critoni, suo familiari, sibi post tertium diem esse moriendum; vidisse se in somnis pulchritudine eximia feminam, quae se nomine appellans diceret Homericum quendam eius modi versum:

Tertia te Phthiae tempestas laeta locabit.

Quod, ut est dictum, sic scribitur contigisse. Xenophon Socraticus (qui vir et quantus!) in ea militia qua cum Cyro minore perfunctus est sua scribit somnia, quorum eventus mirabiles exstiterunt. **53** Mentiri Xenophontem an delirare dicemus? Quid? singulari vir ingenio Aristoteles et paene divino ipsene errat an alios vult errare, cum scribit Eudemum Cyprium familiarem suum, iter in Macedoniam facientem Pheras venisse, quae erat urbs in Thessalia tum admodum nobilis, ab Alexandro autem tyranno crudeli dominatu tenebatur; in igitur oppido ita graviter aegrum Eudemum fuisse ut omnes medici diffiderent; ei visum in quiete egregia facie iuvenem dicere fore ut perbrevis convalesceret, paucisque diebus interiturum Alexandrum tyrannum, ipsum autem Eudemum quinquennio post domum esse rediturum. Atque ita quidem prima statim scribit Aristoteles consecuta, et convaluisse Eudemum, et ab uxoris fratribus interfectum tyrannum; quinto autem anno exeunte, cum esset spes ex illo somnio in Cyprum illum ex Sicilia esse rediturum, proeliantem eum ad Syracusas occidisse; ex quo ita illud somnium esse interpretatum ut cum animus Eudemi e corpore excesserit tum domum revertisse videatur. **54** Adiungamus philosophis doctissimum hominem, poetam quidem divinum, Sophoclem; qui, cum aede Herculis patera aurea gravis subrepta esset, in somnis vidit ipsum deum dicentem qui id fecisset. Quod semel ille iterumque neglexit. Ubi idem saepius, ascendit in Arium pagum, detulit rem; Areopagitae comprehendi iubent eum qui a Sophocle erat nominatus; is quaestione adhibita confessus est pateramque rettulit. Quo facto fanum illud Indicis Herculis nominatum est.

XXVI 55 Sed quid ego Graecorum? nescio quo modo me magis nostra delectant. Omnes hoc historici, Fabii, Gellii, se proxime Coelius: cum bello Latino ludi votivi maximi primum fierent, civitas ad arma repente est excitata, itaque ludis intermissis instaurativi constituti sunt. Qui ante quam fierent cumque iam populus consedisset, servus per circum, cum virgis caederetur, furcam ferens ductus est. Exin cuidam rustico Romano dormienti visus est venire qui diceret praesulem sibi non placuisse ludis, idque ab eodem iussum esse eum senatui nuntiare; illum non esse ausum. Iterum esse idem iussum et monitum ne vim suam experiri vellet; ne tu quidem esse ausum. Exin filium eius esse mortuum, eandem in somnis admonitionem fuisse tertiam. Tum illum etiam debilem factum rem ad amicos detulisse, quorum de sententia lecticula in curiam esse delatum, cumque senatui somnium enarravisset pedibus suis salvum domum revertisse. Itaque somnio comprobato a senatu ludos illos iterum instauratos memoriae proditum est. **56** C. vero Gracchus multis dixit, ut scriptum apud eundem Coelium est, sibi in somnis quaesturam petenti Tiberium fratrem visum esse dicere quam vellet cunctaretur tamen eodem sibi leto, quo ipse interesset, esse pereundum. Hoc, ante quam tribunus plebi C. Gracchus factus esset, et se audisse scribit Coelius et dixisse eum multis. Quo somnio quid inveniri potest certius?

XXVII Quid? illa duo somnia quae creberrime commemorantur a Stoicis quis tandem potest contemnere? Unum de Simonide: qui, cum ignotum quendam proiectum mortuum vidisset eumque humavisset haberetque in animo navem conscendere, moneri visus est ne id faceret ab eo quem sepultura adfecerat; si navigavisset eum naufragio esse periturum; itaque Simonidem redisse, perisse ceteros qui tum navigassent. **57** Alterum ita traditum clarum admodum somnium: cum duo quidam Arcades familiares iter una facerent et Megaram venissent, alterum ad cauponem devertisse, ad hospitem alterum. Qui ut cenati quiescerent, concubia nocte visum esse in somnis ei qui erat in hospitio illum alterum orare ut subveniret, quod sibi a caupone interitus pararetur; eum primo perterritum somnio surrexisse; dein cum se conlegisset idque visum pro nihilo habendum esse duxisset, recubuisse; tum ei dormienti eundem illum visum esse rogare ut, quoniam sibi vivo non subvenisset, mortem suam ne inultam esse pateretur; se interfectum in plaustrum a caupone esse coniectum et supra stercus iniectum; petere ut mane ad portam adesset prius quam plaustrum ex oppido exiret. Hoc vero eum somnio commotum mane bubulco praesto ad portam fuisse, quaesisse ex eo quid esset in plastro; illum perterritum fugisse, mortuum erutum esse, cauponem re patefacta poenas dedisse.

XXVIII 58 Quid hoc somnio dici divinius potest? Sed quid aut plura aut vetera quaerimus? Saepe tibi meum narravi, saepe ex te audivi tuum somnium: me, cum Asiae pro cos. praeessem, vidisse in quiete cum tu equo advectus ad quandam magni fluminis ripam provectus subito atque delapsus in flumen nusquam apparuisses, me contremuisse timore perterritum; tum te repente laetum exstitisse eodemque equo

adversam ascendisse ripam, nosque inter nos esse complexos. Facilis coniectura huius somnii, mihi que a peritis in Asia praedictum est fore eos eventus rerum qui acciderunt. **59** Venio nunc ad tuum. Audivi equidem ex te ipso, sed mihi saepius noster Sallustius narravit, cum in illa fuga nobis gloriosa, patriae calamitosa, in villa quadam campi Atinatis maneres magnamque partem noctis vigilasses, ad lucem denique arte et graviter dormire coepisse; itaque, quamquam iter instaret, tamen silentium fieri iussisse se neque esse passum te excitari; cum autem experrectus esses hora secunda fere, te sibi somnium narravisse: visum tibi esse, cum in locis solis maestus errares, C. Marium cum fascibus laureatis quaerere ex te quid tristis esses, cumque tu te patria vi pulsum esse dixisses,prehendisse eum dextram tuam et bono animo te iussisse esse lictorique proximo tradidisse, ut te in monumentum suum deduceret, et dixisse in eo tibi salutem fore. Tum et se exclamasse Sallustius narrat reditum tibi celerem et gloriosum paratum, et te ipsum visum somnio delectari. Nam illud mihi ipsi celeriter nuntiatum est, ut audivisses in monumento Mari de tuo reditu magnificentissimum illud senatus consultum esse factum referente optumo et clarissimo viro consule, idque frequentissimo theatro incredibili clamore et plausu comprobatum, dixisse te nihil illo Atinati somnio fieri posse divinius.

XXIX 60 At multa falsa. Immo obscura fortasse nobis. Sed sint falsa quaedam; contra vera quid dicimus? Quae quidem multo plura evenirent si ad quietem integri iremus. Nunc onusti cibo et vino perturbata et confusa cernimus. Vide quid Socrates in Platonis Politia loquatur. Dicit enim: “Cum dormientibus ea pars animi quae mentis et rationis sit particeps sopita langueat, illa autem in qua feritas quaedam sit atque agrestis inmanitas, cum sit inmoderato obstupefacta potu atque pastu, exsultare eam in somno inmoderateque iactari. Itaque huic omnia visa obiciuntur a mente ac ratione vacua, ut aut cum matre corpus miscere videatur aut cum quovis alio vel homine vel deo, saepe belua, atque etiam trucidare aliquem et impie cruentari multa que facere impure atque taetre cum temeritate et inpudentia. **61** At qui salubri et moderato cultu atque victu quieti se tradiderit, ea parte animi quae mentis et consilii est agitata et erecta saturataque bonarum cogitationum epulis, eaque parte animi quae voluptate alitur nec inopia enecta nec satietate affluentis (quorum utrumque praestringere aciem mentis solet, sive deest naturae quippiam sive abundat atque affluit), illa etiam tertia parte animi in qua irarum existit ardor sedata atque restincta, tum eveniet duabus animi temerariis partibus compressis ut illa tertia pars rationis et mentis eluceat et se vegetam ad somniandum acremque praebeat, tum ei visa quietis occurrent tranquilla atque veracia. Haec verba ipsa Platonis expressi.

XXX 62 Epicurum igitur audiemus potius? Namque Carneades concertationis studio modo hoc modo illud ait; ille quod sentit, sentit autem nihil umquam elegans, nihil decorum. Hunc ergo antepones Platoni et Socrati? qui ut rationem non redderent auctoritate tamen hos minutos philosophos vincerent. Iubet igitur Plato sic ad somnum

proficisci corporibus adfectis ut nihil sit quod errorem animis perturbationemque adferat. Ex quo etiam Pythagoriis interdictum putatur ne faba vescerentur, quod habet inflationem magnam is cibus tranquillitati mentis quaerenti vera contrariam. **63** Cum ergo est somno sevocatus animus a societate et a contagione corporis, tum meminit praeteritorum, praesentia cernit, futura providet; iacet enim corpus dormientis ut mortui, viget autem et vivit animus. Quod multo magis faciet post mortem, cum omnino corpore excesserit. Itaque adpropinquante morte multo est divinior. Nam et id ipsum vident qui sunt morbo gravi et mortifero adfecti, instare mortem; itaque iis occurrunt plerumque imagines mortuorum, tumque vel maxime laudi student, eosque qui secus quam decuit vixerunt peccatorum suorum tum maxime paenitet. **64** Divinare autem morientes illo etiam exemplo confirmat Posidonius, quod adfert, Rhodium quendam morientem sex aequales nominasse et dixisse qui primus eorum, qui secundus, qui deinde deinceps moriturus esset. Sed tribus modis censet deorum adpulsu homines somnare: uno quod provideat animus ipse per sese, quippe qui deorum cognatione teneatur, altero quod plenus aër sit immortalium animorum, in quibus tamquam insignitae notae veritatis appareant, tertio quod ipsi di cum dormientibus conloquantur. Idque, ut modo dixi, facilius evenit adpropinquante morte, ut animi futura augurentur. **65** Ex quo et illud est Calliani de quo ante dixi, et Homerici Hectoris, qui moriens propinquam Achilli mortem denuntiat. **XXXI** Neque enim illud verbum temere consuetudo adprobavisset, si ea res nulla esset omnino:

praesagibat animus frustra me ire, cum exirem domo.

Sagire enim sentire acute est; ex quo sagae anus, quia multa scire volunt, et sagaces dicti canes. Is igitur qui ante sagit quam oblata res est dicitur praesagire, id est futura ante sentire.

66 Inest igitur in animis praesagatio extrinsecus iniecta atque inclusa divinitus. Ea si exarsit acrius furor appellatur, cum a corpore animus abstractus divino instinctu concitatur.

H. Sed quid oculis rabere visa es derepente ardentibus?

Ubi paulo ante sapiens illa virginalis modestia?

C. Mater, optumarum multo mulier melior mulierum,

Missa sum superstitiosis hariolationibus;

Namque apollo fatis fandis dementem invitam ciet.

Virgines vereor aequalis, patris mei meum factum pudet,

Optumi viri; mea mater, tui me miseret; mei piget.

Optumam progeniem Priamo peperisti extra me: hoc dolet.

Men obesse, illos prodesse, me obstare, illos obsequi!"

O poëma tenerum et moratum atque molle! Sed hoc minus ad rem; **67** illud, quod volumus expressum est ut vaticinari furor vera soleat.

Adest, adest fax obvoluta sanguine atque incendio!

Multos annos latuit; cives, ferte opem et restinguite.

Deus inclusus corpore humano iam, non Cassandra loquitur.

Iamque mari magno classis cita

Texitur; exitium examen rapit;

Adveniet, fera velivolantibus

Navibus complebit manus litora.

XXXII 68 Tragoedias loqui videor et fabulas. At ex te ipso non commenticiam rem sed factam eiusdem generis audivi: C. Coponium ad te venisse Dyrrachium, cum praetorio imperio classi Rhodiae praeesset, cum primo hominem prudentem atque doctum, eumque dixisse remigem quendam e quinqueremi Rhodiorum vaticinatum madefactum iri minus xxx diebus Graeciam sanguine, rapinas Dyrrachii et conscensionem in naves cum fuga fugientibusque miserabilem respectum incendiorum fore, sed Rhodiorum classi propinquum reditum ac domum itionem dari; tum neque te ipsum non esse commotum Marcumque Varronem et M. Catonem, qui tum ibi erant, doctos homines, vehementer esse perterritos; paucis sane post diebus ex Pharsalia fuga venisse Labienum; qui cum interitum exercitus nuntiavisset reliqua vaticinationis brevi esse confecta. **69** Nam et ex horreis direptum effusumque frumentum vias omnis angiportusque constraverat, et naves subito perterriti metu conscendistis et noctu ad oppidum respicientes flagrantis onerarias, quas incenderant milites quia sequi noluerant, videbatis; postremo a Rhodia classe deserti verum vatem fuisse sensistis.

70 Exposui quam brevissime potui somnii et furoris oracla, quae carere arte dixeram. Quorum amborum generum una ratio est, qua Cratippus noster uti solet, animos hominum quadam ex parte extrinsecus esse tractos et haustos (ex quo intellegitur esse extra divinum animum, humanus unde ducatur), humani autem animi eam partem quae sensum, quae motum, quae adpetitum habeat, non esse ab actione corporis seiugatam; quae autem pars animi rationis atque intellegentiae sit particeps, eam tum maxime vigere cum plurimum absit a corpore. **71** Itaque expositis exemplis verarum vaticinationum et somniorum Cratippus solet rationem concludere hoc modo: "Si sine oculis non potest exstare officium et munus oculorum, possunt autem aliquando

oculi non fungi suo munere, qui vel semel ita est usus oculis ut vera cerneret, is habet sensum oculorum vera cernentium. Item igitur si sine divinatione non potest officium et munus divinationis exstare, potest autem quis, cum divinationem habeat, errare aliquando nec vera cernere, satis est ad confirmandam divinationem semel aliquid esse ita divinatum ut nihil fortuito cecidisse videatur. Sunt autem eius generis innumerabilia; esse igitur divinationem confitendum est."

XXXIII 72 Quae vero aut coniectura explicantur aut eventis animadversa ac notata sunt, ea genera divinandi, ut supra dixi, non naturalia sed artificiosa dicuntur; in quo haruspices, augures, coniectoresque numerantur. Haec inprobantur a Peripateticis, a Stoicis defenduntur. Quorum alia sunt posita in monumentis et disciplina, quod Etruscorum declarant et haruspicini et fulgurales et rituales libri, vestri etiam augurales, alia autem subito ex tempore coniectura explicantur, ut apud Homerum Calchas, qui ex passerum numero belli Troiani annos auguratus est, et ut in Sullae scriptum historia videmus, quod te inspectante factum est, ut, cum ille in agro Nolano immolaret ante praetorium, ab infima ara subito anguis emergeret, cum quidem C. Postumius haruspex oraret illum ut in expeditionem exercitum educeret; id cum Sulla fecisset tum ante oppidum Nola florentissima Samnitium castra cepit. **73** Facta coniectura etiam in Dionysio est paulo ante quam regnare coepit; qui cum per agrum Leontinum iter faciens equum ipse demisisset in flumen, submersus equus voraginibus non exstitit; quem cum maxima contentione non potuisset extrahere discessit, ut ait Philistus, aegre ferens. Cum autem aliquantum progressus esset, subito exaudivit hinnitum respexitque et equum alacrem laetus aspexit, cuius in iuba examen apium consederat. Quod ostentum habuit hanc vim, ut Dionysius paucis post diebus regnare coeperit. **XXXIV 74** Quid? Lacedaemoniis paulo ante Leucetricam calamitatem quae significatio facta est, cum in Herculis fano arma sonuerunt Herculisque simulacrum multo sudore manavit! At eodem tempore Thebis, ut ait Callisthenes, in templo Herculis valvae clausae repagulis subito se ipsae aperuerunt, armaque quae fixa in parietibus fuerant ea sunt humi inventa. Cumque eodem tempore apud Lebadium Trophonio res divina fieret gallos gallinaceos in eo loco sic adsidue canere coepisse ut nihil intermitterent; tum augures dixisse Boeotios Thebanorum esse victoriam, propterea quod avis illa victa silere soleret, canere si vicisset. **75** Eademque tempestate multis signis Lacedaemoniis Leuctricae pugnae calamitas denuntiabatur. Namque et in Lysandri qui Lacedaemoniorum clarissimus fuerat statua, quae Delphis stabat, in capite corona subito exstitit ex asperis herbis et agrestibus, stellaeque aureae, quae Delphis erant a Lacedaemoniis positae post navalem illam victoriam Lysandri, qua Athenienses conciderunt, qua in pugna quia Castor et Pollux cum Lacedaemoniorum classe visi esse dicebantur eorum insignia deorum, stellae aureae quas dixi, Delphis positae paulo ante Leucetricam pugnam deciderunt neque repertae sunt. **76** Maximum vero illud portentum isdem Spartiatis fuit quod, cum oraculum ab Iove Dodonaeo petivissent de victoria sciscitantes legatique vas illud in quo inerant sortes collocavissent, simia quam rex Molossorum in

deliciis habebat et sortes ipsas et cetera quae erant ad sortem parata disturbavit et aliud alio dissupavit. Tum ea quae praeposita erat oraculo sacerdos dixisse dicitur de salute Lacedaemoniis esse, non de victoria cogitandum. **XXXV 77** Quid? bello Punico secundo nonne C. Flaminius consul iterum neglexit signa rerum futurarum magna cum clade rei publicae? Qui exercitu lustrato cum Arretium versus castra movisset et contra Hannibalem legiones duceret et ipse et equus eius ante signum Iovis Statoris sine causa repente concidit nec eam rem habuit religioni obiecto signo, ut peritis videbatur, ne committeret proelium. Idem cum tripudio auspicaretur pullarius diem proelii committendi differebat. Tum Flaminius ex eo quaesivit si ne postea quidem pulli pascerentur quid faciendum censeret. Cum ille quiescendum respondisset, Flaminius: "Praeclara vero auspicia, si esurientibus pullis res geri poterit, saturis nihil geretur!" itaque signa convelli et se sequi iussit. Quo tempore cum signifer primi hastati signum non posset movere loco nec quicquam proficeretur plures cum accederent, Flaminius re nuntiata suo more neglexit. Itaque tribus iis horis concisus exercitus atque ipse interfectus est. **78** Magnum illud etiam, quod addidit Coelius, eo tempore ipso cum hoc calamitosum proelium fieret tantos terrae motus in Liguribus, Gallia, compluribusque insulis totaque in Italia factos esse ut multa oppida conruerint, multis locis labes factae sint terraeque desederint fluminaque in contrarias partes fluxerint atque in amnes mare influxerint.

XXXVI Fiunt certae divinationum coniecturae a peritis. Midae illi Phrygi, cum puer esset, dormienti formicae in os tritici grana congesserunt. Divitissimum fore praedictum est; quod evenit. At Platoni cum in cunis parvulo dormienti apes in labellis consedissent responsum est singulari illum suavitate orationis fore. Ita futura eloquentia provisa in infante est. **79** Quid? amores ac deliciae tuae, Roscius, num aut ipse aut pro eo Lanuvium totum mentiebatur? Qui cum esset in cunabulis educareturque in Solonio, [qui est campus agri Lanuvini,] noctu lumine apposito experrecta nutrix animadvertit puerum dormientem circumplexum serpentis amplexu. Quo aspectu exterrita clamorem sustulit. Pater autem Rosci ad haruspices rettulit, qui responderunt nihil illo puero clarius, nihil nobilius fore. Atque hanc speciem Pasiteles caelavit argento et noster expressit Archias versibus. Quid igitur expectamus? an dum in foro nobiscum di immortales, dum in viis versentur, dum domi? qui quidem ipsi se nobis non offerunt, vim autem suam longe lateque diffundunt, quam tum terrae cavernis includunt, tum hominum naturis implicant. Nam terrae vis Pythiam Delphis incitabat, naturae Sibyllam. Quid enim? non videmus quam sint varia terrarum genera? ex quibus et mortifera quaedam pars est, ut et Ampsancti in Hirpinis et in Asia Plutonia, quae vidimus, et sunt partes agrorum aliae pestilentes, aliae salubres, aliae quae acuta ingenia gignant, aliae quae retunsa; quae omnia fiunt et ex caeli varietate et ex disparili adspiratione terrarum.

80 Fit etiam saepe specie quadam, saepe vocum gravitate et cantibus ut pellantur animi vehementius, saepe etiam cura et timore, qualis est illa

Flexanima tamquam lymphata aut Bacchi sacris

Commota in tumultis Teucrum commemorans suum.

XXXVII Atque etiam illa concitatio declarat vim in animis esse divinam. Negat enim sine furore Democritus quemquam poetam magnum esse posse, quod idem dicit Plato. Quem, si placet, appellet furorem, dum modo is furor ita laudetur ut in Phaedro Platonis laudatus est. Quid? Vestra oratio in causis, quid? ipsa actio potest esse vehemens et gravis et copiosa nisi est animus ipse commotior? Equidem etiam in te saepe vidi et, ut ad leviora veniamus, in Aesopo, familiari tuo, tantum ardorem vultuum atque motuum ut eum mentis vis quaedam abstraxisse a sensu videretur.

81 Obiciuntur etiam saepe formae quae reapse nullae sunt, speciem autem offerunt, quod contigisse Brenno dicitur eiusque Gallicis copiis, cum fano Apollinis Delphici nefarium bellum intulisset. Tum enim ferunt ex oraculo ecfatam esse Pythiam:

Ego providebo rem istam et albae virgines.

Ex quo factum ut viderentur virgines ferre arma contra et nive Gallorum obrueretur exercitus.

XXXVIII Aristoteles quidem eos etiam qui valetudinis vitio furerent et melancholici dicerentur censebat habere aliquid in animis praesagiens atque divinum. Ego autem haud scio an nec cardiacis hoc tribuendum sit nec phreneticis; animi enim integri, non vitiosi est corporis divinatio. **82** Quam quidem esse re vera hac Stoicorum ratione concluditur: 'Si sunt di neque ante declarant hominibus quae futura sint, aut non diligunt homines, aut quod eventurum sit ignorant, aut existumant nihil interesse hominum scire quid sit futurum, aut non censent esse suae maiestatis praesignificare hominibus quae sunt futura, aut ea ne ipsi quidem di significare possunt; at neque non diligunt nos (sunt enim benefici generique hominum amici), neque ignorant ea quae ab ipsis constituta et designata sunt, neque nostra nihil interest scire ea quae eventura sint (erimus enim cautiores si sciemus), neque hoc alienum ducunt maiestate sua (nihil est enim beneficentia praestantius), neque non possunt futura praenoscerere. **83** Non igitur sunt di nec significant futura; sunt autem di; significant ergo; et non, si significant, nullas vias dant nobis ad significationis scientiam (frustra enim significarent), nec, si dant vias, non est divinatio; est igitur divinatio.'

XXXIX 84 Hac ratione et Chrysippus et Diogenes et Antipater utitur. Quid est igitur cur dubitandum sit quin sint ea quae disputavi verissima, si ratio mecum facit, si eventa, si populi, si nationes, si Graeci, si barbari, si maiores etiam nostri, si denique hoc semper ita putatum est, si summi philosophi, si poetae, si sapientissimi viri, qui res publicas constituerunt, qui urbes condiderunt? An dum bestiae loquantur exspectamus, hominum consentiente auctoritate contenti non sumus? **85** Nec vero quicquam aliud

adfertur cur ea quae dico divinandi genera nulla sint, nisi quod difficile dictu videtur quae cuiusque divinationis ratio, quae causa sit. Quid enim habet haruspex cur pulmo incisus etiam in bonis extis dirimat tempus et proferat diem? Quid augur cur a dextra corvus, a sinistra cornix faciat ratum? Quid astrologus cur stella Iovis aut Veneris coniuncta cum luna ad ortus puerorum salutaris sit, Saturni Martisque contraria? Cur autem deus dormientes nos moneat, vigilantes neglegat? Quid deinde causae est cur Cassandra furens futura prospiciat, Priamus sapiens hoc idem facere non queat? **86** Cur fiat quidque quaeris. Recte omnino; sed non nunc id agitur; fiat necne fiat, id quaeritur. Ut si magnetem lapidem esse dicam, qui ferrum ad se adliat et attrahat, rationem cur id fiat adferre nequeam, fieri omnino neges. Quod idem facis in divinatione, quam et cernimus ipsi et audimus et legimus et a patribus accepimus. Neque ante philosophiam patefactam, quae nuper inventa est, hac de re communis vita dubitavit, et, posteaquam philosophia processit, nemo aliter philosophus sensit in quo modo esset auctoritas. **87** Dixi de Pythagora, de Democrito, de Socrate, excepi de antiquis praeter Xenophanem neminem, adiunxi veterem Academiam, Peripateticos, Stoicos; unus dissentit Epicurus. Quid vero hoc turpius quam quod idem nullam censet gratuitam esse virtutem?

XL Quis est autem quem non moveat clarissimis monumentis testata consignataque antiquitas? Calchantem augurem scribit Homerus longe optimum eumque ducem classium fuisse ad Ilium, auspicio credo scientia, non locorum. **88** Amphilocho et Mopsus Argivorum reges fuerunt, sed iidem augures, iique urbis in ora maritima Ciliciae Graecas condiderunt; atque etiam ante hos Amphiarus et Tiresias non humiles et obscuri neque eorum similes, ut apud Ennium est,

Qui sui quaestus causa fictas suscitant sententias,

sed clari et praestantes viri qui avibus et signis admoniti futura dicebant; quorum de altero etiam apud inferos Homerus ait "solum sapere, ceteros umbrarum vagari modo"; Amphiarum autem sic honoravit fama Graeciae deus ut haberetur, atque ab eius solo, in quo est humatus, oracula peterentur. **89** Quid? Asiae rex Priamus nonne et Helenum filium et Cassandram filiam divinantes habebat, alterum auguriis, alteram mentis incitatione et permotione divina? Quo in genere Marcios quosdam fratres nobili loco natos, apud maiores nostros fuisse scriptum videmus. Quid? Polyidum Corinthium nonne Homerus et aliis multa et filio ad Troiam proficiscenti mortem praedixisse commemorat? Omnino apud veteres, qui rerum potiebantur iidem auguria tenebant; ut enim sapere sic divinare regale ducebant. Testis est nostra civitas, in qua et reges augures et postea privati eodem sacerdotio praediti rem publicam religionum auctoritate rexerunt. **XLI 90** Eaque divinationum ratio ne in barbaris quidem gentibus neglecta est, siquidem et in Gallia Druidae sunt, e quibus ipse Divitiacum Haeduum, hospitem tuum laudatoremque, cognovi, qui et naturae rationem, quam fisiologi/an Graeci appellant,

notam esse sibi profitebatur et partim auguriis, partim coniectura, quae essent futura dicebat, et in Persis augurantur et divinant magi, qui congregantur in fano commentandi causa atque inter se conloquendi, quod etiam idem vos quondam facere Nonis solebatis. **91** Nec quisquam rex Persarum potest esse qui non ante magorum disciplinam scientiamque perceperit. Licet autem videre et genera quaedam et nationes huic scientiae deditas. Telmessus in Caria est, qua in urbe excellit haruspicum disciplina; itemque Elis in Peloponneso familias duas certas habet, lamidarum unam, alteram Clutidarum, haruspicinae nobilitate praestantes. In Syria Chaldaei cognitione astrorum sollertiaque ingeniorum antecellunt. **92** Etruria autem de caelo tacta scientissime animadvertit eademque interpretatur, quid quibusque ostendatur monstria atque portentis. Quocirca bene apud maiores nostros senatus tum cum florebat imperium decrevit ut de principum filiis X ex singulis Etruriae populis in disciplinam traderentur, ne ars tanta propter tenuitatem hominum a religionis auctoritate abduceretur ad mercedem atque quaestum. Phryges autem et Pisidae et Cilices et Arabum natio avium significationibus plurimum obtemperant, quod idem factitatum in Umbria accepimus.

XLII 93 Ac mihi quidem videntur e locis quoque ipsis qui a quibusque incolebantur divinationum opportunitates esse ductae. Etenim Aegyptii et Babylonii in camporum patentium aequoribus habitantes, cum ex terra nihil emereret quod contemplationi caeli officere posset, omnem curam in siderum cognitione posuerunt, Etrusci autem, quod religione imbuti studiosius et crebrius hostias immolabant, extorum cognitioni se maxime dederunt, quodque propter aëris crassitudinem de caelo apud eos multa fiebant, et quod ob eandem causam multa invisitata partim e caelo, alia ex terra oriebantur, quaedam etiam ex hominum pecudumve conceptu et satu, ostentorum exercitatissimi interpretes exstiterunt. Quorum quidem vim, ut tu soles dicere, verba ipsa prudenter a maioribus posita declarant. Quia enim ostendunt, portendunt, monstrant, praedicunt, ostenta, portenta, monstra, prodigia dicuntur. **94** Arabes autem et Phryges et Cilices, quod pastu pecudum maxime utuntur campos et montes hieme et aestate peragrantes, propterea facilius cantus avium et volatus notaverunt; eademque et Pisidiae causa fuit et huic nostrae Umbriae. Tum Caria tota praecipueque Telmesses, quos ante dixi, quod agros uberrimos maximeque fertiles incolunt, in quibus multa propter fecunditatem fingi gignique possunt, in ostentis animadvertendis diligentes fuerunt.

XLIII 95 Quis vero non videt in optuma quaque re publica plurimum auspicia et reliqua divinandi genera valuisse? Quis rex umquam fuit, quis populus, qui non uteretur praedictione divina? Neque solum in pace, sed in bello multo etiam magis, quo maius erat certamen et discrimen salutis. Omitto nostros, qui nihil in bello sine extis agunt, nihil sine auspiciis domi [habent auspicia]; externa videamus. Namque et Athenienses omnibus semper publicis consiliis divinos quosdam sacerdotes, quos ma/nteij vocant,

adhibuerunt, et Lacedaemonii regibus suis augurem adessorem dederunt, itemque senibus (sic enim consilium publicum appellant) augurem interesse voluerunt, idemque de rebus maioribus semper aut Delphis oraculum aut ab Hammone aut a Dodona petebant. **96** Lycurgus quidem, qui Lacedaemoniorum rem publicam temperavit, leges suas auctoritate Apollinis Delphici confirmavit; quas cum vellet Lysander commutare eadem est prohibitus religione. Atque etiam qui praeerant Lacedaemoniis, non contenti vigilantibus curis, in Pasiphaae fano, quod est in agro propter urbem, somniandi causa excubabant, quia vera quietis oracla ducebant. **97** Ad nostra iam redeo. Quotiens senatus decemviros ad libros ire iussit! quantis in rebus quamque saepe responsis haruspicum paruit! Nam et cum duo visi soles essent et cum tres lunae et cum faces, et cum sol nocte visus esset et cum e caelo fremitus auditus, et cum caelum discessisse visum esset atque in eo animadversi globi, delata etiam ad senatum labe agri Privernatis, cum ad infinitam altitudinem terra desidisset Apuliaque maximis terrae motibus conquassata esset, quibus portentis magna populo Romano bella perniciosaeque seditiones denuntiabantur; inque his omnibus responsa haruspicum cum Sibyllae versibus congruebant. **98** Quid? cum Cumis Apollo sudavit, Capuae Victoria? Quid? ortus androgyni nonne fatale quoddam monstrum fuit? quid? cum fluvius Atratus sanguine fluxit? Quid? cum saepe lapidum, sanguinis non numquam, terrae interdum, quondam etiam lactis imber defluxit? quid? cum in Capitolio ictus Centaurus e caelo est, in Aventino portae et homines, Tusculi aedes Castoris et Poflucis Romaeque Pietatis: nonne et haruspices ea responderunt quae evenerunt, et in Sibyllae libris eaedem repertae praedictiones sunt?

XLIV 99 Caeciliae Q. filiae somnio modo Marsico bello templum est a senatu lunoni Sospitae restitutum. Quod quidem somnium Sisenna cum disputavisset mirifice ad verbum cum re convenisse, tum insolenter, credo ab Epicureo aliquo inductus, disputat somniis credi non oportere. Idem contra ostenta nihil disputat exponitque initio belli Marsici et deorum simulacra sudavisse et sanguinem fluxisse et discessisse caelum et ex occulto auditas esse voces quae pericula belli nuntiarent, et Lanuvi clipeos, quod haruspibus tristissimum visum esset, a muribus esse derosos. **100** Quid, quod in annalibus habemus Veienti bello, cum lacus Albanus praeter modum crevisset, Veientem quendam ad nos hominem nobilem perfugisse, eumque dixisse ex fati, quae Veientes scripta haberent, Veios capi non posse dum lacus is redundaret, et si lacus emissus lapsu et cursu suo ad mare profluxisset perniciosum populo Romano; sin autem ita esset eductus ut ad mare pervenire non posset tum salutare nostris fore? Ex quo illa mirabilis a maioribus Albanae aquae facta deductio est. Cum autem Veientes bello fessi legatos ad senatum misissent tum ex iis quidam dixisse dicitur non omnia illum transfugam ausum esse senatui dicere; in isdem enim fati scriptum Veientes habere fore ut brevi a Gallis Roma caperetur, quod quidem sexennio post Veios captos factum esse videmus.

XLV 101 Saepe etiam et in proeliis Fauni auditi et in rebus turbidis veridicae voces ex occulto missae esse dicuntur; cuius generis duo sint ex multis exempla, sed maxuma. Nam non multo ante urbem captam exaudita vox est a luco Vestae, qui a Palati radice in novam viam devexus est, ut muri et portae reficerentur; futurum esse, nisi provisum esset, ut Roma caperetur. Quod neglectum tum cum caveri poterat post acceptam illam maximam cladem expiatum est; ara enim Aio Loquenti, quam saeptam videmus, exadversus eum locum consecrata est. Atque etiam scriptum a multis est cum terrae motus factus esset ut sue plena procuratio fieret vocem ab aede lunonis ex arce exstitisse; quocirca lunonem illam appellatam Monetam. Haec igitur et a dis significata et a nostris maioribus iudicata contemnimus?

102 Neque solum deorum voces Pythagorei observaverunt sed etiam hominum, quae vocant omina. Quae maiores nostri quia valere censebant idcirco omnibus rebus agendis QUOD BONVM, FAVSTVM, FELIX, FORTVNATVMQVE ESSET praefabantur, rebusque divinis quae publice fierent ut FAVERENT LINGVIS imperabatur, inque feriis imperandis ut LITIBVS ET IVRGIIS SE ABSTINERENT. Itemque in lustranda colonia [ab eo qui eam deduceret], et cum imperator exercitum, censor populum lustraret, bonis nominibus qui hostias ducerent eligebantur. Quod idem in dilectu consules observant, ut primus miles fiat bono nomine. **103** Quae quidem a te scio et consule et imperatore summa cum religione esse servata. Praerogativam etiam maiores omen iustorum comitorum esse voluerunt. **XLVI** Atque ego exempla ominum nota proferam. L. Paulus consul iterum, cum ei bellum ut cum rege Perse gereret obtigisset, ut ea ipsa die domum ad vesperum rediit filiolum suum Tertium, quae tum erat admodum parva, osculans animum advertit tristiculam. "Quid est," inquit, "mea Tertia? quid tristis es?" "Mi pater," inquit, "Persa periiit." Tum ille artius puellam complexus, "Accipio," inquit, "mea filia, omen." Erat autem mortuus catellus eo nomine. **104** L. Flaccum, flaminem Martialem, ego audivi cum diceret Caeciliam Metelli, cum vellet sororis suae filiam in matrimonium conlocare, exisse in quoddam sacellum ominis capiendi causa, quod fieri more veterum solebat. Cum virgo staret et Caecilia in sella sederet neque diu ulla vox exstitisset puellam defatigatam petisse a matertera ut sibi concederet paulisper ut in eius sella requiesceret; illam autem dixisse: "Vero, mea puella, tibi concedo meas sedes." Quod omen res consecuta est; ipsa enim brevi mortua est, virgo autem nupsit cui Caecilia nupta fuerat. Haec posse contemni vel etiam rideri praeclare intellego, sed id ipsum est deos non putare quae ab iis significantur contemnere.

XLVII 105 Quid de auguribus loquar? Tuae partes sunt, tuum, inquam, auspicio patrocini debet esse. Tibi App. Claudius augur consuli nuntiavit addubitato salutis augurio bellum domesticum triste ac turbulentum fore; quod paucis post mensibus exortum paucioribus a te est diebus oppressum. Cui quidem auguri vehementer adsentior; solus enim multorum annorum memoria non decantandi augurii sed divinandi tenuit disciplinam. Quem inridebant collegae tui eumque tum Pisidam, tum

Soranum augurem esse dicebant; quibus nulla videbatur in auguriis aut praesensio aut scientia veritatis futurae; sapienter, aiebant, ad opinionem imperitorum esse fictas religiones. Quod longe secus est; neque enim in pastoribus illis quibus Romulus praefuit nec in ipso Romulo haec calliditas esse potuit ut ad errorem multitudinis religionis simulacra fingerent. Sed difficultas laborque discendi disertam negligentiam reddidit; malunt enim disserere nihil esse in auspiciis quam quid sit ediscere. **106** Quid est illo auspicio divinius quod apud te in Mario est? ut utar potissimum auctore te:

Hic lovis altisoni subito pinnata satelles
Arboris e trunco, serpentis saucia morsu
Subrigit ipsa feris transfigens unguibus anguem
Semianimum et varia graviter cervice micantem.
Quem se intorquentem lanians rostroque cruentans
Iam satiata animos, iam duros ultra dolores
Abicit eclantem et laceratum adfligit in unda
Seque obitu a solis nitidos convertit ad ortus.
Hanc ubi praepetibus pinnis lapsuque volantem
Conspexit Marius, divini numinis augur,
Faustaque signa suae laudis reditusque notavit,
Partibus intonuit caeli pater ipse sinistris.
Sic aquilae clarum firmavit Iuppiter omen.

XLVIII 107 Atque ille Romuli auguratus pastoralis, non urbanus fuit, nec fictus ad opiniones imperitorum, sed a certis acceptus et posteris traditus. Itaque Romulus augur, ut apud Ennium est, cum fratre item augure

Curantes magna cum cura tum cupientes
Regni dant operam simul auspicio augurioque.
†In monte Remus auspicio se devovet atque secundam
Solum avem servat. At Romulus pulcher in alto
Quaerit Aventino, servat genus altivolantum.

Certabant, urbem Romam Remoramne vocarent.
Omnibus cura viris uter esset induperator.
Exspectant; veluti consul cum mittere signum
Vult omnes avidi spectant ad carceris oras,
108 quam mox emittat pictis e faucibus currus,
Sic exspectabat populus atque ore timebat
Rebus utri magni victoria sit data regni.
Interea sol albus recessit in infera noctis.
Exin candida se radiis dedit icta foras lux,
Et simul ex alto longe pulcherruma praepes
Laeva volavit avis. Simul aureus exoritur sol,
Cedunt de caelo ter quattuor corpora sancta
Avium, praepetibus sese pulchrisque locis dant.
Conspicit inde sibi data Romulus esse priora,
Auspicio regni stabilita scamna solumque.

XLIX 109 Sed ut unde huc digressa est eodem redeat oratio: si nihil queam disputare quam ob rem quidque fiat, et tantum modo fieri ea quae commemoravi doceam, parumne Epicuro Carneade respondeam? Quid, si etiam ratio exstat artificiosae praesensionis facilis, divinae autem paulo obscurior? Quae enim extis, quae fulgoribus, quae portentis, quae astris praesentiuntur, haec notata sunt observatione diuturna. Adfert autem vetustas omnibus in rebus longinqua observatione incredibilem scientiam; quae potest esse etiam sine motu atque impulsu deorum, cum quid ex quoque eveniat et quid quamque rem significet crebra animadversione perspectum est. **110** Altera divinatio est naturalis, ut ante dixi; quae physica disputandi subtilitate referenda est ad naturam deorum, a qua, ut doctissimis sapientissimisque placuit, haustos animos et libatos habemus; cumque omnia completa et referta sint aeterno sensu et mente divina necesse est cognatione divinorum animorum animos humanos commoveri. Sed vigilantes animi vitae necessitatibus serviunt diiunguntque se a societate divina vinculis corporis impediti. **111** Rarum est quoddam genus eorum qui se a corpore avocent et ad divinarum rerum cognitionem cura omni studioque rapiantur. Horum sunt auguria non divini impetus sed rationis humanae; nam et natura futura

praesentiunt, ut aquarum eluviones et deflagrationem futuram aliquando caeli atque terrarum; alii autem in re publica exercitati, ut de Atheniensi Solone accepimus, orientem tyrannidem multo ante prospiciunt; quos prudentes possumus dicere, id est providentes, divinos nullo modo possumus, non plus quam Milesium Thalem, qui, ut obiurgatores suos convinceret, ostenderetque etiam philosophum, si ei commodum esset, pecuniam facere posse, omnem oleam, ante quam florere coepisset, in agro Milesio coëmissee dicitur. **112** Animadverterat fortasse quadam scientia olearum ubertatem fore. Et quidem idem primus defectionem solis, quae Astyage regnante facta est, praedixisse fertur.

L Multa medici, multa gubernatores, agricolae etiam multa praesentiunt, sed nullam eorum divinationem voco, ne illam quidem qua ab Anaximandro physico moniti Lacedaemonii sunt ut urbem et tecta linquerent armatique in agro excubarent, quod terrae motus instaret, tum cum et urbs tota corruiet et e monte Taygeto extrema montis quasi puppis avolsa est. Ne Pherecydes quidem, ille Pythagorae magister, potius divinus habebitur quam physicus, quod cum vidisset haustam aquam de iugi puteo terrae motus dixit instare. **113** Nec vero umquam animus hominis naturaliter divinat, nisi cum ita solutus est et vacuus ut ei plane nihil sit cum corpore; quod aut vaticinationibus contingit aut dormientibus. Itaque ea duo genera a Dicaearcho probantur et, ut dixi, a Cratippo nostro; si propterea quod ea proficiscuntur a natura, sint summa sane, modo ne sola; sin autem nihil esse in observatione putant, multa tollunt quibus vitae ratio continetur. Sed quoniam dant aliquid, idque non parvum [vaticinationes cum somniis,] nihil est quod cum his magnopere pugnemus, praesertim cum sint, qui omnino nullam divinationem probent. **114** Ergo et ii quorum animi spretis corporibus evolant atque excurrunt foras ardore aliquo inflammati atque incitati cernunt illa profecto quae vaticinantes pronuntiant, multisque rebus inflammantur tales animi qui corporibus non inhaerent, ut ii qui sono quodam vocum et Phrygiis cantibus incitantur. Multos nemora silvaeque, multos amnes aut maria commovent, quorum furibunda mens videt ante multo quae sint futura. Quo de genere illa sunt:

Eheu videte!

Iudicavit inclitum iudicium inter deas tris aliquis,

Quo iudicio Lacedaemonia mulier, Furiarum una, adveniet.

Eodem enim modo multa a vaticinantibus saepe praedicta sunt, neque solum verbis sed etiam

Versibus quos olim Fauni vatesque canebant.

115 Similiter Marcius et Publicius vates cecinisse dicuntur; quo de genere Apollinis operta prolata sunt. Credo etiam anhelitus quosdam fuisse terrarum quibus inflatae mentes oracla funderent.

LI Atque haec quidem vatium ratio est, nec dissimilis sane somniorum. Nam quae vigilantibus accidunt vatibus eadem nobis dormientibus. Viget enim animus in somnis liber ab sensibus omnique inpeditione curarum iacente et mortuo paene corpore. Qui quia vixit ab omni aeternitate versatusque est cum innumerabilibus animis, omnia quae in natura rerum sunt videt, si modo temperatis escis modicisque potionibus ita est adfectus ut sopito corpore ipse vigilet. Haec somniantis est divinatio. **116** Hic magna quaedam exoritur neque ea naturalis sed artificiosa somniorum [Antiphonis] interpretatio eodemque modo et oraculorum et vaticinationum [sunt enim explanatores, ut grammatici poetarum]. Nam ut aurum et argentum, aes, ferrum frustra natura divina genuisset nisi eadem docuisset quem ad modum ad eorum venas perveniretur, nec fruges terrae bacasve arborum cum utilitate ulla generi humano dedisset, nisi earum cultus et condiciones tradidisset, materiave quicquam iuaret, nisi confectionis eius fabricam haberemus, sic cum omni utilitate quam di hominibus dederunt ars aliqua coniuncta est per quam illa utilitas percipi possit. Item igitur somniis, vaticinationibus, oraclis, quod erant multa obscura, multa ambigua, explanationes adhibitae sunt interpretum.

117 Quo modo autem aut vates aut somniantes ea videant quae nusquam etiam tunc sint magna quaestio est. Sed explorata si sint ea quae ante quaeri debeant sint haec quae quaerimus facilia. Continet enim totam hanc quaestionem ea ratio quae est de natura deorum, quae a te secundo libro est explicata dilucide. Quam si obtinemus stabit illud quod hunc locum continet, de quo agimus, esse deos, et eorum providentia mundum administrari, eosdemque consulere rebus humanis, nec solum universis, verum etiam singulis. Haec si tenemus, quae mihi quidem non videntur posse convelli, profecto hominibus a dis futura significari necesse est. **LII 118** Sed distinguendum videtur quonam modo. Nam non placet Stoicis singulis iecorum fissis aut avium cantibus interesse deum; neque enim decorum est nec dis dignum nec fieri ullo pacto potest; sed ita a principio incohatum esse mundum ut certis rebus certa signa praecurrerent, alia in extis, alia in avibus, alia in fulgoribus, alia in ostentis, alia in stellis, alia in somniantium visis, alia in furentium vocibus. Ea quibus bene percepta sunt ii non saepe falluntur; male coniecta maleque interpretata falsa sunt non rerum vitio sed interpretum inscientia. Hoc autem posito atque concesso, esse quandam vim divinam hominum vitam continentem non difficile est, quae fieri certe videmus, ea qua ratione fiant, suspicari. Nam et ad hostiam deligendam potest dux esse vis quaedam sentiens, quae est toto confusa mundo, et tum ipsum, cum immolare velis extorum fieri mutatio potest, ut aut absit aliquid aut supersit; parvis enim momentis multa natura aut adfingit aut mutat aut detrahit. **119** Quod ne dubitare possimus maximo est argumento quod

paulo ante interitum Caesaris contigit. Qui cum immolaret illo die quo primum in sella aurea sedit et cum purpurea veste processit in extis bovis opimi cor non fuit. Num igitur censes ullum animal quod sanguinem habeat sine corde esse posse? †Qua ille rei novitate percussus, cum Spurinna diceret timendum esse ne et consilium et vita deficeret; earum enim rerum utramque a corde proficisci. Postero die caput in iecore non fuit. Quae quidem illi portendebantur a dis immortalibus ut videret interitum, non ut caveret. Cum igitur eae partes in extis non reperiuntur sine quibus victima illa vivere nequisset intellegendum est in ipso immolationis tempore eas partes quae absint interisse. **LIII 120** Eademque efficit in avibus divina mens ut tum huc tum illuc volent alites, tum in hac tum in illa parte se occultent, tum a dextra tum a sinistra parte canant oscines. Nam si animal omne ut vult ita utitur motu sui corporis, prono, obliquo, supino, membraque quocumque vult flectit, contorquet, porrigit, contrahit eaque ante efficit paene quam cogitat, quanto id deo est facilius, cuius numini parent omnia! **121** Idemque mittit et signa nobis eius generis qualia permulta historia tradidit, quale scriptum illud videmus: si luna paulo ante solis ortum defecisset in signo Leonis, fore ut armis Dareus et Persae ab Alexandro et Macedonibus [proelio] vincerentur Dareusque moreretur; et si puella nata biceps esset seditionem in populo fore, corruptelam et adulterium domi, et si mulier leonem peperisse visa esset, fore ut ab exteris gentibus vinceretur ea res publica in qua id contigisset. Eiusdem generis etiam illud est quod scribit Herodotus, Croesi filium, cum esset infans, locutum; quo ostento regnum patris et domum funditus concidisse. Caput arsisse Servio Tullio dormienti quae historia non prodidit? Ut igitur qui se tradidit quieti praeparato animo cum bonis cogitationibus tum rebus ad tranquillitatem adcommodatus certa et vera cernit in somnis, sic castus animus purusque vigilantis et ad astrorum et ad avium reliquorumque signorum et ad extorum veritatem est paratior.

LIV 122 Hoc nimirum est illud quod de Socrate accepimus quodque ab ipso in libris Socraticorum saepe dicitur, esse divinum quiddam, quod daimo/nion appellat, cui semper ipse paruerit numquam impellenti, saepe revocanti. Et Socrates quidem (quo quem auctorem meliorem quaerimus?) Xenophonti consulenti sequereturne Cyrum, posteaquam exposuit quae ipsi videbantur, "Et nostrum quidem," inquit, "humanum est consilium; sed de rebus et obscuris et incertis ad Apollinem censeo referendum," ad quem etiam Athenienses publice de maioribus rebus semper rettulerunt. **123** Scriptum est item cum Critonis, sui familiaris, oculum alligatum vidisset quaesivisse quid esset; cum autem ille respondisset in agro ambulanti ramulum adductum, ut remissus esset, in oculum suum recidisse, tum Socrates: "Non enim paruisti mihi revocanti, cum uterer qua soleo, praesagatione divina." Idem etiam Socrates, cum apud Delium male pugnatum esset Lachete praetore fugeretque cum ipso Lachete, ut ventum est in trivium, eadem qua ceteri fugere noluit. Quibus quaerentibus cur non eadem via pergeret deterreri se a deo dixit; cum quidem ii qui alia via fugerant in hostium equitatum inciderunt. Permulta conlecta sunt ab Antipatro quae mirabiliter a Socrate divinata sunt; quae praetermittam; tibi enim nota sunt, mihi ad commemorandum non necessaria. **124** Illud tamen eius

philosophi magnificum ac paene divinum, quod cum impiis sententiis damnatus esset aequissimo animo se dixit mori; neque enim domo egredienti neque illud suggestum in quo causam dixerat ascendenti signum sibi ullum quod consuisset a deo quasi mali alicuius impendentis datum.

LV Equidem sic arbitror, etiamsi multa fallant eos qui aut arte aut coniectura divinare videantur, esse tamen divinationem; homines autem, ut in ceteris artibus, sic in hac posse falli. Potest accidere ut aliquod signum dubie datum pro certo sit acceptum, potest aliquod latuisse aut ipsum aut quod esset illi contrarium. Mihi autem ad hoc de quo disputo probandum satis est non modo plura sed etiam pauciora divine praesensa et praedicta reperiri. **125** Quin etiam hoc non dubitans dixerim, si unum aliquid ita sit praedictum praesensumque ut, cum evenerit, ita cadat ut praedictum sit, neque in eo quicquam casu et fortuito factum esse appareat, esse certe divinationem idque esse omnibus confitendum.

Quocirca primum mihi videtur, ut Posidonius facit, a deo, de quo satis dictum est, deinde a fato, deinde a natura vis omnis divinandi ratioque repetenda. Fieri igitur omnia fato ratio cogit fateri. Fatum autem id appello, quod Graeci εἰμαρμένην, id est, ordinem seriemque causarum, cum causae causa nexa rem ex se gignat. Ea est ex omni aeternitate fluens veritas sempiterna. Quod cum ita sit, nihil est factum quod non futurum fuerit, eodemque modo nihil est futurum cuius non causas id ipsum efficientes natura contineat. **126** Ex quo intellegitur ut fatum sit non id quod superstitiose, sed id quod physice dicitur, causa aeterna rerum cur et ea quae praeterierunt facta sint et quae instant fiant et quae sequuntur futura sint. Ita fit ut et observatione notari possit quae res quamque causam plerumque consequatur, etiamsi non semper (nam id quidem adfirmare difficile est), eademque causas veri simile est rerum futurarum cerni ab iis qui aut per furorem eas aut in quiete videant.

LVI 127 Praeterea, cum fato omnia fiant, id quod alio loco ostendetur, si quis mortalis possit esse qui conligationem causarum omnium perspiciat animo nihil eum profecto fallat. Qui enim teneat causas rerum futurarum idem necesse est omnia teneat quae futura sint. Quod cum nemo facere nisi deus possit relinquendum est homini ut signis quibusdam consequentia declarantibus futura praesentiat. Non enim illa quae futura sunt subito existunt, sed est quasi rudentis explicatio sic traductio temporis nihil novi efficientis et primum quidque replicantis. Quod et ii vident quibus naturalis divinatio data est et ii quibus cursus rerum observando notatus est. Qui etsi causas ipsas non cernunt signa tamen causarum et notas cernunt; ad quas adhibita memoria et diligentia et monumentis superiorum efficitur ea divinatio quae artificiosa dicitur, extorum, fulgorum, ostentorum, signorumque caelestium. **128** Non est igitur ut mirandum sit ea praesentiri a divinantibus quae nusquam sint; sunt enim omnia sed tempore absunt. Atque ut in seminibus vis inest earum rerum quae ex iis progignuntur sic in causis

conditae sunt res futurae quas esse futuras aut concitata mens aut soluta somno cernit aut ratio aut coniectura praesentit. Atque ut ii qui solis et lunae reliquorumque siderum ortus, obitus, motusque cognorunt, quo quidque tempore eorum futurum sit multo ante praedicunt, sic qui cursum rerum eventorumque consequentiam diuturnitate pertractata notaverunt aut semper, aut, si difficile est, plerumque, quodsi ne id quidem conceditur, non numquam certe, quid futurum sit intellegunt. Atque haec quidem et quaedam eiusdem modi argumenta cur sit divinatio ducuntur a fato.

LVII 129 A natura autem alia quaedam ratio est quae docet quanta sit animi vis seiuncta a corporis sensibus, quod maxime contingit aut dormientibus aut mente permotis. Ut enim deorum animi sine oculis, sine auribus, sine lingua sentiunt inter se quid quisque sentiat (ex quo fit ut homines, etiam cum taciti optent quid aut voveant, non dubitent quin di illud exaudiant), sic animi hominum, cum aut somno soluti vacant corpore aut mente permoti per se ipsi liberi incitati moventur, cernunt ea quae permixti cum corpore animi videre non possunt. **130** Atque hanc quidem rationem naturae difficile est fortasse traducere ad id genus divinationis quod ex arte profectum dicimus, sed tamen id quoque rimatur quantum potest Posidonius. Esse censet in natura signa quaedam rerum futurarum. Etenim Geos accepimus ortum Caniculae diligenter quotannis solere servare coniecturamque capere, ut scribit Ponticus Heraclides, salubrisne an pestilens annus futurus sit. Nam si obscurior et quasi caliginosa stella exstiterit pingue et concretum esse caelum ut eius adspiratio gravis et pestilens futura sit; sin inlustris et perlucida stella apparuerit significari caelum esse tenue purumque et propterea salubre. **131** Democritus autem censet sapienter instituisse veteres ut hostiarum immolatarum inspicerentur exta; quorum ex habitu atque ex colore tum salubritatis tum pestilentiae signa percipi, non numquam etiam quae sit vel sterilitas agrorum vel fertilitas futura. Quae si a natura profecta observatio atque usus agnovit multa adferre potuit dies quae animadvertendo notarentur, ut ille Pacuvianus, qui in Chryse physicus inducitur, minime naturam rerum cognosse videatur:

... nam isti qui linguam avium intellegunt

Plusque ex alieno iecore sapiunt quam ex suo,

Magis audiendum quam auscultandum censeo.

Cur? quaeso, cum ipse paucis interpositis versibus dicas satis luculente:

Quidquid est hoc, omnia animat, format, alit, auget creat,

Sepelit, recipitque in sese omnia omniumque idemst pater,

Indidemque eadem aequae oriuntur de integro atque eodem occidunt.

Quid est igitur cur, cum domus sit omnium una, eaque communis, cumque animi hominum semper fuerint futurique sint, cur ii quid ex quoque eveniat et quid quamque rem significet perspicere non possint? Haec habui, inquit, de divinatione quae dicerem.

LVIII 132 Nunc illa testabor non me sortilegos neque eos qui quaestus causa hariolentur, ne psychomantia quidem, quibus Appius, amicus tuus, uti solebat, agnoscere; non habeo denique nauci Marsum augurem, non vicanos haruspices, non de circo astrologos, non Isiacos coniectores, non interpretes somniorum; non enim sunt ii aut scientia aut arte divini,

Sed superstitiosi vates impudentesque harioli

Aut inertes aut insani aut quibus egestas imperat,

Qui sibi semitam non sapiunt alteri monstrant viam;

Quibus divitias pollicentur ab iis drachumam ipsi petunt.

De his divitiis sibi deducant drachumam, reddant cetera.

Atque haec quidem Ennius, qui paucis ante versibus esse deos censet, sed eos non curare opinatur quid agat humanum genus. Ego autem, qui et curare arbitror et monere etiam ac multa praedicere, levitate, vanitate, malitia exclusa divinationem probo. Quae cum dixisset Quintus, Praeclare tu quidem, inquam, paratus...

M. Tulli Ciceronis

De Divinatione

Liber Secundus

I 1 Quaerenti mihi multumque et diu cogitanti quanam re possem prodesse quam plurimis, ne quando intermitterem consulere rei publicae, nulla maior occurrebat quam si optimarum artium vias traderem meis civibus; quod compluribus iam libris me arbitror consecutum. Nam et cohortati sumus, ut maxime potuimus, ad philosophiae studium eo libro qui est inscriptus Hortensius, et quod genus philosophandi minime adrogans maximeque et constans et elegans arbitraremur quattuor Academicis libris ostendimus. 2 Cumque fundamentum esset philosophiae positum in finibus bonorum et malorum, perpurgatus est is locus a nobis quinque libris, ut quid a quoque et quid contra quemque philosophum diceretur intellegi posset. Totidem subsecuti libri Tusculanarum disputationum res ad beate vivendum maxime necessarias aperuerunt. Primus enim est de contemnenda morte, secundus de tolerando dolore, de aegritudine lenienda tertius, quartus de reliquis animi perturbationibus, quintus eum locum complexus est qui totam philosophiam maxime inlustrat; docet enim ad beate vivendum virtutem se ipsa esse contentam. 3 Quibus rebus editis tres libri perfecti sunt de natura deorum, in quibus omnis eius loci quaestio continetur. Quae ut plane esset cumulateque perfecta, de divinatione ingressi sumus his libris scribere; quibus, ut est in animo, de fato si adiunxerimus, erit abunde satis factum toti huic quaestioni. Atque his libris adnumerandi sunt sex de re publica, quos tum scripsimus, cum gubernacula rei publicae tenebamus. Magnus locus philosophiaeque proprius a Platone, Aristotele, Theophrasto totaque Peripateticorum familia tractatus uberrime. Nam quid ego de Consolatione dicam? quae mihi quidem ipsi sane aliquantum medetur, ceteris item multum illam profuturam puto. Interiectus est etiam nuper liber is quem ad nostrum Atticum de senectute misimus; in primisque, quoniam philosophia vir bonus efficitur et fortis, Cato noster in horum librorum numero ponendus est. 4 Cumque Aristoteles itemque Theophrastus, excellentes viri cum subtilitate tum copia, cum philosophia dicendi etiam praecepta coniunxerint, nostri quoque oratorii libri in eundem librorum numerum referendi videntur. Ita tres erunt de oratore, quartus Brutus, quintus orator.

II Adhuc haec erant; ad reliqua alacri tendebamus animo sic parati ut, nisi quae causa gravior obstitisset, nullum philosophiae locum esse pateremur qui non Latinis litteris inlustratus pateret. Quod enim munus rei publicae adferre maius meliusve possumus quam si docemus atque erudimus iuventutem? His praesertim moribus atque temporibus, quibus ita prolapsa est ut omnium opibus refrenanda ac coërcenda sit. 5 Nec vero id effici posse confido, quod ne postulandum quidem est, ut omnes adulescentes se ad haec studia convertant. Pauci utinam! quorum tamen in re publica late patere poterit industria. Equidem ex iis etiam fructum capio laboris mei, qui iam aetate proveci in nostris libris adquiescunt; quorum studio legendi meum scribendi studium vehementius in dies incitatur; quos quidem plures quam rebar esse cognovi. Magnificum illud etiam Romanisque hominibus gloriosum ut Graecis de philosophia litteris non egeant. 6 quod adsequar profecto, si instituta perfecero. Ac mihi quidem explicandae philosophiae causam adtulit casus gravis civitatis, cum in armis civilibus

nec tueri meo more rem publicam nec nihil agere poteram nec quid potius, quod quidem me dignum esset, agerem reperiebam. Dabunt igitur mihi veniam mei cives vel gratiam potius habebunt quod, cum esset in unius potestate res publica, neque ego me abdidici neque deserui neque adflixit neque ita gessi quasi homini aut temporibus iratus, neque porro ita aut adulatus aut admiratus fortunam sum alterius ut me meae paeniteret. Id enim ipsum a Platone philosophiaque didiceram, naturales esse quasdam conversiones rerum publicarum, ut eae tum a principibus tenerentur, tum a populis, aliquando a singulis. **7** Quod cum accidisset nostrae rei publicae, tum pristinis orbi muneribus haec studia renovare coepimus, ut et animus molestiis hac potissimum re levaretur et prodessemus civibus nostris, qua re cumque possemus. In libris enim sententiam dicebamus, contionabamur, philosophiam nobis pro rei publicae procuratore substitutam putabamus. Nunc quoniam de re publica consuli coepti sumus, tribuenda est opera rei publicae, vel omnis potius in ea cogitatio et cura ponenda, tantum huic studio relinquendum, quantum vacabit a publico officio et munere. Sed haec alias pluribus; nunc ad institutam disputationem revertamur.

III 8 Nam cum de divinatione Quintus frater ea disseruisset quae superiore libro scripta sunt satisque ambulatum videretur, tum in bibliotheca, quae in Lyceo est, adsedimus. Atque ego: adcurate tu quidem, inquam, Quinte, et Stoice Stoicorum sententiam defendisti, quodque me maxime delectat, plurimis nostris exemplis usus est, et iis quidem claris et illustribus. Dicendum est mihi igitur ad ea quae sunt a te dicta, sed ita nihil ut adfirmem, quaeram omnia, dubitans plerumque et mihi ipse diffidens. Si enim aliquid certi haberem quod dicerem ego ipse divinarem, qui esse divinationem nego. **9** Etenim me movet illud, quod in primis Carneades quaerere solebat, quarumnam rerum divinatio esset, earumne, quae sensibus perciperentur. At eas quidem cernimus, audimus, gustamus, olfacimus, tangimus. Num quid ergo in his rebus est quod previsionem aut permotionem mentis magis quam natura ipsa sentiamus? Aut num nescio qui ille divinus, si oculis captus sit, ut Tiresias fuit, possit, quae alba sint, quae nigra dicere, aut, si surdus sit, varietates vocum aut modos noscere? Ad nullam igitur earum rerum quae sensu accipiuntur divinatio adhibetur. Atqui ne in iis quidem rebus quae arte tractantur divinatione opus est. Etenim ad aegros non vates aut hariolos, sed medicos solemus adducere; nec vero qui fidibus aut tibiis uti volunt ab haruspicibus accipiunt earum tractationem, sed a musicis. **10** Eadem in litteris ratio est reliquisque rebus quarum est disciplina. Num censes eos qui divinare dicuntur posse respondere sol maiore quam terra sit an tantus quantus videatur? lunaque suo lumine an solis utatur? sol, luna quem motum habeat? quem quinque stellae, quae errare dicuntur? Nec haec qui divini habentur profitentur se esse dicturos, nec eorum quae in geometria describuntur, quae vera, quae falsa sint; sunt enim ea mathematicorum, non hariolorum.

IV De illis vero rebus quae in philosophia versantur, num quid est quod quisquam divinorum aut respondere soleat aut consuli, quid bonum sit, quid malum, quid neutrum? Sunt enim haec propria philosophorum. **11** Quid? de officio num quis haruspicem consulit quem ad modum sit cum parentibus, cum fratribus, cum amicis vivendum? Quem ad modum utendum pecunia, quem ad modum honore, quem ad modum imperio? Ad sapientes haec, non ad divinos referri solent. Quid? quae a

dialecticis aut physicis tractantur, num quid eorum divinari potest? Unusne mundus sit an plures, quae sint initia rerum, ex quibus nascuntur omnia – physicorum est ista prudentia. Quo modo autem mentientem – quem yseudo/menon vocant – dissolvas aut quem ad modum soriti resistas – quem, si necesse sit, Latino verbo liceat acervalem appellare; sed nihil opus est; ut enim ipsa philosophia et multa verba Graecorum, sic sorites satis Latino sermone tritus est – ergo haec quoque dialectici dicent, non divini. Quid? cum quaeritur qui sit optimus rei publicae status, quae leges, qui mores aut utiles aut inutiles, haruspicesne ex Etruria arcessentur, an principes statuent et delecti viri periti rerum civilium? **12** Quodsi nec earum rerum quae subiectae sensibus sunt ulla divinatio est, nec earum quae artibus continentur, nec earum, quae in philosophia disseruntur, nec earum quae in re publica versantur, quarum rerum sit nihil prorsus intellego; nam aut omnium debet esse, aut aliqua ei materia danda est in qua versari possit. Sed nec omnium divinatio est, ut ratio docuit, nec locus nec materia invenitur, cui divinationem praeficere possimus. **V** Vide igitur, ne nulla sit divinatio. Est quidam Graecus vulgaris in hanc sententiam versus:

Bene qui coniciet, vatem hunc perhibebo optimum.

Num igitur aut quae tempestas impendeat vates melius coniciet quam gubernator, aut morbi naturam acutius quam medicus, aut belli administrationem prudentius quam imperator coniectura adsequetur?

13 Sed animadverti, Quinte, te caute et ab iis coniecturis quae haberent artem atque prudentiam et ab iis rebus quae sensibus aut artificiis perciperentur abducere divinationem eamque ita definire: divinationem esse earum rerum praedictionem et praesensionem quae essent fortuitae. Primum eodem revolveris. Nam et medici et gubernatoris et imperatoris praesensio est rerum fortuitarum. Num igitur aut haruspex aut augur aut vates quis aut somnians melius coniecerit aut e morbo evasurum aegrotum aut e periculo navem aut ex insidiis exercitum quam medicus, quam gubernator, quam imperator? **14** Atqui ne illa quidem divinantis esse dicebas, ventos aut imbres impendentes quibusdam praesentire signis (in quo nostra quaedam Aratea memoriter a te pronuntiata sunt), etsi haec ipsa fortuita sunt, plerumque enim, non semper eveniunt. Quae est igitur aut ubi versatur fortuitarum rerum praesensio, quam divinationem vocas? Quae enim praesentiri aut arte aut ratione aut usu aut coniectura possunt, ea non divinis tribuenda putas, sed peritis. Ita relinquitur ut ea fortuita divinari possint quae nulla nec arte nec sapientia provideri possunt, ut si quis M. Marcellum illum, qui ter consul fuit, multis annis ante dixisset naufragio esse periturum divinasset profecto; nulla enim arte alia id nec sapientia scire potuisset. Talium ergo rerum quae in fortuna positae sunt praesensio divinatio est.

VI 15 Potestne igitur earum rerum quae nihil habent rationis quare futurae sint esse ulla praesensio? Quid est enim aliud fors, quid fortuna, quid casus, quid eventus, nisi cum sic aliquid cecidit, sic evenit, ut vel aliter cadere atque evenire potuerit? Quomodo ergo id quod temere fit, caeco casu et volubilitate fortunae, praesentiri et praedici potest? **16** Medicus morbum ingravescentem ratione providet, insidias imperator, tempestates gubernator; et tamen ii ipsi saepe falluntur, qui nihil sine certa ratione opinantur; ut agricola, cum florem oleae videt, bacam quoque se visurum putat,

non sine ratione ille quidem, sed non numquam tamen fallitur. Quodsi falluntur ii qui nihil sine aliqua probabili coniectura ac ratione dicunt, quid existimandum est de coniectura eorum qui extis aut avibus aut ostentis aut oraculis aut somniis futura praesentiunt? Nondum dico quam haec signa nulla sint, fissum iecoris, corvi cantus, volatus aquilae, stellae traiectione, voces furentium, sortes, somnia; de quibus singulis dicam suo loco, nunc de universis. **17** Qui potest provideri quicquam futurum esse quod neque causam habet ullam neque notam cur futurum sit? Solis defectiones itemque lunae praedicuntur in multos annos ab iis qui siderum motus numeris persequuntur; ea praedicunt enim quae naturae necessitas perfectura est. Vident ex constantissimo motu lunae, quando illa e regione solis facta incurrat in umbram terrae, quae est meta noctis, ut eam obscurari necesse sit, quandoque eadem luna subiecta atque opposita soli nostris oculis eius lumen obscuret, quo in signo quaeque errantium stellarum quoque tempore futura sit, qui exortus quoque die signi alicuius aut qui occasus futurus sit. Haec qui ante dicunt, quam rationem sequantur vides. **VII 18** Qui thesaurum inventum iri aut hereditatem venturam dicunt, quid sequuntur? Aut in qua rerum natura inest id futurum? Quodsi haec eaque quae sunt eiusdem generis habent aliquam talem necessitatem, quid est tandem, quod casu fieri aut forte fortuna putemus? Nihil enim est tam contrarium rationi et constantiae quam fortuna, ut mihi ne in deum quidem cadere videatur ut sciat quid casu et fortuito futurum sit. Si enim scit, certe illud eveniet; sin certe eveniet, nulla fortuna est; est autem fortuna; rerum igitur fortuitarum nulla praesensio est. **19** Aut si negas esse fortunam et omnia quae fiunt quaeque futura sunt ex omni aeternitate definita dicis esse fataliter, muta definitionem divinationis, quam dicebas praesensionem esse rerum fortuitarum. Si enim nihil fieri potest, nihil accidere, nihil evenire, nisi quod ab omni aeternitate certum fuerit esse futurum rato tempore, quae potest esse fortuna? Qua sublata qui locus est divinationi, quae a te fortuitarum rerum est dicta praesensio? Quamquam dicebas omnia quae fierent futurave essent fato contineri. Anile sane et plenum superstitionis fati nomen ipsum; sed tamen apud Stoicos de isto fato multa dicuntur; de quo alias; nunc quod necesse est. **VIII 20** Si omnia fato, quid mihi divinatio prodest? Quod enim is qui divinat praedicit, id vero futurum est, ut ne illud quidem sciam quale sit, quod Deiotarum, necessarium nostrum, ex itinere aquila revocavit; qui nisi revertisset, in eo conclavi ei cubandum fuisset quod proxima nocte corrui; ruina igitur oppressus esset. At id neque, si fatum fuerat, effugisset, nec, si non fuerat, in eum casum incidisset. Quid ergo adiuvat divinatio? Aut quid est quod me moneant aut sortes aut exta aut ulla praedictio? Si enim fatum fuit classes populi Romani bello Punico primo, alteram naufragio, alteram a Poenis depressam interire, etiamsi tripudium solistumum pulli fecissent L. Iunio et P. Claudio consulibus, classes tamen interissent. Sin, cum auspiciis obtemperatum esset, interiturae classes non fuerunt, non interierunt fato; vultis autem omnia fato; nulla igitur est divinatio. **21** Quodsi fatum fuit bello Punico secundo exercitum populi Romani ad lacum Trasumennum interire, num id vitari potuit, si Flaminius consul iis signis iisque auspiciis quibus pugnare prohibebatur paruisset? [Certe potuit.] Aut igitur non fato interiit exercitus – mutari enim fata non possunt – aut, si fato (quod certe vobis ita dicendum est), etiamsi obtemperasset auspiciis, idem eventurum fuisset. Ubi est igitur ista divinatio Stoicorum? Quae, si fato omnia fiunt, nihil nos admonere potest ut cautiores simus; quoquo enim modo nos gesserimus, fiet tamen illud quod futurum est; sin autem id potest flecti, nullum est fatum; ita ne divinatio quidem, quoniam ea rerum

futurarum est. Nihil autem est pro certo futurum quod potest aliqua procuratione accidere ne fiat.

IX 22 Atque ego ne utilem quidem arbitror esse nobis futurarum rerum scientiam. Quae enim vita fuisset Priamo, si ab adolescentia scisset quos eventus senectutis esset habiturus? Abeamus a fabulis, propiora videamus. Clarissimorum hominum nostrae civitatis gravissimos exitus in Consolatione collegimus. Quid igitur? Ut omittamus superiores, Marcone Crasso putas utile fuisse tum cum maxumis opibus fortunisque florebat scire sibi interfecto Publio filio exercituque deleto trans Euphratem cum ignominia et dedecore esse pereundum? An Cn. Pompeium censes tribus suis consulatibus, tribus triumphis, maximarum rerum gloria laetaturum fuisse, si sciret se in solitudine Aegyptiorum trucidatum iri amisso exercitu, post mortem vero ea consecutura quae sine lacrimis non possumus dicere? **23** Quid vero Caesarem putamus, si divinasset fore ut in eo senatu, quem maiore ex parte ipse cooptasset, in curia Pompeia, ante ipsius Pompei simulacrum, tot centurionibus suis inspectantibus, a nobilissimis civibus, partim etiam a se omnibus rebus ornatis, trucidatus ita iaceret ut ad eius corpus non modo amicorum, sed ne servorum quidem quisquam accederet, quo cruciatu animi vitam acturum fuisse? Certe igitur ignoratio futurorum malorum utilior est quam scientia. **24** Nam illud quidem dici, praesertim a Stoicis, nullo modo potest: non isset ad arma Pompeius, non transisset Crassus Euphratem, non suscepisset bellum civile Caesar. Non igitur fatalis exitus habuerunt; vultis autem evenire omnia fato: nihil ergo illis profuisset divinare; atque etiam omnem fructum vitae superioris perdidissent; quid enim posset iis esse laetum exitus suos cogitantibus? Ita, quoquo sese verterint Stoici, iaceat necesse est omnis eorum sollertia. Si enim id quod eventurum est vel hoc vel illo modo potest evenire, fortuna valet plurimum; quae autem fortuita sunt, certa esse non possunt. Sin autem certum est quid quaque de re quoque tempore futurum sit, quid est quod me adiuvent haruspices? Qui cum res tristissimas portendi dixerunt, (**X 25**) addunt ad extremum omnia levius casura rebus divinis procuratis; si enim nihil fit extra fatum, nihil leviri re divina potest. Hoc sentit Homerus, cum querentem Iovem inducit quod Sarpedonem filium a morte contra fatum eripere non posset. Hoc idem significat Graecus ille in eam sententiam versus:

Quod fore paratum est, id summum exsuperat Iovem.

Totum omnino fatum etiam Atellanio versu iure mihi esse inrisum videtur; sed in rebus tam severis non est iocandi locus. Concludatur igitur ratio: si enim provideri nihil potest futurum esse eorum quae casu fiunt quia esse certa non possunt, divinatio nulla est; sin autem idcirco possunt provideri quia certa sunt et fatalia, rursus divinatio nulla est; eam enim tu fortuitarum rerum esse dicebas. **26** Sed haec fuerit nobis tamquam levis armaturae prima orationis excursio; nunc comminus agamus experiamurque si possimus cornua commovere disputationis tuae.

XI Duo enim genera divinandi esse dicebas, unum artificiosum, alterum naturale; artificiosum constare partim ex coniectura, partim ex observatione diuturna; naturale quod animus arriperet aut exciperet extrinsecus ex divinitate, unde omnes animos haustos aut acceptos aut libatos haberemus. Artificiosa divinationis illa fere genera ponebas: extispicum eorumque qui ex fulgoribus ostentisque praedicerent, tum augurum eorumque qui signis aut ominibus uterentur, omneque genus coniecturale in

hoc fere genere ponebas. **27** Illud autem naturale aut concitatione mentis edi et quasi fundi videbatur, aut animo per somnum sensibus et curis vacuo provideri. Duxisti autem divinationem omnem a tribus rebus, a deo, a fato, a natura. Sed tamen cum explicare nihil posses, pugnasti commenticiorum exemplorum mirifica copia. De quo primum hoc libet dicere: hoc ego philosophi non esse arbitror, testibus uti qui aut casu veri aut malitia falsi fictique esse possunt; argumentis et rationibus oportet quare quidque ita sit docere, non eventis, iis praesertim quibus mihi liceat non credere.

XII 28 Ut ordiar ab haruspicina, quam ego rei publicae causa communisque religionis colendam censeo - sed soli sumus; licet verum exquirere sine invidia, mihi praesertim de plerisque dubitanti -, inspiciamus, si placet, exta primum. Persuaderi igitur cuiquam potest ea quae significari dicuntur extis cognita esse ab haruspibus observatione diuturna? Quam diuturna ista fuit? Aut quam longinquo tempore observari potuit? Aut quo modo est conlatum inter ipsos, quae pars inimica, quae pars familiaris esset; quod fissum periculum, quod commodum aliquod ostenderet? An haec inter se haruspices Etrusci, Elii, Aegyptii, Poeni contulerunt? At id, praeterquam quod fieri non potuit, ne fingi quidem potest; alios enim alio more videmus exta interpretari nec esse unam omnium disciplinam. **29** Et certe, si est in extis aliqua vis quae declaret futura, necesse est eam aut cum rerum natura esse coniunctam aut conformari quodam modo numine deorum vique divina. Cum rerum natura tanta tamque praeclara in omnes partes motusque diffusa quid habere potest commune, non dicam gallinaceum fel (sunt enim qui vel argutissima haec exta esse dicant), sed tauri opimi iecur aut cor aut pulmo – quid habet naturale quod declarare possit quid futurum sit? **XIII 30** Democritus tamen non inscite nugatur, ut physicus, quo genere nihil adrogantius:

Quod est ante pedes nemo spectat, caeli scrutantur plagas.

Verum is tamen habitu extorum et colore declarari censet haec dumtaxat: pabuli genus et earum rerum quas terra procreet vel ubertatem vel tenuitatem; salubritatem etiam aut pestilentiam extis significari putat. O mortalem beatum! cui certo scio ludum numquam defuisse! Huncine hominem tantis delectatum esse nugis ut non videret tum futurum id veri simile, si omnium pecudum exta eodem tempore eundem habitum se coloremque converterent! Sed si eadem hora aliae pecudis iecur nitidum atque plenum est, aliae horridum et exile, quid est quod declarari possit habitu extorum et colore? **31** An hoc eiusdem modi est quale Pherecydeum illud quod est a te dictum? Qui cum aquam ex puteo vidisset haustam terrae motum dixit futurum. Parum, credo, impudenter, quod, cum factus est motus, dicere audent quae vis id effecerit; etiamne futurum esse aquae iugis colore praesentiunt? Multa istius modi dicuntur in scholis, sed credere omnia vide ne non sit necesse. **32** Verum sint sane ista Democritea vera; quando ea nos extis exquirimus? Aut quando aliquid eius modi ab haruspice inspectis extis audivimus? Ab aqua aut ab igni pericula monent; tum hereditates, tum damna denuntiant; fissum familiare et vitale tractant; caput iecoris ex omni parte diligentissime considerant; si vero id non est inventum nihil putant accidere potuisse tristius. **XIV 33** Haec observari certe non potuerunt, ut supra docui. Sunt igitur artis inventa, non vetustatis, si est ars ulla rerum incognitarum; cum rerum autem natura quam cognationem habent? Quae ut uno consensu iuncta sit et continens, quod video placuisse physicis, eisque maxime qui omne quod esset unum esse dixerunt, quid habere mundus potest cum thesauri

inventionem coniunctum? Si enim extis pecuniae mihi amplificatio ostenditur idque fit natura, primum exta sunt coniuncta mundo, deinde meum lucrum natura rerum continetur. Nonne pudet physicos haec dicere? Ut enim iam sit aliqua in natura rerum contagio, quam esse concedo (multa enim Stoici colligunt; nam et musculorum iecuscula bruma dicuntur augeri, et puleium aridum florescere brumali ipso die, et inflatas rumpi vesiculas, et semina malorum, quae in iis mediis inclusa sint, in contrarias partis se vertere, iam nervos in fidibus aliis pulsus resonare alios, ostreisque et conchyliis omnibus contingere ut cum luna pariter crescant pariterque decrescant, arboresque ut hiemali tempore cum luna simul senescente, quia tum exsiccatae sint, tempestive caedi putentur. **34** quid de fretis aut de marinis aestibus plura dicam? Quorum accessus et recessus lunae motu gubernantur. Sescenta licet eiusdem modi proferri, ut distantium rerum cognatio naturalis appareat) - demus hoc, nihil enim huic disputationi adversatur; num etiam, si fissum cuiusdam modi fuerit in iecore, lucrum ostenditur? Qua ex coniunctione naturae et quasi concentu atque consensu, quam sumpa/qaian Graeci appellant, convenire potest aut fissum iecoris cum lucello meo aut meus quaesticulus cum caelo, terra, rerumque natura? **XV** Concedam hoc ipsum, si vis, etsi magnam iacturam causae fecero, si ullam esse convenientiam naturae cum extis concessero. **35** Sed tamen eo concessio qui evenit, ut is qui impetire velit convenientem hostiam rebus suis immolet? Hoc erat quod ego non rebar posse dissolvi. At quam festive dissolvitur! Pudet me non tui quidem, cuius etiam memoriam admiror, sed Chrysippi, Antipatri, Posidoni, qui idem istuc quidem dicunt quod est dictum a te, ad hostiam deligendam ducem esse vim quandam sentientem atque divinam, quae toto confusa mundo sit. Illud vero multo etiam melius, quod et a te usurpatum est et dicitur ab illis: cum immolare quispiam velit, tum fieri extorum mutationem, ut aut absit aliquid aut supersit; deorum enim numini parere omnia. **36** Haec iam, mihi crede, ne aniculae quidem existimant. An censes eundem vitulum si alius delegerit, sine capite iecur inventurum; si alius, cum capite? Haec decessio capitis aut accessio subitone fieri potest, ut se exta ad immolatoris fortunam accommodent? Non perspicitis aleam quandam esse in hostiis deligendis, praesertim cum res ipsa doceat? Cum enim tristissima exta sine capite fuerunt, [quibus nihil videtur esse dirius,] proxima hostia litatur saepe pulcherrime. Ubi igitur illae minae superiorum extorum? Aut quae tam subito facta est deorum tanta placatio?

XVI Sed adfers in tauri opimi extis immolante Caesare cor non fuisse; id quia non potuerit accidere ut sine corde victima illa viveret, iudicandum esse tum interisse cor cum immolaretur. **37** Qui fit ut alterum intellegas, sine corde non potuisse bovem vivere, alterum non videas, cor subito non potuisse nescio quo avolare? Ego enim possum vel nescire quae vis sit cordis ad vivendum, vel suspicari contractum aliquo morbo bovis exile et exiguum et vietum cor et dissimile cordis fuisse; tu vero quid habes quare putes, si paulo ante cor fuerit in tauro opimo, subito id in ipsa immolatione interisse? An quod aspexerit vestitu purpureo excordem Caesarem ipse corde privatus est? Urbem philosophiae, mihi crede, proditis, dum castella defenditis; nam, dum haruspicinam veram esse vultis, physiologiam totam pervertitis. Caput est in iecore, cor in extis: iam abscedet, simul ac molam et vinum inspersionis; deus id eripiet, vis aliqua conficiet aut exedet. Non ergo omnium interitus atque obitus natura conficiet, et erit aliquid quod aut ex nihilo oriatur aut in nihilum subito occidat. Quis hoc physicus dixit umquam? Haruspices dicunt; his igitur quam physicis credendum potius existumas? **XVII 38** Quid?

Cum pluribus deis immolatur, qui tandem evenit ut litetur aliis, aliis non litetur? Quae autem inconstantia deorum est, ut primis minentur extis, bene promittant secundis? Aut tanta inter eos dissensio, saepe etiam inter proximos, ut Apollinis exta bona sint, Dianae non bona? Quid est tam perspicuum quam, cum fortuito hostiae adducantur, talia cuique exta esse qualis cuique obtigerit hostia? At enim id ipsum habet aliquid divini, quae cuique hostia obtingat, tamquam in sortibus, quae cui ducatur. Mox de sortibus; quamquam tu quidem non hostiarum causam confirmas sortium similitudine, sed infirmas sortis conlatione hostiarum. **39** An, cum in Aequimaelium misimus qui adferat agnum quem immolemus, is mihi agnus adfertur qui habet exta rebus accommodata, et ad eum agnum non casu sed duce deo servus deducitur? Nam si casum in eo quoque esse dicis quasi sortem quandam cum deorum voluntate coniunctam, doleo tantam Stoicos nostros Epicureis inridendi sui facultatem dedisse; non enim ignoras quam ista derideant. **40** Et quidem illi facilius facere possunt; deos enim ipsos iocandi causa induxit Epicurus perlucidos et perflabilis et habitantis tamquam inter duos lucos sic inter duos mundos propter metum ruinarum, eosque habere putat eadem membra quae nos nec usum ullum habere membrorum. Ergo hic circumitione quadam deos tollens recte non dubitat divinationem tollere; sed non, ut hic sibi constat, item Stoici. Illius enim deus nihil habens nec sui nec alieni negoti non potest hominibus divinationem inpertire; vester autem deus potest non inpertire, ut nihilo minus mundum regat et hominibus consulat. **41** Cur igitur vos induitis in eas captiones quas numquam explicetis? Ita enim, cum magis properant, concludere solent: "Si di sunt, est divinatio; sunt autem di; est ergo divinatio." Multo est probabilius: "non est autem divinatio; non sunt ergo di." Vide quam temere committant ut, si nulla sit divinatio, nulli sint di. Divinatio enim perspicue tollitur, deos esse retinendum est.

XVIII 42 Atque hac extispicum divinatione sublata omnis haruspicina sublata est. Ostenta enim sequuntur et fulgura. Valet autem in fulguribus observatio diuturna, in ostentis ratio plerumque coniecturaque adhibetur. Quid est igitur quod observatum sit in fulgure? Caelum in sedecim partes diviserunt Etrusci. Facile id quidem fuit, quattuor quas nos habemus duplicare, post idem iterum facere, ut ex eo dicerent fulmen qua ex parte venisset. Primum id quid interest? Deinde quid significat? Nonne perspicuum est ex prima admiratione hominum, quod tonitrua iactusque fulminum extimuisent, credidisse ea efficere rerum omnium praepotentem Iovem? Itaque in nostris commentariis scriptum habemus: "Iove tonante, fulgurante comitia populi habere nefas." **43** Hoc fortasse rei publicae causa constitutum est; comitiorum enim non habendorum causas esse voluerunt. Itaque comitiorum solum vitium est fulmen, quod idem omnibus rebus optimum auspiciam habemus, si sinistrum fuit. Sed de auspiciis alio loco; nunc de fulgoribus.

XIX Quid igitur minus a physicis dici debet quam quicquam certi significari rebus incertis? Non enim te puto esse eum qui Iovi fulmen fabricatos esse Cyclopas in Aetna putes. **44** Nam esset mirabile quo modo id Iuppiter totiens iaceret, cum unum haberet; nec vero fulminibus homines quid aut faciendum esset aut cavendum moneret. Placet enim Stoicis eos anhelitus terrae qui frigidi sint, cum fluere coeperint, ventos esse; cum autem se in nubem induerint eiusque tenuissimam quamque partem coeperint dividere atque dirumpere idque crebrius facere et vehementius, tum et fulgores et tonitrua existere; si autem nubium conflictu ardor expressus se emiserit, id esse fulmen. Quod

igitur vi naturae, nulla constantia, nullo rato tempore videmus effici, ex eo significationem rerum consequentium quaerimus? Scilicet, si ista Iuppiter significaret, tam multa frustra fulmina emitteret! **45** Quid enim proficit cum in medium mare fulmen iecit? Quid cum in altissimos montis, quod plerumque fit? Quid cum in desertas solitudines? Quid cum in earum gentium oras in quibus haec ne observantur quidem?

XX At inventum est caput in Tiberi. Quasi ego artem aliquam istorum esse negem! divinationem nego. Caeli enim distributio, quam ante dixi, et certarum rerum notatio docet unde fulmen venerit, quo concesserit; quid significet autem nulla ratio docet. Sed urges me meis versibus:

Nam pater altitonans stellanti nixus Olympo

Ipse suos quondam tumulos ac templa petivit

Et Capitolinis iniecit sedibus ignis.

Tum statua Nattae, tum simulacra deorum Romulusque et Remus cum altrice belua vi fulminis icti conciderunt, deque his rebus haruspicum exstiterunt responsa verissima. **46** Mirabile autem illud, quod eo ipso tempore quo fieret indicium coniurationis in senatu signum Iovis biennio post quam erat locatum in Capitolio conlocabatur. "Tu igitur animum induces" (sic enim tecum agebas) "causam istam et contra facta tua et contra scripta defendere?" Frater es; eo vereor. Verum quid tibi hic tandem nocet? Resne quae talis est, an ego, qui verum explicari volo? Itaque nihil contra dico, a te rationem totius haruspicinae peto. Sed te mirificam in latebram coniecisti; quod enim intellegeres fore ut premerere, cum ex te causas unius cuiusque divinationis exquirerem, multa verba fecisti te, cum res videres, rationem causamque non quaerere; quid fieret, non cur fieret, ad rem pertinere. Quasi ego aut fieri concederem aut esset philosophi causam cur quidque fieret non quaerere! **47** Et eo quidem loco et Prognostica nostra pronuntiabas et genera herbarum, scamnoneam aristolochiamque radicem, quarum causam ignorares, vini et effectum videres. **XXI** Dissimile totum; nam et prognosticorum causas persecuti sunt et Boëthus Stoicus, qui est a te nominatus, et noster etiam Posidonius, et, si causae non reperiantur istarum rerum, res tamen ipsae observari animadvertique potuerunt. Nattae vero statua aut aera legum de caelo tacta quid habent observatum ac vetustum? Pinarii Nattae nobiles; a nobilitate igitur periculum. Hoc tam callide Iuppiter excogitavit! Romulus lactens fulmine ictus; urbi igitur periculum ostenditur ei quam ille condidit. Quam scite per notas nos certiores facit Iuppiter! At eodem tempore signum Iovis conlocabatur, quo coniuratio indicabatur. Et tu scilicet mavis numine deorum id factum quam casu arbitrari, et redemptor, qui columnam illam de Cotta et de Torquato conduxerat faciendam, non inertia aut inopia tardior fuit sed a deis immortalibus ad istam horam reservatus est. **48** Non equidem plane despero ista esse vera, sed nescio et discere a te volo. Nam cum mihi quaedam casu viderentur sic evenire ut praedicta essent a divinantibus, dixisti multa de casu, ut Venerium iaci posse casu quattuor talis iactis, sed quadringentis centum Venerios non posse casu consistere. Primum nescio cur non possint, sed non pugno; abundas enim similibus. Habes et respersionem pigmentorum et rostrum suis et alia permulta. Idem Carneadem fingere dicis de capite Panisci; quasi non potuerit id evenire casu et non in omni marmore necesse sit inesse vel Praxitelia capita! Illa enim ipsa efficiuntur detractone,

neque quicquam illuc adfertur a Praxitele; sed cum multa sunt detracta et ad liniamenta oris perventum est, tum intellegas illud quod iam expolitum sit intus fuisse. **49** Potest igitur tale aliquid etiam sua sponte in lapicidinis Chiorum exstitisse. Sed sit hoc fictum; quid? in nubibus numquam animadvertisti leonis formam aut hippocentauri? Potest igitur, quod modo negabas, veritatem casus imitari.

XXII Sed quoniam de extis et de fulgoribus satis est disputatum, ostenta restant, ut tota haruspicina sit pertractata. Mulae partus prolatus est a te. Res mirabilis, propterea quia non saepe fit; sed si fieri non potuisset facta non esset. Atque hoc contra omnia ostenta valeat, numquam quod fieri non potuerit, esse factum; sin potuerit non esse mirandum. Causarum enim ignoratio in re nova mirationem facit; eadem ignoratio si in rebus usitatis est non miramur. Nam qui mulam peperisse miratur, is quo modo equa pariat, aut omnino quae natura partum animantis faciat ignorat. Sed quod crebro videt non miratur, etiamsi cur fiat nescit; quod ante non vidit, id si evenit, ostentum esse censet. Utrum igitur cum concepit mula an cum peperit, ostentum est? **50** Conceptio contra naturam fortasse, sed partus prope necessarius.

XXIII Sed quid plura? Ortum videamus haruspicinae; sic facillime quid habeat auctoritatis iudicabimus. Tages quidam dicitur in agro Tarquiniensi, cum terra araretur et sulcus altius esset impressus, exstitisse repente et eum adfatus esse qui arabat. Is autem Tages, ut in libris est Etruscorum, puerili specie dicitur visus, sed senili fuisse prudentia. Eius adspectu cum obstipuisset bubulcus clamoremque maiorem cum admiratione edidisset, concursum esse factum, totamque brevi tempore in eum locum Etruriam convenisse; tum illum plura locutum multis audientibus, qui omnia verba eius exceperint litterisque mandarint; omnem autem orationem fuisse eam qua haruspicinae disciplina contineretur; eam postea crevisse rebus novis cognoscendis et ad eadem illa principia referendis. Haec accepimus ab ipsis, haec scripta conservant, hunc fontem habent disciplinae. **51** Num ergo opus est ad haec refellenda Carneade? Num Epicuro? Estne quisquam ita desipiens qui credat exaratum esse, deum dicam an hominem? Si deum, cur se contra naturam in terram abdiderat, ut patefactus aratro lucem adspiceret? Quid? idem nonne poterat deus hominibus disciplinam superiore e loco tradere? Si autem homo ille Tages fuit, quonam modo potuit terra oppressus vivere? Unde porro illa potuit quae docebat alios, ipse didicisse? Sed ego insipientior quam illi ipsi qui ista credunt, qui quidem contra eos tam diu disputem.

XXIV Vetus autem illud Catonis admodum scitum est, qui mirari se aiebat quod non rideret haruspex haruspicem cum vidisset. **52** Quota enim quaeque res evenit praedicta ab istis? Aut, si evenit quippiam, quid adferri potest cur non casu id evenerit? Rex Prusias, cum Hannibali apud eum exsulanti depugnari placeret, negabat se audere, quod exta prohiberent. "Ain tu?" inquit, "carunculae vitulinae mavis quam imperatori veteri credere?" Quid? Ipse Caesar, cum a summo haruspice moneretur ne in Africam ante brumam transmitteret, nonne transmisit? Quod ni fecisset, uno in loco omnes adversariorum copiae convenissent. Quid ego haruspicum responsa commemorem (possum equidem innumerabilia), quae aut nullos habuerint exitus aut contrarios? **53** Hoc civili bello, di immortales! quam multa luserunt! Quae nobis in Graeciam Roma responsa haruspicum missa sunt! Quae dicta Pompeio! Etenim ille admodum extis et ostentis movebatur. Non lubet commemorare, nec vero necesse est, tibi praesertim, qui

interfuisti; vides tamen omnia fere contra ac dicta sint evenisse. Sed haec hactenus; nunc ad ostenta veniamus.

XXV 54 Multa me consule a me ipso scripta recitasti, multa ante Marsicum bellum a Sisenna collecta attulisti, multa ante Lacedaemoniorum malam pugnam in Leuctris a Callisthene commemorata dixisti; de quibus dicam equidem singulis, quoad videbitur; sed dicendum etiam est de universis. Quae est enim ista a deis profecta significatio et quasi denuntiatio calamitatum? Quid autem volunt di immortales primum ea significantes quae sine interpretibus non possimus intellegere, deinde ea quae cavere nequeamus? At hoc ne homines quidem probi faciunt, ut amicis impendentis calamitates praedicant quas illi effugere nullo modo possint, ut medici, quamquam intellegunt saepe, tamen numquam aegris dicunt illo morbo eos esse morituros; omnis enim praedictio mali tum probatur cum ad praedictionem cautio adiungitur. **55** Quid igitur aut ostenta aut eorum interpretes vel Lacedaemonios olim vel nuper nostros adiuverunt? Quae si signa deorum putanda sunt, cur tam obscura fuerunt? Si enim ut intellegeremus quid esset eventurum, aperte declarari oportebat, aut ne occulte quidem, si ea sciri nolebant. **XXVI** Iam vero coniectura omnis, in qua nititur divinatio, ingeniis hominum in multas aut diversas aut etiam contrarias partis saepe diducitur. Ut enim in causis iudicialibus alia coniectura est accusatoris, alia defensoris et tamen utriusque credibilis, sic in omnibus iis rebus quae coniectura investigari videntur anceps reperitur oratio.

Quas autem res tum natura, tum casus adfert (non numquam etiam errorem creat similitudo), magna stultitia est earum rerum deos facere effectores, causas rerum non quaerere. **56** Tu vates Boeotios credis Leadiae vidisse ex gallorum gallinaceorum cantu victoriam esse Thebanorum, quia galli victi silere solerent, canere victores. Hoc igitur per gallinas Iuppiter tantae civitati signum dabat? An illae aves nisi cum vicerunt canere non solent? At tum canebant nec vicerant. Id enim est, inquires, ostentum. Magnum vero! quasi pisces, non galli cecinerint! Quod autem est tempus quo illi non cantent vel nocturnum vel diurnum? Quodsi victores alacritate et quasi laetitia ad canendum excitantur, potuit accidisse alia quoque laetitia, quae ad cantum moverentur. **57** Democritus quidem optimis verbis causam explicat cur ante lucem galli canant: depulso enim de pectore et in omne corpus diviso et mitificato cibo cantus edere quiete satiatos; qui quidem "silientio noctis", ut ait Ennius,

... favent faucibus rursis

Cantu, plausuque premunt alas.

Cum igitur hoc animal tam sit canorum sua sponte, quid in mentem venit Callistheni dicere deos gallis signum dedisse cantandi, cum id vel natura vel casus efficere potuisset?

XXVII 58 Sanguine pluisse senatui nuntiatum est, Atratum etiam fluvium fluxisse sanguine, deorum sudasse simulacra. Num censes his nuntiis Thalen aut Anaxagoran aut quemquam physicum crediturum fuisse? Nec enim sanguis nec sudor nisi e corpore. Sed et decoloratio quaedam ex aliqua contagione terrena maxime potest sanguini similis esse, et umor adlapsus extrinsecus, ut in tectoriis videmus austro,

sudorem videtur imitari. Atque haec in bello plura et maiora videntur timentibus, eadem non tam animadvertuntur in pace; accedit illud etiam, quod in metu et periculo cum creduntur facilius, tum finguntur impunius. **59** Nos autem ita leves atque inconsiderati sumus ut si mures corroserint aliquid, quorum est opus hoc unum, monstrum putemus? Ante vero Marsicum bellum quod clipeos Lanuvi, ut a te dictum est, mures rosissent, maximum id portentum haruspices esse dixerunt; quasi vero quicquam intersit mures diem noctem aliquid rodentes scuta an cribra corroserint! Nam si ista sequimur, quod Platonis Politian nuper apud me mures corroserunt, de re publica debui pertimescere, aut, si Epicuri de voluptate liber rosus esset, putarem annonam in macello cariorem fore.

XXVIII 60 An vero illa nos terrent, si quando aliqua portentosa aut ex pecude aut ex homine nata dicuntur? Quorum omnium, ne sim longior, una ratio est. Quicquid enim oritur, qualecumque est, causam habeat a natura necesse est, ut, etiamsi praeter consuetudinem exstiterit, praeter naturam tamen non possit exsistere. Causam igitur investigato in re nova atque admirabili, si poteris; si nullam reperies, illud tamen exploratum habeto, nihil fieri potuisse sine causa, eumque terrorem, quem tibi rei novitas attulerit, naturae ratione depellito. Ita te nec terrae fremitus nec caeli discessus nec lapideus aut sanguineus imber nec traiectio stellae nec faces visae terrebunt. **61** Quorum omnium causas si a Chrysippo quaeram, ipse ille divinationis auctor numquam illa dicet facta fortuito naturalemque rationem omnium reddet; nihil enim fieri sine causa potest; nec quicquam fit, quod fieri non potest; nec, si id factum est quod potuit fieri, portentum debet videri; nulla igitur portenta sunt. Nam si, quod raro fit, id portentum putandum est, sapientem esse portentum est; saepius enim mulam peperisse arbitror quam sapientem fuisse. Illa igitur ratio concluditur: nec id quod non potuerit fieri factum umquam esse, nec quod potuerit id portentum esse; ita omnino nullum esse portentum. **62** Quod etiam coniecto quidam et interpres portentorum non inscite respondisse dicitur ei qui quondam ad eum rettulisset quasi ostentum quod anguis domi vectem circumiectus fuisset: "Tum esset", inquit, "ostentum, si anguem vectis circumplicavisset". Hoc ille responso satis aperte declaravit nihil habendum esse, quod fieri posset, ostentum.

XXIX C. Gracchus ad M. Pomponium scripsit duobus anguibus domi comprehensis haruspices a patre convocatos. Qui magis anguibus quam lacertis, quam muribus? Quia sunt haec cotidiana, angues non item; quasi vero referat, quod fieri potest, quam id saepe fiat. Ego tamen miror si emissio feminae anguis mortem adferebat Ti. Graccho, emissio autem maris anguis erat mortifera Corneliae, cur alteram utram emisit; nihil enim scribit respondisse haruspices si neuter anguis emissus esset quid esset futurum. At mors insecuta Gracchum est. Causa quidem, credo, aliqua morbi gravioris, non emissionem serpentis; neque enim tanta est infelicitas haruspicum ut ne casu quidem umquam fiat quod futurum illi esse dixerint. **XXX 63** Nam illud mirarer, si crederem, quod apud Homerum Calchantem dixisti ex passerum numero belli Troiani annos auguratum; de cuius coniectura sic apud Homerum, ut nos otiosi convertimus, loquitur Agamemnon:

Ferte, viri, et duros animo tolerate labores,

Auguris ut nostri Calchantis fata queamus

Scire ratosne habeant an vanos pectoris orsus.
Namque omnes memori portentum mente retentant,
Qui non funestis liquerunt lumina fati.
Argolicis primum ut vestita est classibus Aulis,
Quae Priamo cladem et Troiae pestemque ferebant,
Nos circum latices gelidos, fumantibus aris
Aurigeris divom placantes numina tauris,
Sub platano umbrifera, fons unde emanat aquai,
Vidimus immani specie tortuque draconem
Terribilem, Iovis ut pulsu penetraret ab ara;
Qui platani in ramo foliorum tegmine saeptos
Corripuit pullos; quos cum consumeret octo,
Nona super tremulo genetrix clangore volabat;
Cui ferox inmani laniavit viscera morsu.
64 Hunc, ubi tam teneros volucris matremque peremit,
Qui luci ediderat, genitor Saturnius idem
Abdidit et duro formavit tegmine saxi.
Nos autem timidi stantes mirabile monstrum
Vidimus in mediis divom vorsarier aris.
Tum Calchas haec est fidenti voce locutus:
'Quidnam torpentes subito obstipuistis, Achivi?
Nobis haec portenta deum dedit ipse creator
Tarda et sera nimis, sed fama ac laude perenni.
Nam quot avis taetro mactatas dente videtis,
Tot nos ad Troiam belli exanclabimus annos;
Quae decimo cadet et poena satiabit Achivos.'
Edidit haec Calchas; quae iam matura videtis."

65 Quae tandem ista auguratio est ex passeribus annorum potius quam aut mensuum aut dierum? Cur autem de passeribus coniecturam facit, in quibus nullum erat monstrum, de dracone silet, qui, id quod fieri non potuit, lapideus dicitur factus? Postremo quid simile habet passer annis? Nam de angue illo qui Sullae apparuit immolanti, utrumque memini, et Sullam, cum in expeditionem educturus esset, immolavisse, et anguem ab ara exstitisse, eoque die rem praeclare esse gestam non haruspicias consilio sed imperatoris.

XXXI 66 Atque haec ostentorum genera mirabile nihil habent; quae cum facta sunt, tum ad coniecturam aliqua interpretatione revocantur, ut illa tritici grana in os pueri Midiae congesta, aut apes quas dixisti in labris Platonis consedissee pueri, non tam mirabilia sint quam coniecta belle; quae tamen vel ipsa falsa esse vel ea quae praedicta sunt fortuito cecidisse potuerunt. De ipso Roscio potest illud quidem esse falsum, ut circumligatus fuerit angui, sed ut in cunis fuerit anguis non tam est mirum, in Solonio praesertim, ubi ad focum angues nundinari solent. Nam quod haruspices responderint nihil illo clarius, nihil nobiliter fore, miror deos immortales histrioni futuro claritatem ostendisse, nullam ostendisse Africano. **67** Atque etiam a te Flaminiana ostenta collecta sunt: quod ipse et equus eius repente conciderit; non sane mirabile hoc quidem! Quod evelli primi hastati signum non potuerit; timide fortasse signifer evellebat, quod fidenter infixerat. Nam Dionysi equus quid attulit admirationis quod emersit e flumine quodque habuit apes in iuba? Sed quia brevi tempore regnare coepit quod acciderat casu vim habuit ostenti. At Lacedaemoniis in Herculis fano arma sonuerunt, eiusdemque dei Thebis valvae clausae subito se aperuerunt, eaque scuta quae fuerant sublime fixa sunt humi inventa. Horum cum fieri nihil potuerit sine aliquo motu, quid est cur divinitus ea potius quam casu facta esse dicamus? **XXXII 68** At in Lysandri statucae capite Delphis exstitit corona ex asperis herbis, et quidem subita. Itane? Censes ante coronam herbae exstitisse quam conceptum esse semen? Herbam autem asperam credo avium congestu, non humano satu; iam quicquid in capite est, id coronae simile videri potest. Nam quod eodem tempore stellas aureas Castoris et Pollucis Delphis positas decidisse neque eas usquam repertas esse dixisti, furum id magis factum quam deorum videtur. **69** Simiae vero Dodonaeae improbitatem historiis Graecis mandatam esse demiror. Quid minus mirum quam illam monstruosissimam bestiam urnam evertisse, sortes dissipavisse? Et negant historici Lacedaemoniis ullum ostentum hoc tristius accidisse! Nam illa praedicta Veientium, si lacus Albanus redundasset isque in mare fluxisset, Romam perituram; si repressus esset, Veios - ita aqua Albana deducta ad utilitatem agri suburbani, non ad arcem urbemque retinendam. At paulo post audita vox est monentis ut providerent, ne a Gallis Roma caperetur; ex eo Aio Loquenti aram in nova via consecratam. Quid ergo? Aius iste Loquens, cum eum nemo norat, et aiebat et loquebatur [ex eo nomen invenit]; posteaquam et sedem et aram et nomen invenit, obmutuit? Quod idem dici de Moneta potest; a qua praeterquam de sue plena quid umquam moniti sumus?

XXXIII 70 Satis multa de ostentis; auspicia restant et sortes eae quae ducuntur, non illae quae vaticinatione funduntur, quae oracla verius dicimus; de quibus tum dicemus cum ad naturalem divinationem venerimus. Restat etiam de Chaldaeis; sed primum auspicia videamus. Difficilis auguri locus ad contra dicendum. Marso fortasse, sed Romano facillimus. Non enim sumus ii nos augures qui avium reliquorumve

signorum observatione futura dicamus. Et tamen credo Romulum, qui urbem auspicato condidit, habuisse opinionem esse in providendis rebus augurando scientiam (errabat enim multis in rebus antiquitas), quam vel usu iam vel doctrina vel vetustate immutatam videmus; retinetur autem et ad opinionem vulgi et ad magnas utilitates rei publicae mos, religio, disciplina, ius augurium, collegi auctoritas. **71** Nec vero non omni supplicio digni P. Claudius L. Iunius consules, qui contra auspicia navigaverunt; parendum enim religioni fuit nec patrius mos tam contumaciter repudiandus. Iure igitur alter populi iudicio damnatus est, alter mortem sibi ipse conscivit. Flaminius non paruit auspiciis, itaque periit cum exercitu. At anno post Paulus paruit; num minus cecidit in Cannensi pugna cum exercitu? Etenim, ut sint auspicia, quae nulla sunt, haec certe, quibus utimur, sive tripudio sive de caelo, simulacra sunt auspiciorum, auspicia nullo modo. **XXXIV** Q. FABI, TE MIHI IN AUSPICIO ESSE VOLO; respondet: AVDIVI. Hic apud maiores adhibebatur peritus, nunc quilubet. Peritum autem esse necesse est eum qui silentium quid sit intellegat; id enim silentium dicimus in auspiciis quod omni vitio caret. **72** Hoc intellegere perfecti auguris est; illi autem qui in auspiciis adhibetur, cum ita imperavit is qui auspicatur: DICITO, SI SILENTIUM ESSE VIDEBITUR, nec suspicit nec circumspicit; statim respondet silentium esse videri. Tum ille: DICITO, SI PASCENTUR. – PASCUNTUR. - Quae aves? Aut ubi? Attulit, inquit, in cavea pullos is qui ex eo ipso nominatur pullarius. Haec sunt igitur aves internuntiae Iovis! Quae pascantur necne quid refert? Nihil ad auspicia; sed quia cum pascuntur necesse est aliquid ex ore cadere et terram pavire (terripavium primo, post terripudium dictum est; hoc quidem iam tripudium dicitur) - cum igitur offa cecidit ex ore pulli, tum auspicanti tripudium solistimum nuntiatur. **XXXV 73** Ergo hoc auspiciis divini quicquam habere potest quod tam sit coactum et expressum? Quo antiquissimos augures non esse usos argumento est quod decretum collegii vetus habemus omnem avem tripudium facere posse. Tum igitur esset auspiciis (si modo esset ei liberum) se ostendisse; tum avis illa videri posset interpretis et satellites Iovis; nunc vero inclusa in cavea et fame enecta si in offam pulvis invadit et si aliquid ex eius ore cecidit, hoc tu auspiciis aut hoc modo Romulum auspicari solitum putas? **74** Iam de caelo servare non ipsos censes solitos qui auspicabantur? Nunc imperant pullario; ille renuntiat. Fulmen sinistrum auspiciis optimum quod habemus ad omnes res praeterquam ad comitia; quod quidem institutum rei publicae causa est, ut comitorum vel in iudiciis populi vel in iure legum vel in creandis magistratibus principes civitatis essent interpretes. At Ti. Gracchi litteris Scipio et Figulus consules, cum augures iudicassent eos vitio creatos esse, magistratu se abdicaverunt. Quis negat augurum disciplinam esse? Divinationem nego. At haruspices divini; quos cum Ti. Gracchus propter mortem repentinam eius qui in praerogativa referenda subito concidisset in senatum introduxisset, non iustum rogatorem fuisse dixerunt. **75** Primum vide ne in eum dixerint qui rogator centuriae fuisset; is enim erat mortuus; id autem sine divinatione coniectura poterant dicere. Deinde fortasse casu, qui nullo modo est ex hoc genere tollendus. Quid enim scire Etrusci haruspices aut de tabernaculo recte capto aut de pomerii iure potuerunt? Equidem adsentior C. Marcello potius quam App. Claudio, qui ambo mei collegae fuerunt, existimoque ius augurum, etsi divinationis opinione principio constitutum sit, tamen postea rei publicae causa conservatum ac retentum.

XXXVI 76 Sed de hoc loco plura in aliis, nunc hactenus. Externa enim auguria, quae sunt non tam artificiosa quam superstitiosa, videamus. Omnibus fere avibus

utuntur, nos admodum paucis; alia illis sinistra sunt, alia nostris. Solebat ex me Deiotarus percontari nostri augurii disciplinam, ego ex illo sui. Di immortales! quantum differebat! Ut quaedam essent etiam contraria. Atque ille iis semper utebatur, nos, nisi dum a populo auspicia accepta habemus, quam multum iis utimur? Bellicam rem administrari maiores nostri nisi auspiciato noluerunt; quam multi anni sunt cum bella a proconsulibus et a propraetoribus administrantur, qui auspicia non habent! **77** Itaque nec amnis transeunt auspiciato nec tripudio auspiciantur. Ubi ergo avium divinatio? Quae, quoniam ab iis qui auspicia nulla habent bella administrantur, ab urbanis retenta videtur, a bellicis esse sublata. Nam ex acuminibus quidem, quod totum auspicium militare est, iam M. Marcellus ille quinquies consul totum omisit, idem imperator, idem augur optumus. Et quidem ille dicebat, si quando rem agere vellet, ne impediretur auspiciis, lectica operata facere iter se solere. Huic simile est, quod nos augures praecipimus, ne iuges auspicium obveniat, ut iumenta iubeant diiungere. **78** Quid est aliud, nolle moneri a Iove nisi efficere ut aut ne fieri possit auspicium aut, si fiat, videri?

XXXVII Nam illud admodum ridiculum, quod negas Deiotarum auspiciorum quae sibi ad Pompeium proficiscenti facta sint paenitere, quod fidem secutus amicitiamque populi Romani functus sit officio; antiquiorem enim sibi fuisse laudem et gloriam quam regnum et possessiones suas. Credo equidem, sed hoc nihil ad auspicia; nec enim ei cornix canere potuit recte eum facere, quod populi Romani libertatem defendere pararet; ipse hoc sentiebat, sicuti sensit. **79** Aves eventus significant aut adversos aut secundos; virtutis auspiciis video esse usum Deiotarum, quae vetat spectare fortunam, dum praestetur fides. Aves vero si prosperos eventus ostenderunt certe fefellerunt. Fugit e proelio cum Pompeio; grave tempus! Discessit ab eo; luctuosa res! Caesarem eodem tempore hostem et hospitem vidit; quid hoc tristius? Is cum ei Trocmorum tetrarchiam eripisset et adseculae suo Pergameno nescio cui dedisset eidemque detraxisset Armeniam a senatu datam, cumque ab eo magnificentissimo hospitio acceptus esset, spoliatum reliquit et hospitem et regem. Sed labor longius; ad propositum revertar. Si eventa quaerimus quae exquiruntur avibus nullo modo prospera Deiotaro; sin officia, a virtute ipsius, non ab auspiciis petita sunt. **XXXVIII 80** Omitte igitur lituum Romuli, quem in maximo incendio negas potuisse comburi; contemne cotem Atti Navi. Nihil debet esse in philosophia commenticiis fabellis loci; illud erat philosophi potius, totius auguri primum naturam ipsam videre, deinde inventionem, deinde constantiam. Quae est igitur natura, quae volucris huc et illuc passim vagantis efficiat ut significant aliquid et tum vetent agere, tum iubeant aut cantu aut volatu? Cur autem aliis a laeva, aliis a dextra datum est avibus ut ratum auspicium facere possint? Quo modo autem haec aut quando aut a quibus inventa dicemus? Etrusci tamen habent exaratum puerum auctorem disciplinae suae; nos quem? Attumne Navium? At aliquot annis antiquior Romulus et Remus, ambo augures, ut accepimus. An Pisidarum aut Cilicum aut Phrygum ista inventa dicemus? Placet igitur humanitatis expertes habere divinitatis auctores?

XXXIX 81 At omnes reges, populi, nationes utuntur auspiciis. Quasi vero quicquam sit tam valde quam nihil sapere vulgare, aut quasi tibi ipsi in iudicando placeat multitudo! Quotus quisque est, qui voluptatem neget esse bonum? Plerique etiam summum bonum dicunt. Num igitur eorum frequentia Stoici de sententia deterrentur? Aut num plerisque in rebus sequitur eorum auctoritatem multitudo? Quid

mirum igitur, si in auspiciis et in omni divinatione imbecilli animi superstitiosa ista concipiant, verum dispicere non possint? **82** Quae autem est inter augures conveniens et coniuncta constantia? Ad nostri auguri consuetudinem dixit Ennius:

Tum tonuit laevum bene tempestate serena.

At Homericus Ajax apud Achillem querens de ferocitate Troianorum nescio quid hoc modo nuntiat:

Prospera Iuppiter his dextris fulgoribus edit.

Ita nobis sinistra videntur, Graiis et barbaris dextra meliora. Quamquam haud ignoro quae bona sint sinistra nos dicere, etiamsi dextra sint; sed certe nostri sinistrum nominaverunt externique dextrum, quia plerumque id melius videbatur. **83** Haec quanta dissensio est! Quid? quod aliis avibus utuntur, aliis signis, aliter observant, alia respondent, non necesse est fateri partim horum errore susceptum esse, partim superstitione, multa fallendo?

XL Atque his superstitionibus non dubitasti etiam omina adiungere. Aemilia Paulo, Persam perisse, quod pater omen accepit; Caecilia, se sororis filiae sedes suas tradere. Iam illa: favete linguis et praerogativam, omen comitiorum – hoc est ipsum esse contra se copiosum et disertum. Quando enim ista observans quieto et libero animo esse poteris, ut ad rem gerendam non superstitionem habeas, sed rationem ducem? Itane? Si quis aliquid ex sua re atque ex suo sermone dixerit et eius verbum aliquod apte ceciderit ad id quod ages aut cogitabis, ea res tibi aut timorem adferet aut alacritatem? **84** Cum M. Crassus exercitum Brundisi inponeret, quidam in portu caricas Cauno advectas vendens "Cauneas" clamitabat. Dicamus, si placet, monitum ab eo Crassum, caveret ne iret; non fuisse periturum, si omni paruisset. Quae si suscipiamus, pedis offensio nobis et abruptio corrigiae et sternumenta erunt observanda.

XLI 85 Sortes restant et Chaldaei, ut ad vates veniamus et ad somnia. Dicendum igitur putas de sortibus? Quid enim sors est? Idem prope modum quod micare, quod talos iacere, quod tesseras, quibus in rebus temeritas et casus, non ratio nec consilium valet. Tota res est inventa fallaciis aut ad quaestum aut ad superstitionem aut ad errorem. Atque ut in haruspicina fecimus, sic videamus clarissumarum sortium quae tradatur inventio. Numerium Suffustium Praenestinarum monumenta declarant, honestum hominem et nobilem, somniis crebris, ad extremum etiam minacibus cum iuberetur certo in loco silicem caedere, perterritum visis irridentibus suis civibus id agere coepisse; itaque perfracto saxo sortis erupisse in robore insculptas priscarum litterarum notis. Is est hodie locus saeptus religiose propter Iovis pueri, qui lactens cum Iunone Fortunae in gremio sedens mammam adpetens castissime colitur a matribus. **86** Eodemque tempore, in eo loco ubi Fortunae nunc est aedes, mel ex olea fluxisse dicunt, haruspicesque dixisse summa nobilitate illas sortis futuras, eorumque iussu ex illa olea arcam esse factam eoque conditas sortis, quae hodie Fortunae monitu tolluntur. Quid igitur in his potest esse certi, quae Fortunae monitu pueri manu miscentur atque ducuntur? Quo modo autem istae positae in illo loco? Quis robur illud cecidit, dolavit, inscripsit? Nihil est, inquiunt, quod deus efficere non possit. Utinam sapientis Stoicos effecisset, ne omnia cum superstitiosa sollicitudine et miseria

crederent! Sed hoc quidem genus divinationis vita iam communis explosit; fani pulchritudo et vetustas Praenestinarum etiam nunc retinet sortium nomen, atque id in volgus. **87** Quis enim magistratus aut quis vir inlustrior utitur sortibus? Ceteris vero in locis sortes plane refrixerunt. Quod Carneadem Clitomachus scribit dicere solitum, nusquam se fortunatiorem quam Praeneste vidisse Fortunam. Ergo hoc divinationis genus omittamus.

XLII Ad Chaldaeorum monstra veniamus; de quibus Eudoxus, Platonis auditor, in astrologia iudicio doctissimorum hominum facile princeps, sic opinatur, id quod scriptum reliquit, Chaldaeis in praedictione et in notatione cuiusque vitae ex natali die minime esse credendum. **88** Nominat etiam Panaetius, qui unus e Stoicis astrologorum praedicta reiecit, Anchialum et Cassandrum, summos astrologos illius aetatis qua erat ipse, cum in ceteris astrologiae partibus excellerent, hoc praedictionis genere non usos. Scylax Halicarnassius, familiaris Panaeti, excellens in astrologia idemque in regenda sua civitate princeps, totum hoc Chaldaicum praedicendi genus repudiavit. **89** Sed, ut ratione utamur omissis testibus, sic isti disputant qui haec Chaldaeorum natalicia praedicta defendunt. Vim quandam esse aiunt signifero in orbe, qui Graece *zwdiako/j* dicitur, talem ut eius orbis una quaeque pars alio modo moveat immutetque caelum, perinde ut quaeque stellae in his finitumisque partibus sint quoque tempore, eamque vim varie moveri ab iis sideribus quae vocentur errantia; cum autem in eam ipsam partem orbis venerint in qua sit ortus eius qui nascatur, aut in eam quae coniunctum aliquid habeat aut consentiens, ea triangula illi et quadrata nominant. Etenim cum tempore anni tempestatumque caeli conversiones commutationesque tantae fiant accessu stellarum et recessu, cumque ea vi solis efficiantur quae videmus, non veri simile solum sed etiam verum esse censent perinde utcumque temperatus sit aër, ita pueros orientis animari atque formari, ex eoque ingenia, mores, animum, corpus, actionem vitae, casus cuiusque eventusque fingi. **XLIII 90** O delirationem incredibilem! Non enim omnis error stultitia dicenda est. Quibus etiam Diogenes Stoicus concedit aliquid, ut praedicere possint dumtaxat qualis quisque natura et ad quam quisque maxime rem aptus futurus sit; cetera quae profiteantur negat ullo modo posse sciri; etenim geminorum formas esse similis, vitam atque fortunam plerumque disparem. Procles et Eurysthenes, Lacedaemoniorum reges, gemini fratres fuerunt. At ii nec totidem annos vixerunt; anno enim Procli vita brevior fuit, multumque is fratri rerum gestarum gloria praestitit. **91** At ego id ipsum, quod vir optumus Diogenes Chaldaeis quasi quadam praevaricatione concedit, nego posse intellegi. Etenim cum, ut ipsi dicunt, ortus nascentium luna moderetur, eaque animadvertant et notent sidera natalicia Chaldaei, quaecumque lunae iuncta videantur, oculorum fallacissimo sensu iudicant ea quae ratione atque animo videre debebant. Docet enim ratio mathematicorum, quam istis notam esse oportebat, quanta humilitate luna feratur terram paene contingens, quantum absit a proxima Mercuri stella, multo autem longius a Veneris, deinde alio intervallo distet a sole, cuius lumine conlustrari putatur; reliqua vero tria intervalla infinita et immensa, a sole ad Martis, inde ad Iovis, ab eo ad Saturni stellam; inde ad caelum ipsum, quod extremum atque ultimum mundi est. **92** Quae potest igitur contagio ex infinito paene intervallo pertinere ad lunam vel potius ad terram?

XLIV Quid? cum dicunt, id quod iis dicere necesse est, omnis omnium ortus, quicumque gignantur in omni terra quae incolatur, eosdem esse, eademque omnibus

qui eodem statu caeli et stellarum nati sint accidere necesse esse, nonne eius modi sunt ut ne caeli quidem naturam interpretes istos caeli nosse appareat? Cum enim illi orbis qui caelum quasi medium dividunt et aspectum nostrum definiunt, qui a Graecis o(ri/zontej nominantur, a nobis finientes rectissime nominari possunt, varietatem maxumam habeant aliquae in aliis locis sint, necesse est ortus occasusque siderum non fieri eodem tempore apud omnes. **93** Quodsi eorum vi caelum modo hoc, modo illo modo temperatur, qui potest eadem vis esse nascentium, cum caeli tanta sit dissimilitudo? In his locis quae nos incolimus post solstitium Canicula exoritur, et quidem aliquot diebus, at apud Trogydas, ut scribitur, ante solstitium, ut, si iam concedamus aliquid vim caelestem ad eos qui in terra gignuntur pertinere, confitendum sit illis eos qui nascuntur eodem tempore posse in dissimilis incidere naturas propter caeli dissimilitudinem; quod minime illis placet; volunt enim illi omnis eodem tempore ortos qui ubique sint nati eadem condicione nasci. **XLV 94** Sed quae tanta dementia est, ut in maximis motibus mutationibusque caeli nihil intersit qui ventus, qui imber, quae tempestas ubique sit? – quarum rerum in proximis locis tantae dissimilitudines saepe sunt ut alia Tusculi, alia Romae eveniat saepe tempestas; quod qui navigant maxime animadvertunt, cum in flectendis promunturiis ventorum mutationes maximas saepe sentiunt – haec igitur cum sit tum serenitas tum perturbatio caeli, estne sanorum hominum hoc ad nascentium ortus pertinere non dicere (quod non certe pertinet), illud nescio quid tenue, quod sentiri nullo modo, intellegi autem vix potest, quae a luna ceterisque sideribus caeli temperatio fiat, dicere ad puerorum ortus pertinere? Quid? quod non intellegunt seminum vim, quae ad gignendum procreandumque plurimum valeat, funditus tolli, mediocris erroris est? Quis enim non videt et formas et mores et plerosque status ac motus effingere a parentibus liberos? Quod non contingeret si haec non vis et natura gignentium efficeret, sed temperatio lunae caelique moderatio. **95** Quid? quod uno et eodem temporis puncto nati dissimilis et naturas et vitas et casus habent, parumne declarat nihil ad agendam vitam nascendi tempus pertinere? Nisi forte putamus neminem eodem tempore ipso et conceptum et natum quo Africanum. Num quis igitur talis fuit?

XLVI 96 Quid? Illudne dubium est quin multi, cum ita nati essent ut quaedam contra naturam depravata haberent, restituerentur et corrigerentur ab natura cum se ipsa revocasset, aut arte atque medicina? Ut quorum linguae sic inhaerent, ut loqui non possent eae scalpello resectae liberarentur. Multi etiam naturae vitium meditatione atque exercitatione sustulerunt, ut Demosthenem scribit Phalereus, cum rho dicere nequiret, exercitatione fecisse ut planissime diceret. Quodsi haec astro ingenerata et tradita essent, nulla res ea mutare posset. Quid? dissimilitudo locorum nonne dissimiles hominum procreations habet? Quas quidem percurrere oratione facile est, quid inter Indos et Persas, Aethiopas et Syros differat corporibus, animis, ut incredibilis varietas dissimilitudoque sit. **97** Ex quo intellegitur plus terrarum situs quam lunae tactus ad nascendum valere. Nam quod aiunt quadringenta septuaginta milia annorum in periclitandis experiundisque pueris quicumque essent nati Babylonios posuisse, fallunt; si enim esset factitatum non esset desitum; neminem autem habemus auctorem qui id aut fieri dicat aut factum sciat. **XLVII** Videsne, me non ea dicere, quae Carneades, sed ea quae princeps Stoicorum Panaetius dixerit? Ego autem etiam haec requiro: omnesne qui Cannensi pugna ceciderint uno astro fuerint; exitus quidem omnium unus et idem fuit. Quid? Qui ingenio atque animo singulares, num astro quoque uno? Quod

enim tempus quo non innumerabiles nascuntur? At certe similis nemo Homeri. **98** Et, si ad rem pertinet quo modo caelo adfecto conpositisque sideribus quodque animal oriatur, valeat id necesse est non in hominibus solum verum in bestiis etiam; quo quid potest dici absurdus? Lucius quidem Tarutius Firmanus, familiaris noster, in primis Chaldaicis rationibus eruditus, urbis etiam nostrae natalem diem repetebat ab iis Parilibus quibus eam a Romulo conditam accepimus, Romamque in iugo cum esset Luna natam esse dicebat nec eius fata canere dubitabat. **99** O vim maxumam erroris! Etiamne urbis natalis dies ad vim stellarum et lunae pertinebat? Fac in puero referre ex qua adfectione caeli primum spiritum duxerit; num hoc in latere aut in caemento ex quibus urbs effecta est potuit valere? Sed quid plura? Cotidie refelluntur. Quam multa ego Pompeio, quam multa Crasso, quam multa huic ipsi Caesari a Chaldaeis dicta memini, neminem eorum nisi senectute, nisi domi, nisi cum claritate esse moriturum! Ut mihi permirum videatur quemquam exstare qui etiam nunc credat iis quorum praedicta cotidie videat re et eventis refelli.

XLVIII 100 Restant duo divinandi genera quae habere dicimur a natura, non ab arte, vaticinandi et somniandi; de quibus, Quinte, inquam, si placet, disseramus. Mihi vero, inquit, placet; his enim quae adhuc disputasti prorsus adsentior, et, vere ut loquar, quamquam tua me oratio confirmavit, tamen etiam mea sponte nimis superstitiosam de divinatione Stoicorum sententiam iudicabam; haec me Peripateticorum ratio magis movebat et veteris Dicaearchi et eius qui nunc floret Cratippi, qui censent esse in mentibus hominum tamquam oraculum aliquod ex quo futura praesentiant, si aut furore divino incitatus animus aut somno relaxatus solute moveatur ac libere. His de generibus quid sentias et quibus ea rationibus infirmes, audire sane velim.

XLIX 101 Quae cum ille dixisset, tum ego rursus quasi ab alio principio sum exorsus dicere. Non ignoro, inquam, Quinte, te semper ita sensisse, ut de ceteris divinandi generibus dubitares, ista duo, furoris et somni, quae a libera mente fluere viderentur, probares. Dicam igitur de istis ipsis duobus generibus mihi quid videatur, si prius et Stoicorum conclusio rationis et Cratippi nostri quid valeat videro. Dixisti enim et Chrysippum et Diogenem et Antipatrum concludere hoc modo: "si sunt di neque ante declarant hominibus quae futura sint, aut non diligunt homines, aut quid eventurum sit ignorant, aut existumant nihil interesse hominum scire quid sit futurum, aut non censent esse suae maiestatis praesignificare hominibus quae sint futura, aut ea ne ipsi quidem di significare possunt. **102** At neque non diligunt nos (sunt enim benefici generique hominum amici), neque ignorant ea quae ab ipsis constituta et designata sunt, neque nostra nihil interest scire ea quae futura sunt (erimus enim cautiores, si sciemus), neque hoc alienum ducunt maiestate sua (nihil est enim beneficentia praestantius), neque non possunt futura praenoscerere. Non igitur di sunt nec significant nobis futura; sunt autem di; significant ergo; et non, si significant futura, nullas dant vias nobis ad significationum scientiam (frustra enim significarent), nec, si dant vias, non est divinatio; est igitur divinatio." O acutos homines! Quam paucis verbis confectum negotium putant! Ea sumunt ad concludendum quorum iis nihil conceditur. Conclusio autem rationis ea probanda est in qua ex rebus non dubiis id quod dubitatur efficitur.

L Videsne Epicurum, quem hebetem et rudem dicere solent Stoici, quem ad modum, quod in natura rerum omne esse dicimus, id infinitum esse concluderit? "Quod

finitum est," inquit "habet extremum." Quis hoc non dederit? "Quod autem habet extremum, id cernitur ex alio extrinsecus." Hoc quoque est concedendum. "At quod omne est, id non cernitur ex alio extrinsecus." Ne hoc quidem negari potest. "Nihil igitur cum habeat extremum infinitum sit necesse est." **104** Videsne, ut ad rem dubiam concessis rebus pervenerit? Hoc vos dialectici non facitis, nec solum ea non sumitis ad concludendum quae ab omnibus concedantur, sed ea sumitis quibus concessis nihilo magis efficiatur quod velitis. Primum enim hoc sumitis: "si sunt di, benefici in homines sunt." Quis hoc vobis dabit? Epicurusne, qui negat quicquam deos nec alieni curare nec sui? An noster Ennius? qui magno plausu loquitur adsentiente populo:

Ego deum genus esse semper dixi et dicam caelitum,

Sed eos non curare opinor quid agat humanum genus.

Et quidem, cur sic opinetur, rationem subicit; sed nihil est necesse dicere quae sequuntur; tantum sat est intelligi, id sumere istos pro certo, quod dubium controversumque sit. **LI 105** Sequitur porro, nihil deos ignorare, quod omnia sint ab iis constituta. Hic vero quanta pugna est doctissimorum hominum negantium esse haec a dis immortalibus constituta! At nostra interest scire ea quae eventura sunt. Magnus Dicaearchi liber est nescire ea melius esse quam scire. Negant id esse alienum maiestate deorum. Scilicet casas omnium introspicere, ut videant quid cuique conducat. Neque non possunt futura praenoscere. **106** Negant posse ii quibus non placet esse certum quid futurum sit. Videsne igitur quae dubia sint ea sumi pro certis atque concessis? Deinde contorquent et ita concludunt: "non igitur et sunt di nec significant futura"; id enim iam perfectum arbitrantur. Deinde adsumunt: "Sunt autem di", quod ipsum non ab omnibus conceditur. "Significant ergo." Ne id quidem sequitur; possunt enim non significare et tamen esse di. "Nec, si significant, non dant vias aliquas ad scientiam significationis." At id quoque potest, ut non dent homini, ipsi habeant; cur enim Tuscis potius quam Romanis darent? "Nec, si dant vias, nulla est divinatio." Fac dare deos (quod absurdum est); quid refert si accipere non possumus? Extremum est: 'est igitur divinatio.' Sit extremum, effectum tamen non est; ex falsis enim, ut ab ipsis didicimus, verum effici non potest. Iacet igitur tota conclusio.

LII 107 Veniamus nunc ad optimum virum, familiarem nostrum, Cratippum. "Si sine oculis," inquit, "non potest exstare officium et munus oculorum, possunt autem aliquando oculi non fungi suo munere, qui vel semel ita est usus oculis ut vera cerneret, is habet sensum oculorum vera cernentium. Item igitur si sine divinatione non potest officium et munus divinationis exstare, potest autem, cum quis divinationem habeat, errare aliquando nec vera cernere, satis est ad confirmandam divinationem semel aliquid ita esse divinatum nihil ut fortuito cecidisse videatur. Sunt autem eius generis innumerabilia; esse igitur divinationem confitendum est." Festive et breviter; sed cum bis sumpsit quod voluit etiamsi faciles nos ad concedendum habuerit, id tamen quod adsumit concedi nullo modo potest. **108** "Si," inquit, "aliquando oculi peccent, tamen, quia recte aliquando viderunt, inest in iis vis videndi; item si quis semel aliquid in divinatione dixerit, is etiam cum peccet, tamen existumandus sit habere vim divinandi." **LIII** Vide, quaeso, Cratippe noster, quam sint ista similia; nam mihi non videntur. Oculi enim vera cernentes utuntur natura atque sensu, animi si quando vel vaticinando vel somniando vera viderunt usi sunt fortuna atque casu; nisi forte concessuros tibi

existumas eos qui somnia pro somniis habent, si quando aliquod somnium verum evaserit, non id fortuito accidisse. Sed demus tibi istas duas sumptiones (ea quae lh/mmata appellant dialectici, sed nos latine loqui malumus), adsumptio tamen (quam pro/slyin iidem vocant) non dabitur. **109** Adsumit autem Cratippus hoc modo: "sunt autem innumerabiles praesensiones non fortuitae." At ego dico nullam (vide quanta sit controversia); iam adsumptione non concessa nulla conclusio est. At impudentes sumus, qui, cum tam perspicuum sit, non concedamus. Quid est perspicuum? "Multa vera," inquit, "evadere." Quid, quod multo plura falsa? Nonne ipsa varietas, quae est propria fortunae, fortunam esse causam non naturam esse docet? Deinde, si tua ista conclusio, Cratippe, vera est (tecum enim mihi res est), non intellegis eadem uti posse et haruspices et fulguratores et interpretes ostentorum et augures et sortilegos et Chaldaeos? Quorum generum nullum est ex quo non aliquid sicut praedictum sit evaserit. Ergo aut ea quoque genera divinandi sunt, quae tu rectissime improbas, aut, si ea non sunt, non intellego cur haec duo sint quae relinquis. Qua ergo ratione haec inducis, eadem illa possunt esse quae tollis.

LIV 110 Quid vero habet auctoritatis furor iste quem divinum vocatis, ut quae sapiens non videat ea videat insanus, et is qui humanos sensus amiserit divinos adsecutus sit? Sibyllae versus observamus, quos illa furens fudisse dicitur. Quorum interpres nuper falsa quadam hominum fama dicturus in senatu putabatur eum quem re vera regem habebamus appellandum quoque esse regem, si salvi esse vellemus. Hoc si est in libris, in quem hominem et in quod tempus est? Callide enim qui illa composuit perfecit ut, quodcumque accidisset, praedictum videretur, hominum et temporum definitione sublata. **111** Adhibuit etiam latebram obscuritatis, ut iidem versus alias in aliam rem posse accommodari viderentur. Non esse autem illud carmen furentis cum ipsum poëma declarat (est enim magis artis et diligentiae quam incitationis et motus), tum vero ea, quae a (krostixi/j dicitur, cum deinceps ex primis versus litteris aliquid conectitur, ut in quibusdam Ennianis: Q. ENNIUS FECIT. Id certe magis est attentum animi quam furentis. **112** Atque in Sibyllinis ex primo versu cuiusque sententiae primis litteris illius sententiae carmen omne praetexitur. Hoc scriptoris est non furentis, adhibentis diligentiam, non insani. Quam ob rem Sibyllam quidem sepositam et conditam habeamus, ut, id quod proditum est a maioribus, iniussu senatus ne legantur quidem libri valeantque ad deponendas potius quam ad suscipiendas religiones; cum antistitibus agamus ut quidvis potius ex illis libris quam regem proferant, quem Romae posthac nec di nec homines esse patientur.

LV At multi saepe vera vaticinati, ut Cassandra:

lamque mari magno...

eademque paulo post:

Eheu videte...

113 Num igitur me cogis etiam fabulis credere? Quae delectationis habeant quantum voles, verbis sententiis numeris cantibus adiuventur; auctoritatem quidem nullam debemus nec fidem commenticiis rebus adiungere. Eodemque modo nec ego Publicio nescio cui nec Marciis vatibus nec Apollinis opertis credendum existimo, quorum partim

ficta aperte, partim effutita temere numquam ne mediocri quidem cuiquam, non modo prudenti probata sunt. **114** Quid? inquires, remex ille de classe Coponi nonne ea praedixit quae facta sunt? Ille vero et ea quidem quae omnes eo tempore ne acciderent timebamus. Castra enim in Thessalia castris conlata audiebamus, videbaturque nobis exercitus Caesaris et audaciae plus habere, quippe qui patriae bellum intulisset, et roboris propter vetustatem; casum autem proeli nemo nostrum erat quin timeret, sed ita ut constantibus hominibus par erat, non aperte. Ille autem Graecus quid mirum si magnitudine timoris, ut plerumque fit, a constantia atque a mente atque a se ipse discessit? Qua perturbatione animi quae sanus cum esset timebat ne evenirent, ea demens eventura esse dicebat. Utrum tandem, per deos atque homines! Magis veri simile est vesanum remigem an aliquem nostrum qui ibi tum eramus, me, Catonem, Varronem, Coponium ipsum, consilia deorum immortalium perspicere potuisse?

LVI 115 Sed iam ad te venio,

O sancte Apollo, qui umbilicum certum terrarum obsides,
unde superstitiosa primum saeva evasit vox fera.

Tuis enim oraclis Chrysippus totum volumen implevit partim falsis, ut ego opinor, partim casu veris, ut fit in omni oratione saepissime, partim flexiloquis et obscuris, ut interpretes egeat interprete et sors ipsa ad sortes referenda sit, partim ambiguis et quae ad dialecticum deferenda sint. Nam cum illa sors edita est opulentissimo regi Asiae:

Croesus Halyn penetrans magnam pervertet opum vim,

hostium vim se perversurum putavit, pervertit autem suam. **116** Utrum igitur eorum accidisset, verum oraclum fuisset. Cur autem hoc credam umquam editum Croeso? Aut Herodotum cur veraciorem ducam Ennio? Num minus ille potuit de Croeso quam de Pyrrho fingere Ennius? Quis enim est qui credat Apollinis ex oraculo Pyrrho esse responsum:

Aio te, Aeacida, Romanos vincere posse?

Primum latine Apollo numquam locutus est; deinde ista sors inaudita Graecis est; praeterea Pyrrhi temporibus iam Apollo versus facere desierat; postremo, quamquam semper fuit, ut apud Ennium est,

stolidum genus Aeacidarum,
Bellipotentis sunt magis quam sapientipotentis,

tamen hanc amphiboliam versus intellegere potuisset, "vincere te Romanos" nihilo magis in se quam in Romanos valere; nam illa amphibolia, quae Croesum decepit vel Chrysippum potuisset fallere, haec vero ne Epicurum quidem. **LVII 117** Sed, quod caput est, cur isto modo iam oracla Delphis non eduntur non modo nostra aetate, sed iam diu, iam ut nihil possit esse contemptius? Hoc loco cum urgentur, evanuisse aiunt vetustate vim loci eius unde anhelitus ille terrae fieret, quo Pythia mente incitata oracla ederet. De vino aut salsamento putes loqui, quae evanescunt vetustate; de vi loci agitur, neque solum naturali, sed etiam divina; quae quo tandem modo evanuit? Vetustate, inquires. Quae vetustas est quae vim divinam conficere possit? Quid tam divinum autem

quam adflatus e terra mentem ita movens ut eam providam rerum futurarum efficiat, ut ea non modo cernat multo ante sed etiam numero versuque pronuntiet? Quando ista vis autem evanuit? An postquam homines minus creduli esse coeperunt? **118** Demosthenes quidem, qui abhinc annos prope trecentos fuit, iam tum filippi/zein Pythiam dicebat, id est quasi cum Philippo facere. Hoc autem eo spectabat, ut eam a Philippo corruptam diceret; quod licet existumare in aliis quoque oraculis Delphicis aliquid non sinceri fuisse. Sed nescio quo modo isti philosophi superstitiosi et paene fanatici quidvis malle videntur quam se non ineptos. Evanuisse mavultis et extinctum esse id quod, si umquam fuisset, certe aeternum esset, quam ea quae non sunt credenda non credere.

LVIII 119 Similis est error in somniis; quorum quidem defensio repetita quam longe est! Divinos animos censent esse nostros eosque esse tractos extrinsecus, animorumque consentientium multitudine completum esse mundum; hac igitur mentis et ipsius divinitate et coniunctione cum externis mentibus cerni quae sint futura. Contrahi autem animum Zeno et quasi labi putat atque concidere, et ipsum esse dormire. Iam Pythagoras et Plato, locupletissimi auctores, quo in somnis certiora videamus praeparatos quodam cultu atque victu proficisci ad dormiendum iubent; faba quidem Pythagorei utique abstinere, quasi vero eo cibo mens, non venter infletur. Sed nescio quo modo nihil tam absurde dici potest quod non dicatur ab aliquo philosophorum. **120** Utrum igitur censem dormientium animos per sene ipsos in somniando moveri, an, ut Democritus censet, externa et adventicia visione pulsari? Sive enim sic est sive illo modo, videri possunt permulta somniantibus falsa pro veris. Nam et navigantibus moveri videntur ea quae stant, et quodam obtutu oculorum duo pro uno lucernae lumina. Quid dicam insanis, quid ebriis quam multa falsa videantur? Quodsi eius modi visis credendum non est, cur somniis credatur nescio. Nam tam licet de his erroribus, si velis, quam de somniis disputare, ut ea quae stant, si moveri videantur, terrae motum significare dicas aut repentinam aliquam fugam, gemino autem lucernae lumine declarari dissensionem ac seditionem moveri. **LIX 121** Iam ex insanorum aut ebriorum visis innumerabilia coniectura trahi possunt quae futura videantur... Quis est enim qui totum diem iaculans non aliquando conliniet? Totas noctes somniamus (neque ulla est fere qua non dormiamus), et miramur aliquando id quod somniamus evadere? Quid est tam incertum quam talorum iactus? Tamen nemo est quin saepe iactans Venerium iaciat aliquando, non numquam etiam iterum ac tertium. Num igitur, ut inepti, Veneris id impulsu fieri malumus quam casu dicere? Quodsi ceteris temporibus falsis visis credendum non est, non video quid praecipui somnus habeat in quo valeant falsa pro veris. **122** Quodsi ita natura paratum esset ut ea dormientes agerent quae somniant, alligandi omnes essent qui cubitum irent; maiores enim quam ulli insani efficerent motus somniantes. Quodsi insanorum visis fides non est habenda quia falsa sunt, cur credatur somniantium visis quae multo etiam perturbatiora sunt non intellego; an quod insani sua visa coniectori non narrant, narrant qui somniaverunt?

Quaero etiam, si velim scribere quid aut legere aut canere vel voce vel fidibus aut geometricum quiddam aut physicum aut dialecticum esplicare, somniumne exspectandum sit an ars adhibenda; sine qua nihil earum rerum nec fieri nec expediri potest. Atqui ne si navigare quidem velim, ita gubernem ut somniaverim; praesens enim poena sit. **123** Qui igitur convenit aegros a coniectore somniorum potius quam a medico

petere medicinam? An Aesculapius, an Serapis potest nobis praescribere per somnum curationem valetudinis, Neptunus gubernantibus non potest? Et si sine medico medicinam dabit Minerva, Musae scribendi, legendi, ceterarum artium scientiam somniantibus non dabunt? At si curatio daretur valetudinis, haec quoque quae dixi darentur; quae quoniam non dantur medicina non datur; qua sublata tollitur omnis auctoritas somniorum.

LX 124 Sed haec quoque in promptu fuerint; nunc interiora videamus. Aut enim divina vis quaedam consulens nobis somniorum significationes facit, aut coniectores ex quadam convenientia et coniunctione naturae, quam vocant *sumpa/qaian*, quid cuique rei conveniat ex somniis, et quid quamque rem sequatur intellegunt, aut eorum neutrum est, sed quaedam observatio constans atque diuturna est, cum quid visum secundum quietem sit, quid evenire et quid sequi soleat. Primum igitur intellegendum est nullam vim esse divinam effectricem somniorum. Atque illud quidem perspicuum est, nulla visa somniorum proficisci a numine deorum; nostra enim causa di id facerent, ut providere futura possemus. **125** Quotus igitur est quisque qui somniis pareat, qui intellegat, qui meminerit? Quam multi vero qui contemnant eamque superstitionem imbecilli animi atque anilis putent? Quid est igitur cur his hominibus consulens deus somniis moneat eos qui illa non modo cura sed ne memoria quidem digna ducant? Nec enim ignorare deus potest qua mente quisque sit, nec frustra ac sine causa quid facere dignum deo est quod abhorret etiam ab hominis constantia. Ita si pleraque somnia aut ignorantur aut negleguntur, aut nescit hoc deus aut frustra somniorum significatione utitur; et horum neutrum in deum cadit; nihil igitur a deo somniis significari fatendum est.

LXI 126 Illud etiam requiro, cur, si deus ista visa nobis providendi causa dat, non vigilantibus potius det quam dormientibus. Sive enim externus et adventicius pulsus animos dormientium commovet, sive per se ipsi animi moventur, sive quae causa alia est cur secundum quietem aliquid videre, audire, agere videamur, eadem causa vigilantibus esse poterat; idque si nostra causa di secundum quietem facerent vigilantibus idem facerent, praesertim cum Chrysippus Academicos refellens permulto clariora et certiora esse dicat quae vigilantibus videantur quam quae somniantibus. Fuit igitur divina beneficentia dignius, cum consulerent nobis, clariora visa dare vigilantibus quam obscuriora per somnum. Quod quoniam non fit, somnia divina putanda non sunt. **127** Iam vero quid opus est circumitione et anfractu, ut sit utendum interpretibus somniorum potius quam directo deo, siquidem nobis consulebat, "hoc facito, hoc ne feceris" diceret idque visum vigilantibus potius quam dormienti daret?

LXII Iam vero quis dicere audeat vera omnia esse somnia? "Aliquot somnia vera," inquit Ennius, "sed omnia non necesse est." Quae est tandem ista distinctio? Quae vera, quae falsa habet? Et si vera a deo mittuntur falsa unde nascuntur? Nam si ea quoque divina, quid inconstantius deo? Quid inscitius autem est quam mentes mortalium falsis et mendacibus visis concitare? Sin vera visa divina sunt, falsa autem et inania humana, quae est ista designandi licentia ut hoc deus, hoc natura fecerit potius quam aut omnia deus, quod negatis, aut omnia natura? Quod quoniam illud negatis, hoc necessario confitendum est. **128** Naturam autem eam dico qua numquam animus insistens agitatione et motu esse vacuus potest. Is cum languore corporis nec membris uti nec sensibus potest, incidit in visa varia et incerta ex reliquiis, ut ait Aristoteles,

inhaerentibus earum rerum quas vigilans gesserit aut cogitaverit; quarum perturbatione mirabiles interdum existunt species somniorum; quae si alia falsa, alia vera, qua nota internoscantur scire sane velim. Si nulla est, quid istos interpretes audiamus? Sin quaequam est, aveo audire quae sit; sed haerebunt. **LXIII 129** Venit enim iam in contentionem utrum sit probabilius, deosne immortalis, rerum omnium praestantia excellentis, concursare omnium mortalium qui ubique sunt non modo lectos verum etiam grabatos, et cum stertentem aliquem viderint, obicere iis visa quaedam tortuosa et obscura, quae illi exterriti somno ad coniectorem mane deferant, an natura fieri ut mobiliter animus agitated quod vigilans viderit dormiens videre videatur. Utrum philosophia dignius, sagarum superstitione ista interpretari an explicatione naturae? Ut si iam fieri possit vera coniectura somniorum, tamen isti qui profitentur eam facere non possint; ex levissimo enim et indoctissimo genere constant. Stoici autem tui negant quemquam nisi sapientem divinum esse posse. **130** Chrysippus quidem divinationem definit his verbis: vim cognoscentem et videntem et explicantem signa quae a dis hominibus portendantur; officium autem esse eius praenoscere dei erga homines mente qua sint quidque significant, quemadmodumque ea procurentur atque expientur. Idemque somniorum coniectionem definit hoc modo: esse vim cernentem et explanantem quae a dis hominibus significantur in somnis. Quid ergo? Ad haec mediocri opus est prudentia an et ingenio praestanti et eruditione perfecta? Talem autem cognovimus neminem. **LXIV 131** Vide, igitur, ne, etiamsi divinationem tibi esse concessero, quod numquam faciam, neminem tamen divinum reperire possimus. Qualis autem ista mens est deorum, si neque ea nobis significant in somnis quae ipsi per nos intellegamus, neque ea quorum interpretes habere possimus? Similes enim sunt dei, si ea nobis obiciunt quorum nec scientiam neque explanatorem habeamus, tamquam si Poeni aut Hispani in senatu nostro loquerentur sine interprete. **132** Iam vero quo pertinent obscuritates et aenigmata somniorum? Intellegi enim a nobis di velle debebant ea quae nostra causa nos monerent. Quid? poeta nemo, nemo physicus obscurus? **133** Ille vero nimis etiam obscurus Euphorion, at non Homerus. Uter igitur melior? Valde Heraclitus obscurus, minime Democritus; num igitur conferendi? Mea causa me mones quod non intellegam? Quid me igitur mones? Ut si quis medicus aegroto imperet ut sumat

Terrigenam, herbigradam, domiportam, sanguine cassam,

potius quam hominum more cocleam [dicere]. Nam Pacuvianus Amphio

Quadrupes tardigrada, agrestis, humilis, aspera,
Capite brevi, cervice anguina, aspectu truci,
Eviscerata, inanima, cum animali sono

cum dixisset obscurius, tum Attici respondent:

non intellegimus, nisi si aperte dixeris.

At ille uno verbo: testudo. Non potueras hoc igitur a principio, citharista, dicere?

LXV 134 Defert ad coniectorem quidam somniasse se ovum pendere ex fascea lecti sui cubicularis (est hoc in Chrysippi libro somnium); respondit coniecto thesaurum

defossum esse sub lecto. Fodit; invenit auri aliquantum idque circumdatum argento; misit coniectori quantum visum est de argento. Tum ille: "nihilne," inquit, "de vitello?" Id enim ei ex ovo videbatur aurum declarasse, reliquum argentum. Nemone igitur umquam alius ovum somniavit? Cur ergo hic nescio qui thesaurum solus invenit? Quam multi inopes digni praesidio deorum nullo somnio ad thesaurum reperiendum admonentur! Quam autem ob causam tam est obscure admonitus ut ex ovo nasceretur thesauri similitudo, potius quam aperte thesaurum quaerere iuberetur, sicut aperte Simonides vetitus est navigare? **135** Ergo obscura somnia minime consentanea maiestati deorum.

LXVI Ad aperta et clara veniamus, quale est de illo interfecto a copone Megaris, quale de Simonide, qui ab eo, quem humarat, vetitus est navigare, quale etiam de Alexandro, quod a te praeteritum esse miror. Qui, cum Ptolomaeus, familiari eius, in proelio telo venenato ictus esset eoque vulnere summo cum dolore moreretur, Alexander adsidens somno est consopitus. Tum secundum quietem visus ei dicitur draco is, quem mater Olympias alebat, radiculam ore ferre et simul dicere, quo illa loci nasceretur (neque is longe aberat ab eo loco); eius autem esse vim tantam ut Ptolomaeum facile sanaret. Cum Alexander experrectus narrasset amicis somnium, emissi sunt qui illam radiculam quaerent; qua inventa et Ptolomaeus sanatus dicitur et multi milites qui erant eodem genere teli vulnerati. **136** Multa etiam sunt a te ex historiis prolata somnia, matris Phalaridis, Cyri superioris, matris Dionysi, Poeni Hamilcaris, Hannibalis, P. Deci; pervulgatum iam illud de praesule, C. Gracchi etiam et recens Caeciliae, Baliarici filiae, somnium. Sed haec externa ob eamque causam ignota nobis sunt, nonnulla etiam ficta fortasse. Quis enim auctor istorum? De nostris somniis quid habemus dicere? Tu de emerso me et equo ad ripam, ego de Mario cum fascibus laureatis me in suum deduci iubente monumentum. **LXVII** Omnium somniorum, Quinte, una ratio est; quae per deos immortalis videamus ne nostra superstitione et depravatione superetur. **137** Quem enim tu Marium visum a me putas? Speciem, credo, eius et imaginem, ut Democrito videtur. Unde profectam imaginem? A corporibus enim solidis et a certis figuris vult fluere imagines; quod igitur Mari corpus erat? Ex eo, inquit, quod fuerat. Ista igitur me imago Mari in campum Atinatem persequabatur? – Plena sunt imaginum omnia; nulla enim species cogitari potest nisi pulsu imaginum. – **138** Quid ergo? Istae imagines ita nobis dicto audientes sunt ut simul atque velimus accurrant? Etiamne earum rerum quae nullae sunt? Quae est enim forma tam invisitata, tam nulla, quam non sibi ipse fingere animus possit? Ut quae numquam vidimus ea tamen informata habeamus, oppidorum situs, hominum figuras? **139** Num igitur, cum aut muros Babylonis aut Homeri faciem cogito, imago illorum me aliqua pellit? Omnia igitur quae volumus nota nobis esse possunt; nihil est enim de quo cogitare nequeamus; nullae ergo imagines obrepunt in animos dormientium extrinsecus nec omnino fluunt ullae, nec cognovi quemquam qui maiore auctoritate nihil diceret. Animorum est ea vis eaque natura ut vigeant vigilantes nullo adventicio pulsu sed suo motu incredibili quadam celeritate. Hi cum sustentur membris et corpore et sensibus omnia certiora cernunt, cogitant, sentiunt. Cum autem haec subtracta sunt desertusque animus languore corporis, tum agitur ipse per sese. Itaque in eo et formae versantur et actiones, et multa audiri, multa dici videntur. **140** Haec scilicet in inbecillo remissoque animo multa omnibus modis confusa et variata versantur maximeque reliquiae rerum earum moventur in animis et agitantur de quibus vigilantes aut cogitavimus aut egimus,

ut mihi temporibus illis multum in animo Marius versabatur recordanti quam ille gravem suum casum magno animo, quam constanti tulisset. Hanc credo causam de illo somniandi fuisse. **LXVIII** Tibi autem de me cum sollicitudine cogitanti subito sum visus emersus de flumine. Inerant enim in utriusque nostrum animis vigilantium cogitationum vestigia. At quaedam adiuncta sunt, ut mihi de monumento Mari, tibi, quod equus in quo ego vehebar, mecum una demersus rursus apparuit. **141** An tu censes ullam anum tam deliram futuram fuisse ut somniis crederet, nisi ista casu non numquam forte temere concurrerent? Alexandro draco loqui visus est. Potest omnino hoc esse falsum, potest verum; sed utrum est non est mirabile; non enim audivit ille draconem loquentem sed est visus audire, et quidem, quo maius sit, cum radicem ore teneret, locutus est. Sed nihil est magnum somnianti. Quaero autem cur Alexandro tam inlustre somnium, tam certum, nec huic eidem alias nec multa ceteris; mihi quidem praeter hoc Marianum nihil sane quod meminerim. Frustra igitur consumptae tot noctes tam longa in aetate. **142** Nunc quidem propter intermissionem forensis operae et lucubrationes detraxi et meridiationes addidi, quibus uti antea non solebam, nec tam multum dormiens ullo somnio sum admonitus, tantis praesertim de rebus, nec mihi magis umquam videor quam cum aut in foro magistratus aut in curia senatum video somniare.

LXIX Etenim (ex divisione hoc secundum est) quae est continuato coniunctioque naturae, quam, ut dixi, vocant sumpā/qeian, eius modi ut thesaurus ex ovo intellegi debeat? Nam medici ex quibusdam rebus et advenientis et crescentis morbos intellegunt, non nullas etiam valetudinis significationes, ut hoc ipsum, pleni enectine simus, ex quodam genere somniorum intellegi posse dicunt. Thesaurus vero et hereditas et honos et victoria et multa generis eiusdem qua cum somniis naturali cognatione iunguntur? **143** Dicitur quidam cum in somnis complexu Venerio iungeretur calculos eiecisse. Video sympathiam; visum est enim tale obiectum dormienti ut id quod evenit naturae vis, non opinio erroris effecerit. Quae igitur natura obtulit illam speciem Simonidi a qua vetaretur navigare? Aut quid naturae copulatum habuit Alcibiadis quod scribitur somnium? Qui paulo ante interitum visus est in somnis amicae esse amictus amiculo. Is cum esset proiectus inhumatus ab omnibusque desertus iaceret, amica corpus eius texit suo pallio. Ergo hoc inerat in rebus futuris et causas naturalis habebat, an et ut videretur et ut eveniret casus effecit?

LXX 144 Quid? ipsorum interpretum coniecturae nonne magis ingenia declarant eorum quam vim consensumque naturae? Cursor ad Olympia proficisci cogitans visus est in somnis curru quadrigarum vehi. Mane ad coniectorem. At ille: "Vinces," inquit; "id enim celeritas significat et vis equorum." Post idem ad Antiphonem. Is autem: "Vincare," inquit, "necesse est; an non intellegis quattuor ante te cucurrisse?" Ecce alius cursor (atque horum somniorum et talium plenus est Chrysippi liber, plenus Antipatri) – sed ad cursorem redeo: ad interpretem detulit aquilam se in somnis visum esse factum. At ille: "Vicisti; ista enim avi volat nulla vehementius." Huic eidem Antipho: "Baro," inquit, "victum te esse non vides? Ista enim avis insectans alias avis et agitans semper ipsa postrema est." **145** Parere quaedam matrona cupiens, dubitans essetne praegnans, visa est in quiete obsignatam habere naturam. Rettulit. Negavit eam, quoniam obsignata fuisset, concipere potuisse. At alter praegnantem esse dixit; nam inane obsignari nihil solere. Quae est ars coniectoris eludentis ingenio? An ea quae dixi et innumerabilia quae conlecta habent Stoici quicquam significant nisi acumen hominum,

ex similitudine aliqua coniecturam modo huc, modo illuc ducentium? Medici signa quaedam habent ex venis et ex spiritu aegroti multisque ex aliis futura praesentiunt; gubernatores, cum exsultantis lolligines viderunt aut delphinos se in portum conicientes, tempestatem significari putant. Haec ratione explicari et ad naturam revocari facile possunt, ea vero quae paulo ante dixi nullo modo.

LXXI 146 At enim observatio diuturna (haec enim pars una restat) notandis rebus fecit artem. Ain tandem? Somnia observari possunt. Quonam modo? Sunt enim innumerabiles varietates. Nihil tam praepostere, tam incondite, tam monstruose cogitari potest quod non possimus somniare; quo modo igitur haec infinita et semper nova aut memoria complecti aut observando notare possumus? Astrologi motus errantium stellarum notaverunt; inventus est enim ordo in iis stellis qui non putabatur. Cedo tandem, qui sit ordo aut quae concursatio somniorum; quo modo autem distingui possunt vera somnia a falsis? Cum eadem et aliis aliter evadant et isdem non semper eodem modo; ut mihi mirum videatur, cum mendaci homini ne verum quidem dicenti credere soleamus, quo modo isti, si somnium verum evasit aliquod, non ex multis potius uni fidem derogent quam ex uno innumerabilis confirment.

147 Si igitur neque deus est effector somniorum neque naturae societas ulla cum somniis neque observatione inveniri potuit scientia, effectum est ut nihil prorsus somniis tribuendum sit, praesertim cum illi ipsi qui ea vident nihil divinent, ii qui interpretantur coniecturam adhibeant, non naturam, casus autem innumerabilibus paene saeculis in omnibus plura mirabilia quam in somniorum visis effecerit, neque coniectura, quae in varias partis duci possit, non numquam etiam in contrarias, quicquam sit incertius. **LXXII 148** Explodatur haec quoque somniorum divinatio pariter cum ceteris. Nam, ut vere loquamur, superstitio fusa per gentis oppressit omnium fere animos atque hominum imbecillitatem occupavit. Quod et in iis libris dictum est qui sunt de natura deorum et hac disputatione id maxime egimus. Multum enim et nobismet ipsis et nostris profuturi videbamus si eam funditus sustulissemus. Nec vero (id enim diligenter intellegi volo) superstitione tollenda religio tollitur. Nam et maiorum instituta tueri sacris caerimoniisque retinendis sapientis est, et esse praestantem aliquam aeternamque naturam et eam suspiciendam admirandamque hominum generi pulchritudo mundi ordoque rerum caelestium cogit confiteri. **149** Quam ob rem, ut religio propaganda etiam est, quae est iuncta cum cognitione naturae, sic superstitionis stirpes omnes eligendae. Instat enim et urget, et quo te cumque verteris persequitur, sive tu vatem sive tu omen audieris, sive immolaris sive avem adspexeris, si Chaldaeum, si haruspicem videris, si fulserit, si tonuerit, si tactum aliquid erit de caelo, si ostenti simile natum factumve quippiam; quorum necesse est plerumque aliquid eveniat, ut numquam liceat quieta mente consistere. **150** Perfugium videtur omnium laborum et sollicitudinum esse somnus. At ex eo ipso plurimae curae metusque nascuntur; qui quidem ipsi per se minus valerent et magis contemnerentur, nisi somniorum patrocini philosophi suscepissent, nec ii quidem contemptissimi sed in primis acuti et consequentia et repugnantia videntes, qui prope iam absoluti et perfecti putantur. Quorum licentiae nisi Carneades restitisset haud scio an soli iam philosophi iudicarentur. Cum quibus omnis fere nobis disceptatio contentioque est, non quod eos maxime contemnamus sed quod videntur acutissime sententias suas prudentissimeque defendere. Cum autem proprium sit Academiae iudicium suum nullum interponere, ea probare quae simillima veri

videantur, conferre causas et quid in quamque sententiam dici possit expromere, nulla adhibita sua auctoritate iudicium audientium relinquere integrum ac liberum, tenebimus hanc consuetudinem a Socrate traditam eaque inter nos, si tibi, Quinte frater, placebit, quam saepissime utemur. Mihi vero, inquit ille, nihil potest esse iucundius. Quae cum essent dicta surreximus.

Bibliografia

I- Obras de Cícero:

CICERO, Marcus Tullius. *De divinatione*. Ed. by Arthur Stanley Pease. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.

CICERO. Cato Maior De Senectute. Edited with introduction and commentary by J. G. F. Powell. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CICERO. *De divinatione*. Loeb Classical Library. Translated by W.A. Falconer. Harvard University Press, 1992.

CICERO. *On divination. Book 1*. Translated by David Wardle. New York: Oxford University Press, 2006.

CÍCERO. *Sobre a natureza dos deuses*. Tradução de Leandro Abel Vendemiatti. Campinas: Unicamp. 2003. (Dissertação de mestrado inédita.)

CÍCERO. *Sobre o destino*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

CICÉRON. *Aratea- fragments poétiques*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

CICÉRON. *De divinatione*. Paris: Garnier, 1937.

CICÉRON. *De la divination*. Traduit et commenté par Gérard Freyburger et John Scheid. Paris : Les Belles lettres, 1992.

CICÉRON. *La nature des dieux*. Traduit et commenté par Clara Auvray-Assayas. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

CICERÓN. *Sobre la adivinación*. Biblioteca Clásica Gredos. Introducciones, traducción y notas de Angel Escobar. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

CICÉRON. *Traité des lois*. Texte établie et traduit par Georges de Plinval. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

CICÉRON. *Traité du destin*. Texte établie et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

CICÉRON. *Tusculanes (Tome I)*. Texte établie par Georges Fohlen et traduit par Jules Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

CICÉRON. *Tusculanes (Tome II)*. Texte établie par Georges Fohlen et traduit par Jules Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

CICERONE. *De divinatione*. Milano: C. Signorelli, 1933-34.

CICERONE. *Della divinazione*. Introduzione, traduzione e note di Sebastiano Timpanaro. Garzanti, 1988.

II- Outras Obras:

BAYET, J. *La religion Romana. Historia política y psicológica*. Trad. de Miguel Angel Elvira. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.

BEARD, M. "Cicero and divination: the formation of a Latin discourse" *JRS* 76 (1986) 33-46.

BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. *Religions of Rome. Volume I: a history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____. *Religions of Rome. Volume II: a sourcebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BENVENISTE, E. *O vocabulário das instituições indo-européias*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BISPHAM, E.; SMITH, C. *Religion in archaic and republican Rome and Italy*.

Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 2000.

BLÁZQUEZ, J.M. et al. *Historia de las religiones de la Europa Antigua*. Madrid: Cátedra, 1994.

_____. *Historia de las religiones antiguas: Oriente, Grecia e Roma*. Madrid: Cátedra, 1993.

BLOCH, R. *La Adivinación en la antigüedad*. Traducción de Victor Manuel Suárez Molino. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

BOUCHÉ-LECLERCQ, A. *Histoire de la divination dans l'Antiquité*. Éditions Jérôme Millon, 2003.

BOYANCÉ, P. "Cicerón et les parties de la philosophie", *JRS* 49 (1971), 127-154.

BRUN, J. *O estoicismo*. Biblioteca Básica de Filosofia. Lisboa: Edições 70, s/d.

BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CASEVITZ, M. "Mantis: le vrai sens", *Revue des Etudes Grecques* 105 [1992], 1-18.

CLASSICA, São Paulo, 4:3-253, 1991.

CONTE, G. B. *Latin literature- a history*. Baltimore, London: J. Hopkins University, 1994.

CUMONT, F. *Las religiones orientales y el paganismo romano*. Madrid: Akal universitaria, 1987.

COULANGES, F. de. *A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. Tradução de Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo: Hemus, 1975.

DENYER, N. "The case against divination: an examination of Cicero's *De Divinatione*" *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 211 (n.s. 31), 1985, 1-10.

DOREY, T. A. (ed.) *Cicero*. New York : Basic Books, c1965

DOUGLAS, A. E. "The intellectual background of Cicero's rhetorica: a study in method" *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, I (1973), 95-138.

FEENEY, D. *Literature and religion at Rome: cultures, contexts and beliefs*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FREDE, D. "Determinismo estóico", In *Os estóicos*. Inwood, B. (org.) São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

GIORDANI, M. C. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1976.

GOAR, R.J. "The purpose of *De divinatione*", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 99 (1968), 241-248.

GRIMAL, P. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 1984.

GULICK, C. B. "Omens and augury in Plautus" *Harvard Studies in Classical Philology*, p. 235-247.

HEIBGES, U. "Cícero, a hypocrite in religion?", *The American Journal of Philology*, v. 90, n.3, (1969), 304-312.

HENRY, M. Y. "Cicero's treatment of the free will problem", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, vol. 58, 1927.

JANNACONE, S. "Divinazione e culto ufficiale nel pensiero di Cicerone", *Latomus*, 14 (1955), 116-119.

JOHNSTON, S. I.; STRUCK, P. T. (ed.) *Mantikê: studies in ancient divination*.

Leiden: Brill, 2005.

KROSTENKO, B. A. "Beyond (Dis)belief: Rhetorical Form and Religious Symbol in Cicero's *de Divinatione*" *Transactions of the American Philological Association*, v. 130 (2000), 353-391.

LINDERSKI, J. "Cicero and roman divination" *La parola del passato* 37 (1982)12-38.

LINDERSKI, J. "The aedilship of Favonius, curio the younger and Cicero's election to the augurate", *Harvard Studies in Classical Philology* 76 (1972), 181-200.

LINDERSKI, J. "The augural law", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II* 16.3 (1986), 2146-2312.

MICHEL, A. "Rhétorique et philosophie dans les traités de Cicéron" *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, I (1973), 139-208.

MINOIS, G. *Histoire de l'avenir, des profètes à la prospective*. Paris: Fayard, 1996.

MONDOLFO, R. *O pensamento antigo: história da filosofia Greco-Romana*. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Editora Mestre Jou, s/d. 2 Vol.

MONTERO, S. *Deusas e adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

MONTERO, S. "Mantica inspirada y demonologia: los harioli", *L'antiquite classique* 42 (1993), 115-129.

NOVAK, M. G. Adivinhação, superstição e religião no último século da República (Cícero e Lucrécio), *Classica*, v. 4, n. 4, (1991), 145-161.

ORLIN, E. M. *Temples, religion and politics in the Roman Republic*. Boston: Brill Academic Publishers, 2002.

PARKE, H.W. *Sibyls and sibylline prophecy in classical antiquity*. London; New York: Routledge, 1992.

PELLING, C. "Tragical dreamer: some dreams in the roman historians", *Greece & Rome*, 44, (1997), 197-213.

POWELL, J.G.F. *Cicero the philosopher*. Oxford: Clarendon, 1995.

PUECH, H. C. *Historia de las religiones – Las religiones antiguas*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1984.

RAWSON, E. *Intellectual life in the late Roman Republic*. London: Duckworth, 1985.

REPICI, L. "Gli stoici e la divinazione secondo Cicerone", *Hermes* 123 [1995], 175-192.

SANTI, C. "La nozione di prodigio in età regia", *Studi e materiali di storia delle religioni*, v. 62 (1996), 505-524.

SCHEID, J. *An Introduction to Roman religion*. Indiana University Press, 2003.

SCHOFIELD, M. "Cicero for and against divination" *JRS* 76 (1986), 47-65.

SEABRA FILHO, JOSÉ RODRIGUES. *Destino e liberdade em Cícero*. São Paulo: Usp, 1991. (Tese de doutorado).

VERNANT, J. et al. *Divination et rationalité*. Torino: G. Einaudi, 1982.

III- Obras de Referência:

CORTE, Francesco della (org.). *Enciclopedia Virgiliana*. Roma: Enciclopedia Italiana, 1984, vol I.

FARIA, Ernesto. Dicionário escolar latino-português. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

GLARE, P.G.W. (ed.). *Oxford latin dictionary*. New York: Oxford University Press, 1982.

GRIMAL, P. *Dicionario de mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (ed.). *The Oxford classical dictionary*. Oxford-New York: Oxford University Press, 1996.

LEWIS, C.T.; SHORT, C. *A latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1945.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d.